

MILAN
KUNDERA



O LIVRO DO
RISO E DO
ESQUECIMENTO

Primeiro romance escrito na França por Milan Kundera, “O livro do riso e do esquecimento” é uma narrativa entrecortada de erotismo e imagens oníricas. Em sete partes aparentemente autônomas, o autor lança um olhar sobre o cotidiano da República Tcheca após a invasão russa de 1968 — as decepções da juventude, a desorientação dos intelectuais, a prepotência dos líderes políticos. Kundera articula o destino individual dos personagens e o destino coletivo de um povo, a vida ordinária de pessoas comuns e a vida extraordinária da história.

Milan Kundera

**O livro do riso e
do esquecimento**

CÍRCULO DO LIVRO

CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413 01051
São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: “Kniha smíchu a zapomnerí”

Copyright © 1978 Milan Kundera

Tradução: Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca

Capa: Sylvia Monteiro

Licença editorial para o Círculo do Livro
por cortesia da Editora Nova Fronteira S.A.
mediante acordo com Editions Gallimard

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo
Composto, impresso e encadernado
pelo Círculo do Livro S.A.

2 4 6 8 10 9 7 5 3
91 93 94 92 90

Digitalização, formatação e correção: **Chuncho (LAVRo)**

Índice

Primeira parte - As cartas perdidas

Segunda parte - Mamãe

Terceira parte - Os Anjos

Quarta parte - As cartas perdidas

Quinta parte - Litost

Sexta parte - Os Anjos

Sétima parte - A fronteira

Primeira parte - As cartas perdidas

1

Em fevereiro de 1948, o dirigente comunista Klement Gottwald postou-se na sacada de um palácio barroco de Praga para discursar longamente para centenas de milhares de cidadãos que se achavam concentrados na praça da Cidade Velha. Foi um grande marco na história da Boêmia. Um momento fatídico que ocorre uma ou duas vezes por milênio.

Gottwald estava cercado por seus camaradas, e a seu lado, bem perto, encontrava-se Clementis. Nevava, fazia frio e Gottwald estava com a cabeça descoberta. Clementis, cheio de solicitude, tirou seu gorro de pele e colocou-o na cabeça de Gottwald.

O departamento de propaganda reproduziu centenas de milhares de exemplares da fotografia da sacada de onde Gottwald, com o gorro de pele e cercado por seus camaradas, falou ao povo. Foi nessa sacada que começou a história da Boêmia comunista. Todas as crianças conheciam essa fotografia por a terem visto em cartazes, em manuais ou nos museus.

Quatro anos mais tarde, Clementis, acusado de traição, foi enforcado. De imediato, o departamento de propaganda fê-lo desaparecer da História e, claro, de todas as fotografias. Desde então Gottwald aparece sozinho na sacada. No lugar em que estava Clementis não há mais nada a não ser a parede vazia do palácio. De Clementis, só restou o gorro de pele que fora colocado na cabeça de Gottwald.

2

Estamos em 1971 e Mirek diz: “A luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”.

Desse modo, ele quer justificar aquilo que seus amigos chamam de imprudência: mantém cuidadosamente seu diário, guarda sua correspondência, redige as minutas de todas as reuniões em que discutem a situação e se indagam como continuar. Ele lhes explica: não estão fazendo nada que seja contra a constituição. Esconder-se e sentir-se culpado seria o começo da derrota.

Há uma semana, quando trabalhava com sua equipe de montadores de obra no telhado de um edifício em construção, olhou para baixo e sentiu vertigem. Perdeu o equilíbrio e segurou-se numa viga mal consolidada, que se soltou; em seguida foi preciso retirá-lo dali. A primeira vista, o ferimento parecia sério, mas um pouco depois, quando verificou que era apenas uma fratura banal do antebraço, pensou com satisfação que iria ter algumas semanas de folga e que poderia finalmente pôr em dia problemas com que não pudera se ocupar até então.

Afinal, acabou enquadrando-se na opinião de seus amigos mais prudentes. A constituição, é verdade, garante a liberdade de palavra, mas as leis punem tudo o que pode ser qualificado de atentado à segurança do Estado. Nunca se sabe quando o Estado vai começar a gritar que essa palavra ou aquela atenta contra a sua segurança. Portanto, decidiu levar seus escritos comprometedores para um lugar seguro.

Mas antes disso deseja acertar esse problema com Zdena. Telefonou para a cidade onde ela mora, mas não conseguiu encontrá-la. Perdeu, assim, quatro dias. Só ontem conseguiu falar-lhe. Ela prometeu esperá-lo naquela tarde.

O filho de Mirek, que tem dezessete anos, protestou: Mirek não podia dirigir com um braço engessado. E, na verdade, ele dirigia com dificuldade. O braço machucado, na tipóia, balançava diante de seu peito, impotente e inútil. Para passar as marchas, Mirek era obrigado a largar o volante.

3

Tivera uma ligação com Zdena havia vinte e cinco anos e, dessa época, restavam-lhe apenas algumas lembranças.

Num dia em que eles se encontraram, ela não parou de enxugar os olhos com um lenço e de fungar. Ele lhe perguntou o que havia. Ela explicou que um homem de Estado, russo, morrera na véspera. Um certo Jdanov, Arbouzov ou Masturbov.

A julgar pela abundância das lágrimas, a morte de Masturbov a sensibilizara mais do que a morte do próprio pai.

Teria isso acontecido realmente? Não seria apenas a raiva que ele sentia naquele instante que o fazia inventar esse choro por causa da morte de Masturbov? Não, isso sem dúvida acontecera. Mas, evidentemente, é verdade que as circunstâncias imediatas que haviam tornado aquelas lágrimas verossímeis e reais lhe escapavam hoje, e que a lembrança delas as tornava inverossímeis como uma caricatura.

Todas as lembranças que ele tinha dela eram assim: eles voltavam juntos, de bonde, do apartamento onde haviam feito amor pela primeira vez. (Mirek constatava com especial satisfação que esquecera totalmente suas relações sexuais, não conseguindo lembrar nem um detalhe delas.) O bonde sacolejava; ela estava sentada num canto do banco, aborrecida, fechada, espantosamente velha. Quando ele lhe perguntou por que estava tão taciturna, soube que ela não ficara satisfeita com o modo de terem feito amor, pois ele o fizera como um intelectual.

A palavra intelectual, no jargão político de então, era um insulto. Designava um homem que não compreende a vida, que está excluído do povo. Todos os comunistas que tinham sido enforcados nessa época por outros comunistas foram

agraciados com essa injúria. Ao contrário daqueles que tinham os pés solidamente na terra, dizia-se que eles pairavam em algum lugar no espaço. Portanto era justo, num certo sentido, que a terra fosse, como castigo, definitivamente recusada a seus pés e que eles ficassem suspensos um pouco acima do solo.

Mas o que Zdena queria dizer quando o acusava de fazer amor como um intelectual?

Por uma razão ou por outra, ela estava descontente com ele e, assim Como ela era capaz de impregnar a relação mais irreal (relação com Masturbo, que ela não conhecia) com o sentimento mais concreto (materializado numa lágrima), era capaz de dar ao mais concreto dos atos uma significação abstrata e à sua insatisfação uma denominação política.

4

Ele olha pelo retrovisor e percebe que um carro de turismo, sempre o mesmo, vem atrás dele. Nunca duvidou que fosse seguido, mas até então eles agiram com discrição exemplar. Porém aconteceu uma mudança radical: querem que ele perceba a presença deles.

No meio do campo, a uns vinte quilômetros de Praga, existe uma grande cerca e, atrás dela, um posto de gasolina com uma oficina. Ele tem um amigo que trabalha lá, e gostaria de mandar trocar o motor de arranque, que está defeituoso. Parou o carro em frente à entrada bloqueada por uma barreira pintada com listras vermelhas e brancas. Ao lado, de pé, estava uma mulher gorda. Mirek esperou que ela levantasse a barreira, mas ela se contentou em olhá-lo longamente, sem se mexer. Ele buzinou, mas em vão. Pôs a cabeça para fora da janela.

— Eles ainda não prenderam você? — perguntou a mulher.

— Não, eles ainda não me prenderam — respondeu Mirek.

— Você poderia levantar a barreira?

Ela continuou olhando para ele com ar ausente, durante longos segundos, depois bocejou e voltou para sua guarita. Instalou-se atrás da mesa e não lhe dirigiu mais o olhar.

Ele então desceu do carro, contornou a barreira e foi até a oficina procurar o mecânico, que era seu conhecido. Retornou com ele, que lhe levantou a barreira (a mulher gorda continuava sentada na guarita com o mesmo olhar ausente), para que pudesse entrar no pátio com o carro.

— Viu? É porque você apareceu demais na televisão — disse o mecânico. — Todas as mulheres reconhecem você.

— Quem é ela? — perguntou Mirek.

Ficou sabendo que a invasão da Boêmia — efetuada pelo exército russo, que ocupara o país e exercia sua influência por toda parte — significou para ela o sinal de uma vida fora do comum. Via que as pessoas colocadas acima dela (e o mundo inteiro estava acima dela) eram, ao menor pretexto, privadas de seu poder, de sua posição, de seu emprego e de seu pão, e isso a excitava; ela começara a denunciar por conta própria.

— E por que ainda continua como guarda? Ela ainda não foi promovida?

O mecânico sorriu:

— Ela não sabe contar nem até dez. Não podem arranjar-lhe outro trabalho. Não podem fazer outra coisa senão reconfirmar seu direito de denunciar. Isso é para ela a promoção!

O mecânico levantou o capô e olhou o motor.

De repente Mirek se deu conta de que havia um homem ao seu lado. Virou-se: o homem vestia um paletó cinza, uma camisa branca com gravata e calças marrons. Em cima do pescoço grosso e do rosto inchado ondulava uma cabeleira grisalha frisada a ferro. Estava plantado de pé e observava o

mecânico debruçado sob o capô levantado.

Após alguns minutos, o mecânico por sua vez se deu conta de sua presença, levantou-se e perguntou:

— Está procurando alguém?

O homem de pescoço grosso e rosto inchado respondeu:

— Não, não estou procurando ninguém.

O mecânico debruçou-se novamente sobre o motor e disse:

— Na Praça São Venceslau, em Praga, um sujeito está vomitando. Um outro sujeito passa diante dele, olha-o com tristeza e meneia a cabeça: Se você soubesse como eu o compreendo...

5

O assassinato de Allende encobriu rapidamente a lembrança da invasão da Boêmia, efetuada pelos russos; o sangrento massacre de Bangladesh fez esquecer Allende; a guerra no deserto do Sinai cobriu com seu alarido as lamentações de Bangladesh; os massacres do Camboja fizeram esquecer o Sinai, e assim por diante, até o esquecimento completo de tudo por todos.

Numa época em que a História caminhava ainda lentamente, seus acontecimentos pouco numerosos se inscreviam com facilidade na memória e teciam um pano de fundo conhecido de todos, diante do qual a vida particular apresentava o espetáculo cativante de suas aventuras. Hoje, o tempo avança a grandes passos. O acontecimento histórico, esquecido numa noite, cintila a partir do dia seguinte com o orvalho do novo e, portanto, não é mais um pano de fundo no relato do narrador, mas sim uma surpreendente *aventura* que se desenrola no segundo plano da banalidade, demasiado familiar, da vida particular.

Não existe um só acontecimento histórico que se possa supor que seja conhecido de todos; é preciso falar de acontecimentos que se passaram há alguns anos como se tivessem mil anos de idade: Em 1939, o exército alemão entrou na Boêmia, e o Estado dos tchecos deixou de existir. Em 1945, o exército russo entrou na Boêmia, e o país foi mais uma vez chamado de república independente. As pessoas ficaram entusiasmadas com a Rússia, que expulsara os alemães, e como viam no partido comunista tcheco seu braço fiel, transferiram para ele suas simpatias. Com isso, quando os comunistas se apossaram do poder em fevereiro de 1948, não o fizeram nem de modo cruento nem pela violência, mas sim saudados pelo alegre clamor de cerca da metade do país. Agora, prestem atenção: essa metade, que dava gritos de alegria, era mais dinâmica, mais inteligente, melhor.

Sim, diga-se o que se quiser, os comunistas eram mais inteligentes. Tinham um programa grandioso. O plano de um mundo inteiramente novo onde todos encontrariam seu lugar. Os que estavam contra eles não tinham grandes sonhos, apenas alguns princípios morais gastos e enfadonhos, de que queriam se servir para remendar as calças furadas da ordem estabelecida. Portanto não é de surpreender que esses entusiastas, esses corajosos tenham triunfado facilmente sobre os tíbios e os prudentes, e que tenham bem depressa empreendido a realização de seu sonho, esse idílio de justiça para todos.

Sublinho: *um idílio e para todos*, pois todos os seres humanos aspiram desde sempre ao idílio, a esse jardim onde cantam os rouxinóis, a esse reino da harmonia, onde o mundo não se coloca como um estranho contra o homem, e o homem contra os outros homens, mas onde o mundo e todos os homens, ao contrário, são moldados numa única e mesma matéria. Lá, cada um é uma nota de uma sublime fuga de Bach, e quem não quer ser uma nota torna-se um ponto negro

inútil e destituído de sentido, que basta apanhar e esmagar sob a unha como uma pulga.

Há pessoas que logo compreenderam que não tinham o temperamento necessário para o idílio e quiseram partir para o estrangeiro. Mas como o idílio é essencialmente um mundo para todos, aqueles que queriam emigrar se revelaram negadores do idílio, e em vez de irem para o estrangeiro foram para trás das grades. Outros não demoraram a seguir o mesmo caminho aos milhares e dezenas de milhares, e entre eles havia inúmeros comunistas, como o ministro das Relações Exteriores, Clementis, que emprestara seu gorro de pele a Gottwald. Nas telas dos cinemas, os tímidos apaixonados se davam as mãos, o adultério era severamente reprimido pelos tribunais de honra, formados por cidadãos comuns, os rouxinóis cantavam e o corpo de Clementis balançava como um sino repicando pela nova manhã da humanidade.

Então, esses seres jovens, inteligentes e radicais tiveram subitamente a estranha sensação de ter lançado no vasto mundo a ação que começava a viver por conta própria, deixando de se parecer com a ideia que eles haviam concebido, deixando de se importar com aqueles que lhe tinham dado origem. Esses seres jovens e inteligentes puseram-se a gritar por sua ação, a chamá-la, a culpá-la, a persegui-la, a caçá-la. Se eu escrevesse um romance a respeito da geração desses seres bem-dotados e radicais, eu lhe daria o título de *A caça à ação perdida*.

6

O mecânico fechou o capô, e Mirek perguntou quanto lhe devia.

— Nada — respondeu ele.

Mirek sentou-se ao volante, comovido. Não tinha a menor vontade de continuar sua viagem. Preferiria ficar com o mecânico ouvindo histórias engraçadas. O mecânico debruçou-se para dentro do carro e deu-lhe um tapinha amigável. Em seguida, dirigiu-se à guarita para levantar a barreira.

Quando Mirek passou diante dele, ele lhe mostrou com um sinal de cabeça o carro que se achava estacionado em frente à entrada do posto de gasolina.

O homem de pescoço grosso e cabelo ondulado estava postado ao lado da porta aberta do carro. Olhava para Mirek. O sujeito que estava na direção também o observava. Os dois homens o encaravam com insolência e sem constrangimento, e Mirek, ao passar perto deles, esforçou-se para olhá-los com a mesma expressão.

Passou por eles e viu pelo retrovisor que o sujeito entrara no carro e dera meia-volta para poder continuar a segui-lo.

Pensou então que realmente deveria ter se descartado antes de seus papéis comprometedores. Se tivesse feito isso desde o primeiro dia de seu acidente, sem esperar para conseguir falar com Zdena por telefone, poderia ainda tê-los transportado sem perigo. Só que não conseguia pensar em outra coisa senão nessa viagem para ver Zdena. Na verdade, pensa nisso há muitos anos. Mas, nessas últimas semanas, sente que não pode esperar mais tempo, porque seu destino se aproxima a grandes passos do fim, e ele deve fazer tudo por sua perfeição e sua beleza.

7

Nesses dias longínquos em que romperia com Zdena (a ligação dos dois durara aproximadamente três anos), ele experimentara o sentimento perturbador de uma imensa

liberdade, e tudo de repente começou a dar certo para ele. Pouco depois se casara com uma mulher cuja beleza lhe dava finalmente segurança. Depois sua mulher morreu e ele ficou sozinho com o filho, numa solidão sedutora que lhe valia a admiração, o interesse e a solicitude de muitas outras mulheres.

Ao mesmo tempo, ele se impunha na pesquisa científica e esse sucesso o protegia. O Estado precisava dele, e em razão disso ele podia se permitir ser cáustico em relação a este numa época em que ainda quase ninguém ousava sê-lo. Pouco a pouco, à medida que aqueles que perseguiram a própria ação aumentavam sua influência, ele começou a aparecer cada vez mais nas telas de televisão e tornou-se uma celebridade. Depois da chegada dos russos, quando recusou-se a negar suas convicções, foi demitido de seu trabalho e cercado por policiais vestidos à paisana. Isso não o abateu. Estava apaixonado por seu próprio destino e sua caminhada para a ruína parecia-lhe nobre e bela.

Compreendam-me bem: eu não disse que ele estava apaixonado por si mesmo, mas por seu destino. São duas coisas totalmente diferentes. Como se sua vida se emancipasse e tivesse de repente seus próprios interesses, que não correspondiam de maneira alguma aos de Mirek. É assim que, na minha opinião, a vida se transforma em destino. O destino não tem intenção de levantar nem ao menos o dedo mindinho por Mirek (por sua felicidade, sua segurança, seu bom humor e sua saúde), enquanto Mirek está pronto a fazer tudo por seu destino (por sua grandeza, sua clareza, sua beleza, seu estilo e seu sentido). Ele se sente responsável por seu destino, mas seu destino não se sente responsável por ele.

Tinha com sua vida a mesma relação que o escultor tem com sua estátua ou o romancista com seu romance. O direito intangível do romancista é poder retrabalhar seu romance. Se

o começo não lhe agrada, pode reescrevê-lo ou suprimi-lo. Mas a existência de Zdena recusava a Mirek essa prerrogativa do autor. Zdena insistia em permanecer nas primeiras páginas do romance e não se deixava apagar.

8

Mas, afinal, por que sentiria ele tanta vergonha?

A explicação mais fácil é esta: Mirek é daqueles que muito cedo perseguiram sua própria ação, enquanto Zdena foi sempre fiel ao jardim onde cantam os rouxinóis. Nesses últimos tempos, ela fazia parte dos dois por cento da nação que acolheram com alegria a chegada dos tanques russos.

Sim, é verdade, mas não creio que essa explicação seja convincente. Se houvesse apenas essa razão, o fato de ela ter se alegrado com a chegada dos tanques russos, ele a teria insultado em voz alta, publicamente, mas não teria negado que a conhecia. Era de uma coisa mais grave que Zdena se tornara culpada em relação a ele. Ela era feia.

Mas o que importava que ela fosse feia, já que há vinte anos não dormia com ela?

Isto contava: mesmo de longe, o nariz protuberante de Zdena projetava uma sombra em sua vida.

Anos antes, tivera uma amante bonita. Um dia, ela foi até a cidade onde Zdena mora e voltou contrariada: “Diga, como você pôde dormir com aquele horror?”

Ele declarou que só a conhecia de longe e negou energicamente ter tido um caso com ela.

Pois o grande segredo da vida não lhe era desconhecido: as mulheres não procuram o homem bonito. As mulheres procuram o homem que teve mulheres bonitas. Portanto, é um erro fatal ter uma amante feia. Mirek esforçou-se para varrer qualquer traço de Zdena e, como aqueles que gostavam dos

rouxinóis o detestavam cada dia mais, ele esperava que Zdena, que fazia uma carreira assídua como elemento remunerado do partido, fosse esquecê-lo rápido e de bom grado.

Mas enganou-se. Ela falava sempre dele, por toda parte e em todas as oportunidades. Uma vez, por uma funesta coincidência, eles se encontraram numa reunião social, e ela apressou-se em lembrar um fato que mostrava claramente que eles tinham sido muito íntimos.

Ele ficou fora de si.

Uma outra vez, um de seus amigos que a conhecia perguntou-lhe: “Se você detesta tanto essa moça, me diga, por que viveu com ela no passado?”

Mirek começou a explicar-lhe que na época era um garoto bobo de vinte anos, e ela era sete anos mais velha do que ele. Ela era respeitada, admirada, poderosa! Conhecia todo mundo no comitê central do partido! Ajudava-o, estimulava-o, apresentava-o a pessoas influentes!

— Eu era um arrivista, seu idiota! — começou a gritar. — Foi por isso que me pendurei no pescoço dela, e nem me importei que ela fosse feia!

9

Mirek não está dizendo a verdade. Embora tivesse chorado a morte de Masturbov, Zdena, há vinte e cinco anos, não tinha grandes relações e não tinha nenhum meio de fazer carreira, nem de facilitar a carreira dos outros.

Então por que ele inventou isso? Por que mentiu?

Ele segura o volante com uma das mãos, vê o carro da polícia secreta no retrovisor e subitamente enrubesce. Uma lembrança inteiramente inesperada acaba de surgir em sua memória:

Quando ela reclamou, na primeira vez em que dormiram juntos, de seu jeito muito intelectual, ele quis, logo no dia seguinte, retificar essa impressão e demonstrar uma paixão espontânea, desenfreada. Não, não era verdade que esquecera todas as suas relações sexuais! Esta ele vê com muita clareza: ele se movia sobre ela com fingida violência, arrancava de dentro de si um longo gemido, como um cão que se bate com o chinelo do dono, e ao mesmo tempo observava (com ligeiro estupor) a mulher estendida sob ele, muito calma, silenciosa e quase impassível.

O automóvel ressoava com esse gemido velho de vinte e cinco anos, ruído insuportável de sua submissão e de seu zelo servil, ruído de sua solicitude e de sua complacência, de seu ridículo e de sua miséria.

Sim, era isso; Mirek chegava a se proclamar arrivista, a fim de não ter de confessar a verdade: ele dormira com uma mulher feia porque não ousava abordar as mulheres bonitas. Ele mesmo achava que não merecia mais que uma Zdena. Essa fraqueza, essa pobreza, era o segredo que ele escondia.

O automóvel ressoava com o gemido frenético da paixão, e esse ruído lhe provava que Zdena nada mais era do que a imagem enfeitiçada que ele queria alcançar para nela destruir sua própria juventude detestada.

Parou diante da casa dela. O carro que o seguia parou atrás.

10

Os acontecimentos históricos quase sempre imitam-se uns aos outros sem talento, mas parece-me que na Boêmia a História pôs em cena uma situação jamais experimentada. Lá não foi, como nos moldes antigos, um grupo de homens (uma classe, um povo) que se insurgiu contra um outro, mas

homens (uma geração de homens e mulheres) que se rebelaram contra sua própria juventude.

Eles se esforçavam em agarrar e domar sua própria ação, e por pouco não o conseguiram. Nos anos 60, conquistaram cada vez mais influência, e no começo de 1968 a influência deles era quase sem restrições. É esse o período chamado normalmente de *Primavera de Praga: os guardiões do idílio* se viram forçados a desmontar os microfones dos apartamentos particulares, as fronteiras foram abertas e as notas fugiram da grande partitura de Bach para soar cada uma a seu modo. Foi uma incrível alegria, foi um carnaval!

A Rússia, que escreveu a grande fuga para todo o globo terrestre, não podia tolerar que as notas se espalhassem. No dia 21 de agosto de 1968, mandou para a Boêmia um exército de meio milhão de homens. Pouco depois, mais ou menos cento e vinte mil tchecos deixaram o país e, entre os que ficaram, mais ou menos quinhentos mil foram obrigados a abandonar seu emprego por oficinas perdidas em fins de mundo, por fábricas distantes, pelo volante de caminhões, isto é, por lugares em que ninguém mais ouviria suas vozes.

E para que a sombra de uma lembrança má não venha distrair o país de seu idílio restaurado, é preciso que a Primavera de Praga e a chegada dos tanques russos, essa mancha numa história bonita, sejam reduzidas a nada. É por isso que hoje, na Boêmia, passa-se em silêncio o aniversário do 21 de agosto, e os nomes daqueles que se rebelaram contra sua própria juventude são cuidadosamente apagados da memória do país como um erro no dever de um colegial.

Eles também apagaram o nome de Mirek. E se nesse momento ele está subindo os degraus que vão levá-lo à porta de Zdena, é que na realidade não passa de uma mancha branca, um fragmento de vazio circunscrito que sobe a espiral da escada.

Ele está sentado em frente a Zdena e balança o braço na tipóia. Zdena olha para o lado, evita seus olhos e fala sem parar:

— Não sei por que você veio. Mas fico contente por estar aqui. Falei com uns camaradas. Afinal de contas, é um absurdo que você acabe seus dias como operário de obras. Sei com certeza que o partido ainda não fechou as portas para você. Ainda está em tempo.

Ele pergunta o que deve fazer.

— É preciso que você peça uma audiência. Você mesmo. E você que deve dar o primeiro passo.

Ele sabe do que se trata. Avisam que ele tem ainda cinco minutos, os cinco últimos, para proclamar bem alto que renega tudo aquilo que disse e fez. Conhece esse mercado. Estão prontos a vender às pessoas um futuro em troca de seu passado. Vão obrigá-lo a falar na televisão com uma voz constricta para explicar ao povo que estava enganado quando falava contra a Rússia e contra os rouxinóis. Vão forçá-lo a jogar longe sua vida e transformar-se numa sombra, num homem sem passado, num ator sem papel, e a transformar em sombra até mesmo sua vida rejeitada, até mesmo esse papel abandonado pelo ator. Dessa maneira, metamorfoseado em sombra, eles o deixarão viver.

Ele olha para Zdena; por que ela fala tão depressa e com uma voz tão hesitante? Por que olha de lado, por que evita encará-lo?

É mais do que evidente: ela lhe preparou uma armadilha. Agiu sob instruções do partido ou da polícia. Tem a tarefa de convencê-lo a capitular.

Mas Mirek se engana! Ninguém encarregou Zdena de negociar com ele. Ah, não! Atualmente, ninguém mais, entre os poderosos, concederia uma audiência a Mirek, mesmo que ele implorasse. É tarde demais.

Se Zdena o incita a fazer algo para se salvar e se pretende transmitir a ele um recado dos camaradas que ocupam postos mais importantes, é apenas porque sente um desejo vago e confuso de ajudá-lo como pode. E se fala tão depressa e evita fitá-lo nos olhos, não é porque tem nas mãos uma armadilha pronta, mas sim porque tem as mãos absolutamente vazias.

Mirek nunca teria compreendido isso?

Ele sempre pensou que Zdena era tão freneticamente fiel ao partido por fanatismo!

Não é verdade. Ela continuou fiel ao partido porque amava Mirek.

Quando ele a deixou, ela desejou apenas uma coisa: provar que a fidelidade é um valor superior a todos os outros. Ela quis provar que ele era infiel *em tudo* e que ela era *em tudo* fiel. Aquilo que aparecia como fanatismo político era apenas um pretexto, uma parábola, uma manifestação de fidelidade, uma censura cifrada por um amor desiludido.

Eu a imagino, numa bela manhã de agosto, acordando, sobressaltada, com o barulho horrível dos aviões. Saiu para a rua correndo, e as pessoas, enlouquecidas, disseram que o exército russo estava ocupando a Boêmia. Ela explodiu num riso histérico! Os tanques russos tinham vindo punir todos os infiéis! Finalmente ela iria ver a queda de Mirek! Finalmente iria vê-lo de joelhos! Finalmente ia poder inclinar-se sobre ele como aquela que sabe o que é a fidelidade, e ajudá-lo.

Mirek resolveu interromper de modo grosseiro a conversa que tinha seguido numa má direção.

— Você sabe que em outros tempos eu lhe escrevi muitas cartas. Gostaria de tê-las de volta.

Ela ergueu a cabeça com um ar surpreso:

— Cartas?

— É, minhas cartas. Devo ter escrito umas cem naquela época.

— Ah, sei, suas cartas — disse ela, e bruscamente pára de desviar o olhar e fixa-o diretamente nos olhos dele. Mirek tem a impressão desagradável de que ela enxerga o fundo de sua alma e sabe exatamente o que ele quer e por que quer.

— Suas cartas, é, suas cartas — ela repete. — Eu as reli há pouco tempo. Eu me perguntei como você pôde ser capaz de tamanha explosão de sentimentos.

E ela repete muitas vezes essas palavras, *explosão de sentimentos*, não as pronuncia com pressa, numa cadência precipitada, mas lentamente, em voz pausada, como se visasse um alvo que não quer errar, e não tira os olhos dele, para ter certeza de que acertou na mosca.

13

O braço engessado balança diante de seu peito e ele enrubesce: dir-se-ia que ele acabara de levar uma bofetada.

Ah, sim! É verdade que suas cartas eram terrivelmente sentimentais. Ele tinha de provar a si próprio, a qualquer preço, que não eram sua fraqueza e sua miséria que o prendiam àquela mulher, mas sim o amor! E só uma paixão realmente imensa podia justificar uma ligação com uma mulher tão feia.

— Nas cartas você dizia que eu era sua companheira de combate, você se lembra?

Ele enrubesceu ainda mais: seria possível? Que palavra infinitamente ridícula essa, *combate!* O que era o combate

deles? Eles assistiam a reuniões intermináveis, ficavam com bolhas nas nádegas, mas na hora em que se levantavam para proferir opiniões extremas (era preciso castigar ainda mais duramente o inimigo de classe, formular esta ou aquela ideia em termos ainda mais categóricos), tinham a impressão de que pareciam personagens de quadros históricos: ele cai por terra, um revólver na mão e um ferimento sangrento no ombro, e ela, de pistola em punho, vai em frente, até onde ele não conseguiu chegar.

Naquele tempo ele ainda tinha a pele coberta de acne juvenil e, para que isso não fosse notado, trazia no rosto a máscara da revolta. Contava para todo mundo que rompera para sempre com o pai, um rico fazendeiro. Cuspia, dizia ele, na cara da secular tradição rural que estava ligada à terra e à propriedade. Descrevia a cena da briga e sua dramática saída da casa paterna. Em tudo isso não havia um grama de verdade. Hoje, quando olha para trás, não vê nisso senão lendas e mentiras.

— Naquele tempo, você era um homem diferente do de hoje — disse Zdena.

E ele imaginou-se levando consigo o pacote de cartas. Pára diante da primeira lixeira, segura prudentemente as cartas entre os dedos, como se fossem papéis sujos de merda, e joga-as no meio do lixo.

14

— Para que iriam lhe servir essas cartas? — pergunta ela. — Por que exatamente você as quer?

Ele não podia dizer que queria jogá-las na lixeira. Portanto, assumiu uma voz melancólica e começou a contar-lhe que estava numa idade em que se olha para trás.

(Sentia-se pouco à vontade ao dizer isso; tinha a

impressão de que seu conto de fadas não era convincente, e sentia vergonha.)

É, ele olha para trás, porque hoje esquece aquele que era quando jovem. Ele sabe que fracassou. É por isso que quer saber de onde partiu, para compreender onde cometeu o erro. É por isso que quer voltar à sua correspondência com Zdena, para encontrar aí o segredo de sua juventude, de suas origens e de suas raízes.

Ela balançou a cabeça negativamente:

— Nunca vou devolvê-las a você.

Ele mentiu:

— Queria apenas emprestado.

Ela balançou de novo a cabeça negativamente.

Ele pensou que em algum lugar, nesse apartamento, estavam suas cartas e que ela a qualquer momento podia dá-las para qualquer um ler. Achava insuportável que um pedaço de sua vida ficasse nas mãos de Zdena, tinha vontade de bater na cabeça dela com o pesado cinzeiro de vidro que estava entre eles, sobre a mesa baixa, e carregar suas cartas. Em vez disso, recomeçou a explicar-lhe que olhava para trás e queria saber de onde tinha partido.

Ela se levantou e o fez calar-se com um olhar:

— Eu nunca vou devolver as cartas. Nunca.

15

Quando eles saíram juntos do prédio de Zdena, os dois carros estavam estacionados, um atrás do outro, diante da porta. Os dois andavam de um lado para o outro na calçada em frente. Nesse momento pararam e ficaram olhando.

Ele os mostrou:

— Esses dois homens me seguiram o tempo todo na

estrada.

— Verdade? — perguntou ela, incrédula, com uma ironia forçada. — Todo mundo persegue você?

Como ela pode ser tão cínica a ponto de afirmar-lhe na cara que os dois homens que os estão examinando de maneira ostensiva e com insolência são apenas transeuntes ocasionais?

Só existe uma explicação: ela faz o jogo deles. O jogo que consiste em fingir que a polícia secreta não existe e que ninguém é perseguido.

Enquanto isso, os tiras atravessaram a rua e, sob o olhar de Mirek e Zdena, entraram no carro.

— Passe bem — disse Mirek, sem nem ao menos olhá-la. Sentou-se ao volante. Viu pelo retrovisor o carro dos tiras, que acabava de arrancar atrás dele. Não via Zdena. Não queria vê-la. Não queria vê-la nunca mais.

Por isso não soube que ela ficou na calçada e que o seguiu com o olhar por muito tempo. Tinha um ar assustado.

Não, não era cinismo da parte de Zdena recusar-se a reconhecer como tiras os dois homens que andavam de um lado para o outro na calçada em frente. Ela fora tomada de pânico diante de coisas que não compreendia. Quisera esconder-lhe a verdade, e escondê-la de si mesma.

16

Um carro esporte vermelho, dirigido por um motorista em desabalada carreira, apareceu de repente entre Mirek e os tiras. Ele pisou no acelerador. Eles entraram num povoado. A estrada fazia uma curva. Mirek compreendeu que naquele momento seus perseguidores não podiam vê-lo e desviou por uma pequena rua. Os freios cantaram e um garoto que se preparava para atravessar a rua teve o tempo exato de se

jogar para trás. Pelo retrovisor, Mirek viu o carro vermelho que corria pela estrada principal. Mas o carro dos perseguidores ainda não passara. Um instante depois ele conseguiu entrar numa outra rua e, assim, desaparecer definitivamente do campo visual dos dois.

Saiu da cidade por um caminho que ia numa direção inteiramente diferente. Ninguém o seguia, a estrada estava deserta.

Ele imaginou os infelizes tiras que o procuravam e que tinham medo de ser estrangulados pelos superiores. Desatou a rir. Diminuiu a velocidade e começou a olhar a paisagem. Na verdade, nunca tinha olhado a paisagem. Ia sempre em direção a um objetivo, para resolver uma coisa ou discutir outra, de modo que o espaço do mundo se tornara para ele uma coisa negativa, uma perda de tempo, um obstáculo que freava sua atividade.

A uma certa distância diante dele, duas barreiras com listras vermelhas e brancas se abaixam devagar. Ele pára.

De repente sente-se infinitamente cansado. Por que foi vê-la? Por que quis tomar de volta aquelas cartas?

Sente-se assaltado por tudo o que há de absurdo, de ridículo, de pueril em sua viagem. Não foi um raciocínio nem um cálculo que o levou até ela, mas um desejo insuportável. O desejo de estender o braço até o seu passado e esmagá-lo com o punho. O desejo de dilacerar com uma faca o quadro de sua juventude. Um desejo arrebatado que ele não pôde dominar e que vai continuar insatisfeito.

Ele se sente extremamente cansado. Sem dúvida, não vai mais conseguir tirar de seu apartamento os papéis comprometedores. Os tiras estão nos seus calcanhares, não vão largá-lo. É tarde demais. Sim, tarde demais para tudo.

Ele ouviu ao longe o arquejo de um trem. Em frente à casa do guarda-cancela havia uma mulher com um lenço vermelho

na cabeça. O trem aproximava-se; era um carro lento; um bom camponês com seu cachimbo pendurava-se numa janela e cuspia. Depois ouviu um toque contínuo de campainha, e a mulher do lenço vermelho deu alguns passos em direção à passagem de nível e girou uma manivela. As barreiras começaram a levantar, e Mirek arrancou. Entrou numa pequena cidade que era apenas uma rua interminável em cujo fim ficava a estação: uma casinha baixa e branca, com uma cerca de madeira através da qual se via a plataforma e os trilhos.

17

As janelas da estação estão enfeitadas de vasos de flores onde crescem begônias. Mirek parou o carro. Está sentado ao volante e olha a casa, a janela e as flores vermelhas. De uma época há muito esquecida volta à sua lembrança a imagem de uma outra casa pintada de branco, que tinha no peitoril das janelas a vermelhidão das pétalas de begônia. É um pequeno hotel numa cidadezinha de montanha, e isso acontece durante as férias de verão. Na janela, entre as flores, aparece um nariz protuberante. Mirek tem vinte anos; ergue os olhos em direção a esse nariz e sente um imenso amor.

Ele logo quis pisar no acelerador para escapar dessa lembrança. Mas dessa vez não vou me deixar enganar, e chamo essa lembrança para detê-la um instante. Portanto, repito: na janela, entre as begônias, está o rosto de Zdena com um nariz gigantesco e Mirek sente um imenso amor.

É possível?

É. E por que não? Um rapaz fraco não pode sentir um amor verdadeiro por uma moça feia?

Ele lhe contava que tinha se revoltado contra o pai reacionário, ela insultava os intelectuais, eles tinham bolhas

nas nádegas e davam-se as mãos. Iam às reuniões, denunciavam seus concidadãos, mentiam e se amavam. Ela chorava a morte de Masturbov, ele gemia como um cachorro sobre seu corpo e eles não podiam viver um sem o outro.

Se ele queria apagá-la das fotografias de sua vida, não era porque não a amava, mas sim porque a tinha amado. Ele a apagara, a ela e a seu amor por ela, raspava a imagem dela até fazê-la desaparecer, como o departamento de propaganda do partido fizera desaparecer Clementis da sacada de onde Gottwald havia pronunciado seu histórico discurso. Mirek reescreveu a História exatamente como o partido comunista, como todos os partidos políticos, como todos os povos, como o homem. Gritamos que queremos moldar um futuro melhor, mas não é verdade. O futuro nada mais é do que um vazio indiferente que não interessa a ninguém, mas o passado é cheio de vida e seu rosto irrita, revolta, fere, a ponto de querermos destruí-lo ou pintá-lo de novo. Só queremos ser mestres do futuro para podermos mudar o passado. Lutamos para ter acesso aos laboratórios onde se pode retocar as fotos e reescrever as biografias e a História.

Por quanto tempo ele permaneceu em frente àquela estação?

E o que significava aquela parada?

Não significava nada.

De imediato, ele riscou-a de seu pensamento, o que fazia com que nesse momento já não soubesse mais nada a respeito daquela casinha branca onde havia begônias. Mais uma vez, andava depressa sem olhar a paisagem. Mais uma vez, o espaço do mundo era apenas um obstáculo que atrasava sua ação.

O carro que ele conseguira despistar estava estacionado em frente à sua casa. Os dois homens estavam um pouco mais longe dele.

Ele se colocou atrás do carro deles e desceu. Eles lhe sorriram quase alegremente, como se sua escapada tivesse sido apenas uma travessura que os tinha divertido. Quando ele passou diante deles, o homem de pescoço grosso e cabelos frisados a ferro fez-lhe um sinal com a cabeça. Mirek ficou angustiado com essa familiaridade que significava que agora estariam mais intimamente ligados.

Sem pestanejar, Mirek entrou em casa. Abriu a porta do apartamento com sua chave. Primeiro viu o filho e seu olhar cheio de uma emoção contida. Um desconhecido de óculos aproximou-se de Mirek e declarou sua identidade:

— O senhor quer ver o mandado de busca do procurador?

— Quero — disse Mirek.

No apartamento havia mais dois desconhecidos. Um estava de pé em frente à mesa de trabalho, onde estavam amontoadas pilhas de papéis, cadernos e livros. Apanhava os objetos na mão, um a um. Um segundo homem, sentado em frente à escrivaninha, escrevia o que o primeiro lhe ditava.

O homem de óculos tirou do bolso um papel dobrado e entregou-o a Mirek:

— Tome, eis o mandado do procurador, e ali — apontou os dois homens —, estamos preparando para o senhor a lista dos-objetos apreendidos.

No chão havia muitos papéis e livros espalhados; as portas dos armários embutidos estavam abertas e os móveis estavam afastados das paredes.

O filho virou-se para Mirek e disse:

— Eles chegaram cinco minutos depois de sua saída.

Em frente à mesa de trabalho, os dois homens faziam a lista dos objetos apreendidos: cartas de amigos de Mirek, documentos dos primeiros dias da ocupação russa, análises da situação política, atas de reuniões e alguns livros.

— O senhor não tem muita consideração com seus amigos — disse o homem de óculos. Com um movimento de cabeça, apontou os objetos apreendidos.

— Não existe nada aí que seja contrário à constituição — disse o filho, e Mirek sabia que eram palavras suas, palavras de Mirek.

O homem de óculos respondeu que cabia ao tribunal decidir aquilo que era ou não contrário à constituição.

19

Aqueles que emigraram (são cento e vinte mil), aqueles que foram reduzidos ao silêncio e expulsos de seu trabalho (são meio milhão) desaparecem como um cortejo que se afasta no nevoeiro, invisíveis e esquecidos.

Mas a prisão, apesar de estar cercada de muros de todos os lados, é uma cena maravilhosamente iluminada da História.

Mirek sabe disso há muito tempo. Durante todo esse último ano, a prisão o atraía de maneira irresistível. Sem dúvida, era assim que Flaubert se sentira atraído pelo suicídio de Mme Bovary. Não, Mirek não podia imaginar um fim melhor para o romance de sua vida.

Eles queriam apagar da memória centenas de milhares de vidas, para que ficasse apenas o tempo imaculado do idílio imaculado. Mas sobre esse idílio, Mirek vai se colocar com todo o seu corpo, como uma mancha. Ele ficará como o gorro de Clementis ficou na cabeça de Gottwald.

Fizeram Mirek assinar a lista dos objetos apreendidos,

depois pediram que ele os seguisse em companhia do filho. No fim de um ano de prisão preventiva, houve o processo. Mirek foi condenado a seis anos, seu filho a dois, e uma dezena de amigos deles a penas de um a seis anos de prisão.

Segunda parte - Mamãe

1

Houve um tempo em que Markéta não gostava da sogra. Era na época em que morava em casa dela com Karel (quando o sogro era vivo) e em que era alvo constante de sua rbugice e de sua susceptibilidade. Eles não aguentaram muito tempo e se mudaram. O lema dos dois era então *o mais longe possível de mamãe*. Eles foram morar numa outra cidade, do outro lado do país, e, desse modo, mal viam os pais de Karel uma vez por ano.

Um dia o pai de Karel morreu, e mamãe ficou sozinha. Tornaram a vê-la no enterro; ela estava humilde e miserável e pareceu-lhes menor do que antes. Ambos tinham uma frase na cabeça: *mamãe, você não pode ficar sozinha, venha morar conosco*.

A frase ressoava em suas cabeças, mas eles não a diziam. Ainda mais porque no dia seguinte ao enterro, durante um triste passeio, mamãe, miserável e miúda como estava, lhes havia censurado, com uma veemência que acharam despropositada, todas as injustiças que eles haviam cometido contra ela.

— Nada mais vai mudá-la — disse Karel a Markéta, quando já estava no trem. — E triste, mas para mim vai ser sempre: longe de mamãe.

Depois os anos se passaram, e se era verdade que mamãe continuava a mesma, ela, Markéta, sem dúvida mudara, porque de repente teve a impressão de que tudo que sua sogra fizera era, no fundo, bem inofensivo e que ela, Markéta, é que tinha cometido o verdadeiro erro dando muita importância às suas gritarias. Naquela época considerava mamãe como uma criança considera um adulto, mas os papéis haviam se invertido: Markéta era adulta e, nessa grande

distância, mamãe lhe parecia pequena e indefesa como uma criança. Markéta sentiu por ela uma paciência indulgente e até começou a escrever-lhe regularmente. A velha senhora acostumou-se depressa; respondia-lhe cuidadosamente e exigia de Markéta cartas cada vez mais frequentes, pois suas cartas, dizia ela, eram a única coisa que lhe permitia suportar a solidão.

Havia algum tempo a frase que nascera durante o enterro do pai de Karel recomeçara a martelar-lhes a cabeça. E de novo foi o filho que reprimiu o acesso de bondade da nora, de modo que, em vez de dizer a mamãe: *Mamãe, venha morar conosco*, eles a convidaram para passar uma semana em sua companhia.

Era Páscoa, e o filho deles de dez anos tinha saído de férias. Eles esperavam Eva para o fim de semana. Queriam muito passar toda a semana com mamãe, menos o domingo. Eles disseram-lhe:

— Venha passar uma semana conosco. De sábado próximo até o sábado seguinte. Estamos com o domingo seguinte tomado. Vamos sair.

Não lhe disseram nada de mais preciso, porque não queriam falar a respeito de Eva. Karel repetiu-lhe ainda duas vezes ao telefone.

— De sábado próximo até o sábado seguinte. Estamos com o outro domingo tomado, vamos sair.

E mamãe disse:

— Está bem, meus filhos, vocês são muito amáveis, podem ficar certos de que irei embora quando vocês quiserem. Tudo o que desejo é fugir um pouco de minha solidão.

Mas no sábado à noite, quando Markéta foi lhe perguntar a que horas ela queria que eles a levassem à estação na manhã seguinte, mamãe anunciou, calmamente, sem hesitar, que

partiria na segunda-feira. Markéta olhou-a com surpresa, e mamãe continuou:

— Karel me disse que vocês já estão com a segunda-feira tomada, que vocês vão sair e que devo partir na segunda-feira de manhã.

Markéta evidentemente poderia ter respondido: *Mamãe, você se enganou, vamos sair amanhã*, mas não tinha coragem. Não conseguiu, na hora, inventar o lugar para onde iriam. Compreendeu que eles tinham preparado a mentira com negligência; não disse nada, e aceitou a ideia de que a sogra iria ficar na casa deles no domingo. Tranquilizava-se ao pensar que o quarto do garoto, onde a sogra dormia, ficava situado do outro lado do apartamento, e que mamãe não iria atrapalhá-los. Em tom de censura, disse a Karel:

— Por favor, não seja mau com ela. Olhe para ela, pobrezinha. Só de vê-la fico com o coração partido.

2

Karel encolheu os ombros, resignado. Markéta tinha razão: mamãe realmente mudara. Ficava contente com tudo, agradecia tudo. Karel espreitava em vão o momento em que iriam brigar a troco de nada.

No dia seguinte, durante um passeio, ela havia olhado a distância e dito:

— Que cidadezinha branca, bonita, é aquela lá adiante?

Não era uma cidade, eram frades-de-pedra. Karel sentiu pena da mãe, cuja visão diminuía.

Mas esse defeito visual parecia exprimir algo de mais essencial: aquilo que para eles parecia grande, ela achava pequeno, aquilo que eles viam como frades-de-pedra, para ela, eram casas.

Para dizer a verdade, isso não era um traço inteiramente

novo de sua personalidade. A diferença era que antes eles se indignavam. Uma noite, por exemplo, os tanques do gigantesco país vizinho tinham invadido o país. Isso tinha sido um choque tão grande, um pavor tão grande que durante muito tempo ninguém pôde pensar em outra coisa. Era o mês de agosto, e as peras estavam maduras no jardim deles. Uma semana antes, mamãe havia convidado o farmacêutico para ir colhê-las. Mas o farmacêutico não tinha ido e nem ao menos tinha apresentado desculpas. Mamãe não podia perdoá-lo por isso, o que punha Karel e Markéta fora de si. Eles a censuravam: todo mundo está pensando nos tanques e você fica pensando nas peras. Depois eles se mudaram, com a lembrança dessa mesquinharia.

Só que seriam os tanques realmente mais importantes do que as peras? À medida que o tempo passava, Karel compreendia que a resposta para essa pergunta não era assim tão evidente como ele sempre pensara, e começava a sentir uma simpatia secreta pela perspectiva materna, em que havia uma grande pêra em primeiro plano e, em algum lugar, longe, atrás, um tanque do tamanho de uma joaninha, que ia voar de um minuto para o outro e esconder-se dos olhares. Ah, sim! Na realidade, é mamãe quem tem razão: o tanque é perecível e a pêra, eterna.

Outrora mamãe queria saber tudo a respeito do filho e ficava com raiva quando ele lhe escondia algo de sua vida. Portanto, dessa vez, para agradar-lhe, eles lhe contavam o que faziam, o que lhes acontecia, os projetos que tinham. Mas logo perceberam que mamãe os ouvia mais por gentileza e que, em resposta ao que eles contavam, falava de seu cão-d'água, que ela havia confiado a uma vizinha durante a sua ausência.

Antes, Karel teria considerado isso egocentrismo ou mesquinharia; mas sabia que não era nada disso. Havia passado mais tempo do que eles imaginavam. Mamãe

renunciara ao bastão de marechal de sua maternidade e partira para um mundo diferente. Uma outra vez, durante um passeio, foram surpreendidos por uma tempestade. Cada um segurou-a por um braço; tinham literalmente de carregá-la, senão o vento a levaria. Com emoção, Karel sentiu o peso irrisório em sua mão e compreendeu que sua mãe pertencia a outro reino de criaturas: menores, mais leves e mais facilmente carregadas pelo vento.

3

Eva chegou depois do almoço. Markéta foi buscá-la na estação, porque a considerava sua amiga. Não gostava das amigas de Karel. Mas com Eva era diferente. Na verdade, ela a conhecera antes de Karel.

Fazia aproximadamente seis anos. Ela estava descansando com Karel numa estância hidromineral. Ia à sauna em dias alternados. Estava na cabine, nadando em suor, sentada com outras senhoras num banco de madeira, quando viu entrar uma moça alta nua. Elas sorriram uma para a outra sem se conhecerem e dentro em pouco a moça começou a falar com Markéta. Como ela era muito direta e Markéta lhe ficou muito agradecida pela manifestação de simpatia, elas logo iniciaram uma relação de amizade.

O que despertava a atenção de Markéta era o encanto da originalidade de Eva: só esse jeito de dirigir-lhe a palavra tão de repente! Como se tivessem marcado um encontro! Ela não perdeu tempo em iniciar a conversa, de acordo com as regras e as convenções, a respeito da sauna, que é boa para a saúde e abre o apetite, mas começou logo a falar de si mesma, um pouco como as pessoas que se conhecem por anúncios e que se esforçam, desde a primeira carta, para explicar ao futuro parceiro, com uma densidade lacônica, quem são e o que

fazem.

Então quem é Eva, segundo as palavras de Eva? Eva é uma alegre caçadora de homens. Mas ela não os caça para o casamento. Ela os caça como os homens caçam as mulheres. O amor não existe para ela, só a amizade e a sensualidade. Por isso tem muitos amigos; os homens não temem que ela queira se casar com eles e as mulheres não receiam que ela possa privá-las de um marido. Aliás, se um dia ela se casasse, seu marido seria um amigo a quem ela permitiria tudo e de quem não exigiria nada.

Depois de explicar tudo isso, ela declarou que Markéta tinha uma belo *arcabouço*, o que era uma coisa muito rara, porque, segundo Eva, muito poucas mulheres tinham um corpo realmente bonito. Esse elogio lhe escapara com tanta naturalidade que Markéta sentiu um prazer maior do que se ele tivesse vindo de um homem. Essa moça lhe virava a cabeça. Tinha a sensação de ter entrado no reino da sinceridade e marcou encontro com Eva para dois dias depois, à mesma hora, na sauna. Mais tarde, apresentou-lhe Karel, mas nessa amizade ele sempre ficou em terceiro lugar.

— Estamos com minha sogra em casa — disse-lhe Markéta, num tom culpado, saindo da estação. — Vou apresentá-la como minha prima. Espero que isso não a aborreça.

— Ao contrário — disse Eva, e pediu a Markéta que lhe desse algumas informações sumárias com referência à sua família.

4

Mamãe nunca se interessou muito pela família de sua nora, mas as palavras prima, sobrinha, tia e neta reanimavam seu coração; era o bom reinado das nações familiares.

E ela acabava de ter uma nova confirmação daquilo que já

sabia há muito tempo: seu filho era um incorrigível original. Como se ela pudesse atrapalhar por estar ali ao mesmo tempo que uma parenta. Que eles quisessem ficar sozinhos para conversar à vontade, ela compreendia. Mas não era razão para mandá-la embora um dia antes. Felizmente, ela sabia como agir com eles. Simplesmente decidira que tinha se enganado de dia, e por pouco não riu ao ver que a valente Markéta não conseguia lhe dizer que fosse embora no domingo de manhã.

Sim, era preciso reconhecer, eles se mostravam mais simpáticos do que outrora. Há alguns anos Karel lhe teria dito impiedosamente que fosse embora. Na verdade, no dia anterior, com aquela pequena esperteza, ela lhes tinha prestado um grande favor. Pelo menos por uma vez eles não teriam que se culpar por tê-la mandado, sem razão, um dia antes de volta à sua solidão.

Aliás, ela estava muito contente de ter conhecido essa nova parenta. Era uma moça muito simpática. (E era espantoso como ela lhe lembrava alguém, mas quem?) Durante duas horas ela respondera às suas perguntas. Como mamãe se penteava quando moça? Ela usava uma trança. Evidentemente, era ainda no antigo Império Austro-Húngaro. Viena era a capital. O colégio de mamãe era tcheco e mamãe era uma patriota. E, de repente, ela teve vontade de cantar para eles algumas das canções patrióticas que se cantavam naquela época. Ou de recitar-lhes poesia! Certamente, ela ainda sabia muitas de cor. Logo depois da guerra (sim, claro, depois da guerra de 14, em 1918, quando foi fundada a república tchecoslovaca. Meu Deus, a prima não sabia quando a república tinha sido proclamada!), mamãe tinha recitado uma poesia numa reunião solene do colégio. Celebrava-se o fim do império austríaco. Celebrava-se a independência! E imagine que, de repente, tendo chegado à última estrofe, ela teve um branco; impossível lembrar o resto. Calou-se, o suor escorria-lhe sobre a testa, ela pensava que iria morrer de

vergonha. E, de uma só vez, contra qualquer expectativa, explodiram grandes aplausos! Todo mundo pensou que o poema tinha terminado, ninguém percebeu que faltava a última estrofe! Mas assim mesmo mamãe ficou desesperada e, de vergonha, precipitou-se até o banheiro e se trancou, e o próprio diretor correu para buscá-la e bateu muito tempo na porta suplicando-lhe que não chorasse, que saísse, porque ela tinha feito um grande sucesso.

A prima ria e mamãe a olhava longamente:

— Você me lembra alguém, meu Deus; quem é que você me lembra...

— Mas, depois da guerra, você não estava mais no colégio — observou Karel.

— Acho que devo saber quando estava no colégio!

— Mas você fez os exames de conclusão do curso secundário no último ano de guerra. Foi ainda sob o Império Austro-Húngaro.

— Eu devo saber quando foi que fiz os exames — respondeu ela com irritação. Mas, nesse momento, já sabia que Karel não estava enganado. Era verdade, ela tinha feito os exames durante a guerra. De onde tinha vindo então essa lembrança da reunião solene no colégio, após a guerra? De repente, mamãe hesitou e calou-se.

Durante esse breve silêncio, ouviu-se a voz de Markéta. Ela se dirigia a Eva e o que ela dizia não era relativo nem à recitação de mamãe nem a 1918.

Mamãe sentiu-se abandonada em suas lembranças, traída por esse súbito desinteresse e pela falha de sua memória.

— Divirtam-se, meus filhos, vocês são moços e têm muito assunto.

Tomada por um súbito descontentamento, ela foi para o quarto do neto.

Enquanto Eva pressionava mamãe com perguntas, Karel a olhava com comovida simpatia. Ele a conhecia havia dez anos e ela sempre fora assim. Direta, intrépida. Ele a conhecera quase tão rapidamente quanto a mulher, alguns anos mais tarde. Um dia recebeu no escritório uma carta de uma desconhecida. Ela dizia conhecê-lo de vista e ter decidido escrever-lhe porque as convenções não tinham nenhum sentido para ela quando um homem lhe agradava. Karel lhe agradava e ela era uma mulher caçadora. Uma caçadora de experiências inesquecíveis. Não admitia o amor. Só a amizade e a sensualidade. Acompanhando a carta ia a fotografia de uma moça nua, numa atitude provocante.

A princípio Karel hesitou em responder, pois pensou ser uma brincadeira. Mas, por fim, acabou não resistindo. Escreveu à moça, para o endereço indicado, convidando-a a ir ao apartamento de um amigo. Eva foi; alta, magra e mal vestida. Tinha o ar de uma adolescente grande demais que tivesse posto as roupas da avó. Sentou-se diante dele e explicou-lhe que as convenções não tinham sentido para ela quando um homem lhe agradava. Que só admitia a amizade e a sensualidade. O constrangimento e o esforço podiam ser lidos em seu rosto, e Karel sentiu por ela mais uma espécie de compaixão fraterna do que desejo. Porém, em seguida, pensou que toda oportunidade deve ser aproveitada:

— É formidável — disse ele para reconfortá-la — quando dois caçadores se encontram.

Foram essas as primeiras palavras com que ele interrompeu finalmente a confissão loquaz da moça, e ela logo recuperou a coragem, aliviada do peso de uma situação que carregava sozinha, heroicamente, há quase quinze minutos.

Ele lhe disse que ela estava bonita na fotografia que tinha lhe mandado e perguntou-lhe (com a voz provocante de caçador) se ela ficava excitada em mostrar-se nua.

— Sou uma exibicionista — disse ela, de modo inocente, como se tivesse confessado que era anabatista.

Ele lhe disse que queria vê-la nua.

Tranquila, ela perguntou-lhe se havia uma vitrola no apartamento.

Sim, havia uma vitrola, mas o amigo de Karel só gostava de música clássica, Bach, Vivaldi e as óperas de Wagner. Karel teria achado estranho que a moça se despisse ao som do canto de Isolda. Eva também não ficou satisfeita com os discos.

— Não há música *pop* por aqui?

Não, não havia música *pop*. Não achando outra saída, ele conformou-se em colocar na vitrola uma suíte de Bach para piano. Ficou sentado a um canto da sala para ter uma visão panorâmica.

Eva tinha tentado se movimentar ao ritmo da música, mas depois disse que não era possível.

Ele replicou severamente, aumentando a voz:

— Tire a roupa e cale a boca!

A música celeste de Bach enchia a sala, e Eva continuava a se mover. Com aquela música, que era tudo menos própria para se dançar, seu desempenho era penoso, e Karel pensava que desde o instante em que ela tirasse o suéter até o momento em que despisse a calcinha, o caminho a percorrer seria para ela interminável. Ouvia-se o piano; Eva se contorcia em movimentos de dança sincopados e deixava cair as peças de roupa, uma após a outra. Não olhava para Karel. Concentrava-se inteiramente em si mesma e em seus gestos, como um violinista que toca de cor um trecho difícil e teme se distrair levantando os olhos para o público. Quando ficou

inteiramente nua, virou-se de frente para a parede, colocando uma mão entre as coxas. Karel também já estava despido e, em êxtase, observava as costas da moça, que se masturbava. Era fantástico e é bem compreensível que a partir de então ele não tivesse perdido Eva de vista.

Além disso, ela era a única mulher que não se irritava com o amor de Karel por Markéta.

— Sua mulher deveria compreender que você a ama, mas que é um caçador, e que essa caça não a ameaça. De qualquer maneira, nenhuma mulher entende isso. Não, não existe uma mulher que compreenda os homens — acrescentara ela com tristeza, como se fosse ela esse homem incompreendido.

Depois propôs a Karel fazer tudo para ajudá-lo.

6

O quarto de criança, para onde mamãe se retirara, ficava a apenas seis metros, e só estava separado do aposento contíguo por duas finas divisórias. A sombra de mamãe estava sempre entre eles, e Markéta se sentia oprimida com isso.

Eva, felizmente, era tagarela. Fazia tanto tempo que eles não se viam e tinham acontecido tantas coisas! Ela fora morar em outra cidade e, sobretudo, casara-se com um homem mais velho que encontrara nela uma amiga insubstituível, pois, como sabemos, Eva é muito dotada para a camaradagem e recusa o amor com seu egoísmo e sua histeria.

Tinha também um novo trabalho. Ganhava a vida bastante bem, mas quase não tinha tempo para respirar. Na manhã seguinte, precisava estar lá.

Markéta ficou assustada:

— Como? Mas então quando você quer partir?

— Tenho um trem direto às cinco horas da manhã.

— Meu Deus, Eva, você vai ter de levantar às quatro horas; que horror! — E, nesse momento, ela sentiu, se não raiva, pelo menos uma certa amargura com a ideia de que a mãe de Karel tivesse ficado na casa deles. Pois Eva morava longe, dispunha de pouco tempo e tinha, apesar de tudo, reservado esse domingo para Markéta, que nem podia se dedicar a ela como queria, por causa da sogra, cujo fantasma estava sempre com eles.

O bom humor de Markéta acabara, e, como uma contrariedade nunca vem só, o telefone começou a tocar. Karel levantou o fone. Sua voz mostrou-se hesitante, havia qualquer coisa de suspeito em suas respostas lacônicas e equívocas, e ele dava a impressão a Markéta de escolher prudentemente suas palavras para esconder o sentido de suas frases. Tinha certeza, ele estava marcando um encontro com uma mulher.

— Quem é? — perguntou ela.

Karel respondeu que era uma colega de uma cidade vizinha que deveria vir na semana seguinte, e queria conversar com ele. A partir desse momento, Markéta não disse mais uma palavra.

Era assim tão ciumenta?

Há muitos anos, no primeiro período do amor dos dois, incontestavelmente, ela o era. Só que os anos se passaram e o que ela vive hoje como ciúme não é sem dúvida mais do que um hábito.

Digamos as coisas de outra maneira: toda relação amorosa repousa sobre convenções não-escritas que aqueles que se amam estabelecem precipitadamente nas primeiras semanas de amor. Eles ainda estão numa espécie de sonho, mas ao mesmo tempo, sem sabê-lo, redigem como juristas rigorosos as cláusulas detalhadas de seu contrato. Oh, amantes, sejam prudentes nesses perigosos primeiros dias! Se

você levar para o outro o café da manhã na cama, vai ter que levá-lo para sempre, se não quiser ser acusado de desamor e de traição.

Desde as primeiras semanas de amor, ficara estabelecido entre Karel e Markéta que ele seria infiel e que ela aceitaria isso, mas que Markéta teria o direito de ser a melhor, e que Karel se sentiria culpado diante dela. Ninguém sabia melhor do que Markéta como era triste ser a melhor. Ela era a melhor, mas só porque não tinha outro jeito.

Evidentemente, Markéta sabia bem, em seu íntimo, que essa conversa telefônica era em si uma coisa insignificante. Mas o importante não era o que *era* essa conversa, mas o que ela *representava*. Ela exprimia, numa eloquente concisão, toda a situação de sua vida: tudo o que Markéta faz, só o faz por Karel e por causa de Karel. Ela se ocupa de sua mãe. Ela lhe apresenta sua melhor amiga. Ela a dá de presente para ele. Unicamente para ele e para o prazer dele. E por que faz tudo isso? Por que se esforça? Por que, como Sísifo, ela empurra sua pedra? Por mais que faça, Karel está ausente mentalmente. Ele marca encontro com outra e sempre lhe escapa.

Quando estava no colégio, ela era indomável, rebelde, muito cheia de vida. Seu velho professor de matemática gostava de provocá-la: “Em você, Markéta, não se pode pôr rédeas! Tenho pena de seu marido desde já”. Ela ria com orgulho; essas palavras lhe pareciam de bom augúrio. E de repente, sem saber como, ela se vira num papel inteiramente diferente, contra sua expectativa, contra sua vontade e seu gosto. E tudo isso, por não ter ficado atenta durante a semana em que inconscientemente redigira o contrato.

Não a divertia mais ser sempre a melhor. De repente, todos os anos do seu casamento caíram sobre ela como um fardo muito pesado.

Markéta estava cada vez mais mal-humorada, e o rosto de Karel exprimia raiva. Eva foi tomada de pânico. Ela se sentia responsável pela felicidade conjugal deles e conversava animadamente para dissipar as nuvens que tinham invadido a sala.

Mas era uma tarefa acima de suas forças. Karel, revoltado contra uma injustiça que dessa vez era muito evidente, calava-se obstinado. Markéta, por não poder controlar sua amargura nem suportar a raiva do marido, levantou-se para ir à cozinha.

Eva tentou convencer Karel a não estragar uma noite que eles esperavam havia tanto tempo. Mas Karel estava intratável:

— Chega um momento em que não se pode mais continuar. Estou começando a ficar cansado! Sou sempre acusado de uma coisa ou de outra. Não me interessa mais me sentir sempre culpado, e por uma bobagem dessas! Uma bobagem dessas! Não, não posso mais vê-la! De jeito nenhum!

Ele andava de um lado para o outro, repetindo sem parar a mesma coisa, e recusava-se a ouvir as intervenções suplicantes de Eva.

Ela acabou por deixá-lo sozinho e foi juntar-se a Markéta, que, escondida na cozinha, sabia que acabara de acontecer o que não deveria ter acontecido. Eva tentou provar-lhe que aquele telefonema não justificava absolutamente as suas suspeitas. Markéta, que sabia muito bem, no íntimo, que não tinha razão dessa vez, respondeu:

— Mas eu não posso mais continuar. E sempre a mesma coisa. Ano após ano, mês após mês, só mulheres e mentiras. Estou começando a ficar cansada. Cansada. Não aguento mais.

Eva compreendeu que os dois eram igualmente

cabeçudos. Concluiu que a vaga ideia que tivera indo para lá, cuja honestidade a princípio lhe parecera duvidosa, era uma boa ideia. Se queria ajudá-los, não deveria ter medo de agir por sua própria iniciativa. Os dois se amavam, mas precisavam que alguém lhes ajudasse a carregar seu fardo. Que alguém os libertasse. O plano com que viera não era somente de seu interesse (sim, incontestavelmente, ele atendia primeiro ao seu interesse, e era isso o que a atormentava um pouco, pois nunca quisera ser egoísta com seus amigos), mas também do interesse de Markéta e de Karel.

— Que devo fazer? — perguntou Markéta.

— Vá procurá-lo. Diga-lhe que não seja teimoso.

— Mas não posso mais vê-lo. Nunca mais!

— Então baixe os olhos. Fica ainda mais comovente.

8

A noite foi salva. Markéta apanha solenemente uma garrafa e entrega-a a Karel para que ele lhe tire a rolha com um gesto grandioso, como se estivesse dando a partida para a última corrida das Olimpíadas. O vinho desliza nos três copos, e Eva, com o andar bamboleante, dirige-se à vitrola, escolhe um disco e depois, ao som da música (dessa vez não é Bach, mas sim Duke Ellington), continua rodopiando pela sala.

— Você acha que mamãe está dormindo? — perguntou Markéta.

— Talvez seja mais sensato ir dizer-lhe boa-noite — aconselhou Karel.

— Se você for lhe dizer boa-noite, ela vai recomeçar com sua tagarelice, e vamos perder mais uma hora. Você sabe que Eva tem de se levantar cedo amanhã.

Markéta pensa que eles já perderam tempo demais; segura sua amiga pela mão e, em vez de ir dizer boa-noite a

mamãe, entra no banheiro com Eva.

Karel fica na sala, sozinho com a música de Ellington. Está satisfeito porque as nuvens da briga se dissiparam, mas não espera mais nada da noite. O pequeno incidente do telefonema revelou-lhe bruscamente o que ele se recusava a admitir. Estava cansado e não tinha mais vontade de nada.

Há muitos anos, Markéta o convencera a fazer amor a três, com ela e com uma amante de quem ela tinha ciúmes. Na hora, ficou estonteado de excitação! Mas a noite quase não lhe trouxera alegria. Foi, ao contrário, um terrível esforço! As duas mulheres se beijavam e se abraçavam diante dele, mas nem por um instante deixaram de ser rivais que o observavam com atenção para ver a qual delas ele se dedicava mais e com qual delas era mais carinhoso. Ele pesara com prudência cada palavra, medira com cuidado cada um de seus carinhos e, mais do que amante, agira como um diplomata escrupulosamente atencioso, cortês, polido e justo. Mesmo assim falhara. Primeiro sua amante começara a chorar enquanto faziam amor, depois Markéta fechara-se num profundo silêncio.

Se pudesse acreditar que ela exigia essas pequenas orgias por pura sensualidade — sendo Markéta a má —, elas certamente lhe teriam dado prazer. Mas, como ficara combinado desde o princípio que ele seria o mau, ele não via nessas orgias senão um doloroso sacrifício, um generoso esforço para ir além de suas tendências polígamas e transformá-las na engrenagem de um casamento feliz. Ele estava marcado para sempre pela visão do ciúme de Markéta, essa ferida que ele mesmo abrira nos primeiros tempos do amor deles. Por pouco, quando a vira nos braços de outra mulher, não se pusera de joelhos para pedir-lhe perdão.

Mas serão esses jogos libertinos um rito de penitência?

Viera-lhe então a ideia de que, se o amor a três deveria ser algo alegre, era preciso que Markéta não se sentisse como

se estivesse com uma rival. Era preciso que levasse uma amiga que não conhecesse Karel e que não se interessasse por ele. Foi por isso que ele imaginara o plano do encontro de Eva e Markéta na sauna. O plano dera certo: as duas mulheres tornaram-se amigas, aliadas, cúmplices que o violavam, brincavam com ele, se divertiam à sua custa e, juntas, o desejavam. Karel tinha esperanças de que Eva conseguisse varrer do espírito de Markéta a ansiedade do amor e que ele pudesse enfim ser libertado e perdoado.

Mas, naquele momento, constatava que não tinha como mudar o que fora decidido anos antes. Markéta continuava a mesma, e ele continuava sendo o acusado.

Então, por que provocara o encontro de Markéta e Eva? Por que fizera amor com as duas mulheres? Por que fizera tudo isso? Qualquer pessoa teria há muito tempo feito de Markéta uma mulher alegre, sensual e feliz. Qualquer pessoa, menos Karel. Ele se achava um Sísifo.

E mesmo? Um Sísifo? E não era a Sísifo que Markéta acabava de se comparar?

Sim, com os anos, os dois viraram gêmeos, tinham o mesmo vocabulário, as mesmas ideias, o mesmo destino. Eles se presenteavam um ao outro com Eva, para fazerem o outro feliz. Tinham a impressão de empurrar, cada um, sua pedra. Estavam cansados.

Karel ouvia o barulho de água e o riso das duas mulheres no banheiro e pensava que nunca pudera viver como queria, ter as mulheres que queria e tê-las como gostaria de tê-las. Tinha vontade de fugir para um lugar onde pudesse tecer sua própria história, sozinho e conforme sua vontade, longe do alcance dos olhos amorosos.

No fundo, não queria nem mesmo tecer sua história; queria simplesmente ficar sozinho.

Não fora sensato, da parte de Markéta, pouco perspicaz em sua impaciência, não ter ido dizer boa-noite a mamãe e pensar que ela estivesse dormindo. Durante essa visita à casa do filho, os pensamentos de mamãe tinham começado a girar mais depressa em sua cabeça, e nessa noite estavam particularmente agitados. A culpa era dessa simpática parente que continuava lembrando-lhe alguém de sua juventude. Mas quem era que ela lembrava?

Finalmente ela conseguiu se lembrar: Nora! E, exatamente a mesma silhueta, o mesmo porte do corpo que sai pelo mundo sobre suas belas pernas longas.

Faltava a Nora bondade e modéstia, e mamãe ficara muitas vezes magoada com seu comportamento. Mas no momento não pensava nisso. O que contava mais para ela era que acabara de encontrar, de repente, um fragmento de sua juventude, um sinal que chegava a ela de uma distância de meio século. Alegrava-se ao pensar que tudo que vivera no passado estava sempre com ela, cercava-a na sua solidão e conversava com ela. Embora nunca tivesse gostado de Nora, estava feliz de tê-la encontrado, ainda mais porque ela estava completamente domesticada e era encarnada por alguém que se mostrava cheio de respeito por mamãe.

Quando essa ideia lhe ocorreu, ela quis se precipitar para juntar-se a eles. Mas controlou-se. Sabia muito bem que continuava ali unicamente por esperteza e que aqueles dois insensatos queriam ficar a sós com a prima. Pois bem, que contem seus segredos! Ela não se aborrecia absolutamente no quarto do neto. Tinha seu tricô, sua leitura e, sobretudo, havia sempre alguma coisa ocupando-lhe o espírito. Karel lhe confundira as ideias. E, ele tinha toda a razão; claro, ela tinha feito os exames do final do curso secundário durante a

guerra. Ela se enganara. O episódio da recitação e da última estrofe esquecida acontecera pelo menos cinco anos antes. Era verdade que o diretor fora bater na porta do banheiro, onde ela se trancara aos prantos. Mas naquele ano ela nem bem completara treze anos, e isso se passara durante uma festa do colégio antes das férias de Natal. No estrado havia um pinheiro decorado, as crianças tinham entoado cantigas de Natal, depois ela recitou um poeminha. Antes da última estrofe, tivera um branco e não soubera como continuar.

Mamãe tinha vergonha de sua memória. O que ela deveria dizer a Karel? Deveria admitir que se enganara? De qualquer maneira, eles a consideravam uma velha. Eram amáveis, é verdade, mas não lhe escapava que eles a tratavam como uma criança, com uma espécie de indulgência que lhe desagradava. Se ela agora desse toda a razão a Karel confessando-lhe que tinha confundido uma vesperal infantil de Natal com uma reunião política, eles iriam crescer mais alguns centímetros e ela se sentiria ainda menor. Não, não, ela não lhes daria esse prazer.

Iria dizer-lhes que era verdade, que ela tinha recitado uma poesia depois da guerra, durante aquela cerimônia. Era verdade que já havia feito os exames de conclusão do curso secundário, mas o diretor se lembrara dela porque ela era a melhor declamadora e tinha pedido à sua antiga aluna que viesse recitar uma poesia. Era uma grande honra! Mas mamãe merecia! Era uma patriota! Eles não tinham a menor ideia do que tinha sido, depois da guerra, a queda do Império Austro-Húngaro! Que alegria! Aquelas músicas, aquelas bandeiras! E, de novo, ela sentiu uma grande vontade de precipitar-se para falar com o filho e com a nora a respeito do mundo de sua juventude.

Aliás, ela se sentia quase obrigada a ir procurá-los. Porque, se era verdade que tinha prometido não perturbá-los, isso era apenas metade da verdade. A outra metade era que

Karel não tinha compreendido que ela tivesse podido participar de uma reunião solene do colégio depois da guerra. Mamãe era uma velha senhora e às vezes sua memória falhava. Na hora, ela não soubera explicar as coisas para o filho, porém por fim tinha se lembrado como realmente tudo acontecera, e não podia fingir ter esquecido sua pergunta. Não ficaria bem. Ela iria procurá-los (de qualquer maneira, eles não tinham nada de tão importante para se dizer) e se desculparia: não queria atrapalhar e certamente não teria voltado se Karel não lhe tivesse perguntado como poderia ela ter recitado numa reunião solene do colégio se ela já havia terminado o curso secundário.

Então ouviu uma porta que se abria e se fechava. Ouviu duas vozes femininas, depois uma vez mais uma porta que se abria. Depois um riso e o barulho de água correndo. Disse consigo que as duas mulheres já estavam fazendo sua toailete para dormir. Era então o momento de ir até lá, se ela ainda quisesse conversar um pouco com aqueles três.

10

A volta de mamãe era a mão que um Deus jovial estendia sorrindo a Karel. Quanto mais o momento era mal escolhido, mais a propósito ela chegava. Ela não precisava procurar desculpas, Karel a cobriu logo de perguntas calorosas: o que ela havia feito a tarde toda, não tinha se sentido um pouco triste, por que não viera procurá-los?

Mamãe explicou-lhe que os jovens tinham sempre muitas coisas para conversar e que as pessoas mais velhas deviam entender isso e evitar incomodar.

Já se ouviam as duas moças que vinham pela porta, às gargalhadas. Eva entrou primeiro, vestida com uma camiseta azul-escura que vinha exatamente até onde terminavam os

pêlos pretos. Ao ver mamãe, ficou com medo, mas não podia mais recuar, só podia sorrir-lhe e dirigir-se a uma poltrona para esconder bem depressa sua nudez mal dissimulada.

Karel sabia que Markéta seguiria Eva de perto e imaginava que ela estaria em trajes de dormir, o que, na linguagem comum a eles, significava que ela não usaria nada, a não ser um colar de pérolas ao pescoço e, em volta da cintura, uma faixa de veludo escarlate. Ele sabia que deveria interferir para impedi-la de entrar e poupar a mamãe esse susto. Mas o que deveria fazer? Deveria gritar *não entre?* Ou então *vista-se depressa, mamãe está aqui?* Havia talvez uma maneira mais hábil de deter Markéta, mas Karel tinha apenas um ou dois segundos para pensar, e durante esse tempo não lhe ocorreu nenhuma ideia. Ao contrário, foi invadido por uma espécie de torpor eufórico que lhe tirava toda a presença de espírito. Ele não fez nada, de modo que Markéta avançou pela porta da sala e estava realmente nua, somente com um colar ao pescoço e uma faixa em volta da cintura.

Exatamente nesse momento, mamãe virou-se para Eva e disse com um sorriso amável:

— Com certeza vocês querem dormir, e eu não quero detê-los.

Eva, que tinha enxergado Markéta com o canto do olho, respondeu que não, e disse isso quase gritando, como se quisesse cobrir com sua voz o corpo da amiga, que compreendeu afinal a situação, e recuou para o corredor.

Quando ela voltou, envolta num longo roupão, mamãe repetiu o que acabara de dizer a Eva:

— Markéta, não quero detê-los. Com certeza vocês querem dormir.

Markéta teria concordado, mas Karel meneou alegremente a cabeça:

— Não, mamãe, estamos contentes por você estar

conosco.

E mamãe pôde enfim contar-lhes a história da recitação na reunião solene do colégio depois da guerra de 14, no momento da queda do Império Austro-Húngaro, quando o diretor pedira à sua antiga aluna que viesse recitar uma poesia patriótica.

As duas mulheres não ouviam o que mamãe dizia, mas Karel o fazia com interesse. Quero precisar essa afirmação: a história da estrofe esquecida não lhe interessava muito. Ele a ouvira muitas vezes, e muitas vezes a esquecera. O que lhe interessava não era a história contada por mamãe, mas mamãe contando a história. Mamãe e seu mundo, que parecia uma grande pêra, sobre a qual pousara um tanque russo, como se fosse uma joaninha. A porta do banheiro, onde o punho do diretor batia, ficava em primeiro plano e, atrás dessa porta, a ávida impaciência das duas mulheres mal era percebida.

Era isso que agradava muito a Karel. Ele olhava Eva e Markéta com deleite. A nudez das duas estremecia de impaciência por baixo da camiseta e do roupão. Ele fazia cada vez mais perguntas a respeito do diretor, do colégio, da guerra de 14, e por fim pediu a mamãe para recitar-lhe a poesia patriótica da qual ela esquecera a última estrofe.

Mamãe refletiu e em seguida começou, com extrema concentração, a dizer a poesia que ela recitara na festa do colégio, quando tinha treze anos. Em vez de um poema patriótico, eram versos relativos ao pinheiro de Natal e à estrela de Belém, mas ninguém percebeu esse detalhe. Nem ela. Ela só pensava em uma coisa: iria lembrar-se dos versos da última estrofe? E lembrou-se. A estrela de Belém cintila e os três reis chegam ao presépio. Ela ficou muito comovida com esse sucesso; ria e balançava a cabeça.

— Eva aplaudiu. Olhando-a, mamãe lembrou-se do que tinha vindo dizer-lhes de mais importante:

Karel, sabe quem a prima de vocês me lembra? Nora!

11

Karel olhava para Eva e não podia acreditar que ouvira bem:

— Nora? Dona Nora?

Dos seus anos de infância, lembrava-se bem dessa amiga de mamãe. Era uma mulher de uma beleza estonteante, alta, com um soberbo rosto de rainha. Karel não gostava dela porque ela era orgulhosa e inacessível e, no entanto, nunca podia tirar os olhos dela. Meu Deus, que semelhança podia haver entre ela e a fogosa Eva?

— É — respondeu mamãe. — Nora! Basta olhá-la. Essa altura. E esse andar. E esse rosto!

— Levante-se, Eva! — disse Karel.

Eva temia levantar-se porque não estava certa de que sua curta camiseta cobria suficientemente seu púbis. Mas Karel insistiu tanto que, por fim, ela teve de obedecer. Levantou-se e, com os braços grudados no corpo, puxou com discrição a camiseta para baixo. Karel a observava intensamente e, de repente, teve de fato a impressão de que ela se parecia com Nora. Era uma semelhança distante e dificilmente captável, só aparecia em breves lampejos, que logo se extinguíam, mas Karel gostaria de retê-los, porque desejava ver através de Eva a bela dona Nora, de maneira intensa e demorada.

— Fique de costas! — ordenou ele.

Eva hesitou em dar meia-volta, porque não parava um segundo de pensar que estava nua por baixo da camiseta. Mas Karel insistia, embora mamãe também começasse a protestar:

— A moça não vai fazer exercícios como no exército!

Karel obstinava-se:

— Não, não, quero que ela fique de costas.

E Eva acabou obedecendo-lhe.

Não esqueçamos que mamãe enxergava muito mal. Tomava frades-de-pedra por cidades e confundia Eva com dona Nora. Mas bastava ter os olhos semicerrados e Karel também poderia tomar frades-de-pedra por casas. Não tinha ele, durante uma semana inteira, invejado a perspectiva de mamãe? Semi-cerrou as pálpebras e viu diante de si uma beleza do passado.

Guardara disso uma lembrança inesquecível e secreta. Ele tinha talvez quatro anos, mamãe e dona Nora estavam com ele numa estância hidromineral (onde seria? ele não tinha a menor ideia), e ele devia aguardá-las num vestiário deserto. Esperava ali pacientemente, sozinho, entre roupas femininas abandonadas. Então uma mulher nua entrou no vestiário, alta e esplêndida, virou-se de costas para o garoto e dirigiu-se ao cabide fixado na parede, onde estava pendurado seu roupão. Era Nora.

Nunca mais se apagara de sua memória a imagem desse corpo nu, empertigado, visto de costas. Ele era bem pequeno, e via o corpo de baixo, com a perspectiva de uma formiga, como olharia hoje, erguendo a cabeça, uma estátua de cinco metros de altura. Estava bem perto; no entanto, estava infinitamente distante. Duplamente distante. No espaço e no tempo. Aquele corpo, acima dele, erguia-se muito alto e estava separado dele por um número incalculável de anos. Essa dupla distância dava vertigem no garotinho de quatro anos. Nesse momento, voltava a sentir a mesma vertigem, com enorme intensidade.

Olhava Eva (ela continuava de costas) e via dona Nora. Estava separado dela por dois metros e um ou dois minutos.

— Mamãe — disse ele —, foi realmente agradável você ter vindo conversar conosco, mas agora as moças querem dormir.

Mamãe saiu, humilde e dócil, e imediatamente ele contou às duas mulheres a lembrança que guardara de dona Nora. Agachou-se diante de Eva e mais uma vez a fez girar para vê-la de costas e seguir com os olhos os traços do olhar do menino de antigamente.

O cansaço foi varrido de uma só vez. Ele a atirou no chão. Ela estava deitada de barriga para baixo; ele agachou-se a seus pés, deixou seu olhar deslizar ao longo das pernas, em direção aos quadris, depois atirou-se sobre ela e a possuiu.

Tinha a impressão de que esse salto sobre o seu corpo era um salto através de um tempo imenso, o salto do garoto que se lança da idade da infância para a idade do homem. E depois, enquanto se movia sobre ela, de frente, depois de costas, parecia-lhe repetir sem parar o mesmo movimento, da infância à idade adulta, depois num sentido inverso e, mais uma vez, do menino que olhava miseravelmente o gigantesco corpo de mulher ao homem que abraça e doma esse corpo. Esse movimento, que mede normalmente, quando muito, quinze centímetros, era longo como três décadas.

As duas mulheres se submetiam a seu frenesi, e ele passou de dona Nora a Markéta, depois voltou a dona Nora, e assim por diante. Isso durou muito tempo, e então ele precisou de um pouco de descanso. Sentia-se maravilhosamente bem, sentia-se forte como nunca. Estava estendido numa poltrona e contemplava as duas mulheres estendidas diante dele no grande divã. Durante esse breve instante de repouso, não era dona Nora que ele tinha diante dos olhos, mas suas duas velhas amigas, as testemunhas de sua vida, Markéta e Eva, e ele se sentiu como um grande jogador de xadrez que acaba de triunfar sobre adversários em dois tabuleiros. Essa comparação agradou-lhe enormemente, e ele não pôde deixar de proclamar em voz alta:

— Eu sou Bobby Fisher, eu sou Bobby Fisher! — gritava, rindo, às gargalhadas.

Enquanto Karel berrava que achava ser Bobby Fisher (que mais ou menos nessa época acabava de ganhar o campeonato mundial de xadrez na Islândia), Eva e Markéta permaneciam estendidas, abraçadas uma na outra, no divã; Eva sussurrou ao ouvido da amiga:

— Combinado?

Markéta assentiu e apertou os lábios contra os de Eva.

Uma hora antes, quando estavam juntas no banheiro, Eva lhe pedira (fora com essa ideia que ela viera, ideia cuja honestidade lhe parecia duvidosa) para ir um dia à sua casa, a fim de retribuir a visita. Ela gostaria de convidar Karel também, mas ele e o marido de Eva eram ciumentos e não toleravam a presença de outro homem.

Markéta achara que lhe seria impossível aceitar, contentando-se em rir. No entanto, alguns minutos mais tarde, no quarto, onde a tagarelice da mãe de Karel apenas lhe roçava as orelhas, a proposta de Eva tornara-se tão obsessiva quanto a princípio lhe parecera inaceitável. O espectro do marido de Eva estava com elas.

E depois, quando Karel começara a gritar que tinha quatro anos, quando se pusera de cócoras para olhar, de baixo, Eva de pé, ela dissera consigo mesma que era realmente como se ele tivesse quatro anos, como se fugisse diante dela para sua infância; e as duas ficaram sozinhas, somente com seu corpo extraordinariamente eficaz, tão mecanicamente forte que parecia impessoal, vazio, e podia-se imaginar nele qualquer alma. Até mesmo, se fosse necessário, a alma do marido de Eva, esse homem inteiramente desconhecido, sem rosto e sem aparência.

Markéta se deixou amar por esse corpo masculino

mecânico; em seguida olhou esse corpo se atirar entre as pernas de Eva, mas ela se esforçava em não ver o rosto para poder pensar que era o corpo de um desconhecido. Era um baile de máscaras. Karel pusera em Eva a máscara de Nora, pusera em si mesmo uma máscara de criança, e Markéta tirava-lhe a cabeça do corpo. Ele era um corpo de homem sem cabeça. Karel havia desaparecido e aconteceu um milagre: Markéta estava livre e alegre!

Será que quero confirmar, com isso, a suspeita de Karel, que achava que suas pequenas orgias a domicílio tinham sido até então, para Markéta, apenas um sacrifício e um sofrimento?

Não, seria simplificar demais. Markéta desejava realmente, com o corpo e os sentidos, as mulheres que ela considerava amantes de Karel. E as desejava também com a cabeça: realizando a profecia do velho professor de matemática, ela queria — pelo menos dentro dos limites do funesto contrato — revelar-se audaciosa e jovial, e espantar Karel.

Só que, assim que se via nua com elas no grande divã, as divagações sensuais desapareciam logo de sua cabeça, e bastava ver o marido para assumir novamente o seu papel, o papel daquela que era a melhor e a quem se magoava. Mesmo quando estava com Eva, de quem gostava muito e de quem não sentia ciúme, a presença do homem muito amado lhe pesava muito, sufocando o prazer dos sentidos.

No momento em que lhe tirou a cabeça do corpo, ela sentiu o contato desconhecido e embriagador da liberdade. Esse anonimato dos corpos era o paraíso descoberto repentinamente. Com um prazer curioso, ela expulsava de si sua alma magoada e vigilante demais, e transformava-se em simples corpo sem memória nem passado, mas ainda mais receptivo e ávido. Acariciava ternamente o rosto de Eva, enquanto o corpo sem cabeça movia-se sobre ela com vigor.

Mas eis que o corpo sem cabeça interrompeu seus movimentos e, com uma voz que lembrava desagradavelmente a voz de Karel, proferiu uma frase incrivelmente idiota: “Eu sou Bobby Fisher! Eu sou Bobby Fisher!”

Foi como um despertador que a tirasse de um sonho. E, nesse momento, como ela se abraçasse com Eva (assim como quem dorme, ao ser acordado, se abraça ao travesseiro, para esconder-se da luz perturbadora do dia), Eva perguntou-lhe: *Combinado?* E ela assentiu, com um gesto que indicava que estava de acordo, e apertou seus lábios contra os de Eva. Sempre a amara, porém, pela primeira vez, amava-a com todos os sentidos, por ela mesma, por seu corpo e por sua pele, e embriagava-se com esse amor carnal como se fosse uma revelação súbita.

Em seguida elas deitaram uma ao lado da outra, de bruços, o traseiro um pouco levantado; depois Markéta sentiu em sua pele que aquele corpo infinitamente eficaz fixava novamente os olhos sobre elas e que iria, a qualquer instante, recomeçar a fazer amor com elas. Esforçava-se em não ouvir a voz que afirmava que tinha diante dos olhos a bela dona Nora, esforçava-se em ser apenas um corpo que não ouve e que se abraça com uma amiga muito doce e com um homem qualquer sem cabeça.

Quando tudo terminou, sua amiga adormeceu num segundo. Markéta invejava-lhe esse sono animal, queria aspirar esse sono com os lábios, acalmar-se com seu ritmo. Abraçou-se a ela e fechou os olhos para dar o troco a Karel, que, pensando que as duas mulheres estavam dormindo, foi dormir no quarto contíguo ao delas.

As quatro e meia da manhã, ela abriu a porta do quarto dele. Ele olhou-a, sonolento.

— Durma, eu cuido de Eva — disse ela, e beijou-o com carinho. Ele virou-se para o outro lado e dormiu de imediato.

No carro, Eva perguntou mais uma vez:

— Está combinado?

Markéta não estava tão decidida quanto na noite anterior. É, ela bem que gostaria de superar as velhas convenções não-escritas. Mas como fazê-lo sem anular o amor? Como fazê-lo se continuava amando tanto Karel?

— Não tenha medo — disse Eva. — Ele não pode desconfiar de nada. Está estabelecido de uma vez por todas, entre vocês, que é você quem tem suspeitas, e não ele. Você realmente não tem que temer que ele desconfie de nada.

13

Eva cochila no compartimento sacolejante. Markéta já voltou da estação e tornou a dormir (ela tem de levantar novamente dentro de uma hora e se preparar para ir trabalhar), e é a vez de Karel levar mamãe à estação. É o dia dos trens. Mais algumas horas (mas a essa hora o casal já estará no trabalho), e o filho deles descera na estação para pôr fim a este relato.

Karel ainda está envolto pela beleza da noite. Sabe muito bem que entre mil ou três mil atos de amor (quantas vezes em sua vida ele fez amor?) sobram apenas dois ou três que são realmente essenciais e inesquecíveis, enquanto os outros são apenas retornos, imitações, repetições ou evocações. Karel sabe que o amor da noite anterior é um desses dois ou três grandes atos de amor e experimenta uma espécie de imensa gratidão.

Acompanha mamãe até a estação e ela não pára de falar.

O que diz ela?

De início, agradece: sentiu-se muito bem na casa do filho e da nora.

Em seguida faz reclamações: eles tinham feito muitas

ofensas a ela. Quando ele ainda morava na casa dela com Markéta, ele era impaciente com ela, muitas vezes até mesmo grosseiro, indiferente, e tinha-lhe feito sofrer muito. Sim, dessa vez ela reconhecia, eles tinham sido muito amáveis, diferentes do que eram antes. Tinham mudado, sim. Mas por que tiveram de esperar tanto?

Karel ouve essa longa ladainha de reclamações (ele a conhece de cor), mas não se irrita nem um pouco. Olha mamãe de soslaio e mais uma vez fica surpreso de que ela parecesse tão pequena. Como se sua vida inteira tivesse sido um processo de encolhimento progressivo.

Mas o que seria exatamente esse encolhimento?

Seria o encolhimento real do homem que abandona suas dimensões de adulto e empreende a longa viagem através da velhice e da morte em direção às distâncias onde existe apenas um nada sem dimensões?

Ou seria esse encolhimento apenas uma ilusão de ótica, devido ao fato de mamãe estar se afastando, de ela estar em outro lugar, de ser vista por ele de muito longe, e ela lhe aparece, portanto, como um cordeiro, um passarinho, uma borboleta?

Quando mamãe interrompeu um instante sua ladainha de reclamações, Karel lhe perguntou:

— O que aconteceu afinal com dona Nora?

— É uma velha agora, sabe? Está quase cega.

— Você a vê de vez em quando?

— Então você não sabe? — perguntou mamãe, encabulada. As duas mulheres tinham deixado de se ver havia muito tempo; elas tinham se separado, zangadas e amargas, e não se reconciliaram nunca mais. Karel devia se lembrar.

— E você não sabe onde estivemos de férias com ela quando eu era pequeno?

— Claro que sei! — exclamou mamãe, e ela disse o nome

de uma estância hidromineral na Boêmia. Karel conhecia bem o lugar, mas nunca soubera que era lá, precisamente, que ficava o vestiário onde ele vira dona Nora inteiramente nua.

Tinha diante dos olhos a paisagem de vales ondulantes daquela cidade balnear, o peristilo de madeira com colunas esculpidas e, em volta, as colinas cobertas de pradarias onde pastavam ovelhas cujos guizos tilintavam. Ele plantava em pensamento, nessa paisagem (como o autor de uma colagem coloca sobre uma gravura uma outra gravura recortada), o corpo nu de dona Nora; veio-lhe a ideia de que a beleza é a faísca que surge quando, de repente, através da distância dos anos, duas idades diferentes se encontram. Que a beleza é a abolição da cronologia e a revolta contra o tempo.

Ele estava repleto dessa beleza e de gratidão por ela. Depois disse à queima-roupa:

Mamãe, nós pensamos, Markéta e eu, que talvez você queira vir morar conosco. Não é difícil trocar o apartamento por outro um pouco maior.

Mamãe acariciou-lhe a mão:

— Você é muito bom, Karel. Muito bom. Fico contente por você me dizer isso. Mas, sabe, meu cachorro já tem seus hábitos lá. E fiz amizade com algumas vizinhas.

Em seguida eles subiram no trem, e Karel procurou um compartimento para mamãe. Achou todos muito cheios e desconfortáveis. Finalmente, ele a fez sentar-se na primeira classe e correu para procurar o inspetor a fim de pagar a diferença. E, como estava com a carteira na mão, tirou dela uma nota de cem coroas e colocou-a na mão de mamãe, como se ela fosse uma mocinha que estivesse sendo mandada para bem longe, pelo vasto mundo, e mamãe segurou a nota sem espantar-se, com muita naturalidade, como uma colegial habituada a que os adultos lhe dessem de vez em quando um pouco de dinheiro.

E depois o trem começou a andar; mamãe estava à janela; Karel estava na plataforma e acenou para ela durante muito tempo, muito tempo, até o último instante.

Terceira parte - Os anjos

1

Os rinocerontes é uma peça de Eugene Ionesco cujas personagens, possuídas pelo desejo de serem semelhantes umas às outras, transformam-se pouco a pouco em rinocerontes. Gabrielle e Michèle, duas jovens americanas, estudavam essa peça num curso de férias para estudantes estrangeiros numa pequena cidade da costa mediterrânea. Eram as alunas preferidas da senhora Raphael, a professora, porque a olhavam sempre com muita atenção e anotavam com cuidado todas as suas observações. Ela lhes pedira que preparassem juntas, para a aula seguinte, uma exposição a respeito da peça.

— Não entendi muito bem o que significa a transformação deles todos em rinocerontes — disse Gabrielle.

— Isso tem de ser interpretado como um símbolo — explicou Michèle.

— E verdade — disse Gabrielle. — A literatura é feita de símbolos.

— O rinoceronte é antes de mais nada um símbolo — disse Michèle.

— É, mas mesmo admitindo que eles não tenham se transformado em rinocerontes de verdade, mas apenas em símbolos, por que teriam eles se transformado justamente nesse símbolo, e não num outro?

— É, é mesmo um problema — disse Michèle, triste, e as duas moças, que estavam voltando para a república de estudantes, fizeram uma longa pausa.

Foi Gabrielle que rompeu o silêncio:

— Você não acha que é um símbolo fálico?

— O quê? — perguntou Michèle.

— O chifre — disse Gabrielle.

— É verdade! — exclamou Michèle, mas em seguida hesitou. — Só que... por que se transformariam todos em símbolos fálicos? As mulheres e os homens?

As duas moças, que andavam em direção à república, se calaram novamente.

— Tenho uma ideia — disse Michèle, de repente.

— Qual? — indagou Gabrielle com interesse.

— Aliás, é uma coisa que a senhora Raphael mais ou menos sugeriu — disse Michèle, aguçando a curiosidade da amiga.

— Então o que é? Fale! — insistiu Gabrielle, com impaciência.

— O autor quis criar um efeito cômico!

A ideia que sua amiga expressara cativou Gabrielle a tal ponto que ela, inteiramente concentrada em seus pensamentos, esqueceu suas pernas e diminuiu o passo. As duas moças pararam.

— Você acha que o símbolo do rinoceronte está ali para criar um efeito cômico? — perguntou ela.

— Acho — respondeu Michèle, e sorriu com o sorriso orgulhoso de quem encontrou a verdade.

— Você tem razão — disse Gabrielle.

As duas moças se olharam, felizes com a própria audácia, e o canto de suas bocas estremecia de orgulho. Depois, de repente, elas começaram a emitir sons agudos, curtos, descontínuos, muito difíceis de descrever com palavras.

2

“Riso? Alguém jamais se importa com o riso? Digo rir realmente, além da brincadeira, da caçoada, do ridículo. Rir, satisfação imensa e deliciosa, satisfação completa...”

Eu dizia a minha irmã, ou ela me dizia, vem, vamos brincar de rir? Deitávamos uma ao lado da outra numa cama e começávamos. Fingindo, é claro. Risos forçados. Risos ridículos. Risos tão ridículos que nos faziam rir. Então ele vinha, o verdadeiro riso, o riso inteiro, nos levar em sua imensa vaga. Risos explodidos, retomados, sacudidos, desencadeados, risos magníficos, suntuosos e loucos... E ríamos até o infinito do riso de nossos risos... Ah, o riso! Riso de satisfação, satisfação do riso; rir é viver de maneira muito profunda.”

O texto que acabo de citar foi tirado de um livro intitulado *Parole de femme*. Ele foi escrito em 1974 por uma das apaixonadas feministas que marcaram com um traço característico o clima de nosso tempo. É um manifesto místico da alegria. Ao desejo sexual do macho, dedicado aos instantes fugazes da ereção, portanto fatalmente associado à violência, ao aniquilamento, ao desaparecimento, a autora opõe, exaltando-o como seu oposto, o *prazer* feminino, suave, onipresente e contínuo. Para a mulher, desde que ela não seja alienada de sua própria essência, *comer, beber, urinar, defecar, tocar, ouvir, ou mesmo estar presente*, tudo é prazer. Essa enumeração de volúpias estende-se pelo livro como uma bela ladainha. *Viver é bom: ver, ouvir, tocar, beber, comer, urinar, defecar, mergulhar na água e olhar o céu, rir e chorar*. E se o coito é belo, é porque ele é a totalidade dos *prazeres possíveis da vida: o tocar, o ver, o ouvir, o falar, o sentir, mas ainda o beber, o comer, o defecar, o conhecer e o dançar*. O amamentar também é uma alegria, mesmo o parto é uma satisfação, a menstruação é uma delícia, essa *saliva morna, esse leite obscuro, esse escoamento morno e como que adocicado do sangue, essa dor que tem o gosto quente da felicidade*.

Só um imbecil poderia rir desse manifesto da alegria. Todo misticismo é um exagero. O místico não deve temer o

ridículo, se quiser ir até o fim, até o fim da humildade, ou até o fim do prazer. Assim como santa Teresa sorria em sua agonia, santa Annie Leclerc (é assim que se chama a autora do livro de onde tirei as citações) afirma que a morte é um fragmento de alegria e que só o macho a teme, porque está miseravelmente preso a *seu pequeno eu e a seu pequeno poder*.

No alto, como se fosse a abóbada desse templo da volúpia, explode o riso, *transe delicioso da felicidade, auge extremo da alegria. Riso de satisfação, satisfação do riso*. Incontestavelmente, esse riso está *além da brincadeira, da caçoada, do ridículo*. As duas irmãs deitadas na cama não riem de nada de preciso, o riso delas não tem objeto, é a expressão do ser que se alegra em ser. Do mesmo modo que, pelo seu gemido, a pessoa que sofre prende-se ao momento presente de seu corpo que sofre (e fica inteiramente fora do passado e do futuro), também aquele que explode nesse riso extático fica sem lembrança e sem desejo, pois lança seu grito no momento presente do mundo e só quer saber desse momento.

Vocês certamente se lembram desta cena por tê-la visto em dezenas de filmes ruins: uma moça e um rapaz se dão a mão e correm numa bela paisagem de primavera (ou de verão). Eles correm, correm, correm e riem. O riso dos dois corredores deve proclamar para o mundo inteiro e para os espectadores de todos os cinemas: nós somos felizes, estamos contentes de estar no mundo, estamos de acordo com o ser! E uma cena idiota, um clichê, mas ela exprime uma atitude humana fundamental: o riso sério, o riso *além da brincadeira*.

Todas as Igrejas, todos os fabricantes de *lingerie*, todos os generais, todos os partidos políticos estão de acordo a respeito desse riso e todos se precipitam para colocar a imagem desses dois corredores risonhos nos cartazes onde

fazem propaganda de sua religião, de seus produtos, de sua ideologia, de seu povo, de seu sexo e de seu sabão de lavar louça.

E justamente esse riso que riem Michèle e Gabrielle. Elas saem de uma papelaria, se dão as mãos e, na mão que está livre, cada uma delas balança um pequeno embrulho onde há papel colorido, cola e elásticos.

— A senhora Raphael vai ficar entusiasmada, você vai ver — diz Gabrielle, e emite sons agudos e descontínuos. Michèle concorda com ela e faz mais ou menos o mesmo ruído.

3

Pouco depois de terem ocupado meu país em 1968, os russos me expulsaram de meu trabalho (como outros milhares e milhares de tchecos), e ninguém tinha o direito de me dar outro emprego. Então alguns jovens amigos vieram me procurar, amigos que eram jovens demais para já estarem nas listas dos russos e que podiam, portanto, continuar nas salas de redação, nas escolas, nos estúdios de cinema. Esses bons e jovens amigos, que nunca trairei, me propuseram escrever, usando o nome deles, dramas para o rádio e a televisão, peças de teatro, artigos, reportagens, roteiros de filmes, para que dessa maneira eu pudesse ganhar a vida. Utilizei alguns desses serviços, mas recusei a maior parte deles, porque não conseguia fazer tudo o que me sugeriam e, também, porque era perigoso. Não para mim, mas para eles. A polícia secreta queria nos matar de fome, nos reduzir à miséria, nos obrigar a capitular ou a nos retratar publicamente. Era por isso que ela vigiava com atenção as lamentáveis saídas pelas quais tentávamos escapar do cerco, e castigava duramente aqueles que emprestavam seus nomes.

Entre esses generosos doadores, havia uma moça

chamada R. (não tenho nada a esconder a respeito do caso, já que tudo foi descoberto). Essa moça tímida, perspicaz e inteligente era redatora numa revista para jovens que tinha uma tiragem fabulosa. Como essa revista era obrigada a publicar um número incrível de artigos políticos indigestos que teciam louvores ao fraternal povo russo, a redação procurava um meio de chamar a atenção da população. Decidira, pois, afastar-se excepcionalmente da pureza da ideologia marxista e criar uma seção de astrologia.

Durante esses anos em que vivi como segregado, fiz milhares de horóscopos. Se o grande Jaroslav Hasek foi comerciante de cachorros (vendia muitos cães roubados e fazia muitos vira-latas passarem por espécimes de raça), por que eu não podia ser astrólogo? Em outros tempos, recebera de amigos parisienses todos os trabalhos de astrologia de André Barbault, cujo nome é orgulhosamente acompanhado do título de *Presidente do Centro Internacional de Astrologia*, e mudando minha letra, escrevi a tinta na primeira página: “A Milan Kundera, com admiração, André Barbault” Deixei os livros com a dedicatória discretamente colocados em cima de uma mesa e expliquei a meus clientes de Praga que eu tinha sido assistente do ilustre Barbault em Paris, durante muitos meses.

Quando R. me pediu para fazer clandestinamente a seção de astrologia de sua revista, é evidente que reagi com entusiasmo e recomendei-lhe que anunciasse na redação que o autor dos textos era um brilhante especialista do átomo que não queria revelar o seu nome, por medo de ser alvo de zombaria de seus colegas. Nossa aventura me parecia duplamente protegida: pelo sábio que não existia e por seu pseudônimo.

Escrevi, portanto, com um nome imaginário um longo e belo artigo referente à astrologia, e depois, todo mês, um texto curto e bastante idiota a respeito dos diferentes signos,

para os quais eu mesmo desenhava as vinhetas dos signos de Touro, Aries, Virgem e Peixes. Os proventos eram irrisórios e a coisa em si mesma não tinha nada de divertido nem de excepcional. Tudo o que havia de engraçado nisso era minha existência, a existência de um homem cortado da história, dos manuais de literatura e do catálogo de telefone, de um homem morto que agora voltava à vida numa surpreendente reencarnação para pregar a centenas de milhares de jovens de um país socialista a grande verdade da astrologia.

Um dia R. me anunciou que seu redator-chefe fora conquistado pelo astrólogo e queria que ele fizesse seu horóscopo. Fiquei encantado. O redator-chefe fora colocado à frente da revista pelos russos e passara a metade de sua vida estudando o marxismo-leninismo em Praga e em Moscou!

— Ele ficou com um pouco de vergonha de me dizer isso — explicou R. com um sorriso. — Não quer que transpire que ele acredita nessas superstições medievais. Mas sente muita atração por isso.

— Está bem — disse eu, e fiquei contente. Eu conhecia o redator-chefe. Além de ser o patrão de R., ele era membro da comissão superior do partido, encarregada dos funcionários, e tinha arruinado a vida de vários de meus amigos.

— Ele quer guardar total anonimato. Tenho que dar a você a data de seu nascimento, mas você não deve saber que se trata dele.

Isso me divertia mais ainda:

— Tanto melhor!

— Ele vai lhe pagar cem coroas pelo seu horóscopo.

— Cem coroas? O que esse avarento está pensando?

Ele teve de me mandar mil coroas. Enchi dez páginas, nas quais pintava seu caráter e descrevia seu passado (do qual eu estava suficientemente informado) e seu futuro. Trabalhei na minha obra uma semana inteira e tive consultas detalhadas

com R. Com um horóscopo podemos realmente, de maneira magnífica, influenciar, até mesmo dirigir o comportamento das pessoas. Podemos recomendar-lhes certos atos, preveni-las contra outros e conduzi-las à humildade fazendo-as conhecer suas futuras catástrofes.

Quando tornei a ver R. pouco tempo depois, rimos muito. Ela afirmou que o redator-chefe se tornara melhor depois que lera seu horóscopo. Gritava menos. Começava a desconfiar de sua própria severidade, contra a qual o horóscopo o prevenia, fazia grande questão daquela parcela de bondade de que era capaz e, em seu olhar, que fixava muitas vezes o vazio, podia-se reconhecer a tristeza de um homem que sabe que as estrelas doravante só lhe prometem sofrimentos.

4

(A propósito dos dois risos)

Conceber o diabo como um partidário do Mal e o anjo como um combatente do Bem é aceitar a demagogia dos anjos. As coisas são, evidentemente, mais complicadas.

Os anjos são partidários, não do Bem, mas da criação divina. O diabo, ao contrário, é aquele que recusa ao mundo divino um sentido racional.

A dominação do mundo, como se sabe, é dividida por anjos e demônios. Contudo, o bem do mundo não implica que os anjos levem vantagem sobre os demônios (como eu achava quando era criança), mas que o poder de uns e de outros seja mais ou menos equilibrado. Se existe no mundo muito sentido indiscutível (o poder dos anjos), o homem sucumbe sob o seu peso. Se o mundo perde todo o seu sentido (o reino dos demônios), também não se pode viver.

Quando as coisas são privadas de repente de seu suposto sentido, do lugar que lhes é destinado na ordem esperada das

coisas (um marxista formado em Moscou acreditar em horóscopos), provocam em nós o riso. Em sua origem, o riso pertence, portanto, ao domínio do diabo. Existe algo de mau (as coisas de repente se revelam diferentes daquilo que pareciam ser), mas existe nele também uma parte de alívio salutar (as coisas são mais leves do que pareciam, elas nos deixam viver mais livremente, deixam de nos oprimir sob sua austera seriedade).

Quando o anjo ouviu pela primeira vez o riso do demônio, foi tomado de estupor. Isso se passou num festim; a sala estava cheia de gente e as pessoas foram dominadas umas após as outras pelo riso do diabo, que é horripelantemente contagiante. O anjo compreendeu claramente que esse riso era dirigido contra Deus e contra a dignidade de sua obra. Sabia que tinha de reagir rapidamente, de uma maneira ou de outra, mas sentia-se fraco e sem defesa. Não conseguindo inventar nada, imitou seu adversário. Abrindo a boca, emitiu sons entrecortados, descontínuos, em intervalos acima de seu registro vocal (era mais ou menos o mesmo som que Michèle e Gabrielle emitiam numa rua de uma cidade da costa mediterrânea), mas dando-lhe um sentido oposto: enquanto o riso do diabo mostrava o absurdo das coisas, o anjo, ao contrário, queria alegrar-se por tudo aqui embaixo ser bem ordenado, sabiamente concebido, bom e cheio de sentido.

Assim, o anjo e o diabo se enfrentavam e, mostrando a boca aberta, emitiam mais ou menos os mesmos sons, mas cada um expressava, com seu ruído, coisas absolutamente contrárias. E o diabo olhava o anjo rir, e ria cada vez mais, cada vez melhor e cada vez mais francamente, porque o anjo rindo era infinitamente cômico.

Um riso ridículo é um desastre. No entanto, os anjos ainda assim obtiveram um resultado. Eles nos enganaram com uma impostura semântica. Para designar sua imitação do riso e o riso original (o do diabo), existe apenas uma palavra. Hoje

em dia nem nos damos conta de que a mesma manifestação exterior encobre duas atitudes interiores absolutamente opostas. Existem dois risos e não temos uma palavra para distingui-los.

5

Uma revista publicou esta fotografia: uma fila de homens de uniforme, com fuzil ao ombro, um capacete na cabeça, completado por uma viseira protetora de plástico, com os olhos voltados para os rapazes e as moças vestidos de *jeans* e camiseta que, de mãos dadas, dançam em roda diante deles.

É visivelmente o espaço de tempo antes do choque com a polícia que guarda uma central nuclear, um campo de treinamento militar, o secretariado de um partido político ou os vidros de uma embaixada. Os jovens aproveitaram esse tempo morto para se colocarem em círculo e, entoando um simples refrão popular, fazem o acompanhamento dando dois passos no lugar, um para a frente, levantam a perna esquerda e depois a direita.

Parece-me que posso compreendê-los: eles acham que o círculo que descrevem no chão é um círculo mágico que os une como um anel. E o peito deles se enche de um sentimento intenso de inocência: eles estão unidos, não por uma *marcha*, como soldados ou comandos fascistas, mas por uma *dança*, como crianças. E sua inocência que eles querem cuspir na cara dos tiras.

Foi bem assim que o fotógrafo os viu, e ele pôs em relevo este contraste eloquente: de um lado a polícia na *falsa* unidade (imposta, comandada) da fila, e do outro os jovens na unidade *verdadeira* (sincera e natural) do círculo; deste lado, a polícia na *triste* atividade de homens que se acham à espreita, e, daquele lado, a *alegria* do jogo.

Dançar em círculo é mágico: a roda nos fala desde as profundezas milenares da memória. A senhora Raphael, a professora, recortou essa fotografia da revista e olha para ela sonhando. Também gostaria de dançar numa roda. Durante toda a sua vida procurou um círculo de homens e mulheres a quem ela pudesse dar a mão para dançar em círculo; procurou primeiro na Igreja Metodista (seu pai era um fanático religioso), depois no partido comunista, depois no partido trotskista, depois no partido trotskista dissidente, depois no movimento contra o aborto (a criança tem direito à vida!), depois no movimento pela legalização do aborto (a mulher é dona do seu corpo!), procurou entre os marxistas, entre os psicanalistas, depois entre os estruturalistas, procurou em Lênin, no Zen-budismo, em Mao Tsé-tung, entre os adeptos da ioga, na escola do *nouveau roman* e, finalmente, quer ficar pelo menos em perfeita harmonia com seus alunos, formar com eles uma unidade, o que significa que ela os obriga sempre a pensar e a dizer a mesma coisa que ela, a ser com ela um só corpo e uma só alma no mesmo círculo e na mesma dança.

Nesse momento, suas alunas Gabrielle e Michèle estão no quarto, na república de estudantes. Estão debruçadas sobre o texto de Ionesco; Michèle lê em voz alta:

“O lógico, para o velho: ‘pegue uma folha de papel e calcule. Tirando duas patas de dois gatos, quantas patas ficam para cada gato?’

“O velho, para o lógico: ‘Existem várias soluções possíveis. Um gato pode ter quatro patas; o outro, duas. Pode haver um gato com cinco patas e um outro gato com uma pata. Tirando as duas patas, de oito, dos dois gatos, podemos ter um gato com seis patas e um gato sem nenhuma pata’”.

Michèle interrompe a leitura:

— Não entendo como se pode tirar as patas de um gato. Será que ele seria capaz de cortá-las?

— Michèle! — exclamou Gabrielle.

— E também não entendo como um gato pode ter seis patas.

— Michèle! — exclamou de novo Gabrielle.

— O quê? — perguntou Michèle.

— Será que você esqueceu? Você mesma disse!

— O quê? — perguntou de novo Michèle.

— Esse diálogo certamente tem por objetivo criar um efeito cômico!

— Você tem razão — disse Michèle, e olhou com alegria para Gabrielle. As duas moças se olhavam nos olhos, havia como que um estremecimento de orgulho no canto de seus lábios, e finalmente suas bocas deixaram escapar sons curtos e descontínuos em intervalos acima de seu registro vocal. Depois, mais uma vez, os mesmos sons e ainda os mesmos sons. *Um riso forçado. Um riso ridículo. Um riso tão ridículo que elas não podem fazer outra coisa senão rir. Depois vem o verdadeiro riso, o riso estrondoso, retomado, sacudido, desenfreado, as explosões de riso, magníficas, suntuosas e loucas. Elas riem de seu riso até o infinito de seu riso... Ah, o riso! Riso de satisfação, satisfação do riso...*

E, em algum lugar, a senhora Raphael, inteiramente só, vagava pelas ruas da pequena cidade da costa mediterrânea. De repente ela ergueu a cabeça, como se lhe chegasse de longe o fragmento de uma melodia, flutuando no ar leve, ou como se um perfume distante lhe alcançasse o nariz. Ela parou e ouviu em sua cabeça o grito do vazio que se revoltava e que queria ser coberto. Parecia-lhe que em algum lugar, não muito longe dela, tremulava a chama do grande riso, e que havia, talvez, em algum lugar, bem perto, pessoas de mãos dadas que dançavam em roda...

Ela continuou assim algum tempo, olhou em volta de si, nervosa, depois, bruscamente, a música misteriosa parou

(Michèle e Gabrielle tinham parado de rir; elas tinham de repente o ar cansado e diante delas havia uma noite vazia sem amor), e a senhora Raphael, estranhamente atormentada e insatisfeita, voltou para casa pelas ruas quentes da pequena cidade da costa.

6

Eu também dancei em roda. Isso foi em 1948; os comunistas acabavam de triunfar em meu país, os ministros socialistas e democrata-cristãos tinham se refugiado no estrangeiro, e eu segurava pela mão ou pelos ombros outros estudantes comunistas; nós dávamos dois passos no lugar, um para a frente e levantávamos a perna direita de um lado, depois a esquerda do outro, e fazíamos isso quase todos os meses, porque tínhamos sempre alguma coisa para celebrar, um aniversário ou um acontecimento qualquer; as velhas injustiças foram reparadas, novas injustiças foram cometidas, as fábricas foram nacionalizadas, milhares de pessoas foram presas, os tratamentos médicos eram gratuitos, os donos de tabacaria tiveram seus negócios confiscados, os velhos operários iam pela primeira vez passar as férias nas casas de campo desapropriadas e nós tínhamos no rosto o sorriso da felicidade. Depois, um dia, eu disse algo que não devia dizer; fui expulso do partido e tive de sair da roda.

Foi então que compreendi a significação mágica do círculo. Quando nos afastamos da fila, ainda podemos voltar a ela. A fila é uma formação aberta. Mas o círculo torna a se fechar e nós o deixamos sem retorno. Não é por acaso que os planetas se movem em círculo e que a pedra que se desprende de um deles afasta-se inexoravelmente, levada pela força centrífuga. Semelhante ao meteorito arrancado de um planeta, eu saí do círculo e, até hoje, não parei de cair. Existem

peessoas a quem é dado morrer no turbilhão e existem outras que se arrepentam no fim da queda. E estes outros (entre os quais estou) guardam sempre consigo uma tímida nostalgia da roda perdida, porque somos todos habitantes de um universo onde todas as coisas giram em círculo.

Era um aniversário qualquer, e mais uma vez havia nas ruas de Praga rodas de jovens que dançavam. Eu vagava por entre eles, chegava bem perto deles, mas não me era permitido entrar em nenhuma de suas rodas. Era junho de 1950 e Milada Horakova tinha sido enforcada na véspera. Ela era deputada do partido socialista e o tribunal comunista a tinha acusado de intrigas hostis ao Estado. Zavis Kalandra, surrealista tcheco, amigo de André Breton e de Paul Éluard, tinha sido enforcado ao mesmo tempo que ela. E jovens tchecos dançavam, sabendo que na véspera, na mesma cidade, uma mulher e um surrealista tinham ficado balançando numa corda, e dançavam com mais frenesi ainda porque sua dança era a manifestação de sua inocência, que contrastava, pelo brilho, com a escuridão culpada dos dois enforcados, traidores do povo e de sua esperança.

André Breton não acreditava que Kalandra tivesse traído o povo e sua esperança e, em Paris, chamara Éluard (numa carta aberta datada de 13 de junho de 1950) para protestar contra a acusação insensata e tentar salvar o velho amigo. Mas Éluard estava muito ocupado dançando numa gigantesca roda entre Paris, Moscou, Praga, Varsóvia, Sófia e Grécia, entre todos os países socialistas e todos os partidos comunistas do mundo, e em todos os lugares recitava seus belos versos a respeito da alegria e da fraternidade. Depois de ler a carta de Breton, ele deu dois passos no lugar, depois um para a frente, balançara a cabeça negativamente, recusando-se a defender um traidor do povo (na revista Action de 19 de junho de 1950), e pusera-se a recitar com voz metálica:

“Vamos alimentar a inocência

*Com a força que por muito tempo
Nos faltou
Nunca mais ficaremos sós”.*

E eu vagava pelas ruas de Praga; em volta de mim giravam as rodas de tchecos que riam dançando, e eu sabia que não estava do lado deles, mas do lado de Kalandra, que também saíra da trajetória circular e caíra, caíra, para terminar sua queda num caixão de condenado, mas, mesmo não estando do lado deles, eu os via dançar com inveja e nostalgia, não podia tirar os olhos deles. E nesse momento enxerguei-o bem à minha frente!

Ele os segurava pelos ombros, cantava com eles duas ou três notas bem simples e levantava a perna esquerda de um lado, depois a direita do outro. Sim, era ele, o filho querido de Praga, Éluard! E de repente aqueles que dançavam com ele calaram-se, continuaram a mover-se num silêncio absoluto, enquanto ele entoava um de seus poemas no ritmo das batidas das solas de seus sapatos:

*“Fugiremos do descanso, fugiremos do sono,
Tomaremos de assalto a madrugada e a primavera
E prepararemos dias e estações
Na medida de nossos sonhos”.*

Em seguida, bruscamente, todos recomeçaram a cantar aquelas três ou quatro notas bem simples e aceleraram o ritmo de sua dança. Fugiam do descanso e do sono, tomavam o tempo de assalto e alimentavam sua inocência. Todos sorriam, e Éluard inclinou-se para uma moça que segurava pelos ombros:

“O homem possuído pela paz tem sempre um sorriso”.

E a moça começou a rir, batendo mais forte com o pé no

asfalto, de modo que subiu a alguns centímetros do solo, levando os outros consigo para cima, e no instante seguinte nenhum deles tocava mais o chão, davam dois passos no lugar e um para a frente, sem tocar o chão; é, eles voavam sobre a Praça São Venceslau; sua roda dançante parecia uma grande coroa que alçava vôo, e eu corria embaixo, na terra, erguendo os olhos para vê-los, e eles estavam cada vez mais longe, voavam levantando a perna esquerda de um lado, depois a direita do outro, e embaixo deles estava Praga com seus cafés cheios de poetas e suas prisões cheias de traidores do povo, e no crematório estavam incinerando uma deputada socialista e um escritor surrealista; a fumaça subia para o céu como um feliz presságio, e eu ouvia a voz metálica de Éluard:

“O amor está trabalhando; ele é incansável”.

Eu corria atrás dessa voz pelas ruas para não perder de vista aquela esplêndida coroa de corpos planando sobre a cidade, e sabia, com angústia no coração, que eles voavam como os pássaros e que eu caía como pedra; que eles tinham asas e que eu nunca mais as teria.

7

Dezoito anos após sua execução, Kalandra foi totalmente reabilitado, mas alguns meses mais tarde os tanques russos irromperam na Boêmia e logo dezenas de milhares de pessoas também foram acusadas de terem traído o povo e sua esperança; alguns foram jogados na prisão, a maioria foi expulsa de seu trabalho e, dois anos mais tarde (portanto, vinte anos depois do vôo de Éluard sobre a Praça São Venceslau), um desses novos acusados (eu) tinha uma seção de astrologia numa revista ilustrada destinada à juventude tcheca. Havia passado um ano desde o meu último artigo a

respeito de Sagitário (isso aconteceu, portanto, em dezembro de 1971), quando recebi a visita de um rapaz que eu não conhecia. Sem dizer uma palavra, ele me entregou um envelope. Rasguei-o, li a carta, mas foi-me preciso um momento para compreender que era uma carta de R. A letra estava irreconhecível. Ela devia estar muito nervosa quando escrevera a carta. Esforçara-se em redigir as frases de maneira que ninguém mais além de mim pudesse entendê-las, tanto que eu mesmo só as compreendia pela metade. A única coisa que eu entendia era que, com um ano de atraso, minha identidade de autor fora descoberta.

Nessa época, eu tinha um pequeno apartamento em Praga, na Rua Bartolomejska. É uma rua pequena, mas famosa. Todos os imóveis, com exceção de dois (entre os quais aquele em que eu morava), pertenciam à polícia. Quando olhava para fora de minha grande janela do quarto andar, eu via, no alto, por cima dos telhados, as torres do Hradcany e, embaixo, os pátios da polícia. No alto desfilava a gloriosa história dos reis da Boêmia; embaixo desenrolava-se a história de prisioneiros ilustres. Todos passaram por lá: Kalandra e Horakova, Slansky e Clementis, e meus amigos Sabata e Hubl.

O rapaz (tudo indicava que era o noivo de R.) olhava em torno de si com a maior circunspeção. Pensava visivelmente que a polícia vigiava meu apartamento com microfones ocultos. Em silêncio, nós nos fizemos um sinal com a cabeça e saímos. Primeiro andamos sem dizer uma única palavra e foi somente quando desembocamos na barulhenta Avenida Narodni Trida que ele me disse que R. queria me ver e que um amigo dele, que eu não conhecia, nos emprestaria um apartamento no subúrbio para esse encontro clandestino.

No dia seguinte, portanto, fiz um longo trajeto de bonde até a periferia de Praga; era dezembro, eu tinha as mãos geladas e os conjuntos residenciais estavam inteiramente vazios àquela hora da manhã. Achei a casa, graças à descrição

que o rapaz me tinha feito, tomei o elevador até o terceiro andar, olhei os cartões de visita que havia nas portas e toquei a campainha. O apartamento estava silencioso. Toquei mais uma vez, mas ninguém abriu. Voltei para a rua. Andei cerca de meia hora no frio glacial, achando que R. estava atrasada e que iria cruzar com ela quando ela viesse, pela calçada deserta, do ponto de ônibus. Mas não vinha ninguém. Tomei de novo o elevador até o terceiro andar. Toquei a campainha mais uma vez. No fim de alguns segundos, ouvi o barulho de descarga dentro do apartamento. Nesse momento, tive a impressão de que tinham posto em mim o cubo de gelo da angústia. Sentia dentro do meu próprio corpo o medo da moça que não podia me abrir a porta porque sua ansiedade lhe revolvía as entranhas.

Ela abriu; estava pálida, mas sorria e esforçava-se em ser amável como sempre. Fez algumas brincadeiras desastradas dizendo que finalmente ficaríamos juntos sozinhos num apartamento vazio. Sentamos e ela me contou que fora recentemente convocada pela polícia. Eles a tinham interrogado durante um dia inteiro. Nas duas primeiras horas, eles tinham lhe perguntado uma porção de coisas insignificantes; ela já estava se sentindo dona da situação, brincava com eles e perguntara-lhes com insolência se eles se davam conta de que ela iria ficar sem almoçar por causa daquelas bobagens. Fora nesse momento que eles tinham lhe perguntado: “Cara senhorita R., quem afinal escreve os artigos de astrologia para a sua revista?” Ela enrubescera e tentara falar num físico célebre cujo nome não podia revelar. Eles lhe perguntaram: “A senhorita conhece o senhor Kundera?” Ela dissera que me conhecia. Haveria algum mal nisso? Eles lhe responderam: “Não há nada de mal nisso, mas a senhorita sabia que o senhor Kundera se interessa por astrologia?” “É uma coisa que ignoro”, respondera ela. “É uma coisa que a senhorita ignora?”, disseram eles, rindo. “Praga inteira fala

nisso e é uma coisa que a senhorita ignora?” Ela falara ainda alguns instantes do especialista em átomo e um dos tiras começara a gritar depois: que ela não negasse nada!

Afinal, ela lhes dissera a verdade. A redação do jornal queria ter uma boa seção de astrologia mas não sabia a quem dirigir-se; R. me conhecia e pedira então minha ajuda. Ela estava certa de não ter violado nenhuma lei. Eles lhe deram razão. Não, ela não tinha violado nenhuma lei. Tinha apenas infringido os regulamentos de serviço internos que proíbem a colaboração com certas pessoas culpadas de terem enganado a confiança do partido e do Estado. Ela esclarecera que não acontecera nada de grave: o nome do senhor Kundera ficara oculto sob um pseudônimo e, portanto, não poderia ter ofendido ninguém. Quanto aos honorários que o senhor Kundera recebera, nem valia a pena falar. Mais uma vez eles lhe deram razão: não tinha acontecido nada de grave, era verdade, eles iriam se contentar em fazer um relatório a respeito do que tinha acontecido, ela iria assiná-lo e não teria nada a temer.

Ela assinara o relatório e dois dias depois o redator-chefe a convocara para anunciar que ela estava demitida sem aviso prévio. No mesmo dia ela fora à rádio onde tinha alguns amigos que há muito tempo lhe propunham trabalho. Eles a receberam com alegria, mas quando ela voltou no dia seguinte para preencher os papéis, o chefe do pessoal, que gostava muito dela, estava com um ar desolado: “Que bobagem você fez, minha filha! Estragou sua vida. Não posso fazer absolutamente nada por você”.

Primeiro ela havia hesitado em falar comigo, porque tinha prometido aos policiais não dar uma palavra com ninguém com referência ao interrogatório. Mas, tendo recebido uma nova convocação da polícia (deveria ir até lá no dia seguinte), tinha concluído que era melhor se encontrar comigo em segredo para nos entendermos e assim, evitar que fizéssemos

declarações contraditórias, se por acaso eu também fosse convocado.

Compreendam bem, R. não era medrosa, era simplesmente jovem e não sabia nada do mundo. Acabava de receber o primeiro golpe, incompreensível e inesperado, e nunca mais iria esquecê-lo. Compreendi que eu fora escolhido para ser o mensageiro que distribui às pessoas advertências e castigos e começava a ficar com medo de mim mesmo.

— Você acha — perguntou-me ela com um nó na garganta — que eles estão sabendo das mil coroas que você recebeu pelo horóscopo?

— Não tenha medo. Um sujeito que estudou o marxismo-leninismo em Moscou durante três anos jamais ousará confessar que mandou fazer horóscopos.

Ela riu, e esse riso, embora mal tenha durado meio segundo, tinha no meu ouvido como uma tímida promessa de salvação. Pois era exatamente esse riso que eu gostaria de ouvir quando escrevia aqueles artigozinhos bobos a respeito de Peixes, Virgem e Aries; era exatamente esse riso que eu imaginava como recompensa, mas ele não chegava de parte alguma, porque nesse meio tempo os anjos, no mundo inteiro, tinham ocupado todas as posições decisivas, todos os estados-maiores, tinham conquistado a esquerda e a direita, os árabes e os judeus, os generais russos e os dissidentes russos. Eles nos olhavam de todas as partes com seu olho glacial e esse olhar nos tirava a simpática roupagem de alegres mistificadores e nos desmascarava como pobres impostores que trabalhavam para a revista da juventude socialista sem acreditar nem na juventude nem no socialismo, que faziam um horóscopo para o redator-chefe pouco se importando tanto com o redator-chefe como com os horóscopos, e que se ocupavam com coisas irrisórias quando todo mundo à nossa volta (a esquerda e a direita, os árabes e os judeus, os generais e os dissidentes) combatia pelo futuro

do gênero humano. Sentíamos sobre nós o peso de seu olhar que nos transformava em insetos dignos de serem esmagados com o pé.

Controlei minha angústia e tentei inventar para R. o plano mais razoável a adotar para responder à polícia no dia seguinte. Durante a conversa, ela se levantou várias vezes para ir ao banheiro. Suas voltas eram acompanhadas pelo barulho da descarga e expressões de constrangimento amedrontado. Essa moça corajosa tinha vergonha de seu medo. Essa mulher de bom gosto tinha vergonha de suas entranhas, que a castigavam diante dos olhos de um estranho.

8

Cerca de vinte rapazes e moças de diversas nacionalidades estavam sentados em suas carteiras e olhavam distraidamente Michèle e Gabrielle que, com ar nervoso, estavam em pé diante da cátedra onde estava sentada a senhora Raphael. Elas tinham na mão várias folhas de papel preenchidas com o texto de sua exposição e ainda carregavam um curioso objeto de papelão com um elástico.

— Vamos falar da peça de Ionesco, *Os rinocerontes* — disse Michèle, e inclinou a cabeça para plantar no nariz um tubo de papelão em que estavam colados pedaços de papel multicoloridos; depois prendeu o tubo atrás da cabeça com o elástico. Gabrielle fez o mesmo. Em seguida elas se olharam e emitiram sons curtos e descontínuos em tom agudo.

Em suma, a turma havia compreendido muito facilmente que as duas moças queriam mostrar, primeiro, que o rinoceronte tem um chifre no lugar do nariz e, segundo, que a peça de Ionesco é cômica. Elas tinham decidido exprimir essas duas ideias, certamente com palavras, mas sobretudo pela ação de seus próprios corpos.

Os longos chifres balançavam ante o rosto delas e a classe caía numa espécie de compaixão constrangida, como se alguém tivesse vindo apresentar diante das carteiras um braço amputado.

Somente a senhora Raphael ficou maravilhada com o achado de suas jovens favoritas e respondeu a seus sons agudos e descontínuos com um som semelhante.

As moças sacudiram seu longo nariz com um ar satisfeito e Michèle começou a ler sua parte da exposição.

Havia entre os alunos uma moça judia chamada Sarah. Alguns dias antes, ela pedira às duas americanas que a deixassem dar uma olhada em suas anotações (todas sabiam que elas não perdiam uma só palavra do que a senhora Raphael dizia), mas elas tinham recusado: *E só você não faltar ao curso para ir à praia*. Desde esse dia, Sarah as detestava cordialmente, e, naquele instante, se divertia com o espetáculo bobo das duas.

Michèle e Gabrielle liam alternadamente sua análise de *Os rinocerontes*, e os longos chifres de papel saíam do rosto delas como uma vã oração. Sarah compreendeu que seria pena deixar passar essa oportunidade. Como Michèle fizesse uma pausa em sua intervenção e se virasse para Gabrielle para indicar-lhe que era sua vez, ela levantou-se de seu banco e dirigiu-se às duas moças. Gabrielle, em vez de tomar a palavra, fixou em Sarah o orifício de seu falso nariz e ficou boquiaberta. Aproximando-se das duas estudantes, Sarah rodeou-as (as americanas não estavam em condições de virar a cabeça para olhar o que se passava atrás delas, como se o nariz acrescentado fosse muito pesado para a cabeça delas), tomou impulso e deu um pontapé no traseiro de Michèle; tomou novo impulso e chutou de novo, dessa vez o traseiro de Gabrielle. Em seguida, voltou para sua carteira com calma, com dignidade, até.

Na hora, houve um silêncio absoluto.

Então as lágrimas começaram a cair dos olhos de Michèle e, imediatamente em seguida, dos olhos de Gabrielle.

Depois toda a classe explodiu num riso enorme.

Então Sarah sentou-se em seu banco.

A senhora Raphael, primeiro apanhada desprevenida e chocada, compreendeu que a intervenção de Sarah era um episódio combinado de uma farsa de estudantes cuidadosamente preparada, que não tinha outro objetivo senão esclarecer o tema da análise (a interpretação da obra de arte não pode se limitar à abordagem teórica tradicional; é preciso uma abordagem moderna, uma leitura pela prática, pela ação, pelo *happening*), e como não via as lágrimas de suas favoritas (elas estavam de frente para a turma e, conseqüentemente, lhe davam as costas), ela inclinou a cabeça e assentiu com uma boa gargalhada.

Michèle e Gabrielle, ouvindo atrás de si o riso da professora querida, sentiram-se traídas. Então as lágrimas começaram a cair de seus olhos como de uma torneira. A humilhação lhes fazia tão mal que elas se contorciam como se tivessem câibras no estômago.

A senhora Raphael imaginou que as convulsões de suas alunas favoritas fossem um movimento de dança, e nesse momento uma força mais poderosa do que sua circunspeção professoral a atirou para fora da cadeira. Ela chorava de rir, abria os braços, e seu corpo sacudia tanto que sua cabeça era projetada para a frente e para trás sobre o pescoço, como um sino que um sacristão segura virado para baixo na palma da mão e toca com toda a força. Aproximou-se das moças que se contorciam convulsivamente e pegou Michèle pela mão. E eis todas as três diante das carteiras; todas as três se contorciam e estavam aos prantos. A senhora Raphael dava dois passos no lugar, levantava a perna esquerda de um lado, depois a direita do outro, e as duas moças aos prantos começavam timidamente a imitá-la. As lágrimas escorriam pelos narizes

de papelão, e elas se contorciam e saltavam no lugar. Depois a Senhora Professora pegou Gabrielle pela mão; elas formavam agora um círculo diante das carteiras, davam-se as mãos todas as três, davam uns passos no lugar e de lado e giravam em roda no chão da sala de aula. Jogavam a perna para a frente, ora para a direita, ora para a esquerda, e no rosto de Gabrielle e de Michèle as caretas dos soluços tornavam-se imperceptivelmente caretas de riso.

As três mulheres dançavam e riam, e a turma calava-se e olhava com muito espanto. Mas as três já não enxergavam mais os outros, estavam inteiramente concentradas em si mesmas e em seu prazer. De repente a senhora Raphael bateu mais forte com o pé, ergueu-se a alguns centímetros acima do soalho e, no passo seguinte, não tocou mais o chão. Carregava atrás de si suas duas companheiras; mais um instante e elas giravam acima do chão, subiam em espiral, lentamente. Seus cabelos já tocavam o teto, que começava a se abrir pouco a pouco. Por essa abertura, elas subiam cada vez mais alto; os narizes de papelão não eram mais visíveis, havia apenas três pares de sapatos que eram vistos pelo buraco, mas que acabaram por sua vez desaparecendo, enquanto do alto chegava aos ouvidos dos alunos espantados o riso que se afastava, o riso resplandecente dos três arcanjos.

9

Meu encontro com R. no apartamento emprestado foi decisivo para mim. Naquele momento, compreendi definitivamente que tinha me tornado o mensageiro da desgraça, que não podia continuar vivendo entre as pessoas que amava sem prejudicá-las e que só me restava sair do meu país.

Mas tenho ainda uma outra razão para lembrar esse

último encontro com R. Sempre gostei muito daquela moça, da maneira mais inocente, menos sexual possível. Como se seu corpo estivesse sempre perfeitamente escondido atrás de sua inteligência radiosa, e também atrás da modéstia de seu comportamento e do bom-tom de suas roupas. Ela não me oferecia a menor fenda pela qual eu pudesse entrever a luz de sua nudez. E de repente o medo a abriu como a faca de um açougueiro. Eu tinha a impressão de vê-la aberta diante de mim, como a carcaça partida de uma vitela suspensa no gancho de um açougue. Estávamos sentados um ao lado do outro no divã desse apartamento emprestado; do banheiro chegava até nós o barulho da água que caía na caixa, e eu senti de repente uma vontade frenética de fazer amor com ela. Mais exatamente: uma vontade frenética de violá-la. De me atirar sobre ela, de agarrá-la de uma só vez com todas as suas contradições insuportavelmente excitantes, com suas roupas perfeitas e seus intestinos em revolta, com sua razão e seu medo, com seu orgulho e sua vergonha. E parecia-me que nessas contradições se escondia sua essência, esse tesouro, essa pepita de ouro, esse diamante oculto em suas profundezas. Queria me atirar sobre ela e arrancá-lo dela. Queria abarcá-la inteira com sua merda e sua alma inefável.

Mas eu via dois olhos angustiados fixos em mim (olhos angustiados num rosto inteligente) e quanto mais esses olhos ficavam angustiados, maior era o meu desejo de violá-la, e ainda mais absurdo, imbecil, escandaloso, incompreensível e irrealizável.

Quando saí naquele dia do apartamento emprestado e me vi na rua deserta daquela cidade do subúrbio de Praga (R. ficou ainda um instante no apartamento; tinha medo de sair ao mesmo tempo que eu e de sermos vistos juntos), fiquei muito tempo sem poder pensar em outra coisa a não ser no imenso desejo que tinha sentido de violar minha simpática amiga. Esse desejo ficou em mim, prisioneiro como um

pássaro num saco, um pássaro que acorda de vez em quando e bate as asas.

Pode ser que esse desejo insensato de violar R. tenha sido apenas um esforço desesperado para me agarrar a alguma coisa no meio da queda. Porque, depois que me excluíram da roda, não paro de cair, ainda agora estou caindo, e no momento eles não fizeram outra coisa senão me empurrar mais uma vez para que eu caísse ainda mais longe, ainda mais fundo, cada vez mais longe do meu país, no espaço deserto do mundo onde ressoa o riso assustador dos anjos que cobre com seu carrilhão todas as minhas palavras.

Eu sei, existe em algum lugar Sarah, a moça judia Sarah, minha irmã Sarah, mas onde a encontrarei?¹

¹ Os trechos em grifo foram extraídos das seguintes obras: **Annie Leclerc**, *Parole de femme*, 1976. **Paul Éluard** > *Le visage de la paix*, 1951. **Eugene Ionesco**, *Os rinocerontes*, 1959.

Quarta parte - As cartas perdidas

1

Calculei que, a cada segundo, dois ou três novos personagens fictícios recebem aqui embaixo o batismo. É por isso que hesito sempre em juntar-me a essa numerosa multidão de Joões Batistas. Mas o que fazer? É necessário que eu dê um nome a meus personagens. Dessa vez, para mostrar claramente que minha heroína é minha e só pertence a mim (estou mais preso a ela do que a qualquer outra), vou chamá-la por um nome que nenhuma mulher jamais teve: Tamina. Imagino que ela é bela, alta, que tem trinta e três anos e que é de Praga.

Vejo-a em pensamento descendo uma rua de uma cidade de interior no oeste da Europa. É, vocês já perceberam: é Praga, que está longe, que chamo pelo nome, mas deixo no anonimato a cidade onde acontece minha história. Isso é infringir todas as regras de perspectiva, mas a vocês só resta aceitar isso.

Tamina trabalha como garçõete num pequeno café que pertence a um casal. O café rende tão pouco que o marido pegou o primeiro emprego que encontrou e Tamina conseguiu o lugar que, assim, ficou livre. A diferença entre o salário miserável que o patrão recebe em seu novo emprego e o salário ainda mais miserável que o casal paga a Tamina representa sua pequena vantagem.

Tamina serve café e aguardente de maçã aos fregueses (não são muitos, a sala está sempre com a metade dos lugares vazios), depois volta para trás do balcão. Fica sentada no bar, num tamborete, e quase sempre há alguém que quer conversar com ela. Todo mundo gosta de Tamina. Porque ela sabe ouvir o que lhe contam.

Mas será que ela ouve mesmo? Ou não faz outra coisa

senão olhar, muito atenta, muito calada? Não sei, e isso não tem muita importância. O que conta é que ela não interrompe a fala. Vocês sabem o que acontece quando duas pessoas conversam. Uma fala e a outra lhe corta a palavra: *é exatamente como eu, eu...* e começa a falar de si até que a primeira consiga por sua vez cortar: *é exatamente como eu, eu...*

Essa frase, *é exatamente como eu, eu...*, parece ser um eco aprovador, uma maneira de continuar a reflexão do outro, mas é um engodo: na verdade, é uma revolta brutal contra uma violência brutal, um esforço para libertar nosso próprio ouvido da escravidão e ocupar à força o ouvido do adversário. Pois toda a vida do homem entre seus semelhantes nada mais é do que um combate para se apossar do ouvido do outro. Todo o mistério da popularidade de Tamina é que ela não deseja falar de si mesma. Sem resistência, ela aceita os ocupantes de seu ouvido e nunca diz: *é exatamente como eu, eu...*

2

Bibi é dez anos mais nova do que Tamina. Há quase um ano ela lhe fala de si mesma dia após dia. Não faz muito tempo (e foi na realidade nesse momento que tudo começou), ela lhe disse que pretendia ir a Praga com o marido, no verão, durante as férias.

Então, Tamina achou que acordava de um sono de muitos anos. Bibi fala ainda alguns instantes e Tamina (contrariando seus hábitos) corta-lhe a palavra:

— Bibi, se você vai a Praga, será que poderia passar na casa de meu pai para trazer uma coisa para mim? Nada de muito grande. Só um embrulho pequeno, vai caber facilmente em sua mala.

— Para você, qualquer coisa! — diz Bibi, muito solícita.

— Vou ficar eternamente grata — diz Tamina.

— Pode contar comigo — diz Bibi. As duas mulheres falam ainda um pouco a respeito de Praga, e Tamina fica com o rosto em chamas.

— Eu quero escrever um livro — diz Bibi, em seguida.

Tamina pensa em seu pequeno embrulho lá na Boêmia e sabe que deve garantir a amizade de Bibi. Portanto, logo lhe oferece o ouvido:

— Um livro? E relativo a quê?

A filha de Bibi, uma garota de um ano, engatinha embaixo do tamborete do bar onde sua mãe está sentada. Faz muito barulho.

— Quieta! — diz Bibi em direção ao chão, e sopra com ar pensativo a fumaça do cigarro. — É referente ao mundo tal como o vejo.

A garota dá gritos cada vez mais agudos e Tamina pergunta:

— Você saberia escrever um livro?

— Por que não? — diz Bibi, e fica de novo com o ar pensativo. — Evidentemente preciso me informar um pouco para saber como se faz para escrever um livro. Você por um acaso conhece Banaka?

— Quem é? — pergunta Tamina.

— Um escritor — diz Bibi. — Mora por aqui. Preciso conhecê-lo.

— O que foi que ele escreveu?

— Não sei — diz Bibi, e acrescenta, pensativa: — Talvez eu precise ler alguma coisa dele.

3

Em vez de uma exclamação de alegre surpresa, não houve no fone nada a não ser um glacial:

— Ora essa! Você finalmente se lembrou de mim?

— Você sabe que eu não nado em ouro. A ligação é cara — disse Tamina para se desculpar.

— Você pode escrever. Que eu saiba, os selos não custam tão caro assim. Nem me lembro mais quando recebi sua última carta...

Compreendendo que a conversa com a sogra começara mal, Tamina começou a indagar a respeito de sua saúde e do que ela estava fazendo, antes de se decidir a dizer:

— Quero lhe pedir um favor. Antes de nossa partida, deixamos um embrulho em sua casa.

— Um embrulho?

— É, Pavel colocou-o na antiga escrivaninha do pai, e fechou a gaveta à chave. Você lembra, ele sempre teve uma gaveta nessa mesa. E deixou a chave com você.

— Eu não estou com a chave dele.

— Mas, minha sogra, você deve estar com ela. Pavel entregou-a a você. Tenho certeza. Eu estava presente.

— Vocês não me deram nada, não.

— Já faz muitos anos, você deve ter esquecido. Tudo o que lhe peço é que procure essa chave. Tenho certeza de que vai encontrá-la.

— E o que quer que eu faça com ela?

— Só ver se o embrulho ainda está lá.

— E por que não estaria? Vocês não o colocaram lá?

— Colocamos.

— Então por que tenho que abrir a gaveta? O que vocês pensam que eu fiz de seus cadernos?

Tamina teve um choque: como a sogra poderia saber que havia cadernos na gaveta? Eles estavam embrulhados e o embrulho fora muito bem fechado com várias tiras de fitas adesivas. Contudo, não deixou transparecer sua surpresa:

— Mas eu não disse nada disso. Só queria que você verificasse se está tudo no lugar. Da próxima vez dou mais detalhes.

— E não pode me explicar do que se trata?

— Minha sogra, não posso falar muito tempo, é tão caro!

A sogra começou a soluçar:

— Se é tão caro, então não me telefone mais.

— Não chore, sogra — disse Tamina. Conhecia de cor seus soluços. A sogra sempre chorava quando queria forçá-los a alguma coisa. Acusava-os chorando e não havia nada mais agressivo do que suas lágrimas.

O fone ressoava com os soluços e Tamina disse:

— Até logo, sogra, voltarei a ligar.

A sogra chorava, e Tamina não ousava desligar antes que ela dissesse até logo. Mas os soluços não paravam e cada lágrima custava muito dinheiro.

Tamina desligou.

— Dona Tamina — disse a proprietária do café com a voz aflita, mostrando o relógio —, a senhora falou muito tempo.

— Depois calculou quanto custava a ligação para a Boêmia, e Tamina se assustou com a quantia tão grande. Teria de descontar cada centavo para aguentar até o próximo pagamento. Mas acertou a conta sem pestanejar.

4

Tamina e o marido haviam deixado a Boêmia ilegalmente. Eles tinham se inscrito para uma temporada à beira-mar que a

agência de viagens oficial tcheca organizava na Iugoslávia. Chegando lá, abandonaram o grupo e, atravessando a fronteira da Áustria, dirigiram-se para o oeste.

Temendo que fossem notados durante a viagem em grupo, tinham levado apenas uma mala cada um. No último instante, não ousaram levar o embrulho volumoso que continha sua correspondência mútua e os diários de Tamina. Se um policial da Tchecoslováquia ocupada os fizesse abrir as bagagens durante o controle de alfândega, de imediato acharia suspeito que eles estivessem levando todos os arquivos de sua vida particular para quinze dias de férias à beira-mar. E como não quisessem deixar o embrulho em casa, sabendo que depois de sua partida o seu apartamento seria confiscado pelo Estado, eles o tinham deixado guardado na casa da sogra de Tamina, numa gaveta da escrivaninha abandonada, e portanto inútil, do falecido sogro.

No estrangeiro, o marido de Tamina adoeceu, e Tamina só pudera ver a morte levá-lo lentamente. Quando ele morrera, perguntaram-lhe se ela queria enterrá-lo ou cremá-lo. Ela disse que o cremassem. Em seguida perguntaram-lhe se queria guardá-lo numa urna ou se preferia fazer espalhar as cinzas. Em nenhum lugar ela se sentia em casa, e temia carregar o marido a vida toda como uma bagagem de mão. Mandara dispersar as cinzas.

Imagino que o mundo se ergue ao redor de Tamina, cada vez mais alto, como um muro circular, e que ela é um pequeno gramado lá embaixo. Nesse gramado cresce apenas uma rosa, a lembrança de seu marido.

Ou então imagino que o presente de Tamina (ele consiste em servir café e oferecer seu ouvido) é uma jangada à deriva sobre a água e que ela está nessa jangada e olha para trás, somente para trás.

Havia algum tempo que estava desesperada porque o passado estava cada vez mais pálido. Não tinha do marido

senão a fotografia de seu passaporte; todas as outras fotos tinham ficado em Praga, no apartamento confiscado. Ela olhava essa pobre imagem carimbada, de cantos cortados, em que o marido tinha sido focalizado de frente (como um criminoso fotografado para o arquivo policial) e que não era nada fiel. Todo dia ela se dedicava diante dessa fotografia a uma espécie de exercício espiritual: esforçava-se em imaginar o marido de perfil, depois de meio-perfil, depois de três quartos. Fazia reviver a linha de seu nariz, de seu queixo, e constatava todo dia com espanto que o esboço imaginário apresentava novos pontos discutíveis em que a memória que desenhava tinha dúvidas.

Durante esses exercícios, ela empenhava-se em evocar a pele e sua cor, e todas as pequenas alterações da epiderme, as verrugas, as protuberâncias, as sardas, as pequenas veias. Era difícil, quase impossível. As cores de que se servia sua memória eram irreais, e com essas cores não havia meio de imitar a pele humana. Ela inventara, portanto, uma técnica pessoal de rememorar. Quando estava sentada em frente a um homem, servia-se de sua cabeça como um material a esculpir: olhava fixamente e refazia em pensamento as formas do rosto, dava-lhe uma cor mais escura, colocava nele as sardas e as verrugas, diminuía as orelhas, coloria os olhos de azul.

Mas todos esses esforços só faziam demonstrar que a imagem do marido lhe fugia irrevogavelmente. No começo da ligação dos dois ele lhe pedira (ele era dez anos mais velho do que ela e já tinha formado uma certa ideia da precariedade da memória humana) para escrever um diário e nele anotar para os dois o desenrolar de suas vidas. Ela tinha se rebelado, afirmando que era zombar do amor deles. Ela o amava demais para poder admitir que aquilo que qualificava de inesquecível pudesse ser esquecido. Evidentemente, acabara obedecendo, mas sem entusiasmo. Os diários tinham se ressentido disso; muitas páginas estavam vazias e as anotações, fragmentadas.

Ela vivera onze anos na Boêmia com o marido, e os diários deixados na casa da sogra também eram em número de onze. Pouco depois da morte do marido, ela comprara um caderno e o dividira em onze partes. É claro que conseguira se lembrar bem dos acontecimentos e das situações meio esquecidas, mas não sabia de modo algum em que lugar do diário escrevê-las. A sucessão cronológica estava irremediavelmente perdida.

Primeiro ela tentara reencontrar as lembranças que poderiam servir de ponto de referência na passagem do tempo e tornar-se a estrutura principal do passado reconstruído. Por exemplo, suas férias. Deveria haver onze, mas ela conseguia lembrar-se apenas de nove. Havia duas que estavam perdidas para sempre.

Em seguida ela se esforçara em organizar nos onze capítulos do caderno as nove férias que conseguira relembrar. Só conseguira fazê-lo com exatidão nos anos que se distinguiam por alguma coisa de excepcional. Em 1964, a mãe de Tamina tinha morrido e eles tinham ido um mês mais tarde para os Tatras, onde tinham passado férias tristes. E ela sabia que no ano seguinte eles tinham ido para a beira-mar na Bulgária. Lembrava-se também das férias de 1968 e das do ano seguinte, porque foram as últimas que eles tinham passado na Boêmia.

Mas se tinha conseguido bem ou mal reconstituir a maioria de suas férias (sem conseguir datar todas), fracassara por completo quando tentava se lembrar de seus Natais e de seus Anos- Novos. De onze Natais, só encontrava dois nos recantos de sua memória, e de onze Anos-Novos, só se lembrava de cinco.

Queria também se lembrar de todos os nomes que ele lhe dera. Ele só a tinha chamado por seu nome verdadeiro nos quinze primeiros dias. Sua ternura era uma máquina de fabricar continuamente apelidos. Ela possuía muitos nomes e, como cada nome se gastava depressa, ele lhe arranjava outros sem parar. Durante os doze anos que eles haviam passado juntos, ela tivera uns vinte ou trinta apelidos, e cada um pertencia a um período preciso da vida deles.

Mas como redescobrir o elo perdido entre um apelido e o ritmo do tempo? Tamina só conseguia tornar a encontrá-lo em alguns casos. Lembrava-se, por exemplo, dos dias que tinham se seguido à morte de sua mãe. O marido lhe cochichava seu nome ao ouvido (o nome daquela época, daquele instante), com insistência, como se tentasse acordá-la de um pesadelo. Era um apelido de que ela se lembrava e que ela pudera registrar com certeza na parte intitulada 1964. Mas todos os outros nomes voavam para fora do tempo, livres e loucos como pássaros fugidos de um viveiro.

É por isso que ela quer tão desesperadamente ter em casa esse embrulho de diários e cartas.

Evidentemente, sabe que existe também nos diários uma porção de coisas desagradáveis, dias de insatisfação, de brigas e até mesmo de tédio, mas não se trata disso, em absoluto. Ela não quer devolver ao passado sua poesia. Quer lhe devolver seu corpo perdido. O que a impele não é um desejo de beleza. É um desejo de vida.

Pois Tamina está à deriva numa jangada e olha para trás, somente para trás. O volume do seu ser não é senão aquilo que ela vê lá longe, atrás dela. Assim como seu passado se contrai, se desfaz, se dissolve, Tamina encolhe e perde seus contornos.

Ela quer ter esses diários para que a frágil estrutura dos acontecimentos, tal como a construiu em seu diário, possa receber paredes e tornar-se a casa onde ela poderá morar.

Porque, se o edifício vacilante das lembranças cai como uma tenda mal levantada, não vai sobrar nada de Tamina a não ser o presente, esse ponto invisível, esse nada que avança lentamente em direção à morte.

6

Então por que não ter dito há mais tempo à sogra que lhe mandasse os diários?

Em seu país, a correspondência com o estrangeiro passa pelas mãos da polícia secreta, e Tamina não podia aceitar a ideia de os funcionários da polícia meterem o nariz em sua vida particular. Além disso, o nome do marido (que era também seu nome) certamente ficara nas listas negras, e a polícia empresta a todos os documentos relacionados com a vida de seus adversários, mesmo mortos, um interesse sem tréguas. (Nesse ponto, Tamina não se enganava, em absoluto. É nos dossiês dos arquivos da polícia que se encontra nossa única imortalidade.)

Bibi era, portanto, sua única esperança, e ela faria tudo para não largá-la. Bibi queria ser apresentada a Banaka e Tamina pensava: sua amiga deveria conhecer o enredo de pelo menos um de seus livros. Na verdade é indispensável que ela mencione na conversa: *É, é exatamente o que o senhor diz no seu livro.* Ou então: *O senhor se parece tanto com seus personagens, senhor Banaka!* Tamina sabia que Bibi não tinha um único livro em casa e que ela se aborrecia com leituras. Queria, então, descobrir o que havia nos livros de Banaka para preparar a amiga para esse encontro com o escritor.

Hugo estava na sala e Tamina acabava de colocar à sua frente uma xícara de café:

— Hugo, você conhece Banaka?

Hugo tinha mau hálito, mas à parte isso Tamina o achava

muito simpático: era um rapaz calmo e tímido, que era mais ou menos cinco anos mais novo do que ela. Vinha ao café uma vez por semana e olhava ora os muitos livros que carregava, ora Tamina de pé, atrás do balcão.

— Conheço — disse ele.

— Gostaria de saber o tema de um de seus livros.

— Ouça, Tamina — respondeu Hugo —, nunca ninguém leu nada de Banaka. É impossível ler um livro de Banaka sem passar por imbecil. Banaka, ninguém duvida disso, é um escritor de segunda, de terceira ou mesmo de décima categoria. Eu lhe asseguro que Banaka é a tal ponto vítima de sua própria reputação que despreza as pessoas que leram seus livros.

Assim sendo, ela não tentou mais conseguir os livros de Banaka, mas estava muito decidida a organizar ela mesma o encontro com o escritor. De vez em quando emprestava seu quarto, que ficava vazio durante o dia, a uma japonesinha casada, de apelido Joujou, para encontros discretos com um professor de filosofia que também era casado. O professor conhecia Banaka, e Tamina fez os amantes prometerem que o levariam à sua casa num dia em que Bibi fosse visitá-la.

Quando Bibi soube da novidade, disse:

— Talvez Banaka seja bonitão e sua vida sexual finalmente muda.

7

Era verdade; desde a morte do marido, Tamina não tinha feito amor. Não era por princípio. Essa fidelidade além da morte parecia-lhe, ao contrário, quase ridícula, e ela não se gabava dela com ninguém. Mas toda vez que imaginava (e ela imaginava isso com frequência) tirar a roupa diante de um homem, tinha diante de si a imagem do marido. Sabia então

que o veria. Sabia que veria seu rosto e seus olhos, que a observariam.

Era evidentemente impróprio, era até mesmo absurdo, e ela se dava conta disso. Não acreditava na vida póstuma da alma do marido e também não pensava que ofenderia sua memória arranjando um amante. Mas não podia fazer nada.

Tivera até esta ideia singular: teria sido muito mais fácil enganar o marido quando vivo. Seu marido era um homem alegre, brincalhão, forte, ela se sentia muito mais fraca do que ele e tinha a impressão de não poder magoá-lo mesmo esforçando-se ao máximo.

Mas tudo se modificara. Hoje ela faria mal a alguém que não poderia se defender, que estava à sua mercê como uma criança. Pois desde que estava morto, seu marido tinha apenas a ela, apenas a ela no mundo!

Era por isso que sempre que ela pensava na possibilidade de amor físico com outro homem, a imagem do marido surgia, e com ela uma lancinante nostalgia, e com a nostalgia uma enorme vontade de chorar.

8

Banaka era feio e dificilmente poderia despertar numa mulher uma sensualidade adormecida. Tamina encheu-lhe a xícara de chá e ele agradeceu de modo muito respeitoso. Todo mundo se sentia bem na casa de Tamina, e o próprio Banaka, virando-se para Bibi com um sorriso, interrompeu uma conversa sem sequência:

— Parece que você quer escrever um livro? Seria um livro a respeito de quê?

— E muito simples — respondeu Bibi. — É um romance. É referente ao mundo como o vejo.

— Um romance? — perguntou Banaka com uma voz que

traía desaprovação.

Bibi retificou de maneira evasiva:

— Não seria necessariamente um romance.

— Pense bem no que é um romance — disse Banaka. — Nessa multidão de personagens diferentes. Você quer que acreditemos que você conhece tudo acerca deles? Que sabe como eles são, o que pensam, como se vestem, de que família vêm? Confesse que isso não lhe interessa absolutamente!

— É verdade — reconheceu Bibi —, isso não me interessa.

— Você sabe — disse Banaka —, o romance é fruto de uma ilusão humana. A ilusão de poder compreender o outro. Mas o que sabemos uns dos outros?

— Nada — disse Bibi.

— E verdade — concordou Joujou.

O professor de filosofia meneava a cabeça em sinal de aprovação.

— Tudo o que podemos fazer — disse Banaka — é apresentar um relato relacionado a nós mesmos. Um relato de cada um a respeito de si mesmo. Todo o resto é apenas abuso de poder. Todo o resto é mentira.

Bibi aprovava com entusiasmo:

— É verdade! E inteiramente verdade! Eu também não quero escrever um romance! Eu me expressei mal. Gostaria de fazer exatamente o que o senhor disse, escrever a meu respeito. Apresentar um relato de minha vida. Ao mesmo tempo, não quero esconder que minha vida é totalmente banal, comum, e que eu nada vivi de original.

Banaka sorria:

— Isso não tem nenhuma importância! Eu também, visto do exterior, não vivi nada de original.

— É — exclamou Bibi —, bem falado! Visto do *exterior*, não vivi nada. Visto do exterior! Mas tenho a impressão de que minha experiência *interior* vale a pena ser escrita e poderia

interessar a todo mundo.

Tamina enchia as xícaras de chá e sentia-se alegre com o fato de que os dois homens que tinham descido ao seu apartamento, vindos do Olimpo do espírito, fossem compreensivos com sua amiga.

O professor de filosofia fumava um cachimbo e se escondia atrás da fumaça como se tivesse vergonha.

— Desde James Joyce — disse ele —, sabemos que a maior aventura de nossa vida é a ausência de aventuras. Ulisses, que tinha lutado em Tróia, voltava singrando os mares, pilotava ele mesmo seu navio, tinha uma amante em cada ilha, não, não é isso nossa vida. A odisséia de Homero transportou-se para dentro. Ela se interiorizou. As ilhas, os mares, as sereias que nos seduzem, Itaca que nos chama, não são hoje senão vozes de nosso ser interior.

É! É exatamente isso o que sinto! — exclamou Bibi, e dirigiu-se novamente a Banaka. — E é por isso que eu queria lhe perguntar o que se deve fazer. Tenho muitas vezes a impressão de que meu corpo inteiro está cheio de desejo de se exprimir. De falar. De se fazer ouvir. Às vezes penso que vou ficar louca, porque me sinto cheia a ponto de estourar, de ter vontade de gritar. O senhor certamente conhece isso, senhor Banaka. Gostaria de expressar minha vida, meus sentimentos, que são, sei disso, absolutamente originais, mas quando sento diante de uma folha de papel, de repente não sei mais o que escrever. Então disse a mim mesma que é certamente uma questão de técnica. Faltam-me, é claro, certos conhecimentos que o senhor possui. O senhor escreveu livros tão bonitos...

9

Vou dispensá-los do curso de arte de escrever que os dois Sócrates deram à moça. Quero falar de outra coisa. Há algum tempo, atravessei Paris de táxi e o chofer era tagarela. Ele não conseguia dormir à noite. Sofria de uma insônia crônica. Isso tinha começado na guerra. Era marinheiro. Seu navio tinha afundado. Ele nadara durante três dias e três noites. Depois fora salvo. Passara muitos meses entre a vida e a morte. Ficara bom, mas perdera o sono.

— Eu tenho atrás de mim um terço de minha vida a mais do que você — disse ele com um sorriso.

— E o que você faz com esse terço a mais? — perguntei.

Ele respondeu:

— Eu escrevo.

Eu quis saber o que ele escrevia.

Escrevia a sua vida. A história de um homem que tinha nadado durante três dias no mar, que tinha lutado contra a morte, que tinha perdido o sono e que, no entanto, conservara a força de viver.

— Você escreve isso para seus filhos? Como uma crônica de família?

Ele sorriu com amargura:

— Para meus filhos? Isso não iria interessá-los. É um livro que escrevo. Acho que poderia ajudar muita gente.

Essa conversa com o chofer de táxi de repente esclareceu para mim a natureza da atividade de escritor. Nós escrevemos livros porque nossos filhos se desinteressam de nós. Nós nos dirigimos ao mundo anônimo porque nossa mulher tapa os ouvidos quando falamos com ela.

Vocês irão replicar que, no caso do chofer de táxi, trata-se de um grafomaniaco e de modo algum de um escritor. Portanto, para começar, é necessário precisar os conceitos.

Uma mulher que escreve quatro cartas por dia para o seu amante não é uma grafomaniaca. É uma apaixonada. Mas meu amigo que tira fotocópias de sua correspondência amorosa para poder publicá-las um dia é um grafomaniaco. A grafomania não é o desejo de escrever cartas, diários íntimos, crônicas familiares (isto é, escrever para si ou para seus próximos), mas de escrever livros (portanto, ter um público de leitores desconhecidos). Nesse sentido, a paixão do chofer de táxi e a de Goethe são a mesma. O que distingue Goethe do chofer de táxi não é uma paixão diferente, mas o resultado diferente da paixão.

A grafomania (mania de escrever livros) assume fatalmente proporções de epidemia quando o desenvolvimento da sociedade preenche três condições fundamentais:

1) um nível elevado de bem-estar geral, que permite às pessoas dedicar-se a uma atividade inútil;

2) um alto grau de dispersão da vida social e, conseqüentemente, de isolamento geral dos indivíduos;

3) a falta radical de grandes mudanças sociais na vida interna da nação (sob esse ponto de vista, parece-me sintomático que na França, onde nada praticamente acontece, a porcentagem de escritores seja vinte e uma vezes mais elevada do que em Israel. Bibi, aliás, se expressou muito bem ao dizer que, *visto do exterior*, ela nada viveu. O motor que a impele a escrever é justamente essa ausência de conteúdo vital, esse vazio).

Mas o efeito, por um contragolpe, se repercute na causa. O isolamento geral engendra a grafomania, e a grafomania generalizada reforça e agrava, por sua vez, o isolamento. A invenção do prelo no passado permitiu aos homens compreenderem-se mutuamente. Na era da grafomania universal, o fato de escrever livros adquire um sentido oposto: cada um se cerca de suas próprias palavras como de

um muro de espelhos que não deixa passar nenhuma voz de fora.

10

— Tamina — disse Hugo, num dia em que conversava com ela no café deserto —, sei que não tenho nenhuma chance com você. Portanto, não tentarei nada. Mas pelo menos será que poderia convidá-la para almoçar no domingo?

O embrulho está na casa da sogra de Tamina numa cidade do interior, e Tamina quer mandá-lo para Praga, para à casa de seu pai, onde Bibi poderá passar para apanhá-lo. Aparentemente, não existe nada de mais simples, mas vai ser preciso muito tempo e dinheiro para convencer pessoas velhas e lunáticas. O telefonema custa caro e o salário de Tamina mal dá para pagar o aluguel e a alimentação.

— Pode — disse Tamina, lembrando-se de que Hugo, com certeza, tinha um telefone em casa.

Ele veio buscá-la de carro e eles foram a um restaurante no campo.

A situação precária de Tamina deveria ter tornado fácil para Hugo o papel de conquistador soberano, mas por trás da personagem de garçoneiro mal paga, ele via a experiência misteriosa da estrangeira e da viúva. Sentia-se intimidado. A amabilidade de Tamina era como uma couraça que as balas não conseguem atravessar. Ele queria chamar sua atenção, cativá-la, entrar em sua cabeça.

Esforçava-se em inventar para ela algo de interessante. Antes de chegar ao destino, parou o carro para fazê-la visitar um jardim zoológico instalado no parque de um belo castelo de província. Eles passeavam entre os macacos e os papagaios num cenário de torres góticas. Estavam sós; um jardineiro com ares de camponês varria as largas aléias cobertas de

folhas. Passaram por um lobo, um castor, um macaco e um tigre e chegaram a um grande descampado demarcado por uma cerca de arame atrás da qual havia alguns avestruzes.

Eram seis. Ao perceberem Tamina e Hugo, correram para eles. Então formaram um pequeno grupo que se comprimia contra a cerca; espichavam seu longo pescoço, olhavam para eles e abriam o bico comprido e achatado. Abriam-no e fechavam-no numa velocidade incrível, febrilmente, como se quisessem falar cada um mais alto do que o outro. Só que o bico deles era desesperadamente mudo e dele não saía o menor som.

Os avestruzes eram como mensageiros que tivessem aprendido de cor uma mensagem importante, mas o inimigo lhes cortara as cordas vocais no caminho, e eles, tendo chegado ao destino, não podiam fazer nada a não ser mexer sua boca afônica.

Tamina os olhava, como que fascinada, e os avestruzes continuavam falando cada vez com mais insistência. Depois, como ela se afastasse com Hugo, eles se precipitaram atrás deles, ao longo da cerca, e continuaram a bater seu bico para preveni-los de alguma coisa, mas de quê, Tamina não sabia.

11

— Foi como uma cena de uma história de terror — dizia Tamina cortando seu patê. — Como se quisessem me dizer algo muito importante. Mas o que queriam dizer?

Hugo explicou que eram avestruzes jovens e que se comportavam sempre assim. A última vez que ele dera uma volta naquele jardim zoológico, todos os seis tinham corrido até a cerca, como naquele dia, abrindo o bico mudo.

Tamina continuava perturbada:

— Sabe, deixei uma coisa na Boêmia. Um embrulho com

papéis. Se me mandarem esse embrulho pelo correio, há o risco de a polícia confiscá-lo. Bibi quer ir a Praga neste verão. Prometeu trazê-lo para mim. E agora estou com medo. Eu me pergunto se os avestruzes não vieram me avisar que aconteceu alguma coisa com o embrulho.

Hugo sabia que Tamina era viúva e que seu marido tinha sido obrigado a emigrar por razões políticas.

— Documentos políticos? — perguntou ele.

Tamina estava há muito tempo convencida de que, se quisesse que as pessoas do lugar compreendessem alguma coisa de sua vida, teria de simplificá-la. Teria sido extremamente difícil explicar por que essa correspondência particular e esses diários íntimos seriam apreendidos pela polícia e por que razões ela fazia tanta questão deles. Então disse:

— É, documentos políticos.

Depois teve medo de que Hugo lhe pedisse detalhes a respeito desses documentos, mas seus temores eram supérfluos. Alguma vez já lhe tinham feito perguntas? As vezes as pessoas lhe explicavam o que pensavam de seu país, mas não se interessavam pela sua experiência.

Hugo perguntou:

— Bibi sabe que são documentos políticos?

— Não — respondeu Tamina.

— É melhor assim — disse Hugo. — Não diga a ela que se trata de alguma coisa política. Na última hora, ela teria medo e não iria pegar o seu embrulho. Você não imagina como as pessoas têm medo, Tamina. Bibi deve ficar pensando que se trata de uma coisa inteiramente insignificante, banal. Por exemplo, de sua correspondência amorosa. É isso, diga a ela que são cartas de amor que estão no seu embrulho.

Hugo ria com sua ideia:

— Cartas de amor! E! Isso não foge ao seu horizonte! Isso

está ao alcance de Bibi!

Tamina pensa que para Hugo cartas de amor são uma coisa insignificante e banal. Não ocorre a ninguém que ela tenha amado alguém e que isso tenha sido importante.

Hugo acrescentou:

— Se por acaso ela desistir dessa viagem, pode contar comigo. Eu irei até lá buscar o seu embrulho.

— Obrigada — disse Tamina, com entusiasmo.

— Vou buscá-lo para você — repetiu Hugo —, mesmo que eu tenha de ser preso.

Tamina protestou:

— Convenhamos, nada pode acontecer com você! — E tentou explicar-lhe que os turistas estrangeiros não corriam nenhum risco em seu país. Lá a vida só era perigosa para os tchecos, e nem eles percebiam mais isso. De repente, ela falou longamente e com animação, conhecia aquele país de cor, e posso confirmar que ela estava com toda a razão.

Uma hora mais tarde, ela apertava contra o ouvido o telefone de Hugo. A conversa com a sogra não terminou de maneira melhor do que da primeira vez:

— Vocês nunca me confiaram chave nenhuma! Vocês sempre esconderam tudo de mim! Por que você está me obrigando a lembrar do modo como vocês sempre me trataram?

12

Se Tamina é tão apegada a suas lembranças, por que não volta para a Boêmia? Os emigrantes que deixaram ilegalmente o país depois de 1968 foram mais tarde anistiados e convidados a voltar. De que Tamina tem medo? Ela é muito insignificante para ficar em perigo em seu país!

É, ela poderia voltar sem medo. E, no entanto, não pode.

No país, todos tinham traído seu marido. Ela achava que voltando para o meio deles o trairia também.

Quando o tinham transferido para cargos cada vez mais subalternos e finalmente expulsado de seu trabalho, ninguém tomara sua defesa. Nem mesmo seus amigos. E claro que Tamina sabia que no fundo de seu coração as pessoas estavam com seu marido. Se tinham se calado, era apenas por medo. Mas justamente porque estavam com ele é que tinham ainda mais vergonha de seu medo, e quando o encontravam na rua fingiam não vê-lo. Por delicadeza, o casal começou, por conta própria, a evitar as pessoas, para não despertar nelas esse sentimento de vergonha. Começaram logo a parecer dois leprosos. Quando foram embora da Boêmia, os antigos colegas de seu marido assinaram uma declaração pública onde o caluniavam e o condenavam. Certamente só tinham feito isso para não perder seus lugares, como o marido de Tamina tinha perdido o seu um pouco antes. Mas tinham feito isso. Dessa maneira, tinham cavado entre eles e os dois exilados um fosso que Tamina jamais consentiria em saltar a fim de voltar para lá.

A primeira noite depois da fuga, quando eles acordaram num pequeno hotel de uma cidade dos Alpes e compreenderam que estavam sós, cortados do mundo onde se desenrolara sua vida pregressa, ela experimentara um sentimento de libertação e de alívio. Eles estavam na montanha, magnificamente sós. Em torno deles reinava um silêncio incrível. Tamina recebia esse silêncio como um dom inesperado e pensava que o marido tinha deixado sua pátria para escapar das perseguições, e ela, para encontrar o silêncio; o silêncio para seu marido e para ela; o silêncio para o amor.

Com a morte do marido, ela fora tomada por uma súbita nostalgia de seu país natal, onde onze anos da vida dos dois

tinham deixado por toda parte suas marcas. Num impulso sentimental, ela mandara participações da morte para uma dezena de amigos. Não recebera uma só resposta.

Um mês mais tarde, com o resto do dinheiro economizado, ela fora para a beira-mar. Vestira seu maio e tomara um tubo de tranquilizantes. Depois nadara para longe, para o alto-mar. Achou que os comprimidos provocariam um imenso cansaço e que ela iria se afogar. Mas a água fria e seus movimentos de atleta (sempre fora excelente nadadora) a impediam de dormir, e os comprimidos eram certamente mais fracos do que ela imaginara.

Voltara para a praia, fora para o quarto e dormira vinte horas. Quando acordara, estava calma e em paz. Ela estava resolvida a viver em silêncio e para o silêncio.

13

A luz azul-prateada do televisor de Bibi iluminava as pessoas presentes: Tamina, Joujou, Bibi e o marido Dedé, que era caixeiro-viajante e que voltara na véspera, após quatro dias de ausência. Flutuava na sala um leve cheiro de urina, e na tela aparecia uma grande cabeça redonda, velha, careca, à qual um jornalista invisível acabava de dirigir uma pergunta provocante:

— Nós lemos nas suas *Memórias* algumas confissões eróticas chocantes.

Era um programa semanal durante o qual um jornalista de grande popularidade conversava com os autores dos livros publicados na semana anterior.

A grande cabeça nua sorria com complacência:

— Ah, não! Não há nada de chocante! Apenas um cálculo inteiramente preciso! Conte comigo: minha vida sexual começou aos quinze anos. — A cabeça velha e redonda olhava

com orgulho em torno de si. — É, aos quinze anos. Tenho hoje sessenta e cinco. Tenho, pois, atrás de mim cinquenta anos de vida sexual. Posso supor, e essa é uma estimativa muito modesta, que fiz amor em média duas vezes por semana. Isso dá cem vezes por ano; portanto, cinco mil vezes na minha vida. Continuemos os cálculos. Se um orgasmo dura cinco segundos, tenho atrás de mim vinte e cinco mil segundos de orgasmo. O que dá um total de seis horas e cinquenta e seis minutos de orgasmo. Nada mal, hem?

Na sala todo mundo meneava a cabeça gravemente e Tamina imaginava o velho careca tomado por um orgasmo ininterrupto: ele se contorce, leva a mão ao coração, no fim de quinze minutos sua dentadura cai da boca e cinco minutos mais tarde ele cai morto. Ela deu uma gargalhada.

Bibi lhe chamou a atenção:

— Do que você está rindo? Não é um balanço tão ruim assim! Seis horas e cinquenta e seis minutos de orgasmo.

Joujou disse:

— Durante muitos anos eu não soube absolutamente o que era ter um orgasmo. Mas agora, há muito anos, tenho orgasmo com bastante regularidade.

Todo mundo começou a falar do orgasmo de Joujou, enquanto na tela um outro rosto expressava indignação.

— Por que ele está tão zangado? — perguntou Dedé.

Na tela, o escritor dizia:

— É muito importante. Muito importante. Eu explico isso no meu livro.

— O que é muito importante? — perguntou Bibi.

— Que ele tenha passado sua infância na cidade de Rourou — explicou Tamina.

O sujeito que tinha passado sua infância na cidade de Rourou tinha um nariz comprido que pesava de maneira tal que sua cabeça pendia cada vez mais para baixo, e em

determinados momentos tinha-se a impressão de que ela iria cair da tela na sala. O rosto pendido por causa do peso do nariz comprido estava extremamente agitado quando ele disse:

— Explico isso no meu livro. Toda a minha obra escrita está ligada à pequena cidade de Rourou, e quem não compreende isso não pode compreender nada de minha obra. Afinal, foi lá que escrevi meus primeiros versos. Sim, na minha opinião, é muito importante.

— Existem homens com quem nunca tenho orgasmo — disse Joujou.

— Não esqueçam — disse o escritor, e seu rosto estava cada vez mais agitado — que foi em Rourou que andei de bicicleta pela primeira vez. E, conto isso com detalhes em meu livro. E vocês sabem o que significa a bicicleta na minha obra. E um símbolo. A bicicleta é para mim o primeiro passo da humanidade para fora do mundo patriarcal, no mundo da civilização. O primeiro namoro com a civilização. O namoro da virgem antes do primeiro beijo. Ainda a virgindade e já o pecado.

— É verdade — disse Joujou. — Minha colega Tanaka teve o seu primeiro orgasmo andando de bicicleta, quando ainda era virgem.

Todo mundo começou a discutir o orgasmo de Tanaka, e Tamina disse a Bibi:

— Você me dá licença de dar um telefonema?

14

O cheiro de urina estava ainda mais forte no cômodo vizinho. Era onde dormia a filha de Bibi.

— Eu sei que vocês não se falam — cochichava Tamina. — Mas sem isso não vou conseguir que ela me entregue o

embrulho. O único meio é você ir à casa dela pegá-lo. Se ela não achar a chave, você a obriga a arrombar a gaveta. São coisas minhas. Cartas e coisas assim. Tenho direito a elas.

— Tamina, não me obrigue a falar com ela!

— Papai, faça um esforço, faça isso por mim. Ela tem medo de você e a você não ousará recusar.

— Ouça, se seus amigos vierem a Praga, darei a eles um casaco de peles para você. É mais importante do que umas cartas velhas.

— Mas eu não quero um casaco de peles. Quero meu embrulho!

— Fale mais alto! Não estou ouvindo! — disse o pai, mas a filha falava baixo de propósito, porque não queria que Bibi ouvisse frases tchecas que iriam revelar que ela tinha telefonado para o estrangeiro e que cada segundo de conversa iria custar caro.

— Eu disse que quero meu embrulho, e não um casaco de peles! — repetiu Tamina.

— Você sempre se interessa por bobagens!

— Papai, a ligação custa terrivelmente caro. Por favor, você não poderia mesmo ir vê-la?

A conversa estava difícil. A cada instante, seu pai a obrigava a repetir as palavras e recusava-se obstinadamente a ir ver sua sogra. Acabou dizendo:

— Telefone para o seu irmão! Ele só precisa ir vê-la! E ele pode me trazer seu embrulho!

— Mas ele nem a conhece!

— É essa justamente a vantagem — disse o pai, rindo. — Senão ele nunca iria vê-la.

Tamina refletiu rapidamente. Não era uma ideia tão má mandar à casa de sua sogra seu irmão, que era enérgico e decidido. Mas Tamina não tinha vontade de lhe telefonar. Eles não tinham se escrito uma única carta desde que ela estava no

estrangeiro. Seu irmão tinha um cargo muito bem remunerado e só tinha conseguido conservá-lo rompendo todos os laços com a irmã emigrada.

— Papai, não posso telefonar para ele. Talvez você mesmo pudesse explicar. Por favor, papai!

15

Papai era pequeno e raquítico, e, antigamente, quando dava a mão a Tamina na rua, empertigava-se todo, como se apresentasse ao mundo inteiro o monumento da noite heróica em que a tinha gerado. Nunca gostara do genro e travava com ele uma guerra sem fim. Ao propor a Tamina enviar-lhe um casaco de peles (que herdara com certeza de uma parenta morta), não pensava em absoluto na saúde da filha, mas nessa velha rivalidade. Queria que ela desse preferência ao pai (o casaco de peles) e não ao marido (o embrulho de cartas).

Tamina estava apavorada com a ideia de que a sorte de seu pacote de cartas estava nas mãos hostis do pai e da sogra. Há algum tempo, acontecia-lhe cada vez com mais frequência imaginar que seus diários fossem lidos por olhos estranhos e ela se dizia que os olhares dos outros são como a chuva que apaga as inscrições nos muros. Ou como a luz que cai prematuramente no papel fotográfico dentro do banho revelador e estraga a imagem.

Compreendia que o que dava sentido e valor a suas lembranças escritas era elas serem destinadas apenas a ela. No momento em que perdessem essa qualidade, o elo íntimo que a unia a elas seria rompido, e ela não poderia mais lê-las com seus próprios olhos, mas somente com os olhos do público que toma conhecimento de um documento a respeito de outra pessoa. Então, mesmo aquela que as escrevera se tornaria outra, uma estranha. A semelhança acentuada que,

apesar de tudo, subsistiria entre ela e a autora dos diários lhe daria a impressão de uma paródia, de uma zombaria. Não, ela não poderia nunca mais ler seus diários se eles fossem lidos por olhos estranhos.

Era por isso que estava cheia de impaciência e desejava recuperar o mais depressa possível seus diários e suas cartas, enquanto a imagem do passado que neles estava fixada ainda não estivesse estragada.

16

Bibi surgiu no café e sentou-se ao balcão:

— Alô, Tamina! Dê-me um uísque!

Em geral, Bibi tomava café e, somente em casos excepcionais, vinho do Porto. O pedido de um uísque mostrava que ela estava com disposições de espírito pouco comuns.

— Seu livro está adiantado? — perguntou Tamina, despejando a bebida num copo.

— Seria preciso que eu estivesse de melhor humor — disse Bibi. Ela esvaziou o copo de um só gole e pediu uma segunda dose.

Outros fregueses acabavam de entrar no café. Tamina perguntou a cada um o que queria, voltou para trás do balcão, deu uma segunda dose de uísque para a amiga e foi servir os fregueses. Quando voltou, Bibi lhe disse:

— Não consigo mais entender Dedé. Quando ele volta de suas viagens, fica na cama dois dias inteiros. Durante dois dias não tira o pijama! Você aguentaria isso? E o pior é quando ele quer fazer amor. Ele não consegue entender que não me agrada fazer amor, mas nem um pouco. Tenho que deixá-lo. Ele passa o tempo todo programando férias idiotas. Fica na cama de pijama com um atlas na mão. Primeiro queria

ir a Praga. Mas agora isso já não lhe diz nada. Descobriu um livro que descreve a Irlanda e quer ir para lá a qualquer preço.

— Então vocês vão à Irlanda nas férias? — perguntou Tamina com um nó na garganta.

— *Nós? Nós* não iremos a parte alguma. Eu vou ficar aqui e escrever. Ele não vai me fazer ir a parte alguma. Não preciso de Dedé. Ele não se interessa nem um pouco por mim. Estou escrevendo, e imagine que ele ainda nem me perguntou o que estou escrevendo. Compreendi que nós não temos mais nada a nos dizer.

Tamina queria perguntar: “Então vocês não vão mais a Praga?” Mas estava com um nó na garganta e não podia falar.

Nesse momento, Jujou, a pequena japonesa, entrou no café e sentou-se num tamborete do bar, ao lado de Bibi. Ela disse:

— Você seria capaz de fazer amor em público?

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Bibi.

— Por exemplo, aqui, no chão do café, na frente de todo mundo. Ou no cinema, durante o intervalo?

— Quieta! — berrou Bibi em direção ao piso, onde a filha fazia barulho ao pé de seu tamborete. Depois disse: — Por que não? É uma coisa natural. Por que teria vergonha de uma coisa natural?

Mais uma vez, Tamina se preparou para perguntar a Bibi se ela iria a Praga. Mas compreendeu que a pergunta era supérflua. Era mais do que evidente. Bibi não iria a Praga.

A dona do café saiu da cozinha e sorriu para Bibi:

— Como vai?

— É preciso uma revolução — disse Bibi —, é preciso que algo aconteça! Que algo aconteça, afinal!

Nessa noite Tamina sonhou com os avestruzes. Eles se encostavam na cerca e falavam todos ao mesmo tempo. Ela estava apavorada. Não podia se mexer, observava os bicos

mudos, como que hipnotizada. Conservava os lábios convulsivamente fechados. Porque tinha um anel de ouro na boca e temia por esse anel.

17

Por que a imagino com um anel de ouro na boca?

Não posso fazer nada, eu a imagino assim. E de repente uma frase me volta à lembrança: "*Uma nota leve, límpida, metálica; como de um anel de ouro caindo num vaso de prata*

Thomas Mann, quando era ainda muito moço, escreveu uma novela candidamente fascinante acerca da morte: nessa novela, a morte é bela, como é bela para todos aqueles que sonham com ela quando são muito moços e a morte é ainda irreal e encantadora, semelhante à voz azulada dos lugares distantes.

Um rapaz vitimado por uma doença mortal sobe num trem e depois desce numa estação desconhecida, entra numa cidade cujo nome ignora e numa casa qualquer, na casa de uma velha cuja testa é coberta de manchas vermelhas, e aluga um quarto. Não, não vou contar o que acontece depois nessa habitação sublocada, quero apenas lembrar um acontecimento insignificante: quando o rapaz doente andava no quarto, *ele julgava ouvir nos quartos vizinhos, entre o martelar de seus passos, um barulho indefinível, uma nota leve, límpida, metálica. Mas talvez fosse apenas uma ilusão. Como de um anel de ouro caindo num vaso de prata, imaginava ele...*

Na novela, esse pequeno detalhe acústico fica sem consequência e sem explicação. Somente do ponto de vista da ação, ele poderia ser omitido sem inconvenientes. Esse som simplesmente ressoou; de repente; assim.

Acho que Thomas Mann fez tinir essa nota *leve, límpida, metálica* para que nascesse o silêncio. Ele precisava disso

para que ouvíssemos a beleza (porque a morte da qual ele falava era a *morte-beleza*) e a beleza, para ser perceptível, precisa de um grau mínimo de silêncio (cuja medida é precisamente o som que produz um anel de ouro caindo num vaso de prata).

(Sim, eu sei, vocês não sabem de que estou falando porque a beleza desapareceu há muito tempo. Ela desapareceu sob a superfície do ruído — ruído das palavras, ruído dos carros, ruído da música — em que vivemos constantemente. Está submersa como a Atlântida. Dela só restou uma palavra cujo sentido é cada ano menos inteligível.)

Tamina ouviu pela primeira vez esse silêncio (precioso como um fragmento de uma estátua de mármore da Atlântida submersa) quando acordou, depois de ter fugido do seu país, num hotel de montanha cercado de florestas. Ela o ouviu uma segunda vez quando nadou no mar, com o estômago cheio de comprimidos, que lhe trouxeram, em vez da morte, uma paz inesperada. Ela quer proteger esse silêncio com o seu corpo e em seu corpo. E por isso que a vejo em seu sonho de pé, encostada na cerca de arame; na boca convulsivamente fechada, ela tem um anel de ouro.

Diante dela estão seis pescoços compridos encimados por minúsculas cabeças com bicos achatados que se abrem e se fecham sem ruído. Ela não os compreende. Não sabe se os avestruzes a ameaçam, a alertam, a encorajam ou imploram. Teme pelo anel de ouro (esse diapasão do silêncio) e guarda-o convulsivamente na boca.

Tamina nunca saberá o que vieram lhe dizer essas grandes aves. Mas eu sei. Elas não vieram nem para preveni-la, nem para chamá-la à ordem, nem para ameaçá-la. Elas não se interessam por ela, em absoluto. Vieram todas para lhe falar de si. Todas para lhe dizer como comeram, como dormiram, como correram até a cerca e o que viram atrás

dela. Que passaram sua importante infância na importante cidade de Rourou. Que seu importante orgasmo durou seis horas. Que viram uma mulher passear atrás da cerca e que ela usava um xale. Que nadaram, ficaram doentes e depois ficaram boas. Que andavam de bicicleta quando moças e que, naquele dia, comeram um saco de capim. Colocam-se todas diante de Tamina e falam-lhe ao mesmo tempo, com veemência, com insistência e com agressividade porque não existe nada no mundo mais importante do que aquilo que elas querem lhe dizer.

18

Alguns dias mais tarde, Banaka fez sua aparição no café. Completamente bêbado, sentou-se no tamborete do bar, caiu dele duas vezes, tornou a se sentar, pediu uma aguardente de maçã e deitou a cabeça no balcão. Tamina percebeu que ele chorava.

— O que está acontecendo, senhor Banaka? — perguntou ela.

Banaka ergueu para ela um olhar lacrimoso e apontou com o dedo para o peito:

— Eu não sou, você compreende? Eu não sou! Eu não existo!

Depois foi ao banheiro e do banheiro diretamente para a rua, sem pagar.

Tamina contou o incidente a Hugo, que, à guisa de explicação, mostrou-lhe uma página de jornal em que havia muitas resenhas de livros e, a respeito da produção de Banaka, uma nota composta de quatro linhas sarcásticas.

O episódio de Banaka, que apontava o dedo indicador para o peito, chorando, porque não existia, me lembra um verso de *O divã ocidental-oriental* de Goethe: “*Estamos vivos*

quando outros homens vivem?" Na pergunta de Goethe se esconde todo o mistério da condição de escritor: o homem, pelo fato de escrever livros, transforma-se em universo (não se fala no universo de Balzac, no universo de Tchekhov, no universo de Kafka?) e o próprio de um universo é justamente ser único. A existência de um outro universo o ameaça na sua própria essência.

Dois sapateiros, desde que tenham suas lojas exatamente na mesma rua, podem viver em perfeita harmonia. Mas se começarem a escrever um livro acerca da vida dos sapateiros, eles vão logo incomodar um ao outro e fazer entre si a pergunta: *Um sapateiro está vivo quando vivem outros sapateiros?*

Tamina tem a impressão de que um só olhar estranho pode destruir todo o valor de seus diários íntimos, e Goethe está convencido de que um só olhar de um só ser humano que não esteja presente nas linhas da sua obra coloca em questão a própria existência de Goethe. A diferença entre Tamina e Goethe é a diferença entre o homem e o escritor.

Aquele que escreve livros é tudo (um universo único para si mesmo e para todos os outros) ou nada. E porque nunca será dado a ninguém ser *tudo*, nós todos que escrevemos livros não somos *nada*. Somos desconhecidos, ciumentos, azedos, e desejamos a morte do outro. Nisso somos todos iguais: Banaka, Bibi, eu e Goethe.

A irresistível proliferação da grafomania entre os homens políticos, os motoristas de táxi, as parturientes, os amantes, os assassinos, os ladrões, as prostitutas, os prefeitos, os médicos e os doentes me demonstra que todo homem, sem exceção, traz em si sua potencialidade de escritor, de modo que toda a espécie humana poderia com todo o direito sair na rua e gritar: "Somos todos escritores!"

Pois cada um de nós sofre com a ideia de desaparecer, sem ser ouvido e notado, num universo indiferente, e por isso

quer, enquanto ainda é tempo, transformar a si mesmo em seu próprio universo de palavras.

Quando um dia (isso acontecerá logo) todo homem acordar escritor, terá chegado o tempo da surdez e da incompreensão universais.

19

Agora, Hugo é sua única esperança. Convidou-a para jantar e dessa vez ela aceitou o convite sem hesitar.

Hugo está sentado à mesa, em frente a ela, e tem apenas uma ideia: Tamina continua escapando-lhe. Em sua presença, ele se sente inseguro e não ousa atacar de frente. E quanto mais sofre por não poder atingir um alvo tão modesto e tão preciso, maior é o seu desejo de conquistar o mundo, essa imensidão imprecisa. Tira do bolso uma revista, desdobra-a e a entrega a Tamina. Na página em que abriu há um longo artigo assinado com o nome dele.

Ele começa um longo discurso. Fala da revista que acaba de lhe entregar: sim, no momento, ela tem sobretudo uma distribuição local, mas ao mesmo tempo que é uma sólida revista teórica, seus autores são pessoas corajosas que irão longe. Hugo falava, falava, e suas palavras queriam ser a metáfora de sua agressividade erótica, o desfile de sua força viril. Havia em suas palavras a disponibilidade do abstrato que se precipitara para substituir o concreto inflexível.

E Tamina olha Hugo e retifica seu rosto. Esse exercício espiritual tornou-se uma mania. Ela não sabe mais olhar um homem de outra maneira. Faz um esforço, todo o poder de sua imaginação é mobilizado, mas em seguida os olhos castanhos de Hugo mudam realmente de cor e, de um só golpe, tornam-se azuis. Tamina olha-o fixo, porque, para evitar que a cor azul desapareça, ela tem de mantê-la nos

olhos de Hugo com toda a força de seu olhar.

Esse olhar inquieta Hugo, e por causa disso ele fala, fala mais ainda; seus olhos são de um belo azul, sua testa alarga-se suavemente dos lados até que dos seus cabelos resta apenas um pequeno triângulo na frente, com a ponta virada para baixo.

— Sempre dirigi minhas críticas contra nosso mundo ocidental e somente contra ele. Mas a injustiça que reina em nosso país poderia nos conduzir a uma indulgência errada em relação a outros países. Graças a você; é, graças a você, Tamina, compreendi que o problema do poder é o mesmo em toda parte, no seu país e no nosso, no Oeste e no Leste. Nós não devemos tentar substituir um tipo de poder por outro, mas sim negar o próprio *principio* do poder e rejeitá-lo em todos os lugares.

Hugo curva-se sobre a mesa em direção a Tamina, e seu hálito azedo a atrapalha nos seus exercícios espirituais, tanto que a testa de Hugo se cobre novamente de uma espessa cabeleira que vem até embaixo. E Hugo repete que compreendeu tudo isso graças a ela.

— Como? — interrompe Tamina. — Nunca conversamos a respeito disso!

Nesse instante, o rosto de Hugo tem somente um olho azul, que lentamente transforma-se em castanho.

— Eu não precisava que você me falasse, Tamina. Basta eu ter pensado muito em você.

O garçom inclina-se para colocar diante deles a entrada.

— Vou ler isso em casa — disse Tamina, enfiando a revista na bolsa. Depois disse: — Bibi não irá a Praga.

— Eu tinha certeza disso — disse Hugo, e acrescentou: — Não tenha medo de nada, Tamina. Eu lhe prometi. Irei até lá para você.

— Tenho uma boa notícia para você. Falei com seu irmão. Ele vai ver sua sogra no sábado.

— É verdade? E você explicou tudo a ele? Disse a ele que, se minha sogra não encontrar a chave, ele deve arrombar a gaveta?

Tamina desligou, tinha a impressão de estar bêbada.

— Uma boa notícia? — perguntou Hugo.

— Sim — disse Tamina.

Tinha no ouvido a voz do pai, alegre e enérgica, e pensava que fora injusta com ele.

Hugo levantou-se e aproximou-se do bar. Apanhou dois copos e despejou uísque neles:

— Tamina, telefone de minha casa quando quiser e quanto quiser. Vou repetir aquilo que já lhe disse. Sinto-me bem com você, mesmo sabendo que você nunca vai dormir comigo.

Ele se obrigara a dizer *sabendo que você nunca vai dormir comigo* unicamente para provar a si mesmo que era capaz de dizer certas palavras àquela mulher inacessível (se bem que sob uma forma prudentemente negativa) e achava-se quase audacioso.

Tamina levantou-se e dirigiu-se a Hugo para apanhar seu copo. Pensava no irmão: eles não se falavam mais; no entanto, gostavam muito um do outro e estavam prontos a se ajudar mutuamente.

— Que todos os seus desejos se realizem! — disse Hugo, e esvaziou o copo.

Tamina também bebeu seu uísque de um só trago e colocou o copo na mesa baixa. Fez menção de sentar-se novamente, mas Hugo já a apertava em seus braços.

Ela não se defendeu; contentou-se em desviar a cabeça. Torcia a boca e franzia a testa.

Ele a tomara nos braços sem mesmo saber como. A princípio ficou assustado com seu gesto e, se Tamina o tivesse empurrado, teria se afastado timidamente dela, quase se desculpando. Mas Tamina não o empurrou, e seu rosto contorcido e sua cabeça virada o excitaram enormemente. As poucas mulheres que conhecera até então nunca reagiam de maneira tão eloquente às suas carícias. Se estivessem decididas a dormir com ele, tiravam a roupa tranquilamente, com uma espécie de indiferença, esperando para ver o que ele iria fazer com seu corpo. A careta no rosto de Tamina dava a esse abraço um significado com que ele jamais sonhara. Ele a apertava com frenesi e tentava arrancar-lhe as roupas.

Mas por que Tamina não se defendia?

Havia três anos que ela pensava com temor nesse momento. Havia três anos que vivia sob o olhar hipnótico desse instante. E ele chegara exatamente como ela imaginara. Por isso não se defendia. Aceitava-o como se aceita o inelutável.

Podia apenas desviar a cabeça. Mas isso não adiantava nada. A imagem do marido estava lá, e à medida que ela virava o rosto, a imagem se deslocava ao redor da sala. Era um grande retrato de um marido grotescamente alto, maior do que o tamanho natural, sim, exatamente o que ela imaginara nos três últimos anos.

Depois ela ficou inteiramente nua, e Hugo, excitado com aquilo que pensava ser excitação nela, constatou com espanto que o sexo de Tamina estava seco.

No passado, ela submetera-se a uma intervenção cirúrgica sem anestesia e durante a operação obrigara-se a repetir os verbos irregulares ingleses. Naquele instante tentava fazer o mesmo e concentrava todos os seus pensamentos em seus diários. Pensava que logo estariam a salvo na casa de seu pai e que esse bom Hugo iria buscá-los para ela.

Já havia algum tempo que o bom Hugo mexia-se violentamente sobre ela, quando ela percebeu que ele estava curiosamente apoiado nos antebraços e agitava os flancos em todos os sentidos. Compreendeu que ele estava insatisfeito com suas reações, que não achava que ela estivesse suficientemente excitada e que se esforçava por penetrá-la sob diferentes ângulos, para encontrar em algum lugar nas suas profundezas o ponto misterioso de sua sensibilidade que se esquivava dele.

Ela não queria ver seus esforços laboriosos e virou a cabeça. Tentou controlar seus pensamentos e dirigi-los de novo para os diários. Forçou-se a repetir mentalmente a ordem de suas férias, tal como conseguira, ainda de maneira incompleta, reconstituí-la: as primeiras férias às margens de um pequeno lago na Boêmia, depois a Iugoslávia, novamente o pequeno lago na Boêmia e uma estância hidromineral, igualmente na Boêmia, mas a ordem de suas férias era incerta. Em 1964, eles tinham ido para os Tatras e no ano seguinte para a Bulgária, mas depois disso as marcas se apagavam. Em 1968 tinham ficado em Praga as férias inteiras, no ano seguinte tinham ido para uma estância hidromineral, depois acontecera a emigração, e suas últimas férias eles tinham passado na Itália.

Hugo afastou-se dela e tentou virar-lhe o corpo. Ela compreendeu que ele queria que ela ficasse de quatro. Nesse

momento lembrou-se de que Hugo era mais moço que ela e sentiu vergonha. Mas fez um esforço para sufocar dentro de si todos os sentimentos e obedecer-lhe com total indiferença. Em seguida sentiu os choques duros do corpo dele no seu traseiro. Compreendeu que ele queria impressioná-la com sua força e sua resistência, que ele travava um combate decisivo, que se submetia a um exame de admissão em que devia fornecer a prova de que era capaz de vencê-la e de ser digno dela.

Ela não sabia que Hugo não a enxergava. Com a fugitiva visão do traseiro de Tamina (do olho aberto desse traseiro adulto e belo, do olho que o olhava sem piedade), ele ficara tão excitado que fechava os olhos, diminuía seu ritmo e respirava profundamente. Também esforçava-se em pensar obstinadamente em alguma outra coisa (era o único ponto que eles tinham em comum) para continuar ainda um instante a fazer amor com ela.

E Tamina, enquanto isso, via diante dela o rosto gigante do marido na porta branca do armário de Hugo. Fechou rapidamente os olhos para repetir mais uma vez a ordem de suas férias, como se fossem verbos irregulares: primeiro as férias às margens do lago; depois, a Iugoslávia, o lago, a estância hidromineral; ou então a estância hidromineral, a Iugoslávia, o lago; em seguida os Tatras e a Bulgária, depois o fio se perdia; mais tarde Praga, a estância hidromineral e, para terminar, a Itália.

A respiração barulhenta de Hugo arrancou-a de sua evocação. Ela abriu os olhos e no armário branco viu o rosto do marido.

Por sua vez, Hugo abriu de repente os olhos. Enxergou o olho do traseiro de Tamina; a volúpia o atingiu como um raio.

Quando o irmão de Tamina foi buscar os diários não teve de arrombar a gaveta, que não estava fechada à chave; e os onze cadernos estavam todos lá. Eles não estavam embrulhados, mas jogados de qualquer jeito. As cartas também estavam em desordem; eram apenas um monte de papéis informe. O irmão de Tamina meteu-as com os cadernos numa maleta que levou para a casa do pai.

Ao telefone, Tamina pediu ao pai para embalar tudo cuidadosamente, fechar o embrulho com fita adesiva, e, sobretudo, insistiu que não lessem nada, nem ele, nem o irmão.

Ele lhe assegurou, num tom quase ofendido, que nunca lhes teria vindo à cabeça a ideia de imitar sua sogra e ler algo que não lhes dissesse respeito. Mas eu sei (e Tamina também sabe) que existem olhadas a cuja tentação ninguém resiste: por exemplo, olhar um acidente de trânsito ou uma carta de amor que pertence a outro.

Assim, os escritos íntimos estavam finalmente depositados na casa do pai. Mas Tamina ainda estaria interessada neles? Não tinha ela dito cem vezes para si mesma que os olhares estranhos são como a chuva que apaga as inscrições?

Não, ela se enganara. Ela os deseja ainda mais do que antes, eles lhe são ainda mais caros. São diários devastados e violados, como ela mesma; elas têm, portanto — ela e suas lembranças —, o mesmo destino fraternal. Ela as ama ainda mais.

Mas sente-se aviltada.

Isso fora há muito tempo, quando ela ainda tinha sete anos, e seu tio a surpreendera nua no quarto de dormir. Ela sentira uma vergonha horrível e sua vergonha se transformara

em revolta. Ela se fizera então o juramento solene e pueril de nunca mais olhar para ele. Podiam ralhar com ela, gritar, caçoar dela, mas ela nunca mais levantou os olhos para o tio que muitas vezes vinha visitá-los em casa.

Encontrava-se então numa situação semelhante. Embora se sentisse grata a eles, não queria mais ver nem o pai nem o irmão. Sabia, mais nitidamente do que antes, que nunca mais voltaria para perto deles.

23

O sucesso sexual inesperado tinha trazido a Hugo uma decepção igualmente inesperada. Ele podia fazer amor com ela quando quisesse (ela não podia lhe recusar o que tinha lhe concedido uma vez), mas sentia que não tinha conseguido nem cativá-la nem deslumbrá-la. Oh, como podia um corpo nu sob seu corpo ser tão indiferente, inatingível, distante, alheio! Não queria ele que ela fizesse parte de seu mundo interior, desse universo grandioso modelado com seu sangue e com seus pensamentos?

Ele está sentado diante dela no restaurante e diz:

— Quero escrever um livro, Tamina, um livro a respeito do amor, é, a respeito de mim e de você, de nós dois, nosso diário mais íntimo, o diário de nossos corpos; é, quero varrer nele todos os tabus e dizer tudo, dizer tudo de mim, tudo o que sou e o que penso, e será ao mesmo tempo um livro político, um livro político acerca do amor e um livro de amor acerca da política...

Tamina olha Hugo e, de repente, ele não consegue suportar mais esse olhar e perde o fio de seus pensamentos. Quer capturá-la dentro do universo de seu sangue e de seus pensamentos, mas ela está totalmente cercada dentro de seu próprio mundo. Por não serem compartilhadas, as palavras

que ele diz pesam- lhe cada vez mais na boca, e sua elocução torna-se cada vez mais lenta:

—... um livro de amor a respeito de política, sim, porque o mundo deve ser criado na medida do homem, na nossa medida, na medida de nossos corpos, de seu corpo, Tamina, de meu corpo; é, para que possamos um dia beijar de outra maneira e amar de outra forma...

As palavras são cada vez mais pesadas, como grandes mordidas numa carne dura de mastigar. Hugo se cala. Tamina é bela e ele a detesta. Acha que ela abusa da sorte. Ela se colocou no alto de seu passado de emigrante e de viúva como sobre um arranha-céu de um falso orgulho, do alto do qual olha para os outros. Cheio de ciúme, Hugo pensa na torre que ele mesmo tentou erguer em frente a esse arranha-céu e que ela recusou-se a ver: uma torre feita de um artigo publicado e do projeto de um livro acerca do amor deles.

Em seguida, Tamina lhe pergunta:

— Quando você vai a Praga?

E Hugo considera que ela nunca o amou. Se está com ele é unicamente porque precisa que ele vá a Praga. Ele é tomado de um irresistível desejo de vingar-se dela:

— Tamina — diz ele —, pensei que você mesma iria compreender. Afinal, você leu o meu artigo!

— Li — respondeu Tamina.

Ele não acredita nela. E se ela o leu, não sentiu o menor interesse por ele. Nunca fez alusão a ele. E Hugo sente que o único grande sentimento de que é capaz é a fidelidade a essa torre desconhecida e abandonada (a torre do artigo publicado e do projeto de um livro a respeito de seu amor por Tamina), que é capaz de combater por essa torre e que obrigará Tamina a abrir os olhos para ela e maravilhar-se com sua altura.

— Você sabe então que falo do problema do poder em meu artigo. Nele analiso o funcionamento do poder. E critico

o que acontece em seu país. Falo sem rodeios.

— Ouça, você acha mesmo que conhecem seu artigo em Praga?

Hugo sente-se ferido com sua ironia:

— Há muito tempo que você não vive mais em seu país, você esqueceu do que a polícia de lá é capaz. Esse artigo teve uma grande repercussão. Recebi uma porção de cartas. A polícia do seu país sabe quem eu sou. Sei disso.

Tamina se cala e está cada vez mais bonita. Meu Deus, ele aceitaria fazer uma centena de viagens a Praga, de ida e volta, se pelo menos ela abrisse um pouco os olhos para o universo em que ele queria prendê-la, o universo de seu sangue e de seus pensamentos! E de repente ele muda de tom:

— Tamina — disse com tristeza —, sei que você está com raiva de mim porque não posso ir a Praga. Primeiro eu achei que poderia esperar para publicar esse artigo, mas depois compreendi que não tinha o direito de me calar por mais tempo. Você compreende?

— Não — respondeu Tamina.

Hugo sabe que só diz absurdos que o levam para onde ele não queria se deixar levar por nada no mundo, mas não pode mais recuar e está desesperado. Manchas vermelhas colorem seu rosto e sua voz vacila:

— Você não me compreende? Não quero que as coisas acabem no nosso país como no seu! Se todos nos calarmos, acabaremos todos escravos.

Nesse momento, uma terrível repugnância se apossou de Tamina; ela se levantou da cadeira e correu para o banheiro; o estômago lhe subia até a garganta; ela ajoelhou-se diante do vaso sanitário para vomitar; seu corpo se contorcia como se ela fosse sacudida por soluços e ela via diante de si os colhões, o traseiro e os pêlos daquele sujeito e sentia o bafo azedo de sua boca, sentia o contato das coxas dele sobre suas

nádegas e atravessou-lhe a mente a ideia de que ela não podia mais imaginar o sexo e os pêlos do marido, que a memória do nojo é, portanto, maior do que a memória da ternura (ah, meu Deus, a memória do nojo é maior do que a memória da ternura!) e que em sua pobre cabeça não iria sobrar nada a não ser esse sujeito que tinha mau hálito, e ela vomitava, se contorcia e vomitava.

Saiu do banheiro e sua boca (ainda cheia do cheiro ácido) estava firmemente fechada.

Ele estava embaraçado. Quis acompanhá-la até em casa, mas ela não dizia uma palavra e continuava com a boca firmemente fechada (como no sonho em que guardava na boca um anel de ouro).

Ele falava e como única resposta ela apertava o passo. Logo, ele não encontrou mais nada para dizer; andou ainda alguns metros perto dela em silêncio, depois ficou parado, sem se mexer. Ela seguiu reto, em frente, e nem mesmo se virou.

Continuou servindo cafés e nunca mais telefonou para Praga.

Quinta parte - "Litost"

Quem é Christine?

Christine é uma pessoa de aproximadamente trinta anos, tem um filho, um marido açougueiro com quem se entende muito bem e um caso intermitente com um garagista do lugar, que de tempos em tempos faz amor com ela em condições pouco confortáveis, depois do horário de trabalho, numa oficina. A cidadezinha não se presta nada a amores extraconjugais, ou melhor, para nos expressarmos de outro modo, seriam necessários tesouros de engenhosidade e de audácia, qualidades de que a senhora Christine não é abundantemente dotada.

O encontro com o estudante não fez outra coisa senão virar ainda mais sua cabeça. Ele veio passar as férias na casa da mãe, na cidadezinha; por duas vezes olhou longamente para a açougueira, de pé em seu balcão, no açougue; na terceira vez dirigiu-lhe a palavra na piscina da cidade; havia em sua atitude uma timidez tão encantadora a que a jovem mulher, acostumada com o açougueiro e com o garagista, não pôde resistir. Desde o casamento (há uns dez anos), ela não tinha ousado tocar em outro homem além do marido, a não ser quando estava em segurança na garagem trancada, entre automóveis desmontados e velhos pneus, e eis que de repente encontrou audácia para ir a um encontro de amor ao ar livre, exposta a todos os olhares indiscretos. Embora eles escolhessem para seus passeios os lugares mais isolados, onde a eventualidade de um encontro com importunos era pouco provável, a senhora Christine ficava com o coração acelerado, cheia de um medo estimulante. Mas, quanto mais se mostrava corajosa diante do perigo, mais reservada ficava com o estudante. Eles não foram muito longe. Ele conseguiu apenas rápidos abraços e beijos carinhosos, mais de uma vez

ela escapou de seus braços e, quando ele a acariciava, ela mantinha as pernas fechadas.

Não que ela não quisesse o estudante. É que ela se apaixonara, desde o começo, por sua terna timidez e desejava preservá-la. Ouvir um homem expor suas ideias a respeito da vida e citar nomes de poetas e de filósofos era uma coisa que nunca tinha acontecido à senhora Christine. O estudante, esse infeliz, não podia falar de mais nada; a gama de sua eloquência de sedutor era bem limitada, e ele não sabia adaptá-la à condição social de suas interlocutoras. Aliás, ele sentia que não havia por que se censurar, pois com essa simples mulher de açougueiro, as citações tiradas dos filósofos produziam muito mais efeito do que com uma colega de faculdade. Uma coisa, no entanto, ele não conseguia entender: uma citação eficaz emprestada de um filósofo encantava sem dúvida a alma da açougueira, mas erguia como que um obstáculo entre o corpo dela e o dele. Pois a senhora Christine imaginava confusamente que, entregando seu corpo ao estudante, rebaixaria a ligação deles ao nível do açougueiro ou do garagista e nunca mais ouviria falar de Schopenhauer.

Diante do estudante, ela sofria de um constrangimento que nunca conhecera até então. Com o açougueiro e o garagista, ela sempre conseguia falar de tudo, rápida e alegremente. Por exemplo, ficara combinado que todos os dois deveriam tomar muito cuidado, porque o médico lhe dissera, depois do parto, que ela não poderia permitir-se ter um segundo filho, que, se isso acontecesse, ela poria em risco sua saúde, talvez sua vida. A história se passa num tempo muito antigo, em que os abortos eram rigorosamente proibidos e em que as mulheres não tinham nenhum meio de limitar, por si mesmas, sua fecundidade. O açougueiro e o garagista compreendiam muito bem os temores de Christine e esta, antes de permitir que eles a penetrassem, certificava-se

com uma naturalidade cheia de bom humor se eles tinham tomado todas as precauções que lhes eram exigidas. Mas diante da ideia de se comportar da mesma maneira com seu anjo, que para encontrá-la descera de uma nuvem onde se ocupava com Schopenhauer, ela sentia que não encontraria as palavras adequadas. Posso concluir disso que sua reserva erótica tinha duas razões: manter o estudante o maior tempo possível no território encantado de uma terna timidez e evitar o maior tempo possível o mal-estar que não deixariam de lhe provocar as instruções e as precauções triviais que, na sua opinião, são indispensáveis ao amor físico.

Mas o estudante, apesar de toda a sua delicadeza, tinha a cabeça dura. Por mais que a senhora Christine apertasse as coxas com força, ele a segurava corajosamente pelo traseiro e esse contato significava que, se alguém gosta de citar Schopenhauer, isso não quer dizer que ele esteja disposto a renunciar a um corpo que lhe agrada.

Por fim, as férias terminam, e os dois namorados descobrem que terão dificuldade de ficar um ano inteiro sem se ver. A senhora Christine só resta arranjar um pretexto para ir encontrá-lo. Todos os dois sabem muito bem o que significará essa visita. Em Praga, o estudante mora numa pequena mansarda, e a senhora Christine não pode acabar em outro lugar.

O que é a “*litost*”?

Litost é uma palavra tcheca intraduzível em outras línguas. Sua primeira sílaba, que se pronuncia de maneira longa e acentuada, lembra o lamento de um cachorro abandonado. Para o sentido da palavra, procuro inutilmente um equivalente em outras línguas, embora eu tenha dificuldade de imaginar que se possa compreender a alma

humana sem ela.

Vou dar um exemplo: o estudante tomava banho com sua amiga, também estudante, no rio. A moça era esportiva, mas ele nadava muito mal. Não sabia respirar embaixo d'água, nadava devagar, a cabeça nervosamente levantada acima da superfície. A estudante estava tão irracionalmente apaixonada por ele e era tão delicada que nadava quase tão devagar quanto ele. Mas como o horário de banho estava quase na hora de acabar, ela quis dar por um instante livre curso a seu instinto esportivo e dirigiu-se à margem oposta num *crawl* rápido. O estudante fez um esforço para nadar mais depressa, mas engoliu água. Sentiu-se diminuído, desmascarado na sua inferioridade física, e sentiu a *litost*. Lembrou-se de sua infância doentia, sem exercícios físicos e sem amigos, sob o olhar excessivamente afetuoso da mãe e ficou desesperado consigo mesmo e com sua vida. Ao voltarem para casa por um caminho campestre, os dois se conservaram calados. Ferido e humilhado, ele sentia um irresistível desejo de bater nela. “*O que está acontecendo com você?*”, perguntou ela, e ele a censurou: ela sabia muito bem que havia correntes perto da outra margem, ele a tinha proibido de nadar daquele lado, porque ela corria o risco de se afogar — e deu-lhe um tapa no rosto. A moça começou a chorar e, diante das lágrimas em seu rosto, ele sentiu pena dela, tomou-a nos braços e sua *litost* se dissipou.

Ou então um outro acontecimento da infância do estudante: seus pais lhe fizeram tomar lições de violino. Ele não era muito dotado, e o professor o interrompia com uma voz fria e insuportável censurando-lhe os erros. Ele se sentia humilhado e tinha vontade de chorar. Mas, em vez de esforçar-se para tocar de maneira correta e não cometer erros, eis que ele se enganava deliberadamente; a voz do professor ficava ainda mais insuportável e dura, e ele mergulhava cada vez mais na sua *litost*.

Então o que é a *litost*?

A *litost* é um estado atormentador nascido do espetáculo de nossa própria miséria repentinamente descoberta.

Entre os remédios habituais contra nossa própria miséria, há o amor. Pois aquele que é amado de maneira absoluta não pode se sentir miserável. Todas as fraquezas são resgatadas pelo olhar mágico do amor, sob o qual mesmo um nado desajeitado, com a cabeça para fora da superfície da água, pode tornar-se sedutor.

O absoluto do amor é na realidade um desejo de identidade absoluta: é preciso que a mulher que amamos nade tão devagar quanto nós, é preciso que ela não tenha um passado que lhe pertença particularmente e do qual possa se lembrar com alegria. Mas quando a ilusão da identidade absoluta é quebrada (a moça se lembra com alegria de seu passado ou então nada depressa), o amor se torna uma fonte permanente do grande tormento que chamamos *litost*.

Aquele que possui uma experiência profunda da imperfeição própria do homem está relativamente a salvo dos choques da *litost*. O espetáculo de sua própria miséria é para ele uma coisa banal e sem interesse. A *litost* é, portanto, própria da idade da inexperiência. É um dos ornamentos da juventude.

A *litost* funciona como um motor de dois tempos. Ao tormento se segue o desejo de vingança. O objetivo da vingança é conseguir que o parceiro se mostre igualmente miserável. O homem não sabe nadar, mas a mulher que levou o tapa chora. Eles podem, então, se sentir iguais e perseverar em seu amor.

Como a vingança nunca pode revelar seu verdadeiro motivo (o estudante não pode confessar à moça que lhe bateu porque ela nada mais depressa do que ele), a vingança tem de invocar razões falsas. Logo, a *litost* nunca pode dispensar uma

patética hipocrisia: o rapaz proclama que está morto de medo porque sua amiga corre o risco de se afogar, a criança toca sem parar uma nota errada, simulando uma irremediável falta de talento.

Este capítulo deveria chamar-se primeiramente “Quem é o estudante?” Mas, se falou da *litost*, é como se tivesse falado do estudante, que não passa de uma *litost* em forma de gente. Não é de espantar que a estudante, por quem ele estava apaixonado, tenha acabado por deixá-lo. Não é nada agradável apanhar porque se sabe nadar.

A mulher do açougueiro, que ele encontrou na sua cidade natal, surgiu-lhe como um grande curativo, pronta para tratar de suas feridas. Ela o adorava, o divinizava e, quando ele lhe falava de Schopenhauer, ela não tentava manifestar com objeções uma personalidade própria, independente da dele (como tinha feito a estudante de triste memória), mas o olhava com olhos nos quais ele imaginava perceber até lágrimas, de tão comovido que ficava com a emoção da senhora Christine. Também não esqueçamos de acrescentar que ele não tinha dormido com mulher nenhuma desde que rompera com a estudante.

Quem é Voltaire?

Voltaire é ouvinte na faculdade de letras, é espirituoso e agressivo, e seus olhos penetram o rosto do adversário com um olhar ácido. É o suficiente para que ele tenha sido apelidado de Voltaire.

Ele gostava muito do estudante, e isso não é uma distinção sem importância, pois Voltaire era exigente quando se tratava de suas simpatias. Depois do seminário, ele o abordou para perguntar se teria um momento livre na noite seguinte. Que pena! No dia seguinte à noite, a senhora

Christine viria vê-lo. Foi preciso o estudante se encher de muita coragem para dizer a Voltaire que já tinha um compromisso. Mas Voltaire afastou essa objeção com um movimento da mão:

— Pois bem, vai ser preciso transferir esse encontro. Você não vai se arrepender. — E explicou-lhe que os melhores poetas do país iriam se reunir no dia seguinte no clube dos homens de letras e que ele, Voltaire, estaria lá com eles, e desejava que o estudante pudesse conhecê-los.

É verdade, estaria lá também o grande poeta a respeito de quem Voltaire estava redigindo uma monografia e a cuja casa ele sempre ia. Era doente e andava com muletas. Por isso saía raramente, e a oportunidade de encontrá-lo era ainda mais rara.

O estudante conhecia os livros de todos os poetas que estariam lá no dia seguinte, mas da obra do grande poeta ele conhecia de cor páginas inteiras de versos. Nunca tinha desejado nada tão ardentemente como passar uma noite conversando com eles. Depois lembrou-se de que não dormia há muitos meses com uma mulher e repetiu que era impossível ir.

Voltaire não compreende que possa existir alguma coisa mais importante do que encontrar grandes homens. Uma mulher? Não é uma coisa que se possa adiar para mais tarde? De repente seus óculos ficam cheios de faíscas irônicas. Mas o estudante tem diante dos olhos a imagem da mulher do açougueiro que lhe escapou timidamente durante um longo mês de férias e, embora isso lhe custe um grande esforço, nega com a cabeça. Christine nesse momento vale mais do que toda a poesia do seu país.

O compromisso

Ela chegou de manhã. Durante o dia fez em Praga umas compras, que deviam lhe servir de álibi. O estudante marcara um encontro com ela à noite, num café que ele mesmo escolhera. Quando entrou, ele quase teve medo: a sala estava cheia de bêbados e a fada provinciana de suas férias estava sentada no canto dos banheiros, a uma mesa que não era destinada aos clientes, mas sim à louça suja. Estava vestida com uma desajeitada elegância, como só poderia se vestir uma moça do interior em visita à capital, onde não vem há muito tempo e onde quer experimentar todos os prazeres. Ela usava um chapéu, pérolas vistosas em volta do pescoço e escarpins pretos de salto alto.

O estudante sentia que seu rosto queimava — não de emoção, mas de infelicidade. No pano de fundo de sua pequena cidade com seus açougueiros, seus garagistas e seus aposentados, Christine tinha produzido uma impressão inteiramente diferente da de Praga, cidade de estudantes e de bonitas cabeleireiras. Com suas pérolas ridículas e seu dente de ouro discreto (no alto, no canto da boca), ela lhe aparecia como a negação personificada daquela beleza feminina, jovem e vestida de *jeans*, que o rejeitava cruelmente há vários meses. Ele avançou em direção a Christine com um passo incerto e sua *litost* o acompanhava.

Se o estudante estava decepcionado, Christine não ficava atrás. O restaurante para o qual ele a convidara tinha um bonito nome — Ao Rei Venceslau —, e Christine, que conhecia mal Praga, tinha imaginado um estabelecimento de luxo, onde o estudante iria jantar com ela para depois fazê-la descobrir os fogos de artifício dos prazeres de Praga. Tendo constatado que o Rei Venceslau era exatamente o gênero de lugar em que o garagista bebia sua cerveja e que ela tinha de esperar o

estudante ao lado dos banheiros, ela não experimentou o sentimento que designei pelo nome de *litost*, mas uma raiva inteiramente banal. Quero dizer com isso que ela não se sentia nem miserável nem humilhada, mas que achava que o estudante não sabia se comportar. Não hesitou, aliás, em lhe dizer isso. Tinha o ar furioso e falou com ele como falava com o açougueiro.

Eles estavam postados frente a frente; ela o repreendia com muitas palavras e com voz forte, e ele se defendia sem firmeza. A repugnância que ela lhe inspirava era cada vez maior. Queria levá-la bem depressa para sua casa, escondê-la de todos os olhares e esperar que a intimidade de seu refúgio fizesse reviver o encanto desaparecido. Mas ela recusou. Havia muito tempo que não vinha à capital e queria ver alguma coisa, sair, divertir-se. Seus escarpins pretos e suas vistosas pérolas reivindicaram ruidosamente seus direitos.

— Mas é um lugar formidável; é aqui que as melhores pessoas vêm — comentou o estudante, dando a entender dessa maneira à mulher do açougueiro que ela não entendia nada do que era ou não interessante na capital. — Infelizmente hoje está cheio, vou ter de levar você a outro lugar. — Mas, como se fosse de propósito, todos os outros cafés estavam igualmente cheios; eles tinham de andar um bom pedaço entre um e outro, e a senhora Christine parecia-lhe insuportavelmente cômica com seu chapeuzinho, suas pérolas e seu dente de ouro brilhando na boca. Eles andavam por ruas cheias de mulheres jovens, e o estudante compreendia que nunca iria se perdoar por ter renunciado, por causa de Christine, à oportunidade de passar uma noite com os gigantes de seu país. Mas também não queria provocar a hostilidade dela, porque, como eu já lhe disse, ele não dormia há muito tempo com uma mulher. Só um acordo magistralmente engendrado poderia solucionar esse dilema.

Afinal, os dois acharam uma mesa vazia num café bem

afastado. O estudante pediu dois copos de aperitivo e olhou Christine nos olhos com tristeza: aqui em Praga, a vida é cheia de circunstâncias imprevistas. No dia anterior, justamente, ele recebera um telefonema do mais famoso poeta do país.

Quando ele disse o nome, a senhora Christine deu um salto. No colégio ela aprendera de cor seus poemas. Os grandes homens cujos nomes aprendemos no colégio têm alguma coisa de irreal e de imaterial, entram vivos na majestosa galeria dos mortos. Christine não podia acreditar que era verdade que o estudante o conhecia pessoalmente.

Claro que ele o conhecia, declarou o estudante. Era até a respeito dele que estava fazendo sua tese, uma monografia que estava redigindo e que um dia certamente iria ser publicada. Nunca falara disso com a senhora Christine porque ela iria pensar que ele estava contando vantagem, mas tinha que dizer naquele instante, porque o grande poeta de repente se atravessara no caminho deles. Na verdade, haveria um debate fechado essa noite, no clube dos homens de letras, com os poetas do país, e apenas alguns críticos e uns poucos iniciados estavam convidados. Era uma reunião extremamente importante. Esperava-se um debate em que voariam faíscas. Mas, evidentemente, o estudante não iria. Estava tão contente de estar com a senhora Christine!

No meu doce e singular país, o encanto dos poetas ainda não deixou de agir sobre o coração das mulheres. Christine sentiu admiração pelo estudante e uma espécie de desejo maternal de aconselhá-lo e de defender seu interesse. Declarou, com um notável e inesperado altruísmo, que seria uma pena o estudante não participar de uma reunião em que o grande poeta estaria presente.

O estudante disse que tinha tentado tudo para que Christine pudesse ir com ele, porque sabia que ela ficaria contente de ver o grande poeta e seus amigos. Infelizmente,

não era possível. Mesmo o grande poeta ia sem a mulher. A discussão se dirige exclusivamente a especialistas. A princípio, ele nem mesmo pensou em ir lá, mas acha que Christine tem razão. É, sem dúvida é uma boa ideia. Afinal, ele poderia passar lá uma horinha. Enquanto isso, Christine esperaria na casa dele e em seguida eles ficariam juntos, só os dois.

A tentação dos teatros e das variedades foi esquecida e Christine entrou na mansarda do estudante. A princípio, sentiu a mesma decepção que havia sentido ao entrar no Rei Venceslau. Não era nem mesmo um apartamento, apenas uma peça minúscula, sem sala de entrada, tendo como únicos móveis um divã e uma mesa de trabalho. Mas ela não estava mais segura de seus julgamentos. Tinha penetrado num mundo em que existia uma misteriosa escala de valores que ela não compreendia. Portanto, reconciliou-se logo com essa peça pouco confortável e suja e apelou para todo o seu talento feminino para se sentir em casa. O estudante disse para ela tirar o chapéu, deu-lhe um beijo, a fez sentar-se no divã e mostrou-lhe a pequena estante de livros onde ela encontraria algo com que se distrair na ausência dele.

Então Christine teve uma ideia:

— Você não tem o livro dele? — Ela estava falando do grande poeta.

Sim, o estudante tinha seu livro.

Timidamente, ela continuou:

— Você não quer me dar de presente? E pedir a ele uma dedicatória para mim?

O estudante exultou. A dedicatória do grande poeta substituiria para Christine os teatros e os espetáculos de variedades. Ela o tinha feito ficar com a consciência pesada e ele estava pronto a fazer qualquer coisa por ela. Como ele já esperava, a intimidade de sua mansarda reavivou o encanto

de Christine. As moças que iam e vinham nas ruas tinham desaparecido, e o encanto de sua modéstia invadiu silenciosamente a peça. A decepção dissipou-se lentamente e, quando partiu para o clube, o estudante estava tranquilizado e encantado com a ideia do programa duplo e magnífico que lhe prometia a noite que estava começando.

Os poetas

Esperou Voltaire em frente ao clube dos homens de letras e subiu com ele ao primeiro andar. Passaram pelo vestiário, depois pelo *hall* e dali já ouviam um alegre vozerio. Voltaire abriu a porta do salão e o estudante viu toda a poesia de seu país em torno de uma grande mesa.

Eu os observo de uma distância de dois mil quilômetros. Estamos no outono de 1977, meu país adormece há nove anos no doce e vigoroso abraço do império russo, Voltaire foi expulso da universidade, e meus livros, recolhidos de todas as bibliotecas públicas, foram trancados em algum porão do Estado. Esperei então mais alguns anos, depois entrei num carro e andei o mais longe possível em direção ao oeste até a cidade bretã de Rennes, onde achei logo no primeiro dia um apartamento no andar mais alto da torre mais alta. No dia seguinte de manhã, quando o sol me acordou, compreendi que essas grandes janelas davam para o leste, para o lado de Praga.

Portanto, eu os olho agora do alto do meu mirante, mas a distância é grande. Felizmente, tenho no olho uma lágrima que, semelhante a uma lente de telescópio, me torna mais próximo o rosto deles. E agora distingo claramente, solidamente sentado entre eles, o grande poeta. Ele tem com certeza mais de setenta anos, mas seu rosto continua belo, seus olhos ainda são vivos e sábios. Suas muletas estão

encostadas na mesa, ao lado dele.

Vejo-os todos sobre o pano de fundo de Praga iluminada, tal como ela era há quinze anos, quando seus livros ainda não estavam trancados num porão do Estado e quando eles conversavam alegre e ruidosamente em torno da grande mesa cheia de garrafas. Gosto muito deles todos e hesito em dar a eles nomes banais escolhidos ao acaso no catálogo de telefone. Se é preciso esconder cada rosto atrás da máscara de um nome de empréstimo, quero dar-lhes esse nome como um presente, como um enfeite e uma homenagem.

Se os estudantes apelidaram o aluno ouvinte de Voltaire, o que me impede de chamar de Goethe o grande poeta bem-amado?

Diante dele está Lermontov.

E aquele lá, com olhos negros e sonhadores, quero chamar de Petrarca.

E depois vêm Verlaine, Iessiênin e muitos outros, que não vale a pena mencionar, mas também alguém que certamente está ali por engano. De longe (dessa distância de dois mil quilômetros), fica evidente que a poesia não lhe deu o dom de seu beijo e que ele não gosta de versos. Ele se chama Boccaccio.

Voltaire apanhou duas cadeiras que estavam encostadas na parede, trouxe-as para perto da mesa cheia de garrafas e apresentou o estudante aos poetas. Os poetas fizeram um sinal amável com a cabeça; só Petrarca não o viu, porque estava discutindo com Boccaccio. Terminou o debate com estas palavras:

— A mulher sempre nos é superior. Poderia falar semanas inteiras a respeito disso.

E Goethe encorajando-o:

— Semanas é muito. Fale pelo menos dez minutos.

O relato de Petrarca

— Na semana passada aconteceu-me uma coisa incrível. Minha mulher acabava de tomar banho, estava bonita com seu roupão vermelho e os cabelos dourados soltos. Eram nove e dez e alguém tocou a campainha. Quando abri a porta de entrada, vi uma moça encostada na parede. Reconheci-a de imediato. Vou uma vez por semana a um colégio de moças. Elas organizaram um clube de poesia e me adoram em segredo.

“Eu lhe perguntei: — O que você está fazendo aqui?

“— Tenho que falar com o senhor!

“O que você tem para me dizer?

“— É terrivelmente importante o que tenho para lhe dizer!

“Ouça — disse eu —, é tarde, você não pode vir à minha casa agora; desça depressa e me espere em frente à porta do porão.

“Voltei para o quarto e disse à minha mulher que alguém se enganara de porta. Depois, como se nada houvesse, anunciei que tinha de ir ainda ao porão buscar carvão e apanhei dois baldes vazios. Isso foi um erro. O dia inteiro minha vesícula tinha doído e eu ficara deitado. Esse zelo súbito deve ter parecido suspeito à minha mulher.”

— Você tem problemas com sua vesícula? — perguntou Goethe, com interesse.

— Há muitos anos — respondeu Petrarca.

— Por que você não opera?

— Por nada no mundo! — disse Petrarca.

Goethe meneou a cabeça em sinal de simpatia.

— Onde eu estava? — perguntou Petrarca.

— Você estava com dor na vesícula e tinha apanhado dois

balde para pegar carvão — soprou-lhe Verlaine.

— Encontrei a moça em frente à porta do porão — prosseguiu Petrarca — e disse a ela que descesse. Apanhei uma pá, enchi os baldes e tentei saber o que ela queria. Ela continuou a repetir que *precisava* me ver. Não consegui saber nada mais.

“Em seguida ouvi passos no alto da escada. Apanhei o balde de carvão que acabara de encher e saí do porão correndo. Minha mulher estava descendo. Passei-lhe o balde: ‘Por favor, segure isto depressa, que vou encher outro’. Minha mulher subiu com o balde e eu desci de novo ao porão e disse à moça que não podíamos ficar ali, que ela me esperasse na rua. Enchi depressa o balde e subi correndo. Dei então um beijo na minha mulher e disse-lhe que fosse se deitar, que eu ainda queria tomar um banho antes de dormir. Ela foi se deitar e eu entrei no banheiro e abri as torneiras. A água começou a correr no fundo da banheira. Tirei os chinelos e saí só com as meias. Os sapatos que usava naquele dia estavam diante da porta de entrada. Deixara-os ali para mostrar que não tinha ido longe. Peguei um outro par de sapatos no armário, calcei-os e saí do apartamento sem fazer ruído.”

Nesse ponto Boccaccio interveio:

— Petrarca, todos nós sabemos que você é um grande poeta. Mas constato que você também é muito metódico, um estrategista astuto que não se deixa cegar pela paixão nem um segundo! O que você fez com os chinelos e com os dois pares de sapatos foi uma obra-prima!

Todos os poetas presentes concordaram com Boccaccio e cobriram Petrarca de elogios, com o que ele ficou visivelmente envaidecido.

— Ela me esperava na rua. Tentei acalmá-la. Expliquei-lhe que teria que voltar para casa e sugeri que voltasse na tarde do dia seguinte, quando minha mulher estaria no trabalho e

poderíamos ficar sossegados. Há uma parada de bonde em frente ao prédio em que moro. Insisti para que ela fosse embora. Mas quando o bonde chegou, ela desatou a rir e quis correr para a porta do prédio.

— Você deveria tê-la jogado sob o bonde — disse Boccaccio.

— Meus amigos — declara Petrarca com um tom quase solene —, há momentos em que, queiramos ou não, precisamos ser maus com as mulheres. Eu lhe disse: “Se você não quiser voltar para casa por bem, vou trancar a porta do prédio à chave. Não se esqueça que este é meu lar e que eu não posso fazer dele um bordel!” Além disso, meus amigos, vejam bem que, enquanto eu discutia com ela na frente do prédio, lá em cima as torneiras do banheiro estavam abertas e a banheira corria o risco de transbordar a qualquer momento!

“Dei meia-volta e corri em direção à porta do prédio. Ela começou a correr atrás de mim. Para completar, outras pessoas entravam no prédio naquele mesmo instante, e ela aproveitou e esgueirou-se com elas para dentro. Subi a escada como um corredor profissional! Ouvi seus passos atrás de mim. Nós moramos no terceiro andar! Foi uma façanha! Fui mais veloz e praticamente bati-lhe com a porta no nariz. Ainda tive tempo de arrancar da parede os fios da campainha, para que esta não tocasse, porque eu sabia perfeitamente que ela poria o dedo nela e não o tiraria mais. Depois disso corri na ponta dos pés para o banheiro.”

— A banheira tinha transbordado? — perguntou Goethe, solícito.

— Eu fechei as torneiras no último momento. Em seguida, fui dar uma olhada na porta de entrada. Abri o postigo e constatei que ela ainda estava lá, imóvel, os olhos cravados na porta. Meus amigos, isso me deu medo. Perguntei-me se ela não iria ficar ali até a manhã seguinte.

Boccaccio se porta mal

— Petrarca, você é um incorrigível adorador — interveio Boccaccio. — Imagino que essas garotas que formaram um clube de poesia o invocam como Apoio. Por nada no mundo gostaria de encontrá-las. Uma mulher poeta é duplamente mulher. E demais para um misógino como eu.

— Ouça, Boccaccio — disse Goethe —, por que você sempre se gaba de ser misógino?

— Porque os misóginos são os melhores homens.

Diante dessas palavras, todos os poetas reagiram com vaias.

Boccaccio foi obrigado a elevar a voz:

— Compreendam-me. O misógino não despreza as mulheres. O misógino não gosta da feminilidade. Os homens sempre se dividiram em duas grandes categorias: os adoradores de mulheres, isto é, os poetas, e os misóginos, ou melhor dizendo, os ginecófobos. Os adoradores ou poetas veneram os valores femininos tradicionais como o sentimento, o lar, a maternidade, a fecundidade, os raios divinos da histeria e a voz divina da natureza em nós, enquanto que nos misóginos ou ginecófobos esses valores inspiram um ligeiro pavor. Na mulher, o adorador venera a feminilidade, enquanto o misógino dá sempre preferência à mulher do que à feminilidade. Não esqueçam uma coisa: a mulher não pode ser realmente feliz senão com um misógino. Com vocês, nenhuma mulher jamais foi feliz!

Essas palavras provocaram um novo clamor hostil.

— O adorador ou poeta pode dar à mulher o drama, a paixão, as lágrimas, as preocupações, mas nunca nenhum prazer. Conheci um. Ele adorava sua mulher. Depois começou a adorar outra. Não queria humilhar uma enganando-a, nem a

outra, transformando-a em sua amante clandestina. Portanto confessou tudo à sua mulher pedindo-lhe que o ajudasse; sua mulher ficou doente; ele chorava o tempo todo, a tal ponto que a amante acabou não aguentando mais e avisou que iria deixá-lo. Ele deitou em cima dos trilhos para ser esmagado por um bonde. Infelizmente, o condutor o enxergou de longe e meu adorador teve que pagar cinquenta coroas por atrapalhar o tráfego.

— Boccaccio é um mentiroso! — exclamou Verlaine.

— A história que Petrarca acaba de nos contar — continuou Boccaccio — é do mesmo tipo. Será que sua mulher de cabelos dourados merece que você leve a sério essa histórica?

— O que você sabe a respeito de minha mulher?! — retrucou Petrarca, erguendo o tom de voz. — Minha mulher é minha amiga fiel! Entre nós não há segredos!

— Então por que você trocou de sapatos? — perguntou Lermontov.

Mas Petrarca não se deixou perturbar.

— Meus amigos, no instante crucial em que aquela moça estava no patamar e em que eu não sabia o que fazer, fui procurar minha mulher no quarto e contei-lhe tudo.

— Como, meu adorador! — disse Boccaccio, rindo. — Contar tudo! E o reflexo de todos os adoradores! Com certeza você pediu-lhe que o ajudasse!

A voz de Petrarca estava cheia de ternura:

— É, pedi-lhe que me ajudasse. Ela nunca me recusou ajuda. Dessa vez também não. Foi ela mesma até a porta. Eu fiquei no quarto porque tive medo.

— Eu também teria medo — disse Goethe, cheio de compreensão.

— Quando ela voltou, estava completamente calma. Tinha olhado o patamar pelo postigo, abrira a porta e não havia

mais ninguém. Poderia parecer que eu tinha inventado tudo. Mas, de repente, ouvimos batidas fortes atrás de nós e vidros que voavam com estridor; como vocês sabem, moramos num apartamento velho, as janelas dão para uma galeria. E a moça, vendo que ninguém atendia a seu toque de campainha, tinha encontrado uma barra de ferro, não sei onde, tinha voltado com ela para a galeria e começado a quebrar todas as nossas janelas, uma após a outra. Nós a observávamos de dentro do apartamento, sem poder fazer nada, quase com pavor. Depois disso, vimos aparecer, do outro lado da galeria mergulhada na escuridão, três sombras brancas. Eram as três velhas do apartamento de frente. O barulho do vidro as tinha acordado. Tinham ocorrido de camisola, ávidas e impacientes, felizes com o escândalo inesperado. Imaginem esse quadro! Uma bela adolescente com uma barra de ferro na mão e em volta dela as sombras maléficas das três bruxas!

“Em seguida a moça quebrou o último vidro e entrou no cômodo.

“Eu quis ir falar com ela, mas minha mulher me agarrou e suplicou: *‘Não vai, ela vai te matar!’* E a moça se postou no meio do aposento com sua barra de ferro na mão como Joana d’Arc com sua lança, bela, majestosa! Eu me soltei dos braços de minha mulher e me dirigi à moça. E à medida que me aproximava dela, seu olhar perdia a expressão ameaçadora, se suavizava e se enchia de uma paz celestial. Peguei a barra de ferro, joguei-a no chão e segurei a moça pela mão.”

Os insultos

— Não acredito numa única palavra de sua história — declarou Lermontov.

— É claro, isso não aconteceu exatamente como Petrarca contou — interveio de novo Boccaccio —, mas acredito que

aconteceu realmente. Essa moça é uma histérica em quem qualquer homem normal, numa situação parecida, teria há muito tempo dado um par de bofetadas. Os adoradores ou poetas sempre foram uma presa sonhada pelas histéricas que sabem que eles nunca vão esbofeteá-las. Os adoradores são desarmados diante das mulheres, porque nunca ultrapassaram a sombra de suas respectivas mães. Eles vêm em cada mulher a mensageira da mãe e se submetem a ela. As saias da mãe são para eles a abóbada celeste.

— Essa última frase agradou-lhe muito e ele a repetiu várias vezes: — Poetas, aquilo que vocês vêm acima de sua cabeça não é o céu, mas sim a saia gigantesca de sua mãe. Vocês todos vivem embaixo da saia da mãe!

— O que você está dizendo? — Iessiênin começou a berrar com uma voz inacreditável e pulou da cadeira. Cambaleou. Desde o início da noite era quem mais bebia. — O que você disse a respeito de minha mãe? O que você disse?

— Eu não falei da sua mãe — disse Boccaccio com doçura. Sabia que Iessiênin vivia com uma célebre dançarina que era trinta anos mais velha do que ele e sentia por ele uma sincera compaixão. Mas Iessiênin já tinha feito afluir saliva até os lábios e, inclinando-se para a frente, cuspiu. Mas estava muito bêbado e o cuspe caiu na gola de Goethe. Boccaccio puxou o lenço e limpou o grande poeta.

Iessiênin sentiu-se mortalmente cansado por ter cuspidado, e tornou a cair na cadeira.

Petrarca continuou:

— Gostaria que todos vocês, meus amigos, tivessem ouvido o que ela me disse; foi inesquecível. Ela me disse, e foi como uma oração, como uma ladainha, sou uma moça simples, sou uma moça inteiramente comum, não tenho nada a oferecer, mas vim porque fui mandada aqui pelo amor, vim, e nesse momento ela me apertou a mão com muita força, para que você saiba o

que é o verdadeiro amor, para que você o conheça uma vez na vida.

— E o que disse sua mulher dessa mensageira do amor? — perguntou Lermontov, com uma ironia bem acentuada.

Goethe explodiu numa gargalhada:

— O que não daria Lermontov para que uma mulher viesse lhe quebrar as janelas! Até pagaria por isso!

Lermontov lançou na direção de Goethe um olhar furioso, e Petrarca continuou:

— Minha mulher? Você se engana, Lermontov, se toma essa história por um conto humorístico de Boccaccio. A moça virou-se para minha mulher, com um olhar celeste, e disse-lhe, e foi de novo como uma prece, como uma ladainha, *não precisa ficar com raiva de mim, senhora, porque a senhora é boa e também gosto da senhora, gosto de vocês dois*, e pegou também a mão dela.

— Se fosse uma cena de um conto de Boccaccio, eu não teria nada contra — disse Lermontov. — Mas o que você está contando é algo pior, é poesia de má qualidade.

— Você está com inveja de mim — gritou-lhe Petrarca. — Nunca lhe aconteceu na vida ficar sozinho num quarto com duas mulheres bonitas que gostam de você! Sabe lá você como minha mulher fica bonita com roupão vermelho e os cabelos dourados soltos?

Lermontov riu com um riso irônico, mas dessa vez Goethe resolveu puni-lo por seus comentários acerbos:

— Você é um grande poeta, Lermontov, todos sabemos disso, mas por que tem tantos complexos?

Durante alguns segundos, Lermontov ficou aturdido, depois, controlando-se com dificuldade, respondeu a Goethe:

— Johann, você não devia me dizer isso. É a pior coisa que você podia me dizer. É uma ignomínia de sua parte.

Goethe, amigo da concórdia, não teria continuado a

implicar com Lermontov, mas Voltaire interveio, rindo:

— Salta aos olhos, Lermontov; você é cheio de complexos.

— E começou a analisar toda a sua poesia, que não possuiria nem a graça feliz e natural de Goethe, nem o sopro apaixonado de Petrarca. Começou mesmo a destrinchar cada uma de suas metáforas para demonstrar com brilho que o complexo de inferioridade de Lermontov era a fonte direta de sua inspiração e tem origem na infância do poeta, marcada pela pobreza e pela influência opressiva de um pai autoritário.

Nesse momento, Goethe inclinou-se para Petrarca e disse-lhe, num cochicho que invadiu a sala, de modo que todos ouviram, inclusive Lermontov:

— Ora, vamos! Bobagens, tudo isso. O problema de Lermontov é que ele não trepa!

O estudante se coloca do lado de Lermontov

O estudante continuava calado, servia-se de vinho (um garçom discreto levava as garrafas vazias e trazia garrafas cheias, sem fazer barulho) e ouvia com atenção a conversa em que voavam faíscas. Não tinha tempo de virar a cabeça para acompanhar o turbilhão vertiginoso delas.

Perguntava-se qual era o poeta com quem mais simpatizava. Goethe, ele venerava, tanto quanto o venerava a senhora Christine e, aliás, o país inteiro. Petrarca o enfeitiçava com seus olhos incandescentes. Mas, estranho, era Lermontov ofendido que lhe inspirava a mais viva simpatia, sobretudo depois do último comentário de Goethe, que lhe fez pensar que um grande poeta (e Lermontov é realmente um grande poeta) podia passar pelas mesmas dificuldades que qualquer estudante como ele. Olhou seu relógio e constatou que era mais do que tempo de ir embora se não quisesse

terminar exatamente como Lermontov.

No entanto, não conseguia se afastar dos grandes homens e, em vez de ir embora para junto da senhora Christine, foi ao toalete. Estava lá, cheio de pensamentos grandiosos, em frente ao azulejo branco, quando ouviu ao seu lado a voz de Lermontov:

— Você ouviu o que eles disseram. Eles não são finos. Você compreende, eles não são finos.

Lermontov pronunciou a palavra *finos* como se estivesse escrita em itálico. E, existem palavras que não são como as outras, palavras que possuem um valor especial conhecido apenas pelos iniciados. O estudante ignorava por que Lermontov tinha pronunciado a palavra *finos* como se fosse escrita em itálico, mas eu, que faço parte dos iniciados, sei que no passado Lermontov tinha lido o pensamento de Pascal a respeito do espírito de fineza e do espírito de geometria e dividia desde então o gênero humano em duas categorias: aqueles que são finos e os outros.

— Você por acaso acha que eles são finos? — perguntou ele, num tom agressivo, ao ver que o estudante se calava.

O estudante abotoou a braguilha e constatou que Lermontov, exatamente como tinha escrito a condessa Roptchinski em seu diário havia cinquenta anos, tinha as pernas muito curtas. Sentiu gratidão por ele porque era o primeiro grande poeta que fazia uma pergunta séria esperando dele uma resposta igualmente séria.

— Na minha opinião — disse ele —, eles não são nada finos.

Lermontov parou com suas pernas curtas:

— Não, nada finos. — E acrescentou, mais alto: — Mas eu sou orgulhoso! Compreende? Eu sou orgulhoso!

A palavra *orgulhoso* também estava escrita em itálico na sua boca, para dar a entender que só um imbecil poderia

pensar que Lermontov tinha orgulho como uma moça tem orgulho de sua beleza, ou como um comerciante tem orgulho do seu negócio, pois trata-se de um orgulho muito singular, de um orgulho justificado e nobre.

— Eu sou orgulhoso — vociferou Lermontov, e voltou com o estudante para a sala onde Voltaire estava fazendo o elogio de Goethe. Então Lermontov enfureceu-se. Postou-se em frente à mesa, o que de repente o fez ficar uma cabeça mais alto do que os outros, que estavam sentados, e disse: — E agora vou mostrar-lhes como sou orgulhoso! Agora vou dizer-lhes uma coisa, porque sou orgulhoso! Só existem dois poetas neste país: Goethe e eu.

Dessa vez foi Voltaire que elevou a voz:

— Você talvez seja um grande poeta, mas como homem é deste tamanho! Eu posso dizer que você é um grande poeta, mas você não tem o direito de dizer isso.

Lermontov ficou estarecido por um instante. Gaguejou:

— E por que eu não teria o direito de dizer isso? Eu sou orgulhoso!

Lermontov repetiu ainda muitas vezes que era orgulhoso. Voltaire desatou a rir e os outros desataram a rir com ele.

O estudante compreendeu que tinha chegado o momento esperado. A exemplo de Lermontov, pôs-se de pé e circunvagou os olhos pelos poetas presentes:

— Vocês não compreendem nada do que diz Lermontov. O orgulho do poeta não é um orgulho banal. Só o próprio poeta conhece o valor daquilo que escreve. Os outros o compreenderão muito mais tarde ou talvez nunca o compreendam. O poeta tem, portanto, o dever de ser orgulhoso. Se não fosse, trairia sua obra.

Um instante antes, eles tinham se torcido de rir, mas de repente todos concordaram com o estudante, pois eram tão orgulhosos quanto Lermontov, só que tinham vergonha de

dizê-lo, porque não sabiam que a palavra “orgulhoso”, com a condição de ser pronunciada da maneira correta, deixa de ser ridícula e torna-se, ao contrário, uma palavra espiritual e nobre. Ficaram, pois, gratos ao estudante que acabava de lhes dar um conselho tão bom, e houve até mesmo um deles que o aplaudiu, com certeza Verlaine.

Christine é transformada em rainha por Goethe

O estudante se sentara, e Goethe virou-se para ele com um sorriso amável:

— Rapaz, você sabe o que é a poesia?

Os outros estavam de novo mergulhados em suas discussões de homens bêbados, de maneira que o estudante se viu só diante do grande poeta. Queria aproveitar essa oportunidade preciosa, mas de repente não sabia o que dizer. Como procurasse intensamente a frase adequada — Goethe contentava-se em sorrir em silêncio —, não conseguia encontrar nenhuma e não fazia nada a não ser sorrir também. Mas a lembrança de Christine veio em seu socorro.

— No momento estou saindo com uma moça, ou melhor, com uma mulher. Ela é casada com um açougueiro.

Isso agradou muito a Goethe, que respondeu com um riso muito amistoso.

— Ela o venera. Deu-me um de seus livros para que você faça uma dedicatória.

— Dê-me — disse Goethe, e pegou o volume de seus versos das mãos do estudante. Abriu na página do título e continuou:

— Fale-me dela. Como ela é? E bonita?

Diante de Goethe, o estudante não podia mentir. Confessou que a mulher do açougueiro não era uma beleza. Ainda mais, estava vestida de maneira ridícula. O dia inteiro,

passara por Praga com grandes pérolas em volta do pescoço e sapatos pretos próprios para a noite como não se usava mais há muito tempo.

Goethe ouviu o estudante com um sincero interesse e disse quase com nostalgia:

— É maravilhoso.

O estudante se entusiasmou e chegou a confessar que a mulher do açougueiro tinha um dente de ouro que brilhava em sua boca como uma mosca dourada.

Comovido, Goethe riu e corrigiu:

— Como um anel.

— Como um farol! — replicou o estudante.

— Como uma estrela! — sorriu Goethe.

O estudante explicou que a mulher do açougueiro era, na verdade, uma provinciana inteiramente comum e que era justamente isso que o atraía tanto.

— Como eu o compreendo! — disse Goethe. — São justamente esses detalhes, uma roupa mal escolhida, um ligeiro defeito nos dentes, uma estranha mediocridade de alma, que fazem uma mulher ser viva e real. As mulheres dos cartazes de propaganda ou das revistas de moda, que hoje quase todas as mulheres procuram imitar, não têm encanto porque são irreais, porque são apenas uma soma de instruções abstratas. Nasceram de uma máquina cibernética, e não de um corpo humano! Meu amigo, eu lhe garanto que sua provinciana é a mulher certa para um poeta, e o felicito!

Em seguida, inclinou-se para a página do título, pegou sua caneta e começou a escrever. Encheu a página toda, escreveu com entusiasmo, ficou quase em transe, e seu rosto irradiou o brilho do amor e da compreensão.

O estudante pegou o livro de volta e enrubesceu de orgulho. Aquilo que Goethe escrevera para uma desconhecida era belo e triste, nostálgico e sensual, sério e alegre, e o

estudante estava certo de que nunca antes palavras tão belas tinham sido dirigidas a uma mulher. Ele pensa em Christine e a deseja infinitamente. Sobre suas roupas ridículas, a poesia jogou um manto tecido com as palavras mais sublimes. Fez dela uma rainha.

Carrega-se um poeta

O garçom entrou no salão, mas dessa vez não trouxe nenhuma garrafa fechada. Pediu aos poetas que pensassem na partida. Tinham que fechar o prédio dentro de alguns momentos. A porteira ameaçava fechar a porta a chave e deixá-los todos ali até de manhã.

Ainda teve de repetir várias vezes essa advertência, em voz alta e devagar, a todos coletivamente e a cada um pessoalmente, até que os poetas acabassem compreendendo que a porteira não estava brincando. Petrarca lembrou-se de repente de sua mulher de roupão vermelho e levantou-se da mesa, como se acabasse de receber um pontapé nos rins.

Foi então que Goethe disse, com uma tristeza infinita:

— Meus amigos, me deixem aqui. Quero ficar aqui. — Suas muletas estavam ao seu lado, apoiadas na mesa, e aos poetas que tentaram convencê-lo a partir com eles, ele se contentou em responder com meneios da cabeça.

Todo mundo conhecia sua mulher, era uma senhora má e severa. Tinham medo dela. Sabiam que, se Goethe não voltasse na hora certa para casa, sua mulher faria uma cena horrorosa. Imploraram:

— Johann, seja razoável, é preciso voltar para casa! — E seguraram-no com pudor por baixo dos braços, tentando levantá-lo da cadeira. Mas o rei do Olimpo era pesado e seus braços eram tímidos. Ele era pelo menos trinta anos mais velho do que eles, era para eles um verdadeiro patriarca; de

repente, no momento de levantá-lo e de passar-lhe as muletas, todos eles se sentiram encabulados e pequenos. E ele repetia sem parar que queria ficar ali!

Ninguém se entendia; apenas Lermontov aproveitou a ocasião para se mostrar mais esperto do que os outros:

— Meus amigos, deixem-no aqui, eu faço companhia a ele até de manhã. Vocês não percebem? Quando ele era moço, ficava semanas inteiras sem voltar para casa. Ele quer reencontrar sua juventude! Será que vocês não compreendem isso, bando de idiotas? Não é verdade, Johann? Nós vamos nos deitar aqui sobre o tapete e ficaremos até de manhã com essa garrafa de vinho tinto, e eles podem ir embora! Petrarca pode correr para junto de sua mulher de roupão vermelho e cabelos soltos!

Mas Voltaire sabia que não era saudade da juventude o que retinha Goethe. Goethe estava doente e proibido de beber. Quando bebia, suas pernas se recusavam a sustentá-lo. Voltaire apanhou as muletas e ordenou aos outros que desistissem de sua supérflua timidez. Então os braços fracos dos poetas bêbados seguraram Goethe pelas axilas e levantaram-no da cadeira. Levaram-no do salão para o *hall*, ou melhor, arrastaram-no (ora os pés de Goethe encostavam no chão, ora balançavam como os pés de uma criança com quem os pais brincam de balanço). Mas Goethe era pesado e os poetas estavam bêbados: chegando no *hall*, eles o largaram, e Goethe lamentou-se e gritou:

— Meus amigos, deixem-me morrer aqui!

Voltaire enfureceu-se e gritou para os poetas que carregassem Goethe imediatamente. Os poetas sentiram vergonha. Apanharam Goethe, uns pelos braços, outros pelas pernas, levantaram-no e, tendo saído da porta do clube, levaram-no em direção à escada. Todo mundo o carregava. Voltaire o carregava, Petrarca o carregava, Verlaine o carregava, Boccaccio o carregava e mesmo o titubeante

Iessiênin segurava a perna de Goethe, com medo de cair.

O estudante também tentava carregar o grande poeta, pois sabia muito bem que uma oportunidade como essa só surgia uma vez na vida. Mas em vão, Lermontov gostava demais dele. Segurava-o pelo braço e achava sem cessar coisas para lhe dizer.

— Não apenas eles não são finos, mas são também desajeitados. São todos crianças mimadas. Olhe só como o estão carregando! Eles vão largá-lo! Nunca trabalharam com as mãos. Você sabe que eu trabalhei em uma fábrica?

(Não esqueçamos que todos os heróis desse tempo e desse país tinham passado por uma fábrica, ou voluntariamente, por entusiasmo revolucionário, ou então obrigados, à guisa de punição. Nos dois casos, sentiam-se igualmente orgulhosos, porque lhes parecia que na fábrica a Dureza da Vida, essa nobre deusa em pessoa, lhes dera um beijo na testa.)

Segurando o patriarca pelas pernas e pelos braços, os poetas o levaram para a escada. O vão da escada era quadrado, e havia muitas curvas em ângulo reto que punham a dura prova a agilidade e a força deles.

Lermontov continuou:

— Meu amigo, você sabe o que é carregar dormentes? Você nunca carregou isso. Você é estudante. Mas esses sujeitos também nunca carregaram. Olhe como eles o carregam mal! Vão deixá-lo cair! — Virando-se para os poetas, gritou: — Segurem bem, seus imbecis! Vocês vão deixá-lo cair! Vocês nunca trabalharam com as mãos! — E agarrou-se no braço do estudante e desceu devagar atrás dos poetas titubeantes que carregavam com angústia um Goethe cada vez mais pesado. Finalmente chegaram embaixo, na calçada, com seu fardo e o encostaram num poste. Petrarca e Boccaccio o amparavam, para que ele não caísse, e Voltaire desceu para a

rua e gritou para os carros, mas nenhum deles parou.

Lermontov disse ao estudante:

— Você se dá conta do que está vendo? Você é estudante e não conhece nada da vida. E esta é uma cena grandiosa! Carrega-se um poeta. Sabe o poema que isso daria?

Enquanto isso, Goethe caíra na calçada; Petrarca e Boccaccio tentavam levantá-lo de novo.

— Olhe — disse Lermontov ao estudante —, eles não vão nem conseguir levantá-lo. Não têm força nos braços. Não têm a menor ideia do que é a vida. Carrega-se um poeta. Que título magnífico. Você compreende. Nesse momento estou escrevendo dois livros de versos. Dois livros inteiramente diferentes. Um deles numa forma rigorosamente clássica, com rimas e um ritmo preciso. O outro em versos livres. Este vai se chamar *Prestação de contas*. O último poema do livro se chamará “Carrega-se um poeta”. E será um poema duro, mas *honesto*. Um poema *honesto*.

Era a terceira palavra de Lermontov pronunciada em itálico. Essa palavra expressava o contrário de tudo o que é apenas ornamento e jogo de imaginação. Expressava o contrário das divagações de Petrarca e das farsas de Boccaccio. Expressava o lado patético do trabalho do operário e uma fé apaixonada na já mencionada deusa Dureza da Vida.

Verlaine, embebedado pelo ar noturno, postou-se no meio da calçada, olhou as estrelas e cantou. Iessiênin sentou-se, encostado na parede do prédio, e adormeceu. Voltaire continuou a gesticular no meio da rua e conseguiu finalmente fazer parar um táxi. Em seguida, com a ajuda de Boccaccio, instalou Goethe no banco de trás. Gritou para Petrarca sentar-se ao lado do motorista, porque Petrarca era o único que, bem ou mal, podia amansar a senhora Goethe. Mas Petrarca se defendeu freneticamente:

— Por que eu? Por que eu? Eu tenho medo!

— Está vendo? — disse Lermontov ao estudante. — Quando é preciso ajudar um amigo, ele foge. Nenhum deles é capaz de falar com a velha. — Depois, inclinando-se para dentro do carro, onde Goethe, Boccaccio e Voltaire estavam horrivelmente espremidos no banco de trás, disse: — Meus amigos, vou com vocês. Eu me encarrego da senhora Goethe. — E instalou-se no assento vazio, ao lado do motorista.

Petrarca condena o riso de Boccaccio

O táxi cheio de poetas desapareceu, e o estudante lembrou-se de que era mais do que tempo de ir encontrar a senhora Christine.

— Tenho que ir embora — disse ele a Petrarca.

Petrarca concordou, segurando-o pelo braço e dirigiu-se para o lado oposto ao da casa do estudante.

— Sabe — disse-lhe ele —, você é um rapaz sensível. Você foi o único que foi capaz de ouvir o que diziam os outros.

O estudante emendou:

— Aquela moça plantada no meio da peça, como Joana d'Arc com sua lança, eu poderia repetir tudo, exatamente com as mesmas palavras que você usou.

— Aliás, aqueles bêbados nem ouviram até o fim! Será que se interessam por alguma coisa além deles mesmos?

— Ou então quando você disse que sua mulher tinha medo que aquela moça quisesse matá-lo; nesse momento você se aproximou dela e seu olhar encheu-se de uma paz celestial, foi como um pequeno milagre.

— Ah, meu amigo, é você o poeta! Você, e não eles!

Petrarca segurava o estudante pelo braço e o levava para seu bairro distante.

— E como foi que a história terminou? — perguntou o

estudante.

— Minha mulher teve pena dela e deixou-a passar a noite em nossa casa. Mas imagine só. Minha sogra dorme numa espécie de quarto de despejo atrás da cozinha e se levanta muito cedo. Quando viu que todos os vidros estavam quebrados, foi depressa chamar os vidraceiros, que por acaso estavam trabalhando na casa ao lado, e todos os vidros estavam de novo no lugar quando acordamos. Não sobrou um único traço dos acontecimentos da véspera. Tive a impressão de ter sonhado.

— E a moça? — perguntou o estudante.

— Ela também saiu do apartamento sem fazer ruído, ainda de madrugada.

Nesse momento Petrarca parou no meio da rua e olhou o estudante com uma expressão quase severa:

— Sabe, meu amigo, eu ficaria muito triste se você interpretasse meu relato como uma dessas anedotas de Boccaccio que acabam na cama. É preciso que você saiba: Boccaccio é um imbecil. Ele nunca compreenderá ninguém, porque compreender é se misturar e se identificar. E esse o mistério da poesia. Nós nos consumimos na mulher amada, nós nos consumimos na ideia em que acreditamos, nos queimamos na paisagem que nos comove.

O estudante ouvia Petrarca com fervor e tinha diante dos olhos a imagem de sua Christine, de cujos encantos duvidara algumas horas antes. Agora tinha vergonha dessas dúvidas, porque elas faziam parte da metade menos boa (boccacciana) de seu ser; não tinham nascido de sua força, mas de sua fraqueza: eram a prova de que ele não ousava entrar no amor inteiramente, com todo o seu ser, a prova de que ele tinha medo de se consumir na mulher amada.

— O amor é a poesia, a poesia é o amor — disse Petrarca, e o estudante prometeu a si mesmo amar Christine com um

amor ardente e grandioso. Um pouco antes, Goethe tinha revestido Christine com um manto real, e naquele instante era Petrarca que espalhava fogo no coração do estudante. A noite que o esperava seria abençoada por dois poetas.

— Por outro lado — continuou Petrarca —, o riso é uma explosão que nos afasta do mundo e nos empurra para a nossa fria solidão. A brincadeira é uma barreira entre o homem e o mundo. A brincadeira é a inimiga do amor e da poesia. É por isso que lhe digo mais uma vez e quero que você se lembre bem disso: Boccaccio não compreende o amor. O amor não pode ser risível. O amor não tem nada em comum com o riso.

— É, sim — concordou o estudante, com entusiasmo. O mundo lhe pareceu dividido em duas metades, das quais uma é a metade do amor e a outra, a da brincadeira, e viu que, no que lhe dizia respeito, ele pertencia e pertenceria ao exército de Petrarca.

Os anjos voam sobre a cama do estudante

Ela não andava nervosamente de um lado para o outro na mansarda do estudante, não estava com raiva, não estava emburrada, não estava olhando languidamente pela janela. Estava deitada de camisola, enroscada sob as cobertas. Ele acordou-a com um beijo nos lábios e para se adiantar às reclamações contou-lhe com uma eloquência forçada a incrível reunião em que fora testemunha de um dramático confronto entre Boccaccio e Petrarca, enquanto Lermontov insultava todos os outros poetas. Ela não se interessou por suas explicações e interrompeu-o com desconfiança:

— Aposto que você esqueceu meu livro.

Quando ele lhe estendeu o volume de versos em que Goethe tinha escrito uma longa dedicatória, ela não conseguiu

acreditar nos seus olhos. Releu muitas vezes seguidas as frases inacreditáveis que pareciam encarnar toda a sua aventura igualmente inacreditável com o estudante, todo o seu último verão, os passeios clandestinos pelos caminhos silvestres desconhecidos, toda aquela delicadeza e toda aquela ternura que pareciam tão distantes de sua vida.

Enquanto isso, o estudante tirou a roupa e se deitou. Ela o tomou firmemente nos braços. Foi um abraço que até então ele nunca conhecera. Um abraço sincero, vigoroso, ardente, maternal, fraterno, amistoso e apaixonado. Durante a noite, Lermontov tinha usado muitas vezes a palavra *honesto*, e o estudante disse consigo que o abraço de Christine bem que merecia essa designação sintética que continha em si toda uma multidão de adjetivos.

O estudante sentiu que seu corpo estava numa notável disposição para o amor. Numa disposição tão certa, dura e durável, que ele se recusava a qualquer precipitação e só fazia saborear esses doces e longos minutos de abraço imóvel.

Ela mergulhava em sua boca uma língua sensual e um instante depois o beijava no rosto da maneira mais fraternal possível. Com a ponta da língua ele apalpava seu dente de ouro, no alto à esquerda, lembrando-se do que lhe dissera Goethe: Christine não nasceu de uma máquina cibernética, mas de um corpo humano! E a mulher certa para um poeta! Tinha vontade de gritar de alegria. E em seu espírito ecoavam as palavras de Petrarca que lhe tinha dito que o amor é a poesia e que a poesia é o amor, e que compreender é se confundir com o outro e se queimar nele. (Sim, os três poetas estão todos aqui com ele, voam sobre a cama como anjos, se alegram, cantam e o abençoam!) O estudante transbordava com um imenso entusiasmo e decidiu que era mais do que tempo de transformar a honestidade lermontoviana do abraço imóvel num ato de amor real. Atirou-se sobre o corpo de

Christine e tentou abrir suas pernas com o joelho.

Mas o quê? Christine resiste! Fecha as pernas com a mesma obstinação do verão, durante seus passeios pelos bosques!

Ele queria lhe perguntar por que ela lhe resistia, mas não conseguia falar. A senhora Christine era tão tímida, tão delicada, que em presença dela as coisas do amor perdiam seus nomes. Ele não ousava falar senão a linguagem do suspiro e do toque. Que teriam eles a ver com o peso das palavras? Não era verdade que ele se queimava nela? Os dois ardiam na mesma chama! Portanto, num silêncio obstinado, ele renovava suas tentativas para forçar com o joelho as coxas solidamente fechadas de Christine.

Ela também se calava. Também temia falar e queria expressar tudo por meio de beijos e carícias. Mas na vigésima quinta tentativa que ele fez para abrir-lhe as coxas, ela disse:

— Não, por favor, não. Eu morreria.

— Como?

— Eu morreria. É verdade. Eu morreria — repetiu a senhora Christine, e de novo mergulhou a língua na sua boca, profundamente, ao mesmo tempo que apertava com muita força uma coxa contra a outra.

O estudante experimentava um desespero tingido de beatitude. Ardia de desejo frenético de fazer amor com ela e ao mesmo tempo queria chorar de alegria. Christine o amava como ninguém o amara. Ela o amava a ponto de morrer, a ponto de ter medo de fazer amor com ele, porque, se fizesse amor com ele, nunca mais poderia viver sem ele e morreria de tristeza e de desejo. Ele ficou feliz, ficou loucamente feliz porque conseguiu, de repente, inopinadamente, sem nada ter feito para merecê-lo, aquilo que sempre desejara, esse amor infinito diante do qual todo o globo terrestre, com todos os seus continentes e todos os seus mares, não é nada.

— Eu entendo você! Eu morrerei com você! — dizia ele num murmúrio, e ao mesmo tempo a acariciava e beijava, e por pouco teria chorado de amor. Esse grande enternecimento, porém, não sufocava o desejo físico, que se tornou doloroso e quase intolerável. Ele fez ainda algumas tentativas para enfiar o joelho como uma alavanca entre as coxas de Christine e abrir assim o caminho para o seu sexo, que subitamente ficou sendo para ele mais misterioso do que o Santo Graal.

— Não, com você não vai acontecer nada. *Eu* é que vou morrer! — disse Christine.

Ele imaginou uma volúpia infinita, uma volúpia de morrer, e repetiu mais uma vez:

— Morreremos juntos! Morreremos juntos! — E continuou empurrando o joelho entre as coxas dela, mas sempre em vão.

Os dois não tinham mais nada a se dizer. Apertavam-se um contra o outro. Christine meneava a cabeça negativamente e ele lançou ainda muitos ataques à fortaleza de suas coxas antes de desistir por fim. Deitou-se ao lado dela, de costas, resignado. Ela o segurou pelo cetro de seu amor, que se levantava em sua honra e que ela apertava com toda a sua esplêndida honestidade: sinceramente, vigorosamente, ardentemente, fraternalmente, maternalmente, amigavelmente e apaixonadamente.

No estudante, a beatitude do homem que é amado infinitamente misturava-se com o desespero do corpo que é rejeitado. E a mulher do açougueiro continuava segurando-o por sua arma de amor, sem cogitar substituir com alguns gestos simples o ato carnal que ele desejava, mas como se segurasse na mão algo de raro, algo de precioso, algo que ela não queria estragar, que queria conservar assim, ereto e duro, por muito tempo.

Mas chega dessa noite que vai se prolongar sem

mudanças notáveis até quase o amanhecer.

A luz suja da manha

Como tinham dormido muito tarde, eles não acordaram antes do meio-dia e ambos estavam com dor de cabeça. Não lhes restava muito tempo, pois Christine logo iria pegar o trem. Estavam taciturnos. Christine colocou na sua bolsa de viagem a camisola e o livro de Goethe, e ei-la de novo calçada com seus escarpins ridiculamente pretos e com seu colar absurdo em volta do pescoço.

Como se a luz suja da manha tivesse rompido o selo do silêncio, como se depois de uma noite de poesia tivesse chegado um dia de prosa, a senhora Christine, da maneira mais simples do mundo, disse ao estudante:

— Sabe, você não deve ficar com raiva de mim, é verdade que eu poderia morrer. O médico me disse, depois do meu primeiro parto, que eu nunca mais deveria ficar grávida.

O estudante olhou-a com uma expressão de desespero:

— Como você ficaria grávida? Por quem você me toma?

— E o que todos os homens dizem. São sempre muito seguros de si. Sei o que aconteceu com algumas amigas minhas. Rapazes como você são muito perigosos. E quando acontece, não há nada a fazer.

Com uma voz desesperada, ele explicou-lhe que não era um fedelho sem experiência e que nunca a teria engravidado.

— Afinal, você não vai me comparar aos companheiros de suas amigas!

— Eu sei — disse ela com convicção, quase pedindo desculpas. O estudante não precisava procurar convencê-la mais ainda. Ela acreditava nele. Ele não era nenhum camponês e sem dúvida conhecia melhor as coisas do amor do que todos os garagistas do mundo. Sem dúvida ela tinha errado ao

se negar a ele naquela noite. Mas não lamentava isso. Uma noite de amor acompanhada de um breve contato físico (na mente de Christine o amor físico não pode ser senão rápido e fugaz) lhe deixaria sempre a impressão de uma coisa bela, mas ao mesmo tempo perigosa e pérfida. O que ela vivera com o estudante era infinitamente melhor.

Ele a tinha acompanhado até a estação e ela já se alegrava com a ideia de sentar-se em seu compartimento e recordar-se. Repetia-se em pensamento, com o áspero senso prático das mulheres simples, que tinha vivido uma coisa que *ninguém poderá lhe tirar*: passara uma noite com um rapaz que sempre lhe parecera irreal, inatingível e distante, e o segurara uma noite inteira pelo membro ereto. E, uma noite inteira! Era uma coisa que nunca tinha lhe acontecido! Talvez ela não tornasse a vê-lo, mas nunca achara que poderia vê-lo sempre. Estava feliz com a ideia de que iria guardar dele alguma coisa de durável: os versos de Goethe e a incrível dedicatória que poderia convencê-la a qualquer momento de que sua aventura não fora um sonho.

O estudante ficou desesperado. Naquela noite teria bastado apenas uma frase sensata! Teria bastado dar às coisas seus devidos nomes e ele a teria possuído! Ela tivera medo que ele a engravidasse, e ele pensou que ela temesse o infinito de seu amor! Mergulhou os olhos na profundidade insondável de sua estupidez e teve vontade de desatar a rir, um riso cheio de lágrimas, histérico.

Voltou da estação para o seu deserto sem noites de amor, e a *litost o* acompanhava.

Novas observações para uma teoria da *litost*

Por meio de dois exemplos tirados da vida do estudante, expliquei as duas reações elementares do homem em face da

sua própria *litost*. Se nosso interlocutor é mais fraco do que nós, encontramos um pretexto para agredi-lo, como o estudante agrediu a estudante que nadava muito depressa.

Se nosso interlocutor é mais forte, só nos resta escolher uma vingança disfarçada, um tapa dado indiretamente, um assassinato pelo meio indireto do suicídio. A criança toca uma nota errada em seu violino até que o professor enlouqueça e a atire pela janela. E a criança cai e durante a queda alegre-se com a ideia de que professor cruel será acusado de assassinato.

Eis aí dois métodos clássicos, e se o primeiro é encontrado constantemente na vida dos amantes e dos casais, aquilo que se convencionou chamar de a grande História da Humanidade oferece inumeráveis exemplos do outro procedimento. É provável que tudo o que nossos mestres batizaram com o nome de heroísmo tenha sido apenas essa forma de *litost* que illustrei com a história do menino e do professor de violino. Os persas conquistaram o Peloponeso e os espartanos acumularam erros militares. E do mesmo modo que o menino se recusa a tocar direito, eles também são cegados pelas lágrimas de raiva e recusam qualquer ação sensata, não são capazes nem de lutar melhor, nem de se entregarem, nem de se salvarem na fuga, e é por *litost* que se deixam matar até o último.

Vem-me a ideia, neste contexto, que não foi absolutamente por acaso que a noção de *litost* nasceu na Boêmia. A história dos tchecos, essa história de eternas revoltas contra os mais fortes, essa sucessão de gloriosas derrotas que punham em movimento o curso da História e levavam à sua perda o próprio povo que a tinha desencadeado, é a história da *litost*. Quando em agosto de 1968 milhares de tanques russos ocuparam esse pequeno e maravilhoso país, eu vi escrita nos muros de uma cidade a seguinte divisa: *Não queremos acordo, queremos a vitória!*

Compreendam que, naquele momento, só havia escolha entre muitas variantes de derrota, nada mais, mas essa cidade recusava o acordo e desejava a vitória! Não era a razão, era a *litost* que falava! Aquele que recusa o acordo finalmente não tem outra escolha a não ser a pior das derrotas imagináveis. Mas é justamente o que quer a *litost*. O homem possuído por ela se vingava por meio de seu próprio aniquilamento. A criança esmagou-se na calçada, mas sua alma imortal vai se regozijar eternamente, porque o professor enforcou-se no ferrolho de uma janela.

Mas como o estudante pode fazer mal a Christine? Antes que ele pudesse imaginar o que quer que fosse, ela subiu no trem. Os teóricos conhecem uma situação desse tipo e afirmam que se assiste então ao que eles chamam de um *bloqueio da litost*.

E o que pode acontecer de pior. A *litost* do estudante era como um tumor que aumentava de minuto a minuto e ele não sabia o que fazer com ele. Como não havia ninguém em quem pudesse se vingar, ele aspirava ao menos a uma consolação. Foi por isso que se lembrou de Lermontov. Lembrou-se de Lermontov, que Goethe insultara, que Voltaire humilhara e que enfrentara a todos gritando o seu orgulho, como se todos os poetas que estavam sentados em volta da mesa não fossem outra coisa senão professores de violino a quem ele quisesse provocar para que eles o atirassem pela janela.

O estudante desejou Lermontov como se deseja um irmão e enfiou a mão no bolso. Seus dedos apalparam uma grande folha de papel dobrada. Era uma folha arrancada de um caderno onde se podia ler: *Espero você. Eu o amo. Christine. Meia-noite.*

Ele compreendeu. O paletó que estava usando estava pendurado, na véspera, num cabide em sua mansarda. O bilhete tardiamente descoberto apenas confirmou aquilo que ele já sabia. Tinha perdido o corpo de Christine por causa de

sua própria burrice. A *litost* o enchia até a borda e ele não via por onde escapar.

No fundo do desespero

Era bem no fim da tarde, e ele achou que os poetas deviam estar finalmente acordados, depois da bebedeira da noite anterior. Talvez estivessem no clube dos homens de letras. Ele subiu a escada de quatro em quatro degraus até o primeiro andar, atravessou o vestiário e virou à direita na direção do restaurante. Não era um frequentador assíduo; parou na soleira e espiou. Petrarca e Lermontov estavam sentados no fundo da sala com dois sujeitos que ele não conhecia. Havia uma mesa livre perto; ele puxou uma cadeira e se sentou. Ninguém reparou nele. Ele teve até mesmo a impressão de que Petrarca e Lermontov o tinham olhado um segundo com ar ausente e não o tinham reconhecido. Pediu ao garçom um conhaque; em sua cabeça ressoava dolorosamente o texto infinitamente triste e infinitamente belo do bilhete de Christine: *Espero você. Eu o amo. Christine. Meia-noite.*

Ele ficou assim cerca de vinte minutos, bebendo seu conhaque em pequenos goles. A visão de Petrarca e Lermontov, longe de reconfortá-lo, só lhe trouxe uma nova tristeza. Ele fora abandonado por todos, abandonado por Christine e pelos poetas. Estava só, tendo por companhia apenas uma grande folha de papel na qual estava escrito: *Espero você. Eu o amo. Christine. Meia-noite.* Teve vontade de levantar e de brandir esse papel em cima de sua cabeça para que todo mundo o visse, para que todo mundo soubesse que ele, o estudante, era amado, infinitamente amado.

Chamou o garçom para pagar. Depois acendeu mais um cigarro. Não tinha mais nenhuma vontade de ficar no clube, mas sentia um terrível desgosto com a ideia de voltar para

sua mansarda, onde nenhuma mulher o esperava. Por fim, esmagou o cigarro no cinzeiro e justamente nesse momento notou que Petrarca o via e fazia-lhe sinal, com a mão, de sua mesa. Mas era tarde demais, a *litost* o expulsava do clube em direção à sua triste solidão. Levantou-se e, no último instante, tirou mais uma vez do bolso a folha de papel onde estava escrito o bilhete de amor de Christine. Essa folha de papel que não lhe trazia mais nenhuma alegria. Mas se a deixasse ali, em cima da mesa, talvez alguém a notasse e ficasse sabendo que o estudante era infinitamente amado.

Ele dirigiu-se à saída para ir embora.

Uma glória súbita

— Meu amigo! — O estudante ouviu uma voz e virou-se. Era Petrarca que lhe fazia sinal e se aproximava dele. — Já está indo embora? — Ele desculpou-se por não tê-lo reconhecido logo. — Quando bebo, fico completamente embotado no dia seguinte.

O estudante explicou que não queria incomodar Petrarca, pois não conhecia as pessoas com quem ele estava.

— São uns idiotas — disse Petrarca ao estudante, e foi sentar-se à mesa que o estudante acabara de abandonar. O estudante olhava com olhos angustiados a grande folha de papel largada sobre a mesa. Se ao menos fosse um pequeno pedaço de papel discreto, mas aquela folha de papel grande parecia desmascarar aos gritos a intenção desajeitadamente visível de quem a tinha esquecido ali.

Petrarca, girando os olhos negros com curiosidade, reparou logo na folha e examinou-a:

— O que é isso? Ah, meu amigo, é sua!

Desajeitado, o estudante tentava fingir o embaraço de um homem que tinha deixado jogado por engano um bilhete

confidencial e tentava arrancar o papel das mãos de Petrarca.

Mas este já tinha começado a ler em voz alta:

— Espero você. Eu o amo. Christine. Meia-noite.

Olhou o estudante nos olhos e em seguida perguntou:

— Quando foi isso? Espero que não tenha sido ontem!

O estudante baixou os olhos:

— Foi — disse ele, e não tentou mais tomar o papel das mãos de Petrarca.

Mas, enquanto isso, Lermontov aproximara-se da mesa, com suas pernas curtas. Estendeu a mão para o estudante:

— Estou contente de vê-lo. Aqueles sujeitos — disse ele apontando para a mesa que acabava de deixar — são perfeitos cretinos. — E sentou-se.

Petrarca leu imediatamente para Lermontov o texto do bilhete de Christine, leu-o muitas vezes seguidas, com uma voz sonora e melodiosa como se fossem versos.

O que me faz pensar que, quando não se pode nem dar um tapa numa moça que nada muito depressa nem se deixar matar pelos persas, quando não existe mais nenhuma maneira de escapar da *litost*, então a graça da poesia voa em nosso socorro.

O que resta dessa história realmente fracassada? Nada, a não ser a poesia. Inscritas no livro de Goethe, palavras que Christine leva consigo, e numa folha de papel pautada, as linhas que vestiram o estudante com uma glória inopinada.

— Meu amigo — disse Petrarca segurando o estudante pelo braço —, confesse que você escreve versos, que você é poeta!

O estudante baixou os olhos e confessou que Petrarca não se enganava.

E Lermontov fica sozinho

Foi Lermontov que o estudante veio ver no clube dos homens de letras, mas a partir desse momento ele está perdido para Lermontov e Lermontov está perdido para ele. Lermontov detesta os amantes felizes. Franze o cenho e fala com desprezo da poesia de sentimentos adocicados e de grandes palavras. Diz que um poema deve ser honesto como um objeto moldado pela mão de um trabalhador. Faz cara feia e mostra-se grosseiro para com Petrarca e o estudante. Sabemos bem do que se trata. Goethe também sabia. É por trepar pouco. Uma terrível *litost* de não trepar.

Quem poderia compreendê-lo melhor do que o estudante? Mas esse incorrigível imbecil vê apenas o rosto fechado de Lermontov, ouve apenas suas palavras maldosas e fica ofendido.

Eu, na França, fico olhando-os de longe, do alto da minha torre. Petrarca e o estudante se levantam. Despedem-se friamente de Lermontov. E Lermontov fica sozinho.

Meu caro Lermontov, o gênio dessa dor que, na minha triste Boêmia, chamamos de *litost*.

Sexta parte - Os anjos

1

Em fevereiro de 1948, o dirigente comunista Klement Gottwald postou-se na sacada de um palácio barroco de Praga para discursar longamente para centenas de milhares de cidadãos que se achavam concentrados na praça da Cidade Velha. Foi um grande marco na história da Boêmia. Nevava, fazia frio e Gottwald estava com a cabeça descoberta. Clementis, cheio de solicitude, tirou seu gorro de pele e colocou-o na cabeça de Gottwald.

Nem Gottwald nem Clementis sabiam que Franz Kafka se servira todos os dias, durante oito anos, da escada pela qual eles acabavam de subir à sacada histórica, pois sob o Império Austro-Húngaro esse palácio abrigava um liceu alemão. Eles também não sabiam que, no andar térreo do mesmo prédio, o pai de Franz, Hermann Kafka, tinha uma loja cuja tabuleta da entrada mostrava uma pequena gralha ao lado do seu nome, porque, em tcheco, *kafka* significa gralha.

Se Gottwald, Clementis e todos os outros ignoravam tudo a respeito de Kafka, este conhecia-lhes a ignorância. Praga, em seu romance, é uma cidade sem memória. Essa cidade esqueceu até mesmo como se chama. Lá, ninguém se lembra, ninguém se recorda de nada, mesmo Joseph K. parece não saber nada de sua vida pregressa. Lá, nenhuma canção pode ser ouvida para nos evocar o instante de seu nascimento e ligar assim o presente ao passado.

O tempo do romance de Kafka é o tempo de uma humanidade que perdeu a continuidade com a humanidade, de uma humanidade que não sabe mais nada, que não se lembra de mais nada e que mora em cidades que não têm nome e cujas ruas são sem nome ou têm um nome diferente do de ontem, pois o nome é uma continuidade com o passado

e as pessoas que não têm passado são pessoas sem nome.

Praga, como dizia Max Brod, é a cidade do mal. Quando, depois da derrota da reforma tcheca em 1621, tentaram reeducar o povo inculcando-lhe a verdadeira fé católica, os jesuítas mergulharam Praga no esplendor das catedrais barrocas. Esses milhares de santos petrificados que nos olham de todas as partes, e nos ameaçam, nos espiam, nos hipnotizam, são o exército frenético dos ocupantes que invadiram a Boêmia há trezentos e cinquenta anos para arrancar da alma do povo sua fé e sua língua.

A rua onde nasceu Tamina chamava-se Rua Schwerinova. Isso foi durante a guerra, e Praga estava ocupada pelos alemães. Seu pai nasceu na Avenida Tchernokostelecka — a avenida da igreja preta. Foi sob o Império Austro-Húngaro. Sua mãe instalou-se na casa de seu pai, na Avenida do Marechal Foch. Isso foi depois da guerra de 14-18. Tamina passou a infância na Avenida Stálin, e foi na Avenida de Vinohrady que seu marido foi buscá-la para levá-la para seu novo lar. No entanto, era sempre a mesma rua, só o seu nome era mudado, constantemente; faziam-lhe lavagem cerebral para apatetá-la.

Nas ruas que não sabem como se chamam vagam os espectros dos monumentos derrubados. Derrubados pela reforma tcheca, derrubados pela contra-reforma austríaca, derrubados pela república tchecoslovaca, derrubados pelos comunistas; até as estátuas de Stálin foram derrubadas. No lugar de todos esses monumentos destruídos crescem hoje, em toda a Boêmia, aos milhares, estátuas de Lênin; elas crescem lá como a relva sobre as ruínas, como as flores melancólicas do esquecimento.

Se Franz Kafka é o profeta de um mundo sem memória, Gustav Husak é o seu construtor. Depois de T. G. Masaryk, que era chamado de o *presidente libertador* (todos os seus monumentos, sem exceção, foram destruídos), depois de Benes, Gottwald, Zapotocky, Novotny e Svoboda, é o sétimo presidente de meu país, e chamam-no de o *presidente do esquecimento*.

Os russos o instalaram no poder em 1969. Desde 1621, a história do povo tcheco não conhecia semelhante massacre da cultura e dos intelectuais. Imagina-se por toda parte que Husak só faz perseguir seus adversários políticos. Mas a luta contra a oposição política só foi para os russos a oportunidade sonhada de realizar, por intermédio de seu lugar-tenente, algo de muito mais fundamental.

Acho muito significativo, sob esse ponto de vista, que Husak tenha mandado expulsar das universidades e dos institutos científicos cento e quarenta e cinco historiadores tchecos. (Dizem que, para cada historiador, misteriosamente, como num conto de fadas, um novo monumento de Lênin surgiu em alguma parte da Boêmia.) Em 1971, um desses historiadores, Milan Hubl, com seus óculos de lentes extraordinariamente grossas, estava no meu apartamento da Rua Bartolomejska. Olhávamos pela janela as torres do Hradcany e estávamos tristes.

— Para liquidar os povos — dizia Hubl —, começa-se por lhes tirar a memória. Destroem-se seus livros, sua cultura, sua história. E uma outra pessoa lhes escreve outros livros, lhes dá uma outra cultura e lhes inventa uma outra História. Em seguida, o povo começa lentamente a esquecer o que é e o que era. O mundo à sua volta o esquece ainda mais depressa.

— E a língua?

— Por que tirá-la de nós? Trata-se apenas de um folclore que morrerá mais cedo ou mais tarde de morte natural.

Seria isso uma hipérbole ditada por uma tristeza muito grande?

Ou será verdade que o povo não poderá atravessar vivo o deserto do esquecimento organizado?

Nenhum de nós sabe o que vai acontecer, mas uma coisa é certa. Nos instantes de clarividência, o povo tcheco pode ver de perto, diante dele, a imagem de sua morte. Nem como uma realidade nem como um futuro inelutável, mas, mesmo assim, como uma possibilidade inteiramente concreta. Sua morte está com ele.

3

Seis meses mais tarde, Hubl foi preso e condenado a longos anos de prisão. Nessa época, meu pai estava moribundo.

Durante os últimos dez anos de sua vida, ele perdeu pouco a pouco o uso da palavra. No começo, fugiam-lhe apenas algumas palavras, ou, em seu lugar, ele dizia outras parecidas com estas, e logo começava a rir. Mas, no final, ele só conseguia pronunciar muito poucas palavras, e toda vez que tentava precisar seu pensamento, terminava sempre com a mesma frase, uma das últimas que lhe restavam: *E estranho*.

Ele dizia *é estranho*, e havia em seus olhos o imenso espanto de tudo saber, mas de nada poder dizer. As coisas haviam perdido seu nome e confundiam-se num único ser indiferenciado. E eu era o único, quando lhe falava, que podia, por um instante, fazer ressurgir daquele infinito sem palavras entidades dotadas de nomes.

Sobre seu rosto bonito, os grandes olhos azuis exprimiam a mesma sabedoria de antes. Eu o levava muitas vezes para dar seu passeio. Fazíamos invariavelmente a volta no mesmo

quarteirão; papai não tinha força para ir mais longe. Ele andava com dificuldade, dava passinhos curtos e, logo que se sentia um pouco cansado, seu corpo começava a inclinar-se para a frente e ele perdia o equilíbrio. Muitas vezes tínhamos de parar para que ele descansasse, com o rosto encostado num muro.

Durante esses passeios, falávamos de música. Quando papai falava normalmente, eu lhe fazia poucas perguntas. E agora eu queria recuperar o tempo perdido. Então falávamos de música, mas era uma conversa estranha entre alguém que não sabia nada, mas conhecia palavras em grande número, e alguém que sabia tudo, mas não conhecia uma única palavra.

Ao longo dos dez anos que durou sua doença, papai escreveu um livro grosso a respeito das sonatas de Beethoven. Escrevia sem dúvida um pouco melhor do que falava, mas, mesmo escrevendo, tinha cada vez mais dificuldade para encontrar as palavras que queria usar, e seu texto tornava-se incompreensível porque ele compunha palavras que não existiam.

Um dia ele me chamou em seu quarto. Tinha aberto sobre o piano as variações da sonata *Opus 111*. Disse-me “olhe” mostrando a partitura (ele não conseguia mais tocar piano), repetiu “olhe” e ainda conseguiu dizer depois de um longo esforço: “Agora eu sei!”, e continuou tentando me explicar algo importante, mas sua mensagem se compunha de palavras totalmente incompreensíveis, e, vendo que eu não o entendia, olhou-me com surpresa e disse: “É estranho”.

Evidentemente, eu sei o que ele queria dizer, porque ele se fazia essa pergunta há muito tempo. As variações eram a forma favorita de Beethoven no final de sua vida. Poder-se-ia achar, à primeira vista, que é a forma mais superficial, uma simples exibição de técnica musical, um trabalho que convém mais a uma rendeira do que a Beethoven. E Beethoven (pela primeira vez na história da música) fez dela uma forma

soberana, nela registrou suas mais belas meditações.

Sim, é uma coisa muito conhecida. Mas papai queria saber como se deve compreendê-la. Por que exatamente variações? Que sentido se esconde por trás disso?

Era por isso que ele me havia chamado em seu quarto e me mostrava a partitura, dizendo: “Agora eu sei!”

4

O silêncio de meu pai, diante de quem todas as palavras se esquivavam, o silêncio de cento e quarenta e cinco historiadores aos quais foi proibido lembrar-se, esse silêncio infinito que ressoa na Boêmia constitui o segundo plano do quadro sobre o qual pinto Tamina.

Ela continua a servir café num bistrô de uma pequena cidade no oeste da Europa. Mas perdeu o brilho da delicada solicitude que outrora encantava os fregueses. Passou a vontade de oferecer seu ouvido às pessoas.

Um dia em que Bibi viera sentar-se novamente num tamborete do bar e em que sua garota se arrastava pelo chão, berrando, Tamina, depois de esperar um instante que a mãe impusesse ordem no recinto, perdeu a paciência e disse:

— Quer fazer sua garota calar a boca?

Bibi abespinhou-se e retorquiou:

— Por que você detesta crianças, hem?

Não se pode dizer que Tamina detestava crianças. No entanto, a voz de Bibi traía uma hostilidade totalmente inesperada que não escapava a Tamina. Sem que ela soubesse como, as duas deixaram de ser amigas.

Um dia, Tamina não foi trabalhar. Isso nunca acontecera antes. A dona do bistrô foi até sua casa saber o que acontecera. Tocou a campainha, mas ninguém a atendeu. Voltou no dia seguinte e, novamente, tocou a campainha sem

resultado. Chamou a polícia. A porta foi arrombada, mas só foi encontrada uma moradia cuidadosamente arrumada onde não faltava nada e onde não havia nada de suspeito.

Tamina não voltou nos dias seguintes. A polícia continuou ocupando-se do caso sem descobrir nada de novo. O desaparecimento de Tamina foi classificado entre os casos sem solução.

5

No dia fatídico, um rapaz de *jeans* veio sentar-se ao balcão. Nessa hora Tamina estava sozinha no café. O rapaz havia pedido uma Coca e bebericava lentamente o líquido. Olhava Tamina e Tamina olhava para o vazio.

Ao final de um instante, ele disse:

— Tamina.

Se queria impressioná-la, foi mal sucedido. Não era muito difícil descobrir o seu nome; no bairro, todos os fregueses o sabiam.

— Eu sei que você está triste — prosseguiu o rapaz.

Essa observação também não seduziu Tamina. Ela sabia que existem muitas maneiras de conquistar uma mulher e que um dos caminhos mais seguros para o seu corpo passa pela tristeza. No entanto, olhou o rapaz com mais interesse do que um pouco antes.

Eles iniciaram uma conversa. O que intrigava Tamina eram as suas perguntas. Não o conteúdo delas, mas o simples fato de ele as fazer. Meu Deus, havia tanto tempo que não lhe perguntavam nada! Tinha a impressão de que havia uma eternidade! Só seu marido lhe fazia perguntas sem cessar, porque o amor é uma interrogação contínua. E, não conheço definição melhor do amor.

(Meu amigo Hubl me diria que, nesse caso, ninguém nos

ama mais do que a polícia. É verdade. Assim como todo *alto* tem seu simétrico *baixo*, o interesse do amor tem por negativo a curiosidade da polícia. Podemos às vezes confundir o baixo e o alto, e posso muito bem imaginar que pessoas que se sentem sós desejem ser conduzidas de vez em quando à delegacia para serem interrogadas e poderem falar de si mesmas.)

6

O rapaz a olha nos olhos, a ouve e em seguida diz que o que ela chama de lembrar é, na realidade, algo muito diferente: fascinada, ela se observa esquecer.

Tamina aprova.

E o rapaz prossegue: o olhar triste que ela lança para trás não é mais a expressão de sua fidelidade a um morto. O morto desapareceu de seu campo de visão e ela olha apenas o vazio.

O vazio? Mas então o que torna tão pesado o seu olhar?

Ele não está pesado com lembranças, explica o rapaz, mas com remorsos. Tamina nunca se perdoará por ter esquecido.

— E o que devo fazer? — pergunta Tamina.

— Esquecer seu esquecimento — responde o rapaz.

Tamina sorri com amargura:

— Explique-me como devo agir.

— Você nunca teve vontade de partir?

— Claro que sim — confessa Tamina. — Tenho uma terrível vontade de partir. Mas para onde?

— Para um lugar onde as coisas sejam leves como a brisa. Onde as coisas tenham perdido seu peso. Onde não há remorsos.

— É — diz Tamina, sonhadora. — Ir para um lugar onde as coisas não pesem nada.

E, como num conto, como num sonho (mas é um conto! é um sonho!), Tamina abandona o balcão atrás do qual passou vários anos de sua vida e sai do café com o rapaz. Um carro esporte vermelho está estacionado junto ao meio-fio. O rapaz se instala ao volante e convida Tamina para entrar e sentar-se ao seu lado.

7

Entendo as censuras que Tamina faz a si mesma. Eu também me censurei quando papai morreu. Não podia me perdoar por ter-lhe feito tão poucas perguntas, por saber tão pouca coisa a seu respeito, por ter-me permitido ficar sem ele. E foram justamente esses remorsos que me fizeram compreender de repente o que com certeza ele queria me dizer diante da partitura aberta da sonata *Opus 111*.

Vou tentar explicar-me por meio de uma comparação. A sinfonia é uma epopéia musical. Poder-se-ia dizer que ela se assemelha a uma viagem que nos conduz, através do infinito do mundo exterior, de uma coisa a outra, cada vez mais longe. As variações também são uma viagem. Mas essa viagem não nos conduz através do infinito do mundo exterior. Vocês certamente conhecem o pensamento de Pascal segundo o qual o homem vive entre o abismo do infinitamente grande e o abismo do infinitamente pequeno. A viagem das variações conduz o homem para dentro desse *outro* infinito, para dentro da infinita diversidade do mundo interior que se dissimula em todas as coisas.

Nas variações, Beethoven descobriu então um outro espaço a ser explorado. Suas variações são um novo *convite á viagem*.

A forma das variações é a forma em que a concentração é levada a seu máximo; ela permite ao compositor dizer apenas

o essencial, ir direto ao núcleo das coisas. O tema das variações muitas vezes não tem mais do que dezesseis compassos. Beethoven vai no interior desses dezesseis compassos como se descesse num poço dentro da terra.

A viagem para o outro infinito não é menos aventurosa que a viagem da epopéia. É assim que o físico penetra nas entranhas milagrosas do átomo. A cada variação, Beethoven se distancia mais do tema inicial, que não se assemelha mais à última variação do que a flor à sua imagem ao microscópio.

O homem sabe que não pode abarcar o universo com seus sóis e suas estrelas. Muito mais insuportável para ele é ser condenado a ficar sem o outro infinito, esse infinito bem próximo, ao seu alcance. Tamina ficou sem o infinito de seu amor, eu fiquei sem papai e cada um fica sem sua obra, porque, na busca da perfeição, vamos ao interior da coisa, e aí não podemos nunca ir até o fim.

Que o infinito do mundo exterior nos tenha escapado, nós aceitamos como uma condição natural. Mas, por termos ficado sem o outro, nós nos censuraremos até a morte. Pensávamos no infinito das estrelas, mas com o infinito que papai trazia em si mesmo, nós não nos preocupávamos.

Não é de surpreender que, na maturidade, as variações tenham se tornado a forma preferida de Beethoven, que sabia muito bem (como sabe Tamina e como sei eu) que não existe nada de mais insuportável do que ficar sem o ser que amamos, esses dezesseis compassos e o universo interior de suas possibilidades infinitas.

8

Este livro todo é um romance em forma de variações. As diferentes partes se seguem como as diferentes etapas de uma viagem que conduz ao interior de um tema, ao interior

de um pensamento, ao interior de uma só e única situação cujo sentido se perde para mim na imensidão.

É um romance a respeito de Tamina e, no momento em que ela sai de cena, é um romance para Tamina. Ela é o principal personagem e o principal ouvinte, e todas as outras histórias são uma variação sobre sua história e se reúnem na sua vida como num espelho.

É um romance que se refere ao riso e ao esquecimento, que diz respeito ao esquecimento e a Praga, que fala de Praga e anjos. Aliás, não é absolutamente um acaso se o rapaz que está ao volante se chama Raphael.

A paisagem se tornava cada vez mais deserta, havia cada vez menos vegetação e cada vez mais ocre, cada vez menos relva e árvores e cada vez mais areia e barro. Então o carro deixou a estrada e entrou num caminho estreito que terminava de repente num declive escarpado. O rapaz parou o carro. Eles desceram. Estavam na extremidade do declive; cerca de dez metros abaixo ficava a estreita orla de uma praia argilosa e, mais adiante, uma água turva, barrenta, estendia-se a perder de vista.

— Onde estamos? — perguntou Tamina, com um nó na garganta. Tinha vontade de dizer a Raphael que queria voltar, mas não ousava: tinha medo de que ele recusasse e sabia que essa recusa aumentaria ainda mais sua angústia.

Eles estavam à beira do declive; diante deles havia a água e em volta deles nada além de barro, barro diluído e sem mato, como se fizessem extração de argila por ali. E, de fato, um pouco mais adiante, erguia-se uma draga abandonada.

Essa paisagem lembrava a Tamina a região da Boêmia onde seu marido tivera seu último emprego, quando conseguira, depois de ter sido despedido de seu trabalho, um lugar de condutor de motoniveladora a cerca de cem quilômetros de Praga. Durante a semana, ele morava num

carro-reboque e só vinha a Praga no domingo, para ver Tamina. Uma vez, ela fora encontrá-lo lá e os dois haviam passeado numa paisagem muito parecida com aquela. No barro úmido sem mato e sem árvores, acossados por baixo pela cor ocre e amarela e, do alto, por nuvens cinza e pesadas, eles caminhavam lado a lado, calçados com botas de borracha que afundavam na lama e deslizavam. Estavam sós no mundo, cheios de angústia, de amor e de inquietação desesperada um pelo outro.

Era o mesmo desespero que acabava de penetrá-la, e ela alegrou-se por encontrar ali, de repente, como que de surpresa, um fragmento perdido de seu passado. Era uma lembrança totalmente perdida e era a primeira vez, depois de tanto tempo, que ela lhe voltava. Era preciso anotá-la em seu diário! Ela saberia até o ano exato!

E ela sentia vontade de dizer ao rapaz que queria voltar. Não, ele não tinha razão quando dizia que sua tristeza era apenas uma forma sem conteúdo! Não, não, seu marido continuava vivo nessa tristeza, só que ele estava perdido e ela tinha de ir à sua procura! A sua procura no mundo inteiro! Sim, sim! Finalmente ela sabia! Aquele que quer se lembrar não deve ficar no mesmo lugar e esperar que as lembranças venham sozinhas até ele! As lembranças se dispersaram neste mundo vasto e é preciso viajar para reencontrá-las e fazê-las sair de seu abrigo!

Ela queria dizer isso ao rapaz e pedir-lhe para levá-la de volta. Mas, nesse momento, de baixo, do lado da água, eles ouviram um assobio.

9

Raphael segurou Tamina pelo braço. Era um aperto enérgico, do qual não era possível desvencilhar-se. Um

estreito caminho escorregadio ziguezagueava ao longo do declive. Ele conduziu Tamina por esse caminho.

Um menino de aproximadamente doze anos esperava na praia, onde um pouco antes não havia o menor vestígio de vida. Segurava pela ponta de uma corda um barco que balançava levemente à beira d'água, e sorria para Tamina.

Ela se virou para Raphael. Ele também sorria. Ela os olhou alternadamente, e então Raphael desatou a rir, e o menino fez o mesmo. Era um riso insólito, porque não estava ocorrendo nada de engraçado, mas, ao mesmo tempo, era um riso contagiante e engraçado: convidava-a a esquecer a angústia e prometia-lhe algo de vago, talvez alegria, talvez paz, de modo que Tamina, que queria escapar de sua angústia, pôs-se a rir docilmente com eles.

— Está vendo? — disse-lhe Raphael. — Você não tem nada a temer.

Tamina subiu no barco, que se pôs a oscilar sob o seu peso. Ela se sentou no banco de trás, que estava úmido. Ela usava um vestido fino, de verão, e sentiu a umidade nas nádegas. Esse contato pegajoso sobre a sua pele despertou-lhe a angústia.

O menino deu um impulso para afastar o barco da praia, pegou os remos, e Tamina virou a cabeça: Raphael continuava no mesmo lugar e seguia-os com os olhos. Sorria, e Tamina achou algo de estranho nesse sorriso. É! Ele sorria meneando a cabeça de maneira imperceptível! Sorria e meneava a cabeça da direita para a esquerda, com um movimento totalmente imperceptível.

10

Por que Tamina não pergunta para onde está indo?

Aquele que não se preocupa com o objetivo não pergunta

para onde está indo!

Ela olhava o menino que estava sentado diante dela e que remava. Achava-o fraco, e os remos, muito pesados.

— Você não quer que eu faça isso por você? — perguntou ela.

O menino concordou com prazer e largou os remos.

Eles trocaram de lugar. Ele se sentou na parte de trás, olhou Tamina remar e puxou um pequeno gravador que estava sob o banco. Um *rock* começou a tocar; ouviam-se guitarras elétricas e palavras, e o menino começou a se contorcer ao ritmo da música. Tamina o olhava com repugnância: aquela criança rebolava com movimentos de adulto que ela achou obscenos.

Abaixou os olhos para não vê-lo. Nesse momento, o menino aumentou o volume do gravador e começou a cantarolar. Por fim, quando ela ergueu novamente os olhos para ele, ele lhe perguntou:

— Por que você não canta?

— Não conheço essa música.

— Como não conhece? É uma música que todo mundo conhece.

Ele continuou contorcendo-se sobre o banco, e Tamina sentiu-se cansada:

— Você não quer revezar um pouco comigo?

— Reme! — replicou o menino, rindo.

Mas Tamina estava realmente cansada. Colocou os remos de volta sobre o barco para descansar:

— Está perto?

O menino apontou para a frente. Tamina se virou. A praia já não estava muito distante. Oferecia ao olhar uma paisagem diferente daquela que eles acabavam de deixar: era verdejante, relvosa, coberta de árvores.

Afinal, o barco tocou o fundo. Cerca de dez garotos

jogavam bola na praia e os olhavam com curiosidade. Tamina e o menino desceram. O menino amarrou o barco numa estaca. Da orla arenosa partia uma longa alameda de plátanos. Eles seguiram por ela e, em menos de dez minutos, chegaram a uma grande construção baixa. Na frente havia grandes objetos coloridos cuja utilidade ela não entendeu, e várias redes de voleibol. Elas tinham algo de curioso que impressionou Tamina. E, elas estavam armadas muito baixo.

O menino pôs dois dedos na boca e assobiou.

11

Uma menina de aproximadamente nove anos avançou arrastando os pés. Tinha uma carinha encantadora e a barriga faceiramente arqueada, como as virgens dos quadros góticos. Olhou para Tamina sem interesse especial, com o olhar de uma mulher que tem consciência de sua beleza e quer acentuá-la com uma ostensiva indiferença por tudo o que não é ela.

A menina abriu a porta da casa de muros brancos. Eles entraram diretamente (não havia vestíbulo nem corredor) numa grande sala cheia de camas. Ela circunvagou os olhos pela sala, como se contasse as camas, e em seguida apontou-lhe uma:

— Você vai dormir nesta.

Tamina protestou:

— O quê?! Eu vou dormir num dormitório?

— Criança não tem direito de ter quarto individual.

— Criança? Eu não sou criança!

— Aqui, somos todos crianças!

— De qualquer forma, deve haver adultos também!

— Não, aqui não há adultos.

— Então, o que eu estou fazendo aqui? — gritou Tamina.

A menina não percebeu o seu nervosismo. Dirigiu-se à porta, deteve-se na soleira e disse:

— Coloquei você junto com os esquilos.

Tamina não entendeu.

— Coloquei você junto com os esquilos — repetiu a criança com um tom de professora descontente. — Somos todos classificados em grupos que têm nomes de animais.

Tamina recusou-se a discutir a respeito de esquilos. Queria voltar. Perguntou onde estava o menino que a havia levado até lá.

A menina fingiu não ouvir o que Tamina dizia e continuou suas explicações.

— Isso não me interessa! — gritou Tamina. — Quero voltar! Onde está o menino?

— Não grite! — Nenhum adulto poderia ser tão arrogante quanto aquela criança bonita. — Não entendo — retomou ela, meneando a cabeça para exprimir sua surpresa: — Por que veio para cá se quer ir embora?

— Eu não pedi para vir para cá!

— Tamina, não minta. Ninguém parte numa longa viagem sem saber para onde está indo. Perca o costume de mentir.

Tamina virou as costas para a menina e precipitou-se pela alameda de plátanos. Uma vez na praia, procurou o barco que o menino havia amarrado a uma estaca não havia nem uma hora. Mas não se via nem barco nem estaca.

Ela começou a correr para examinar a praia. A faixa de areia logo se perdeu num pântano que era preciso contornar de longe, e ela teve de procurar um bom tempo antes de encontrar novamente a água. A margem virava sempre na mesma direção e (sem encontrar vestígio do barco nem de um pontão), ao final de uma hora, ela voltou ao lugar em que a alameda de plátanos desembocava na praia. Compreendeu

que estava numa ilha.

Subiu lentamente a alameda até o dormitório. Lá, cerca de dez crianças, meninas e meninos com idades de seis a doze anos, estavam num círculo. Eles a viram e começaram a gritar:

— Tamina, junte-se a nós!

Abriram o círculo para lhe dar lugar.

Nesse momento, ela se lembrou de Raphael sorrindo e meneando a cabeça.

O medo lhe apertou o coração. Ela passou friamente diante das crianças, entrou no dormitório e deitou-se na cama.

12

Seu marido estava morto no hospital. Ela ia vê-lo o maior número de vezes possível, mas ele morreria à noite, sozinho. No dia seguinte, quando ela fora ao hospital e encontrara a cama vazia, o senhor idoso que estava no mesmo quarto lhe dissera:

— Moça, a senhora devia dar queixa! É horrível o modo que eles tratam os mortos! — O medo estava inscrito em seus olhos, ele sabia que breve seria a sua vez de morrer. — Eles o agarraram pelos pés e o arrastaram pelo chão. Pensaram que eu estava dormindo. Eu vi a cabeça dele bater na soleira da porta.

A morte possui um aspecto duplo: ela é o não-ser. Mas também é o ser, o ser atrozmente material do cadáver.

Quando Tamina era muito nova, a morte só lhe aparecia sob sua primeira forma, sob o aspecto do nada, e o medo da morte (por sinal, muito vago) era o medo de não mais existir. Esse medo havia diminuído com os anos e praticamente havia desaparecido (a ideia de que um dia não veria mais o céu e as árvores não a apavorava), mas em compensação ela pensava

cada vez mais no outro aspecto, no aspecto material da morte: ficava horrorizada com a ideia de tornar-se um cadáver.

Ser um cadáver era o ultraje insuportável. Há apenas um instante éramos um ser humano protegido pelo pudor, pelo caráter sagrado da nudez e da intimidade, e basta-nos que chegue o momento da morte para que nosso corpo fique de repente à disposição de qualquer um, para que possam desnudá-lo, estripá-lo, escutar suas entranhas, tapar o nariz diante de seu fedor, jogá-lo no frigorífico ou no fogo. Quando ela quisera que o marido fosse incinerado, e suas cinzas, espalhadas, era para não ser torturada a vida inteira pela ideia do que sofria aquele corpo amado.

E, alguns meses mais tarde, quando pensara em suicídio, decidira afogar-se bem longe, em mar alto, para que a infâmia de seu corpo defunto fosse conhecida apenas dos peixes, que são mudos.

Já falei da novela de Thomas Mann: um rapaz acometido de uma doença mortal pega o trem e dirige-se a uma cidade desconhecida. No seu quarto há um armário, e toda noite ele tira desse armário uma mulher nua, dolorosamente bela, que lhe conta durante muito tempo alguma coisa suavemente triste, e essa mulher e esse relato são a morte.

São a morte suavemente azulada como o não-ser. Porque o não-ser é um vazio infinito e o espaço vazio é azul, e não há nada mais belo nem mais calmante do que o azul. Não é absolutamente um acaso se Novalis, poeta da morte, gostava do azul e nunca procurou outra coisa senão ele, em suas viagens. A suavidade da morte tem uma cor azul.

Só que, se o não-ser do personagem de Thomas Mann era tão belo, o que foi feito de seu corpo? Arrastaram-no pelos pés para transpor a soleira? Estriparam-no? Jogaram-no na cova ou no fogo?

Mann tinha então vinte e seis anos, e Novalis não chegou aos trinta. Eu tenho mais, infelizmente, e, ao contrário deles, não consigo não pensar no corpo. Pois a morte não é azul e Tamina sabe disso, como eu também sei. A morte é um labor terrível. Meu pai agonizou durante dias com a febre, e eu tinha a impressão de que ele trabalhava. Ele ficava molhado de suor e concentrado totalmente na sua agonia, como se a morte estivesse acima de suas forças. Nem sabia mais que eu estava sentado ao lado de sua cama, nem podia mais perceber minha presença; o trabalho da morte o esgotava completamente; ele ficava concentrado como o cavaleiro sobre o seu cavalo, quando quer chegar a um destino longínquo e só tem um último resto de força.

Sim, ele galopava sobre um cavalo.

Aonde ia?

A algum lugar distante esconder seu corpo.

Não, não é um acaso que todos os poemas a respeito da morte a representam como uma viagem. O rapaz de Thomas Mann entra num trem, Tamina num carro esporte vermelho. Sentimos um desejo infinito de partir para esconder nosso corpo. Mas essa viagem é vã. Galopamos sobre um cavalo, mas encontramos-nos numa cama e batem com a nossa cabeça na soleira de uma porta.

13

Por que Tamina está na ilha das crianças? Por que a imagino justamente nesse lugar?

Não sei.

Talvez porque o ar estava cheio de canções alegres cantadas por vozes infantis no dia em que meu pai agonizava?

Por toda parte, a leste do Elba, as crianças fazem parte de

associações ditas de pioneiros. Elas usam um lenço vermelho em volta do pescoço, vão a reuniões como os adultos e cantam às vezes o hino da *Internationale*. Têm o bom hábito de amarrar de tempos em tempos um lenço vermelho no pescoço de um adulto eminente e de lhe conferir o título de pioneiro de honra. Os adultos gostam disso e quanto mais velhos são, mais lhes agrada receber para o seu caixão um lenço vermelho oferecido pelos garotos.

Todos eles receberam um, Lênin recebeu, assim como Stálin, Masturbov e Cholokhov, Ulbricht e Brejnev, e Husak também recebeu o seu nesse dia, por ocasião de uma grande festa organizada no Castelo de Praga.

A febre de papai havia cedido um pouco. Estávamos em maio e tínhamos aberto a janela que dava para o jardim. Da casa em frente, através dos galhos floridos das macieiras, nos chegava a retransmissão televisionada da cerimônia. Ouvíamos canções no registro agudo das vozes infantis.

O médico estava no quarto, inclinado sobre papai, que não conseguia mais pronunciar uma única palavra sequer. Ele virou-se para mim e disse em voz alta:

— Ele está em coma. Seu cérebro está se decompondo.

Vi os grandes olhos de papai se abrirem ainda mais.

Quando o médico foi embora, eu me senti terrivelmente embaraçado e quis dizer alguma coisa depressa para afugentar aquela frase. Apontei a janela:

— Está ouvindo? E engraçado! Hoje Husak está recebendo o título de pioneiro de honra!

E papai começou a rir. Ria para me mostrar que seu cérebro estava vivo e que eu podia continuar a falar e a brincar com ele.

A voz de Husak chegava até nós através das macieiras: “Minhas crianças! Vocês são o futuro!”

E, ao final: “Minhas crianças, nunca olhem para trás!”

— Vou fechar a janela para não o ouvirmos falar!

Pisquei o olho para papai, e ele me olhou com seu sorriso infinitamente belo, anuindo com a cabeça.

Algumas horas mais tarde, a febre voltou a subir de repente. Ele montou em seu cavalo e galopou durante vários dias. Nunca mais me viu novamente.

14

Mas o que ela pode fazer agora que está perdida entre as crianças? O barqueiro desapareceu com o barco e ao redor há apenas o infinito da água.

Ela vai tentar lutar.

Como é triste: na pequena cidade no oeste da Europa, ela nunca fazia força para nada, e ali, entre crianças (no mundo das coisas sem peso), vai lutar?

E como ela quer lutar?

No dia em que ela chegara, quando se recusara a brincar e se refugiara em sua cama como num castelo inacessível, sentira no ar a hostilidade nascente das crianças e tivera medo. Queria adiantar-se a essa hostilidade. Decidira conquistar a simpatia delas. Para isso, era preciso identificar-se com elas, aceitar sua linguagem. Ela participa, então, voluntariamente, de todas as suas brincadeiras, coloca suas ideias e sua força física nos empreendimentos delas, e logo as crianças são conquistadas por seu encanto.

Se quer identificar-se com elas, ela tem então de renunciar à sua privacidade. Vai com elas ao banheiro, embora no primeiro dia tenha se recusado a acompanhá-las porque repugnava-lhe fazer a toailete sob seus olhares.

O banheiro, uma ampla peça quadrada, é o centro da vida das crianças e de seus pensamentos secretos. De um lado há os dez vasos sanitários e do outro, dez pias. Há sempre um

grupo sentado nos vasos sanitários com a camisa levantada e outro nu diante das pias. Os que estão sentados olham para aqueles que estão nus diante das pias, e os que estão diante das pias se viram para ver os que estão sentados, e toda a peça fica cheia de uma sensualidade secreta que desperta em Tamina a vaga lembrança de algo esquecido há muito tempo.

Tamina está sentada de camisola em um dos vasos sanitários, e os tigres que estão nus diante das pias só têm olhos para ela. Em seguida ouve-se o gorgolejo das descargas; os esquilos se levantam dos vasos e tiram suas compridas camisolas, os tigres deixam as pias e dirigem-se ao dormitório, de onde chegam os gatos; estes sentam-se nos vasos sanitários livres e olham a grande Tamina, com o baixo-ventre negro e os seios grandes, lavar-se diante das pias, entre os esquilos.

Ela não sente vergonha. Sabe que sua sexualidade de adulta faz dela uma rainha que domina aqueles que têm o baixo-ventre sem pêlos.

15

Parece então que a viagem à ilha não era uma conspiração contra ela, como ela acreditara da primeira vez que vira o dormitório com sua cama. Ao contrário, ela se encontrava finalmente onde desejava estar: voltara para trás, longe, num tempo em que seu marido não existia, em que ele não estava nem na lembrança nem no desejo, e em que não havia, portanto, nem peso nem remorso.

Seu pudor sempre fora muito desenvolvido (o pudor era a sombra fiel do amor), e eis que ela se mostrava nua a dezenas de olhos estranhos. No começo, era surpreendente e desagradável, mas ela se acostumara depressa, porque sua nudez não era impudica; ela simplesmente perdia seu

significado para se tornar uma nudez átona, muda e morta. Esse corpo, cujas partes, uma a uma, foram marcadas pela história do amor dos dois, afundava na insignificância, e essa insignificância era um alívio, um descanso.

Se a sensualidade adulta estava desaparecendo, um mundo feito de outras excitações começava lentamente a emergir de um passado distante. Voltavam-lhe muitas lembranças enterradas. Esta, por exemplo (não é de surpreender que ela a tivesse esquecido há muito tempo, porque Tamina adulta devia achá-la insuportavelmente absurda e ridícula): quando estava na décima primeira série da escola comunitária, ela adorava sua jovem e bonita professora e sonhara meses inteiros em estar com ela no banheiro.

Agora ela está sentada no vaso sanitário, sorri e semicerra os olhos. Imagina que é essa professora e que a menina coberta de sardas que está sentada no vaso ao lado e que lhe lança olhares curiosos de esguelha é a pequena Tamina de antigamente. Ela se identifica com os olhos sensuais da menina de faces manchadas de sardas de maneira tão perfeita, que sente em algum lugar, nas profundezas distantes de sua memória, fremir a antiga excitação semidesperta.

16

Graças a Tamina, os esquilos ganhavam em quase todos os jogos, e eles decidiram recompensá-la solenemente. Era no banheiro que as crianças executavam todas as suas punições e que conferiam todas as suas recompensas, e a recompensa de Tamina foi a de ter todo mundo a seu serviço nessa noite: essa noite, ela não tinha o direito de tocar em si mesma com as próprias mãos, os esquilos fariam tudo por ela com

diligência, como servidores totalmente devotados.

Eles se puseram então a seu serviço: começaram por limpá-la cuidadosamente no vaso sanitário, em seguida a levantaram, puxaram a descarga, tiraram-lhe a camisola, empurraram-na até a pia e ali todos quiseram lavar seu peito e seu ventre, todos estavam ávidos por ver como ela era feita entre as pernas e qual a sensação que dava tocá-la nesse lugar. Ela teve vontade, por vezes, de repeli-los, mas era difícil: não podia ser má com os garotos, ainda menos porque eles agiam com uma seriedade admirável, fingiam não fazer outra coisa senão servi-la para recompensá-la.

Finalmente foram colocá-la na cama e lá encontraram de novo mil pretextos encantadores para se apertarem contra ela e acariciá-la no corpo todo. Havia um número muito grande de crianças, e ela não distinguia a quem pertencia essa mão e aquela boca. Sentia pressões por todo o corpo, principalmente onde não era feita como eles. Fechou os olhos e julgou sentir o corpo balançar, balançar lentamente, como se ele estivesse num berço: experimentava uma volúpia tranquila e singular.

Sentia que esse prazer lhe fazia estremecer as comissuras dos lábios. Abriu novamente os olhos e viu um rosto infantil que espiava sua boca e dizia a um outro rosto infantil:

— Olhe! Olhe!

Havia dois rostos infantis inclinados sobre ela para observar avidamente as comissuras de seus lábios que estremeciam, como se olhassem o interior de um relógio desmontado ou uma mosca de asas arrancadas.

Mas ela teve a impressão de que seus olhos viam algo inteiramente diferente do que seu corpo sentia, como se não houvesse ligação entre as crianças inclinadas sobre ela e aquela volúpia, silenciosa e embaladora, que a invadia. Mais uma vez, fechou os olhos para desfrutar seu corpo, pois pela primeira vez na vida seu corpo sentia prazer sem a presença

da alma, que não imaginava nada, que não se lembrava de nada e que saiu do dormitório sem fazer barulho.

17

Eis o que papai me contava quando eu tinha cinco anos: cada tonalidade é uma pequena corte. O poder é exercido pelo rei (o primeiro grau), que é apoiado por dois tenentes (o quinto e quarto graus). Eles têm às suas ordens outros quatro dignitários que têm, cada um, uma relação especial com o rei e seu tenente. Além disso, a corte hospeda outras cinco notas, chamadas cromáticas. Elas certamente ocupam um lugar no primeiro plano das outras tonalidades, mas só estão presentes como convidadas.

Porque cada uma das doze notas tem uma posição, um título, uma função própria, a obra que ouvimos é mais do que uma massa sonora: ela desenvolve uma ação diante de nós. As vezes os acontecimentos são terrivelmente embaralhados (como, por exemplo, na música de Mahler ou mais ainda, na de Bartók ou Stravinski), os príncipes de várias cortes intervêm e de repente já não se sabe que nota está a serviço de que corte e se ela não está a serviço de vários reis. Mas, mesmo nesse caso, o ouvinte mais ingênuo ainda consegue adivinhar, numa sucessão rápida de notas, do que se trata. Mesmo a música mais complicada é ainda uma *linguagem*.

Isso era o que me dizia papai e a continuação é minha: um dia, um homem alto constatou que, em mil anos, a linguagem da música se esgotara e só podia repisar continuamente as mesmas mensagens. Com um decreto revolucionário, ele aboliu a hierarquia das notas e as tornou todas iguais. Impôs a elas uma disciplina severa para evitar que uma aparecesse com mais frequência do que a outra na partitura e se arrogasse assim os antigos privilégios feudais.

As cortes foram abolidas de uma vez por todas e substituídas por um império único fundado numa igualdade chamada dodecafonismo.

A sonoridade da música era talvez ainda mais interessante que antes, mas o homem, acostumado há um milênio a acompanhar as tonalidades nas suas intrigas de corte, ouvia um som e não o entendia. O império do dodecafonismo, por sinal, não tardou a desaparecer. Depois de Schönberg veio Varèse, e este aboliu não só a tonalidade, mas a própria nota (a nota da voz humana e dos instrumentos musicais), substituindo-a por uma organização refinada de ruídos que é sem dúvida alguma magnífica, mas que já inaugura a história de algo diferente, fundado em outros princípios e numa outra língua.

Quando Milan Hübl desenvolvia em meu apartamento de Praga suas reflexões a respeito do eventual desaparecimento do povo tcheco no império russo, ambos sabíamos que essa ideia, talvez justificada, nos ultrapassava, que falávamos do impensável. O homem, embora mortal, não consegue imaginar nem o fim do espaço, nem o fim do tempo, nem o fim da História, nem o fim de um povo; ele vive sempre num infinito ilusório.

Aqueles a quem fascina a ideia de progresso não desconfiam que todo passo à frente torna, ao mesmo tempo, o fim mais próximo e que palavras de ordem alegres como *mais adiante* e *em frente* nos fazem ouvir a voz lasciva da morte que nos incita a nos apressarmos.

(Se o fascínio da expressão *em frente* se tornou universal, não seria, antes de mais nada, porque a morte já nos fala de perto?)

Na época em que Arnold Schönberg fundou o império do dodecafonismo, a música era mais rica do que nunca e embriagada com sua liberdade. Não ocorria a ninguém a ideia de que o fim pudesse estar tão próximo. Nenhum cansaço!

Nenhum crepúsculo! Schönberg era animado pelo espírito mais juvenil da audácia. Enchia-o de um orgulho legítimo ter escolhido o único caminho em frente possível. A história da música terminou com o desabrochar da audácia e do desejo.

18

Se é verdade que a história da música acabou, o que restou da música? O silêncio?

Ora, mas o que é isso? Há cada vez mais música, dezenas, centenas de vezes mais do que jamais houve em suas épocas mais gloriosas. Ela sai dos alto-falantes presos nos muros das casas, dos pavorosos aparelhos sonoros instalados nos apartamentos e nos restaurantes, dos pequenos transistores que as pessoas carregam na mão, nas ruas.

Schönberg morreu, Ellington morreu, mas o violão é eterno. A harmonia estereotipada, a melodia banal e o ritmo ainda mais lancinante por ser monótono, eis o que restou da música, eis a eternidade da música. Com essas combinações simples de notas, todo mundo pode fraternizar, pois é o próprio ser que grita nelas seu jubiloso *estou aqui*. Não existe comunhão mais ruidosa e mais unânime do que a simples comunhão com o ser. Nela, os árabes se encontram com os judeus e os tchecos com os russos. Os corpos se agitam ao ritmo das notas, embriagados com a consciência de existir. Por isso, nenhuma obra de Beethoven foi vivida com uma paixão coletiva tão grande quanto as batidas repetidas de maneira uniforme nos violões.

Cerca de um ano antes da morte de papai, eu dava com ele o passeio costumeiro em volta do quarteirão, e canções chegavam até nós de toda parte. Quanto mais as pessoas se sentiam tristes, mais os alto-falantes tocavam para elas. Eles convidavam o país ocupado a esquecer a amargura da História

e a se entregar à alegria de viver. Papai parou, ergueu os olhos para o aparelho de onde vinha o som e senti que ele queria me confidenciar algo de muito importante. Fez um grande esforço para se concentrar, para poder exprimir seu pensamento, e em seguida, devagar e com dificuldade, disse:

— A imbecilidade da música.

O que ele queria dizer com isso? Queria insultar a música, que era a paixão de sua vida? Não, creio que queria me dizer que existe um *estágio original da música*, um estágio que precede sua história, um estágio anterior à primeira interrogação, anterior à primeira reflexão, anterior ao primeiro jogo com um motivo e um tema. Nesse primeiro estágio da música (a música sem o pensamento) reflete-se a imbecilidade consubstancial com o ser humano. Para que a música se eleve acima dessa imbecilidade primitiva, foi necessário o imenso esforço do espírito e do coração, e foi uma curva fantástica que se projetou sobre séculos de história européia e se apagou no auge de sua trajetória como fogos de artifício.

A história da música é mortal, mas a imbecilidade dos violões é eterna. Hoje a música voltou ao seu estágio inicial. E o estágio posterior à última interrogação, posterior à última reflexão, o estágio posterior à história.

Em 1972, quando Karel Gott, cantor tcheco de música *pop*, deixou o país, Husak teve medo. Escreveu-lhe imediatamente em Frankfurt (isso foi em agosto de 1972) uma carta pessoal, da qual cito literalmente um trecho, sem nada inventar: "*Prezado Karel, nós não lhe queremos mal. Volte, por favor, por você faremos tudo o que você quiser. Nós o ajudaremos e você nos ajudará...*"

Reflitam sobre isto um instante: Husak, sem pestanejar, deixou emigrar médicos, sábios, astrônomos, atletas, diretores de teatro, operadores cinematográficos, operários, engenheiros, arquitetos, historiadores, jornalistas, escritores,

pintores, mas não pôde suportar a ideia de Karel Gott deixar o país. Porque Karel Gott representava a música sem memória, essa música em que estão enterrados para sempre os ossos de Beethoven e de Ellington, as cinzas de Palestrina e de Schönberg.

O Presidente do Esquecimento e o idiota da música formavam um par. Trabalhavam na mesma obra. *Nós o ajudaremos e você nos ajudará.* Eles não podiam ficar um sem o outro.

19

Mas, às vezes, na torre onde reina a sabedoria da música, o ritmo monótono do grito sem alma que chega até nós de fora e em que todos os homens são irmãos nos dá nostalgia. É perigoso passar o tempo todo com Beethoven, bem como são perigosas todas as posições privilegiadas.

Tamina sempre tivera um pouco de vergonha de confessar que era feliz com o marido. Tinha medo de dar aos outros, assim, uma razão para detestá-la.

Ela se acha dividida entre um sentimento duplo: o amor é um privilégio e todos os privilégios são imerecidos, sendo preciso pagar por eles. Portanto, é para sua punição que ela está na ilha das crianças.

Mas esse sentimento logo cede lugar a outro: o privilégio do amor não era apenas um paraíso, era também um inferno. A vida no amor se desenrolava numa tensão perpétua, no medo e sem descanso. Ela está entre as crianças para encontrar finalmente, como recompensa, a paz e a tranquilidade.

Até então, sua sexualidade só fora ocupada pelo amor (digo ocupada porque o sexo não é amor, é apenas um território de que o amor se apropria), ela participava, pois, de

algo de dramático, de responsável, de grave. Entre as crianças, no reino da insignificância, a atividade sexual voltou afinal a ser o que era na origem: um brinquedinho para produzir prazer físico.

Ou, para me exprimir de outra maneira: a sexualidade livre da ligação *diabólica* com o amor tornou-se uma alegria de uma simplicidade *angelical*.

20

Se a primeira violação de Tamina pelas crianças estava carregada desse surpreendente significado, ao se repetir a mesma situação perdia rapidamente seu caráter de mensagem para tornar-se uma rotina cada vez mais vazia e cada vez mais suja.

Logo começou a haver brigas entre as crianças. Aquelas que adoravam os jogos amorosos puseram-se a detestar aquelas que eram indiferentes a eles. E, entre os que se haviam tornado amantes de Tamina, aumentava a hostilidade entre os que se sentiam protegidos e os que sentiam repelidos. E todos esses rancores começavam a se voltar contra Tamina e a pesar sobre ela.

Um dia em que as crianças estavam debruçadas sobre seu corpo nu (elas estavam ajoelhadas na cama ou de pé, ao lado, montadas sobre o seu corpo ou agachadas perto de sua cabeça e entre suas pernas), ela sentiu de repente uma dor aguda. Uma criança beliscava-lhe um mamilo. Ela deu um grito e não pôde resistir: expulsou-os todos de sua cama e pôs-se a agitar os braços no ar.

Sabia que a dor não era efeito nem do acaso nem da sensualidade: um dos garotos a odiava e lhe queria mal. Ela pôs fim aos encontros amorosos com as crianças.

E, subitamente, já não há paz no reino onde as coisas são leves como a brisa.

Eles brincam de amarelinha e pulam de casa em casa, primeiro com o pé direito, depois com o pé esquerdo, e em seguida com os pés juntos. Tamina também pula. (Vejo seu corpo grande entre as silhuetas pequenas das crianças; ela pula, seus cabelos volteiam ao redor de seu rosto e ela sente no coração um imenso tédio.) Nesse instante, os canários começam a gritar que ela pisou na linha.

Evidentemente, os esquilos protestam: ela não pisou na linha. As duas equipes se inclinam sobre a linha e procuram uma marca do pé de Tamina. Mas o traço riscado sobre a areia possui contornos incertos, e a marca da sola do pé de Tamina também. A questão é discutível; as crianças vociferam; isso já dura quinze minutos e elas estão cada vez mais absorvidas pela discussão.

Nesse momento, Tamina tem um gesto fatal; levanta o braço e diz:

— Muito bem, está certo, eu pisei.

Os esquilos começam a gritar para Tamina que não é verdade, que ela está louca, que ela está mentindo, que ela não pisou. Mas eles perderam o processo. Suas afirmações desmentidas por Tamina não têm peso, e os canários lançam um clamor vitorioso.

Os esquilos ficam furiosos, gritam para Tamina que ela é uma traidora, e um menino a empurra com tanta brutalidade que ela quase cai. Ela faz menção de bater neles, e para eles é o bastante; eles se lançam sobre ela. Tamina se defende; ela é adulta, é forte (e cheia de raiva, ah, sim, bate nas crianças como se batesse em tudo o que sempre detestou na vida), e as crianças sangram no nariz, mas uma pedra voa e atinge

Tamina na testa; ela vacila, leva a mão à cabeça, o sangue escorre e as crianças se afastam. Faz-se um silêncio brusco, e Tamina volta lentamente para o dormitório. Estende-se na cama, decidida a nunca mais participar das brincadeiras.

22

Vejo Tamina de pé no meio do dormitório cheio de crianças deitadas. Ela é o alvo. Num canto, alguém gritou: “Maminhas, maminhas!”, todas as vozes repetem em coro, e Tamina ouve escandirem este grito: “Maminhas, maminhas, maminhas.

O que ainda recentemente era o seu orgulho e sua arma, os pêlos negros do baixo-ventre e seus belos seios, tornara-se alvo de insultos. Aos olhos das crianças, seu ser de adulto se transformara numa coisa monstruosa: os seios eram absurdos como um tumor, o baixo-ventre desumano lhes lembrava um animal, em razão dos pêlos.

Agora ela estava acuada. Eles a perseguiam pela ilha, atiravam pedaços de pau e pedras nela. Ela se escondia, fugia e ouvia em todos os lugares seu nome: “Maminhas, maminhas...”

O forte que foge do fraco, não existe nada de mais aviltante. Mas eles eram numerosos. Ela fugia e sentia vergonha de estar fugindo.

Um dia ela lhes preparou uma emboscada. Eles eram três; ela bateu em um deles até que ele caísse, e os outros dois correram em disparada. Mas ela era mais rápida, e agarrou-os pelos cabelos.

Então uma rede caiu sobre ela, e mais outras redes. Sim, todas as redes de voleibol que ficavam armadas muito baixo em frente ao dormitório. Eles a esperavam nesse ponto. As três crianças que ela acabara de surrar eram uma isca. Ela está

presa num emaranhado de redes, se contorce, se debate, e as crianças a arrastam atrás de si aos berros.

23

Por que essas crianças são más?

Ora, elas não são más de modo algum. Ao contrário, têm bom coração e não param de dar umas às outras provas de amizade. Nenhuma delas quer Tamina só para si. Ouve-se a todo instante seus *olhe, olhe*. Tamina está presa nas redes emaranhadas, as cordas lhe esfolam a pele, e as crianças mostram umas às outras o sangue dela, suas lágrimas e suas caretas de dor. Elas a oferecem generosamente umas às outras. Ela se tornou o cimento da fraternidade delas.

Sua infelicidade não deriva do fato de que as crianças sejam más, mas de ela encontrar-se além da fronteira do mundo delas. O homem não se revolta porque se matam bezerros nos abatedouros. O bezerro está fora da lei para o homem, assim como Tamina está fora da lei para as crianças.

Se há alguém que está cheio de uma raiva amarga, é Tamina, e não as crianças. O desejo que elas sentem de fazer o mal é um desejo positivo e alegre, e pode-se com razão chamá-lo de alegria. Se elas desejam maltratar aquele que se encontra além da fronteira do mundo delas, é unicamente para exaltar seu próprio mundo e sua lei.

24

O tempo age, todas as alegrias e todos os divertimentos se esgotam na repetição; até mesmo a perseguição a Tamina. Aliás, é verdade que as crianças não são más. O menino que urinou sobre ela quando ela estava sob ele, presa nas

redes de voleibol, lhe sorrirá um dia, com um belo sorriso inocente.

Tamina participava novamente das brincadeiras, mas em silêncio. Novamente, ela pulava de uma casa para a outra, primeiro num pé, depois no outro, em seguida de pés juntos. Nunca mais entraria no mundo deles, mas devia evitar postar-se do lado de fora. Esforçava-se para se manter exatamente na fronteira.

Mas essa calma, essa normalidade, esse *modus vivendi* fundado no compromisso, traziam consigo todo o horror da permanência. Se um pouco antes a vida de animal acuado fazia Tamina esquecer a existência do tempo e sua imensidão, desde que a violência dos ataques cessara, o deserto do tempo emergia da penumbra, atroz e esmagador, semelhante à eternidade.

Guardem mais uma vez esta imagem na memória: Tamina tem de pular de casa em casa, num pé, depois no outro e em seguida de pés juntos, e considerar importante o fato de ter ou não pisado na linha. Ela tem de pular assim dia após dia e, pulando, carregar nos ombros o peso do tempo como uma cruz cada dia mais pesada.

Ela ainda olha para trás? Pensa no marido e em Praga?

Não. Não mais.

25

Os espectros dos monumentos derrubados vagavam em torno do tablado, e o Presidente do Esquecimento estava na tribuna com um lenço vermelho em volta do pescoço. As crianças aplaudiam e gritavam seu nome.

Desde então, oito anos se passaram, mas ainda tenho na cabeça suas palavras, tais como chegavam até mim através dos galhos floridos das macieiras.

Ele dizia: “*Minhas crianças, vocês são o futuro*”, e hoje eu sei que essas palavras tinham um sentido diferente do que pareciam ter à primeira vista. As crianças não são o futuro porque um dia serão adultos, mas porque a humanidade vai se aproximar cada vez mais da criança, porque a infância é a imagem do futuro.

Ele gritava: “*Minhas crianças, nunca olhem para trás*”, e isso queria dizer que não devemos nunca aceitar que o futuro se curve sob o peso da memória. Pois as crianças também não têm passado, e é esse todo o mistério da inocência mágica de seu sorriso.

A História é uma sucessão de mudanças efêmeras, enquanto os valores eternos se perpetuam fora da História, são imutáveis e não precisam de memória. Husak é presidente do eterno, e não do efêmero. Está do lado das crianças, e as crianças são a vida, e viver é *ver, ouvir, tocar, beber, comer, urinar, defecar, mergulhar na água e olhar o céu, rir e chorar.*

Parece que, quando Husak terminou seu discurso para as crianças (eu já havia fechado a janela e papai preparava-se para montar novamente em seu cavalo), Karel Gott avançou sobre o tablado e começou a cantar. Lágrimas de emoção deslizaram pelas faces de Husak, e o sorriso iluminado que brilhava por toda parte se refletia nessas lágrimas. Nesse momento, o grande milagre do arco-íris desenhou sua curva sobre Praga.

As crianças ergueram a cabeça, viram o arco-íris e começaram a rir e a aplaudir.

O idiota da música terminava sua canção e o Presidente do Esquecimento abriu os braços e pôs-se a gritar: “*Minhas crianças, viver é a felicidade!*”

A ilha vibrou com os gritos de uma canção e com o barulho de guitarras elétricas. Um gravador está pousado no chão, sobre o campo de jogos, diante do dormitório. Ao lado está um menino, e Tamina reconhece nele o barqueiro com quem ela veio para a ilha. Ela fica alerta. Se é o barqueiro, o barco deve estar por perto. Ela sabe que não pode deixar escapar essa oportunidade. Seu coração bate com muita força no peito e a partir desse momento ela só pensa em fugir.

O menino tem os olhos fixos no gravador e movimentava os quadris. Algumas crianças aproximam-se correndo pelo campo e juntam-se a ele: lançam os braços para a frente, ora um, ora o outro, viram a cabeça para trás, agitam as mãos apontando o dedo indicador como se ameaçassem alguém, e seus gritos se misturam com a canção que sai do gravador.

Tamina está escondida atrás do tronco grosso de um plátano; não quer que eles a vejam, mas não consegue desviar deles o olhar. Eles se comportam com uma sensualidade provocante de adultos, movendo os quadris para a frente e em seguida para trás, como se imitassem o coito. A obscenidade dos movimentos que está estampada nos corpos infantis abole a antinomia entre o obsceno e o inocente, entre o puro e o imundo. A sensualidade se torna absurda, a inocência se torna absurda, o vocabulário se decompõe e Tamina se sente mal: como se tivesse um saco vazio no estômago.

E a imbecilidade das guitarras ressoa, e as crianças dançam, lançam com sensualidade a barriga para a frente, e Tamina sente o mal-estar que emana das coisas sem peso. Esse saco vazio no estômago é exatamente a insuportável ausência de peso. E, assim como um extremo pode a qualquer momento transformar-se em seu contrário, a leveza levada ao

seu máximo tornou-se o terrível peso *da leveza*, e Tamina sente que não poderá suportá-lo nem mais um segundo. Ela dá meia-volta e começa a correr.

Segue pela alameda em direção à água.

Já alcançou a praia. Olha em volta. Mas não há barco.

Como no primeiro dia, ela dá a volta na ilha correndo ao longo da praia para encontrar o barco. Mas não o vê em lugar algum. Por fim, volta ao ponto onde a alameda de plátanos desemboca na praia. Vê garotos agitados correndo desse lado.

Pára.

As crianças a viram e se lançaram em sua direção aos berros.

27

Ela pulou dentro d'água.

Não era porque tinha medo. Pensava nisso havia muito tempo. Afinal de contas, a travessia de barco até a ilha não era assim tão longa. Embora não se visse a praia do lado oposto, não devia ser preciso empregar forças sobre-humanas para nadar até lá!

Os garotos precipitaram-se gritando até o local onde Tamina acabava de deixar a praia e algumas pedras caíram ao redor dela. Mas ela nadava depressa e logo estava fora do alcance dos pequenos braços.

Nadava e, pela primeira vez depois de muito tempo, sentia-se bem. Sentia seu corpo, sentia sua antiga força. Ainda era uma excelente nadadora e seus movimentos lhe proporcionavam prazer. A água estava fria, mas ela se deleitava com o frescor que parecia lavar sua pele de todo o cascão infantil, de toda a saliva e de todos os olhares dos garotos.

Ela nadava há muito tempo, e o sol começava a descer

lentamente sobre a água.

Então a escuridão se espessou e logo fez-se completamente noite; não havia nem lua nem estrelas, e Tamina esforçava-se em seguir sempre na mesma direção.

28

Para onde exatamente ela queria voltar? Para Praga?

Ela esqueceu até mesmo a existência dessa cidade.

Para a cidadezinha no oeste da Europa?

Não. Queria simplesmente partir.

Isso quer dizer que ela desejava morrer?

Não, não, isso, não. Ao contrário, sentia um terrível desejo de viver.

Mas devia, pelo menos, ter uma ideia do mundo em que queria viver!

Ela não tinha nenhuma ideia. Em tudo e para tudo, só lhe restavam uma extraordinária sede de viver e seu corpo. Só essas duas coisas, nada mais. Ela queria tirá-los da ilha para salvá-los. Seu corpo e essa sede de viver.

29

O dia começava a despontar. Ela estreitou os olhos para tentar ver a praia à sua frente.

Mas não havia nada diante dela, nada a não ser a água. Ela olhou para trás. Não muito distante, a menos de cem metros, estava a praia da ilha verde.

Mas como? Ela havia nadado a noite inteira sem sair do lugar? O desespero a invadiu e, a partir do momento em que perdeu a esperança, ela sentiu que seus membros estavam fracos, e a água, insuportavelmente gelada. Fechou os olhos e

fez um esforço para continuar a nadar. Não tinha mais esperança de alcançar o outro lado; não pensava em mais nada a não ser em sua morte, e queria morrer em algum lugar no meio das águas, longe de qualquer contato, sozinha, somente com os peixes. Seus olhos se fechavam e, por ter cochilado um instante, entrara água em seus pulmões; ela tossia, sufocava, e, no meio da tosse, ouviu de repente vozes infantis.

Ela continuava no mesmo lugar, tossia e olhava ao seu redor. A algumas braças havia um barco cheio de garotos. Eles gritavam. Quando perceberam que ela os tinha visto, calaram-se. Aproximaram-se sem desviar o olhar dela. Ela via a enorme agitação deles.

Teve medo de que eles quisessem salvá-la para obrigá-la a brincar com eles como antes. Sentiu seu esgotamento e a rigidez de seus membros.

O barco estava bem perto, e cinco rostos infantis se debruçavam com avidez.

Tamina agitava a cabeça desesperadamente, como que para lhes dizer deixem-me morrer, não me salvem.

Mas seu receio foi inútil. As crianças não faziam um único gesto, ninguém lhe estendia um remo ou a mão, ninguém queria salvá-la. Eles não faziam outra coisa senão olhá-la com os olhos arregalados e ávidos; observavam-na. Um garoto, com um remo por leme, mantinha o barco bem perto.

Ela engoliu água novamente e esta entrou em seus pulmões; ela tossiu, agitou os braços, sentindo que não podia mais manter-se à tona. Suas pernas estavam cada vez mais pesadas. Elas a arrastavam para o fundo como um peso.

Sua cabeça afundava. Ela fez movimentos violentos e conseguiu várias vezes subir novamente; a cada vez via o barco e os olhos infantis que a observavam.

Então desapareceu da superfície da água.

Sétima parte - A fronteira

1

O que ele achava sempre mais interessante nas mulheres durante o amor era o rosto. O movimento dos corpos parecia desenrolar uma longa película cinematográfica, projetando sobre o rosto, como que sobre a tela de um televisor, um filme cativante cheio de perturbação, de espera, de explosão, de dor, de gritos, de emoção e de raiva. Só que o rosto de Edwige era uma tela apagada que Jan olhava fixo, atormentado por perguntas para as quais não encontrava respostas: será que ela se entediava com ele? Estava cansada? Fazia amor contra sua vontade? Estava acostumada com amantes melhores? Ou será que se escondiam, sob a superfície imóvel de seu rosto, sensações insuspeitadas por ele?

Evidentemente, ele podia perguntar-lhe isso. Mas acontecia com eles algo curioso. Eram sempre tagarelas e francos um com o outro, mas perdiam o uso da palavra assim que seus corpos nus se abraçavam.

Ele nunca soubera explicar muito bem esse mutismo. Talvez fosse porque, fora de suas relações amorosas, Edwige era sempre mais intrépida do que ele. Embora fosse mais jovem, ela dissera na sua vida um número no mínimo três vezes maior de palavras do que o que ele dissera e dispensara lições e conselhos dez vezes mais. Ela era como uma mãe terna e sábia que lhe dava a mão para guiá-lo pela vida.

Muitas vezes ele imaginava que lhe murmurava ao ouvido palavras obscenas durante o amor. Mas, mesmo nesses devaneios, a tentativa terminava num fracasso. Ele tinha certeza de que surgiria no seu rosto um sorriso tranquilo de censura e de simpatia indulgente, o sorriso da mãe que observa o filho roubar do armário um biscoito proibido.

Ou então imaginava que lhe sussurrava da maneira mais banal possível: “*Está gostando disso?*” Com as outras mulheres, essa simples interrogação tinha sempre uma conotação maliciosa. Ao designar o ato de amor, nem que fosse pela palavra bem-comportada *isso*, despertava imediatamente o desejo de outras palavras, nas quais o amor físico pudesse se refletir como num jogo de espelhos. Ele tinha a impressão, porém, que sabia de antemão a resposta de Edwige: “É claro que estou gostando”, ela lhe explicaria com paciência. “Você acha que eu faria voluntariamente algo que me desagradasse? Um pouco de lógica, Jan!”

Então ele não lhe dizia palavras obscenas e nem lhe perguntava se estava gostando daquilo. Permanecia em silêncio, enquanto seus corpos se moviam vigorosa e demoradamente, desenrolando uma bobina vazia, sem película.

Acontecia-lhe muitas vezes achar que ele mesmo era o culpado do mutismo das noites deles. Ele criara de Edwige-amante uma imagem caricatural que se erguia entre ela e ele, e, que ele era incapaz de transpor para chegar à verdadeira Edwige, a seus sentidos e às suas trevas obscenas. De qualquer modo, após cada noite muda dos dois, ele se prometia não fazer amor com ela da próxima vez. Amava-a como uma amiga inteligente, fiel, insubstituível, não como uma amante. No entanto, era impossível separar a amante da amiga. Toda vez que a encontrava, eles discutiam até tarde da noite, Edwige bebia, desenvolvia teorias, dava lições e, para terminar, quando Jan não aguentava mais de cansaço, ela se calava subitamente, e em seu rosto aparecia um sorriso tranquilo e beato. Então, como se obedecesse a uma sugestão irresistível, Jan tocava-lhe um seio e ela se levantava e começava a se despir.

“Por que ela quer dormir comigo?”, perguntava-se ele muitas vezes, mas não encontrava resposta. Só sabia de uma

coisa: que seus coitos taciturnos eram inelutáveis, como é inelutável que um cidadão se coloque em posição de sentido ao ouvir o hino nacional, mesmo que não sinta com isso nenhum prazer, nem ele nem sua pátria.

2

Ao longo dos últimos duzentos anos, o melro abandonou as florestas para tornar-se um pássaro das cidades. Primeiramente na Grã-Bretanha, desde o final do século XVIII, algumas dezenas de anos mais tarde em Paris e na bacia do Ruhr. No decorrer do século XIX, ele conquistou, uma após a outra, as cidades da Europa. Instalou-se em Viena e em Praga por volta de 1900, depois progrediu em direção ao leste, ganhando Budapeste, Belgrado e Istanbul.

Aos olhos do planeta, essa invasão do melro no mundo do homem é incontestavelmente mais importante do que a invasão da América do Sul pelos espanhóis ou do que o retorno dos judeus à Palestina. A modificação das relações entre as diferentes espécies da criação (peixes, pássaros, homens, vegetais) é uma modificação de uma ordem mais elevada do que as mudanças das relações entre os diferentes grupos de uma mesma espécie. Que a Boêmia seja habitada pelos celtas ou pelos eslavos, a Bessarábia, conquistada pelos romanos ou pelos russos, a Terra não dá importância a isso. Mas que o melro tenha traído a natureza para seguir o homem no seu universo artificial e contra a natureza, eis um fato que muda alguma coisa na organização do planeta.

Contudo, ninguém ousa interpretar os dois últimos séculos como a história da invasão das cidades do homem pelo melro. Somos todos prisioneiros de uma concepção estática do que é e do que não é importante; fixamos sobre o que é importante olhares ansiosos, enquanto, às escondidas,

às nossas costas, o insignificante conduz sua guerrilha que terminará por mudar sub-repticiamente o mundo e vai pular sobre nós de surpresa.

Se alguém escrevesse uma biografia de Jan, poderia resumir o período a que me refiro dizendo mais ou menos isto: a ligação com Edwige marcava uma nova etapa na vida de Jan, que tinha então quarenta e cinco anos. Ele renunciara finalmente a uma vida vazia e desordenada e decidira deixar a cidade do oeste da Europa para se consagrar, com nova energia, na América, a um importante trabalho que obteve em seguida etc, etc.

Mas que o biógrafo imaginário de Jan me explique por que, justamente nesse período, o livro preferido de Jan era o romance antigo *Daphnis et Chloé!* O amor de dois jovens, ainda quase crianças, que não sabem o que é o amor físico. O balido de um carneiro mistura-se com o barulho do mar, e outro carneiro pasta sob a sombra de uma oliveira. Os dois jovens estão deitados lado a lado, nus e cheios de um imenso e vago desejo. Eles se abraçam, se apertam um contra o outro; estão estreitamente enlaçados. Permanecem assim durante um tempo muito, muito longo, porque não sabem o que mais poderiam fazer. Pensam que esse abraço é, por si só, todo o objetivo dos prazeres amorosos.

Estão excitados, seus corações batem agitados, mas eles não sabem o que é fazer amor.

Sim, é justamente por esse trecho que Jan é fascinado.

3

Hanna, a atriz, estava sentada sobre as pernas cruzadas, como vemos nas estátuas de Buda que se acham à venda em todas as lojas de antiguidades do mundo. Falava sem parar enquanto olhava seu polegar ir e vir lentamente sobre a borda

de uma mesinha redonda colocada perto do divã.

Não era o gesto maquinal das pessoas nervosas que têm o costume de marcar o compasso com o pé ou de coçar a cabeça. Era um gesto consciente e deliberado, ágil e gracioso, que devia traçar ao redor dela um círculo mágico onde ela estaria inteiramente concentrada em si mesma e onde os outros estariam concentrados nela.

Ela acompanhava com deleite o movimento de seu polegar e por vezes erguia os olhos para Jan, que estava sentado diante dela. Contava-lhe que tivera uma depressão nervosa porque o filho, que morava com o ex-marido, fugira e só reaparecera após vários dias. O pai de seu filho era tão bruto que lhe dera a notícia ao telefone meia hora antes do espetáculo. Hanna tivera febre, enxaquecas e coriza.

— Eu não podia nem mesmo me assoar, de tanta dor que sentia no nariz! — disse ela, fixando seus belos olhos grandes em Jan. — Meu nariz parecia uma couve-flor!

Seu sorriso era o de uma mulher que sabe que está à vontade; mesmo um nariz avermelhado por um resfriado tem o seu encanto. Ela vivia numa harmonia exemplar consigo mesma. Gostava de seu nariz e gostava também de sua audácia, que chamava um resfriado de resfriado e um nariz de couve-flor. A beleza insólita do nariz carmesim tinha, assim, por complemento, a audácia intelectual, e o movimento circular do polegar, confundindo os dois encantos na sua circunferência mágica, exprimia a indivisível unidade de sua personalidade.

— Fiquei preocupada porque tive febre alta. Você sabe o que o médico me disse? “Só tenho um conselho a lhe dar, Hanna: não verifique sua temperatura!”

Hanna riu ruidosa e demoradamente da brincadeira de seu médico; em seguida, disse:

— Sabe quem eu conheci? Passer!

Passer era um velho amigo de Jan. A última vez que Jan o vira fora há vários meses; ele deveria submeter-se a uma operação. Todo mundo sabia que ele estava com câncer, só Passer, cheio de uma vitalidade e de uma credulidade incríveis, acreditava nas mentiras dos médicos. A operação que o aguardava era, de qualquer modo, muito grave, e ele dissera a Jan, quando os dois se viram a sós: “Depois dessa operação, não serei mais um homem, você entende. Minha vida de homem estará acabada”.

— Encontrei-o na semana passada na casa de campo dos Clevis — prosseguiu Hanna. — E um sujeito formidável! É mais jovem do que todos nós! Eu o adoro!

Jan deveria ter-se alegrado ao saber que seu amigo era adorado pela bela atriz, mas não ficou especialmente impressionado porque todo mundo gostava de Passer. Suas ações haviam subido muito, nesses últimos anos, na bolsa irracional da popularidade conferida pela alta sociedade. Tornara-se quase um rito, durante as tagarelices desconexas dos jantares na cidade, dizer algumas frases de admiração a respeito de Passer.

— Você conhece as belas florestas que há ao redor da casa de campo dos Clevis. Lá crescem cogumelos, e eu adoro pegá-los! Eu disse: “quem quer ir comigo pegar cogumelos?” Ninguém estava com vontade de me acompanhar, mas Passer disse: “Eu vou com você!” Imagine, Passer, um homem doente! Eu lhe digo, é o mais jovem de todos nós!

Ela olhou para o polegar, que não parava um segundo de descrever círculos na beira da mesa, e disse:

— Então fui colher cogumelos com Passer. Foi maravilhoso! Nós nos perdemos na floresta e em seguida encontramos um café. Um pequeno café imundo de cidade do interior. E assim que gosto deles. Nesses bistros, a gente bebe vinho tinto-barato, como bebem os sujeitos que trabalham nas construções. Passer foi esplêndido. Eu o adoro!

No verão, na época a que me refiro, as praias do oeste da Europa se cobriam de mulheres que não usavam sutiã, e a população se dividia entre partidários e adversários dos seios nus. A família Clevis — o pai, a mãe e a filha de catorze anos — estava sentada diante da televisão e acompanhava um debate cujos participantes, que representavam todas as correntes intelectuais da época, desenvolviam seus argumentos a favor ou contra o sutiã. O psicanalista defendia ardentemente os seios nus e falava da liberação dos costumes que nos liberta da onipotência dos fantasmas eróticos. O marxista, sem se pronunciar a respeito do sutiã (o partido comunista contava, entre seus membros, com puritanos e libertinos e não era de boa política jogar uns contra os outros), desviou habilmente o debate para o problema, mais fundamental, da moral hipócrita da sociedade burguesa, que foi condenada. O representante do pensamento cristão se sentiu obrigado a defender o sutiã, mas só o fez muito timidamente, pois também não escapava ao espírito onipresente da época; só encontrou a favor do sutiã um único argumento, a inocência das crianças, que, segundo ele, temos todos o dever de respeitar e proteger. Ele foi contestado por uma mulher enérgica que declarou ser preciso acabar desde a infância com o tabu hipócrita da nudez e recomendou aos pais que andassem nus em casa.

Jan só chegou à casa dos Clevis no momento em que a locutora anunciava o fim do debate, mas no apartamento a animação persistiu ainda um bom tempo. Todos os Clevis eram espíritos avançados, portanto, contrários ao sutiã. O gesto grandioso de milhões de mulheres atirando ao longe, como que em resposta a uma ordem, essa peça do vestuário

infamante simbolizava para eles a humanidade libertando-se de sua escravidão. Mulheres de seios nus desfilavam pelo apartamento dos Clevis como um batalhão invisível de libertadoras.

Os Clevis, como eu já disse, eram espíritos avançados e tinham ideias progressistas. Existem muitas espécies de ideias progressistas, e os Clevis defendiam sempre a melhor possível. A melhor das ideias progressistas é aquela que contém uma dose bastante forte de provocação para que seu partidário possa se sentir orgulhoso de ser original, mas que atrai ao mesmo tempo um número tão grande de êmulos que o risco de ser apenas uma exceção solitária é conjurado, de imediato, pelas ruidosas aprovações da multidão vitoriosa. Por exemplo, se, em vez de serem contra o sutiã, os Clevis fossem contra a roupa de um modo geral e tivessem declarado que as pessoas deviam andar nuas nas ruas das cidades, sem dúvida eles ainda estariam defendendo uma ideia progressista, mas certamente não a melhor possível. Essa ideia teria se tornado incômoda pelo que tinha de desmedida, teria precisado de muita energia supérflua para sua defesa (quando a melhor ideia progressista possível se defende, por assim dizer, sozinha) e seus partidários nunca teriam tido a satisfação de ver sua atitude absolutamente inconformista revelar-se de repente a atitude de todos.

Ouvindo-os atacar o sutiã, Jan lembrou-se de um pequeno instrumento de madeira, chamado nível de bolha, que seu pai, que era pedreiro, colocava na superfície superior dos muros em construção. No meio do instrumento, sob uma lâmina de vidro, havia água e uma bolha de ar cuja posição indicava se a fileira de tijolos estava horizontal. A família Clevis podia servir de nível de bolha intelectual. Colocada sobre uma ideia qualquer, indicava exatamente se se tratava ou não da melhor ideia progressista possível.

Quando os Clevis, que falavam todos ao mesmo tempo,

tinham contado para Jan todo o debate que acabava de acontecer na televisão, o senhor Clevis inclinou-se até ele e disse em tom de gracejo:

— Você não acha que para os peitos bonitos é uma reforma que podemos aprovar sem restrições?

Por que o senhor Clevis exprimia seu pensamento nesses termos? Era um anfitrião exemplar e esforçava-se sempre em escolher uma frase aceitável para todas as pessoas presentes. Como Jan tinha a reputação de gostar muito de mulheres, Clevis formulava sua aprovação aos seios nus, não no sentido exato e profundo, ou seja, como um entusiasmo *ético* diante da abolição de uma servidão milenar, mas, à maneira de condescendência (em consideração aos supostos gostos de Jan e contra sua própria convicção), como uma concordância *estética* com a beleza de um seio.

Ao mesmo tempo, ele queria ser preciso e prudente como um diplomata: não ousava dizer sem rodeios que os peitos feios deviam ficar escondidos. Contudo, sem ser dita, essa ideia absolutamente inaceitável escoava com muita clareza da frase pronunciada e foi uma presa fácil para a adolescente de catorze anos.

— E a barriga de vocês, então? Hem? Essas barrigas enormes que vocês sempre exibiram nas praias sem o menor pudor!

A senhora Clevis deu uma gargalhada e aplaudiu a filha:

— Bravo!

O senhor Clevis se juntou aos aplausos da mulher. Compreendeu de imediato que a filha tinha razão e que mais uma vez ele era vítima daquela malfadada tendência para a conciliação que a esposa e a filha lhe censuravam sempre. Era um homem tão profundamente conciliativo que só defendia suas opiniões moderadas com uma moderação muito grande e cedeu logo, dando razão à filha extremista. Aliás, a frase

incriminada não exprimia seu próprio pensamento, mas o suposto ponto de vista de Jan; ele pôde, portanto, colocar-se do lado da filha, de bom grado, sem hesitação e com uma satisfação paternal.

A adolescente, encorajada pelos aplausos do pai e da mãe, prosseguiu:

— Vocês acham que é para agradar a vocês que nós tiramos o sutiã? Nós fazemos isso por nós mesmas, porque isso nos apraz, porque é mais agradável assim, porque desse modo nosso corpo fica mais próximo do sol! Vocês são incapazes de nos olhar de outra maneira, a não ser como objetos sexuais!

O senhor e a senhora Clevis aplaudiram novamente, mas dessa vez seus bravos tinham um tom um pouco diferente. De fato, as palavras da filha eram justas, mas ao mesmo tempo um pouco impróprias para os seus catorze anos. Era como se um garoto de oito anos tivesse dito: “Se houver um assalto, eu defendo mamãe”. Nesse caso os pais também aplaudem, pois a afirmação do filho é incontestavelmente digna de elogios. Mas como ela dá testemunho, ao mesmo tempo, de uma segurança excessiva, o elogio recebe um matiz, com razão, de um certo sorriso. Era com esse sorriso que o casal Clevis havia tingido seus dois últimos bravos, e a adolescente, que havia entendido o sorriso e não o aprovava, repetiu com uma obstinação irritada:

— É isso mesmo. Pois eu não sou objeto sexual de ninguém.

Os pais contentavam-se em assentir para não incitar a filha a novas proclamações.

Jan, porém, não pôde deixar de dizer:

— Minha menina, se você soubesse como é fácil não ser um objeto sexual!

Ele disse essa frase com doçura, mas também com uma

tristeza tão sincera que ela ressoou durante muito tempo na sala. Era uma frase que dificilmente se podia receber com silêncio, mas também não era possível responder a ela. Ela não merecia ser aprovada, uma vez que não era progressista, mas também não merecia uma polêmica, já que não ia manifestamente contra o progresso. Era a pior frase possível, porque se situava fora do debate dirigido pelo espírito do tempo. Era uma frase além do bem e do mal, uma frase perfeitamente imprópria.

Houve uma pausa; Jan sorria com um ar constrangido, como se se desculpasse do que acabava de dizer; então o senhor Clevis, mestre em lançar pontes entre seus semelhantes, pôs-se a falar de Passer, que era amigo comum deles. Eles eram unidos na sua admiração por Passer: era um terreno sem perigo. Clevis elogiou o otimismo de Passer, seu amor inabalável pela vida que nenhum regime médico conseguia sufocar. No entanto, a existência de Passer era agora limitada a uma estreita faixa de vida sem mulheres, sem iguarias, sem bebida alcoólica, sem movimento e sem futuro. Ele viera recentemente visitá-los em sua casa de campo, num dia em que a atriz Hanna também estava lá.

Jan estava muito curioso de ver o que indicaria o nível de bolha dos Clevis que se achava pousado sobre a atriz Hanna, em quem ele observara sintomas de um egocentrismo quase insuportável. Mas o nível de bolha indicava que Jan se enganava. Clevis aprovava sem restrições o modo com que a atriz se conduzia com Passer. Ela só se consagrara a ele. Fora extremamente generoso de sua parte. E, no entanto, todo mundo sabia o drama que ela acabara de viver.

— Que drama? — indagou o estabanado Jan, com surpresa.

Como, Jan não estava a par? O filho de Hanna fugira e ficara desaparecido durante vários dias! Ela tivera uma depressão nervosa! Entretanto, diante de Passer, que estava

condenado à morte, ela não pensara mais nem um pouco em si mesma. Queria arrancá-lo de suas preocupações e pusera-se a gritar: *Eu gostaria tanto de ir colher cogumelos! Quem quer ir comigo?* Passer juntara-se a ela, e os outros haviam se recusado a acompanhá-los porque desconfiavam que ele queria ficar sozinho com ela. Eles haviam caminhado na floresta durante três horas e haviam parado num café para beber vinho tinto. Passer estava proibido de caminhar e de beber bebida alcoólica. Ele voltara cansado, mas feliz. No dia seguinte tivera de ser levado para o hospital.

— Acho que seu estado é bem grave — disse o senhor Clevis; depois, como se dirigisse uma censura a Jan, acrescentou:

— Você deveria ir vê-lo.

5

Jan disse a si mesmo: “No começo da vida erótica do homem há excitação sem prazer, e no final há prazer sem excitação”.

A excitação sem prazer é Daphnis. O prazer sem excitação é a balconista da loja de aluguel de artigos de esporte.

Um ano antes, quando a conhecera e a convidara para ir à sua casa, ela lhe dissera uma frase inesquecível: “Se nós dormirmos juntos, será certamente muito bom do ponto de vista técnico, mas não estou certa quanto ao aspecto sentimental”.

Ele lhe dissera que, no tocante a ele, ela podia estar absolutamente certa do aspecto sentimental, e ela havia aceitado essa afirmação como tinha o hábito de aceitar na loja um depósito de garantia para o aluguel de esquis, e não dissera mais uma palavra a respeito de sentimentos. Em compensação, no tocante ao aspecto técnico, ela o tinha

literalmente esgotado.

Era uma fanática do orgasmo. O orgasmo era para ela uma religião, um objetivo, um imperativo supremo da higiene, um símbolo de saúde, mas também seu orgulho, que a distinguiu das mulheres menos afortunadas, como o faria um iate ou um noivo ilustre.

E não era fácil lhe proporcionar prazer. Ela lhe gritava: *mais rápido, mais rápido*; depois, ao contrário: *devagar, devagar* e novamente *mais forte, mais forte*, como um treinador grita suas ordens para os remadores de um *outrigger* a oito. Concentrada totalmente nos pontos sensíveis de sua pele, ela guiava sua mão para que ele a colocasse no lugar certo no momento certo. Ele transpirava e via os olhares impacientes da mulher e os gestos febris de seu corpo, aquela máquina móvel de produzir uma pequena explosão que era o sentido e o objetivo de qualquer coisa.

Da última vez que saíra da casa dela, ele pensou em Hertz, diretor da ópera da cidade da Europa central onde havia passado sua juventude. Hertz obrigava as cantoras a interpretar suas partes diante dele os seus respectivos papéis por ocasião dos ensaios especiais com jogos de cena. Para verificar a posição de seus corpos, ele as obrigava a enfiar um lápis no reto. O lápis projetava-se para baixo no prolongamento da coluna vertebral, de modo que o minucioso diretor poderia assim controlar o andar, o movimento, o passo e a postura do corpo da cantora com uma precisão científica.

Um dia, uma jovem soprano brigou com ele e o denunciou à direção. Hertz se defendeu dizendo que nunca havia importunado as cantoras, que nunca havia tocado em nenhuma delas. Era verdade, mas, com isso, o golpe do lápis só pareceu mais depravado, e Hertz teve de deixar a cidade natal de Jan com um escândalo nos braços.

Sua desventura tornou-se célebre e, graças a ela, Jan

começou a assistir muito jovem a espetáculos líricos. Ele imaginava nuas todas as cantoras, as quais via fazer gestos patéticos, virar a cabeça e escancarar a boca. A orquestra gemia, as cantoras seguravam o lado esquerdo do peito, e ele imaginava os lápis saindo dos traseiros nus. Seu coração batia, agitado: ele ficava excitado com a excitação de Hertz! (Ainda hoje ele não consegue ver de outra maneira um espetáculo lírico; ainda hoje, se vai à ópera, é com os sentimentos de um rapaz muito novo que entra, sorrateiro, num teatro pornô.)

Jan se dizia: “Hertz era um alquimista sublime do vício que havia descoberto no lápis enfiado no traseiro a fórmula mágica da excitação”. E Jan sentia vergonha diante dele: Hertz nunca se teria deixado coagir à laboriosa atividade que ele acabava de exhibir docilmente sobre o corpo da balconista da loja de aluguel de artigos de esporte.

6

Do mesmo modo que a invasão dos melros acontece no reverso da história européia, meu relato se desenrola no reverso da vida de Jan. Eu o componho a partir de acontecimentos isolados aos quais sem dúvida Jan não concedeu uma atenção especial, pois a parte da frente de sua vida estava então ocupada por outros acontecimentos e outras preocupações: a oferta de um novo posto na América, uma atividade profissional febril e os preparativos para a viagem.

Recentemente ele encontrou Barbara na rua. Ela lhe perguntou em tom de censura por que ele nunca vai à sua casa quando ela recebe os amigos. A casa de Barbara é célebre pelos divertimentos eróticos coletivos que ela organiza. Jan teme a calúnia e recusou os convites durante anos. Mas dessa

vez ele sorri e diz: “Está bem, irei com prazer”. Sabe que nunca mais voltará a essa cidade e, portanto, pouco lhe importa a discricção. Imagina a casa de Barbara cheia de pessoas nuas e alegres e diz consigo que, afinal de contas, não seria assim tão mal festejar desse modo a sua partida.

Pois Jan está de partida. Dentro de alguns meses, vai atravessar a fronteira. E, desde que lhe ocorreu essa ideia, a palavra *fronteira*, empregada no sentido geográfico corrente, lhe lembra uma outra fronteira, imaterial e intangível, em que ele pensa cada vez mais há algum tempo.

Que fronteira?

A mulher que ele mais amou no mundo (ele tinha na época trinta anos) lhe dizia (ele ficava quase desesperado quando ouvia isto) que ela só se prendia à vida por um fio muito fino. Sim, ela queria viver, a vida lhe proporcionava uma alegria imensa, mas ela sabia ao mesmo tempo que esse *quero viver* era tecido com fios de teia de aranha. Bastava tão pouco, tão infinitamente pouco, para se encontrar do outro lado da fronteira além da qual nada mais tinha sentido: o amor, as convicções, a fé, a História. Todo o mistério da vida humana consistia no fato de que ela se desenrola em proximidade imediata e mesmo em contato direto com essa fronteira, que ela não fica separada desta por quilômetros, mas apenas por um milímetro.

7

Todo homem possui duas biografias eróticas. Em geral só se fala da primeira, que se compõe de uma lista de casos e de encontros amorosos.

A mais interessante é, sem dúvida alguma, a outra biografia: o bando de mulheres que queríamos ter e que nos escaparam, a história dolorosa das possibilidades

irrealizadas.

Mas existe ainda uma terceira, uma misteriosa e inquietante categoria de mulheres. Elas nos agradam, nós lhes agradamos, mas ao mesmo tempo compreendemos logo que não podíamos tê-las porque, na nossa relação com elas, nos encontrávamos *do outro lado da fronteira*.

Jan estava no trem e lia. Uma jovem e bela desconhecida veio sentar-se em seu compartimento (o único lugar livre era justamente em frente ao dele) e lhe fez um sinal com a cabeça. Ele respondeu ao seu cumprimento e procurou lembrar-se de onde a conhecia. Em seguida, mergulhou novamente os olhos nas páginas de seu livro, mas lia com dificuldade. Sentia o olhar da mulher fixo nele, cheio de curiosidade e expectativa.

Ele fechou novamente o livro:

— De onde a conheço?

Não era nada de extraordinário. Eles haviam se encontrado, disse-lhe ela, cinco anos antes entre pessoas insignificantes.

Ele se lembrava desse período e lhe fez algumas perguntas: o que fazia ela exatamente na época, quem ela via, onde trabalhava, tinha um trabalho interessante?

Ele estava acostumado com isto: entre ele e qualquer mulher, ele sabia fazer saltar a centelha rapidamente. Só que dessa vez ele tinha a penosa impressão de ser um empregado do departamento de pessoal que faz perguntas a uma mulher que veio pedir emprego.

Calou-se. Abriu novamente o livro e esforçou-se para ler, mas sentia-se observado por uma invisível banca examinadora que possuía a seu respeito todo um dossiê de informações e que não tirava os olhos de cima dele. Ele olhava as páginas a contragosto, sem saber o que havia nelas, e não lhe passava despercebido que a banca registrava pacientemente os

minutos de seu silêncio para levá-los em conta no cálculo da nota final.

Ele fechou novamente o livro e tentou mais uma vez conversar com a mulher em tom frívolo, mas constatou outra vez que isso não dava em nada.

Concluiu que o fracasso provinha de eles estarem conversando num compartimento muito cheio. Convidou a mulher para ir ao vagão-restaurant, onde eles encontraram uma mesa para dois. Ele falava com mais facilidade; mas também ali não conseguia acender a centelha.

Os dois voltaram para o compartimento. Ele abriu novamente o livro, mas, como um pouco antes, não sabia o que havia em suas páginas.

A mulher ficou alguns instantes sentada diante dele; em seguida levantou-se e foi ao corredor olhar pelo vidro.

Ele se sentia terrivelmente descontente. A mulher lhe agradava e sua saída do compartimento não passava de um chamado silencioso.

No último instante, ele quis mais uma vez salvar a situação. Foi para o corredor e pôs-se ao lado dela. Disse-lhe que, se não a havia reconhecido, era sem dúvida porque ela havia mudado o penteado. Afastou-lhe os cabelos da testa e olhou seu rosto subitamente diferente.

— Sim, reconheço-a agora — disse. Obviamente, não a reconhecia. E isso, aliás, não tinha importância. Tudo o que ele queria era apertar com firmeza a mão contra a parte superior de seu crânio, inclinar-lhe suavemente a cabeça para trás e olhá-la assim, nos olhos.

Quantas vezes na sua vida ele havia pousado a mão sobre a cabeça de uma mulher, perguntando-lhe: “Mostre-me como você ficaria assim?” Esse contato imperioso e esse olhar soberano invertiam de um só golpe toda a situação. Como se eles contivessem em germe (e puxassem do futuro) a grande

cena em que ele se apossaria dela totalmente.

Mas dessa vez seu gesto não produziu nenhum efeito. Seu olhar era muito mais fraco do que o olhar que ele sentia sobre si, o olhar dubitativo da banca examinadora que sabia muito bem que ele se repetia e que lhe fazia compreender que toda repetição não passa de uma imitação e que toda imitação é sem valor. Jan, de repente, se via com os olhos da mulher. Via a deplorável pantomima de seu olhar e de seu gesto, aquela dança de São Guido estereotipada que se esvaziara de todo significado à força de se repetir no decorrer dos anos. Por ter perdido sua espontaneidade, seu sentido natural e imediato, de repente seu gesto lhe causava um cansaço insuportável, como se ele tivesse pesos de dez quilos presos aos punhos. O olhar da mulher criava em volta dele um ambiente estranho que aumentava o peso.

Não havia mais meio de continuar. Ele largou a cabeça da mulher e olhou pelo vidro da janela os jardins que desfilavam.

O trem chegou ao seu destino. Saindo da estação, ela disse a Jan que não morava longe e convidou-o a ir à sua casa.

Ele recusou.

Em seguida, pensou nisto semanas inteiras: como pudera recusar uma mulher que lhe agradava?

Na sua relação com ela, ele se encontrava do outro lado da fronteira.

8

O olhar do homem já foi descrito muitas vezes. Ele pousa friamente sobre a mulher, ao que parece, como se a medisse, a pesasse, a avaliasse, a escolhesse, ou seja, como se a transformasse em coisa.

O que não se sabe tão bem é que a mulher não está

inteiramente desarmada contra esse olhar. Se ela é transformada em coisa, ela então observa o homem com o olhar de uma coisa. E como se o martelo tivesse de repente olhos e observasse fixamente o pedreiro que se serve dele para fixar um prego. O pedreiro vê o olhar mau do martelo, perde a segurança e dá uma martelada no próprio dedo.

O pedreiro é o senhor do martelo, porém é o martelo que leva vantagem sobre o pedreiro, porque a ferramenta sabe exatamente como deve ser manejada, enquanto aquele que a maneja só pode sabê-lo mais ou menos.

O poder de olhar transforma o martelo em ser vivo, mas o bravo pedreiro tem de sustentar seu olhar insolente e, com a mão firme, transformá-lo novamente em coisa. Dizem que a mulher vive assim um movimento cósmico para cima e depois para baixo: a elevação da coisa tornada criatura e a queda da criatura tornada coisa.

Mas acontecia a Jan, cada vez com mais frequência, que o jogo do pedreiro e do martelo não fosse mais praticável. As mulheres olhavam mal. Estragavam o jogo. Seria porque nessa época elas haviam começado a se organizar e tinham decidido transformar a condição secular da mulher? Ou seria porque Jan estava envelhecendo e via de outro modo as mulheres e seu olhar? Era o mundo que mudava ou era ele?

Difícil dizer. A verdade é que a mulher do trem o olhava com olhos desconfiados, cheios de dúvidas, e ele largara o martelo antes de ter tido tempo de erguê-lo.

Recentemente, Jan encontrara Pascal, que se queixara a ele de Barbara. Barbara o havia convidado para ir à sua casa. Lá estavam duas moças que Pascal não conhecia. Ele conversara um pouco, e, em seguida, sem preveni-lo, Barbara fora à cozinha buscar um grande despertador de ferro branco, como aqueles de antigamente. Começara a tirar a roupa sem dizer uma palavra e as duas moças haviam feito o mesmo.

Pascal se lamentou:

— Você compreende, elas tiraram a roupa com indiferença, com displicência, como se eu fosse um cachorro ou um jarro de flores.

Em seguida, Barbara lhe ordenara que tirasse a roupa também. Ele não queria perder a oportunidade de fazer amor com duas desconhecidas, e obedecera. Quando já estava nu, Barbara lhe mostrara o relógio: “Olhe bem para o ponteiro de segundos. Se você não ficar de pau duro dentro de um minuto, pode se retirar!”

— Elas não tiravam os olhos de entre as minhas pernas e, como os segundos comessem a passar, elas desataram a rir! Depois disso, me puseram porta afora!

Eis um caso em que o martelo decidiu castrar o pedreiro.

— Você sabe, Pascal é um grosseirão, e eu senti uma simpatia secreta pelo comando disciplinar de Barbara — dizia Jan a Edwige. — Aliás, Pascal e seus colegas fizeram com algumas moças algo muito parecido com a peça que Barbara pregou nele. A moça vinha, queria fazer amor, e eles a despiam e a amarravam sobre o divã. A moça não se importava nem um pouco de ser amarrada; isso fazia parte do jogo. O mais escandaloso é que eles não faziam nada com ela, nem sequer a tocavam; contentavam-se em examiná-la por todos os lados. A moça tinha a impressão de estar sendo violentada.

— É compreensível — disse Edwige.

— Mas posso muito bem imaginar que essas moças, amarradas e examinadas, ficavam bastante excitadas. Numa situação semelhante, Pascal não ficou excitado. Ele foi castrado.

Já era noite alta; eles estavam na casa de Edwige, e uma garrafa de uísque esvaziada pela metade estava diante deles sobre uma mesa baixa.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou ela.

— Quero dizer que — respondeu Jan —, quando um homem e uma mulher fazem a mesma coisa, não é a mesma coisa. O homem violenta, a mulher castra.

— Você quer dizer com isso que é feio castrar um homem, mas que é uma bela coisa violentar uma mulher.

— Com isso, quero dizer apenas que — replicou Jan — a violação faz parte do erotismo, mas que a castração é a sua negação.

Edwige esvaziou seu copo de um só gole e respondeu, encolerizada:

— Se a violação faz parte do erotismo, isso quer dizer que todo o erotismo é dirigido contra a mulher e que é preciso, portanto, inventar outro.

Jan bebeu um gole, ficou em silêncio um instante e retomou:

— Há muitos anos, no meu antigo país, compus com alguns colegas uma antologia das palavras que nossas amantes diziam durante o amor. Sabe qual foi a palavra que surgiu com mais frequência?

Edwige não sabia.

— A palavra *não*. A palavra *não* repetida muitas vezes seguidas: *não, não, não, não, não, não, não...* A moça vinha para fazer amor e, quando o rapaz a tomava nos braços, ela o repelia dizendo *não*, de modo que o ato de amor, iluminado pela luz vermelha dessa palavra que é a mais bela de todas, tornava-se uma pequena imitação da violação. Mesmo quando se aproximavam do orgasmo, elas diziam *não, não, não, não, não* e muitas gozavam gritando *não*. Desde essa época, *não* é para mim uma palavra principesca. Você também tinha o costume de dizer *não*?

Edwige respondeu que nunca dizia *não*. Por que dizer uma coisa que ela não pensava?

— “Quando uma mulher diz não, quer sempre dizer sim.”
Esse aforismo de machos sempre me revoltou. E uma frase tão idiota quanto a história humana.

— Mas essa história está em nós e não podemos fugir a ela — replicou Jan. — A mulher que foge e se defende. A mulher que se entrega, o homem que se apossa. A mulher que se cobre de véus, o homem que arranca sua roupa. São imagens seculares que trazemos conosco!

— Seculares e idiotas! Tão idiotas quanto as imagens religiosas! E se as mulheres comessem a ficar fartas de se comportar de acordo com esse modelo? E se sentissem náuseas por causa dessa eterna repetição? E se quisessem inventar outras imagens e um outro jogo?

— E, são palavras idiotas que se repetem de maneira idiota. Você tem toda a razão. Mas, e se nosso desejo do corpo feminino dependesse justamente dessas imagens idiotas e somente delas? Quando elas forem destruídas em nós, um homem ainda poderá fazer amor com uma mulher?

Edwige desatou a rir:

— Acho que você está se apoquentando sem razão.

Em seguida, ela fixou sobre ele seu olhar maternal:

— E não fique imaginando que todos os homens são como você. Como se comportam os homens quando se vêem face a face com uma mulher? O que você sabe a respeito disso?

Jan não sabia realmente como se comportavam os homens quando se viam sozinhos face a face com uma mulher. Houve um silêncio, e Edwige tinha no rosto o sorriso beato que indicava que já era tarde e que se aproximava o momento em que Jan ia desenrolar sobre o seu corpo a bobina cinematográfica vazia.

Após um instante de reflexão, ela acrescentou:

— No final das contas, não é tão importante assim fazer amor.

Jan ficou de orelha em pé:

— Você acha que não é tão importante fazer amor?

Ela lhe sorriu com ternura:

— Não, não é tão importante assim.

Ele esqueceu imediatamente a discussão porque acabava de compreender algo muito mais importante: para Edwige, o amor físico era apenas um signo, um ato simbólico, uma confirmação da amizade.

Nessa noite, pela primeira vez, ele ousou dizer que estava cansado. Deitou-se ao lado dela na cama como um amigo casto sem desenrolar a bobina de película. Acariciava-lhe os cabelos e via erguer-se acima do futuro comum dos dois o arco-íris tranquilizador da paz.

9

Havia cerca de dez anos, Jan recebia visitas de uma mulher casada. Eles se conheciam há alguns anos mas se viam muito raramente, porque essa mulher trabalhava e, mesmo quando ela estava livre para vê-lo, eles não tinham tempo a perder. Ela começava por sentar-se numa poltrona e eles conversavam um instante. Logo Jan se levantava, se aproximava dela, lhe dava um beijo e a erguia nos braços.

Em seguida a soltava; eles se afastavam um pouco um do outro e começavam a tirar a roupa às pressas. Jan atirava o paletó sobre uma cadeira. Ela tirava o pulôver e colocava-o nas costas da cadeira. Ele desabotoava as calças e deixava-as escorregar. Ela inclinava-se para a frente e começava a tirar sua malha. Os dois se apressavam. Ficavam de pé, face a face, inclinados para a frente; Jan tirava um pé, depois o outro, das calças (para isso, erguia as pernas muito alto, como um soldado que desfila), ela se curvava para fazer a malha descer até os tornozelos, depois libertava as pernas levantando-as

para o alto, exatamente como ele fazia.

Era sempre parecido, mas um dia ocorreu um pequeno fato que ele nunca iria esquecer: ela o olhou e não pôde conter um sorriso. Era um sorriso quase terno, cheio de compreensão e simpatia, um sorriso tímido que procurava se fazer perdoar, mas incontestavelmente um sorriso nascido da luz do ridículo que inundou de repente toda a cena. Ele teve muita dificuldade para se dominar e não lhe devolver esse sorriso. Pois também via emergir da penumbra do hábito o ridículo inopinado de duas pessoas que estão de frente uma para a outra e que levantam as pernas muito alto numa estranha precipitação. Por pouco ele não desatou a rir. Mas sabia que em seguida eles não poderiam mais fazer amor. O riso estava ali como uma enorme armadilha que esperava pacientemente no aposento, escondido atrás de uma parede fina e invisível. Apenas alguns milímetros separavam o amor físico do riso, e ele receava transpô-los. Alguns milímetros o separavam da fronteira além da qual as coisas não têm mais sentido.

Ele se controlara. Repelira o sorriso, jogara as calças para o lado e avançara depressa para junto da amante, para tocar-lhe logo o corpo, cujo calor ia espantar o diabo do riso.

10

Ele soube que o estado de saúde de Passer piorava. O doente só resistia graças a injeções de morfina e só se sentia bem algumas horas por dia. Jan pegou o trem para ir visitá-lo numa clínica distante e, durante o trajeto, censurou-se por ir vê-lo tão pouco. Assustou-se ao ver que Passer havia envelhecido muito. Alguns cabelos prateados desenhavam em seu crânio uma curva ondulante, a mesma que desenhara, não havia muito tempo, sua espessa cabeleira castanha. Seu rosto

era a lembrança do rosto do passado.

Passer o acolheu com a exuberância de sempre. Pegou-o pelo braço e, com um passo enérgico, levou-o para o quarto, onde os dois se sentaram um de cada lado de uma mesa.

A primeira vez que Jan encontrara Passer — já fazia muito tempo —, Passer havia falado das grandes esperanças da humanidade e, falando, batia com o punho na mesa acima da qual brilhavam seus grandes olhos eternamente entusiasmados. Naquele instante ele não falava das esperanças da humanidade, mas das esperanças de seu corpo. Os médicos afirmavam que, se ele conseguisse, graças a um tratamento intensivo com injeções e ao preço de grandes dores, sobreviver pelos próximos quinze dias, ele teria ganho. Dizendo isso a Jan, ele batia com o punho sobre a mesa e seus olhos brilhavam. O relato entusiasmado a respeito das esperanças do corpo era o eco melancólico do relato acerca das esperanças do gênero humano. Esses dois entusiasmos eram igualmente ilusórios, e os olhos brilhantes de Passer emprestavam a todos os dois uma luz igualmente mágica.

Depois ele pôs-se a falar da atriz Hanna. Com uma pudica timidez masculina, confessou a Jan que ainda uma última vez ficara louco. Ficara louco por uma mulher loucamente bonita, sabendo muito bem que era a mais insensata de todas as loucuras possíveis. Com os olhos brilhantes, falava da floresta onde os dois tinham procurado cogumelos como quem procura um tesouro, e do café onde eles pararam para beber vinho tinto.

— E Hanna foi formidável! Você compreende? Ela não assumia ares de enfermeira solícita, não tinha olhares compassivos para me lembrar a minha doença e a minha decrepitude; ria e bebia comigo. Entornamos um litro de vinho! Eu tinha a impressão de ter dezoito anos! Minha cadeira estava colocada exatamente sobre a linha da morte, e eu tinha vontade de cantar.

Passer bateu com o punho na mesa e olhou Jan com seus olhos brilhantes, acima dos quais a abundante cabeleira desaparecida era agora desenhada por três fios prateados.

Jan disse que estamos todos a cavalo sobre a linha da morte. Que o mundo inteiro, que afunda na violência, na crueldade e na barbárie, se sentou sobre essa linha. Ele disse isso porque gostava de Passer e achava atroz que esse homem, que batia de maneira magnífica com o punho sobre a mesa, morresse antes do mundo que não merecia nenhum amor. Esforçava-se por fazer parecer mais próximo o fim do mundo para que a morte de Passer se tornasse mais suportável. Mas Passer não aceitava o fim do mundo; batia com o punho na mesa e recomeçava a falar das esperanças da humanidade. Disse que vivemos uma época de grandes mudanças.

Jan nunca partilhara da admiração de Passer pelas coisas que mudam mas gostava de seu desejo de mudança, porque via nele o mais antigo desejo do homem, o conservantismo mais conservador da humanidade. Contudo, embora gostasse desse desejo, queria tirá-lo dele, visto que a cadeira de Passer estava a cavalo sobre a linha da morte. Queria sujar a seus olhos o futuro, para que ele lamentasse um pouco menos a vida que estava perdendo.

Disse-lhe:

— Sempre nos dizem que vivemos uma grande época. Clevis fala do fim da era judeu-cristã, outros da revolução mundial e do comunismo, mas tudo isso são asneiras. Se nossa época é um momento decisivo, é por uma outra razão.

Passer o olhava nos olhos com seu olhar brilhante, acima do qual a lembrança da cabeleira era desenhada por três fios prateados.

Jan prosseguia:

— Você conhece a história do lorde inglês?

Passer bateu com o punho sobre a mesa e disse que não conhecia essa história.

— Após a noite de núpcias, um lorde inglês disse para a mulher: “*Lady*, espero que você esteja grávida. Não gostaria de repetir uma segunda vez esses movimentos ridículos”.

Passer sorriu, mas sem bater com o punho sobre a mesa. Essa anedota não era daquelas que suscitavam seu entusiasmo.

Jan prosseguiu:

— Que não venham me falar de revolução mundial! Vivemos uma grande época histórica em que o ato sexual se transforma definitivamente em movimentos ridículos.

Um sorriso de traçado delicado surgiu no rosto de Passer. Jan conhecia bem esse sorriso. Não era um sorriso alegre nem aprovador, mas o sorriso da tolerância. Eles sempre tinham ficado muito afastados um do outro e, nos raros momentos em que a diferença entre eles se manifestava de maneira muito visível, eles se dirigiam mutuamente esse sorriso para assegurar que a amizade dos dois não estava em perigo.

11

Por que tem ele sempre diante dos olhos essa imagem da fronteira?

Ele se diz que é porque está ficando velho: as coisas se repetem e perdem a cada vez uma fração de seu sentido. Ou, mais exatamente, perdem gota a gota sua força vital, que pressupõe automaticamente o sentido. A fronteira, segundo Jan, quer dizer então a dose máxima admissível de restrições.

Um dia ele assistira a um espetáculo em que, no meio da ação, um comico muito talentoso começava de repente a contar muito lentamente e com uma expressão de extrema atenção: um, dois, três, quatro. . . , dizia cada número com

um ar muito concentrado, como se ele lhe tivesse escapado, e procurava-o no espaço à sua volta: cinco, seis, sete, oito. . . No número quinze, o público começara a rir, e quando ele chegara a cem, lentamente e com ar cada vez mais concentrado, as pessoas caíam de seus assentos.

Numa outra representação, o mesmo ator se pusera ao piano e começara a tocar uma ária de valsa com a mão esquerda: tantantam, tantantam. Sua mão direita pendia, não se ouvia nenhuma melodia, mas sempre o mesmo tantantam, tantantam que se repetia continuamente, e ele olhava o público com um olhar eloquente como se esse acompanhamento de valsa fosse uma música esplêndida, digna de emoção, de aplausos e de entusiasmo. Tocou sem parar vinte vezes, trinta vezes, cinquenta vezes, cem vezes o mesmo tantantam, tantantam, e o público morria de rir.

Sim, quando se transpõe a fronteira, o riso ressoa, fatídico. Mas quando se vai ainda mais longe, ainda *além* do riso?

Jan imagina que os deuses gregos, a princípio, participaram com paixão das aventuras dos homens. Em seguida eles pararam no Olimpo para olhar para baixo e riram muito. E hoje, estão dormindo há muito tempo.

A meu ver, porém, Jan se engana se pensa que a fronteira é um traço que corta a vida do homem num lugar determinado, que ela indica uma ruptura no tempo, um segundo preciso no relógio da vida humana. Não. Estou, ao contrário, certo de que a fronteira está constantemente conosco, independentemente do tempo e de nossa idade, que ela é onipresente, embora seja mais ou menos visível, segundo as circunstâncias.

A mulher que Jan tanto amou tinha razão em dizer que o que a mantinha presa à vida era apenas um fio de teia de aranha. Basta tão pouco, uma ínfima corrente de ar para que as coisas se movam imperceptivelmente, e aquilo por que

ainda teríamos dado a vida um segundo antes aparece de repente como um contra-senso no qual não há nada.

Jan tinha amigos que, como ele, haviam deixado a antiga pátria e que consagravam todo o seu tempo à luta por sua liberdade perdida. Já lhes acontecera a todos sentir que o elo que os unia a seu país não passava de uma ilusão e que era apenas uma persistência de hábito se eles ainda estavam prontos a morrer por alguma coisa que lhes era indiferente. Todos eles conheciam esse sentimento e ao mesmo tempo temiam conhecê-lo; viravam a cabeça, com medo de verem a fronteira e de deslizarem (atraídos pela vertigem como por um abismo) para o outro lado, lá onde a língua de seu povo torturado não fazia mais nada a não ser um barulho insignificante parecido com o pipilo dos pássaros.

Se Jan define para si mesmo a fronteira como a dose máxima admissível de repetições, vejo-me então na obrigação de corrigi-lo: a fronteira não é o resultado da repetição. A repetição é apenas uma das maneiras de tornar a fronteira visível.

A linha da fronteira está coberta de poeira e a repetição é como que o gesto da mão que afasta essa poeira.

Eu gostaria de lembrar a Jan esta experiência notável que remonta à sua infância: ele tinha então cerca de treze anos. Falava-se de criaturas que vivem em outros planetas e ele brincava com a ideia de que esses extraterrestres tinham sobre o corpo mais zonas erógenas do que o homem, habitante da Terra. A criança que ele era então e que se excitava às escondidas diante da foto roubada de uma dançarina nua finalmente tivera a sensação de que a mulher terrestre, dotada de um sexo e de dois seios, essa trindade simples demais, sofre de indigência erótica. Ele sonhava com uma criatura que tivesse sobre o corpo, não esse miserável triângulo, mas dez ou vinte zonas erógenas, e oferecesse ao olhar excitações totalmente inesgotáveis.

Quero dizer com isso que ele já sabia, no meio de seu trajeto muito longo de mancebo, o que é sentir-se cansado do corpo feminino. Mesmo antes de conhecer a volúpia, ele já chegara em pensamento ao fim da excitação. Já chegara ao fundo dela.

Ele vivia então, desde a infância, ao alcance do seu olhar, com essa fronteira misteriosa além da qual um seio feminino não passa de uma excrescência incongruente sobre o peito. A fronteira era seu quinhão desde os primeiros começos. Aos treze anos, Jan, que sonhava com outras zonas erógenas sobre o corpo feminino, a conhecia tão bem quanto Jan trinta anos mais tarde.

12

Ventava e havia muita lama. O cortejo fúnebre pusera-se mais ou menos em semicírculo diante da cova aberta. Jan estava lá, assim como quase todos os seus amigos, a atriz Hanna, os Clevis, Barbara e, naturalmente, os Passer: a esposa com o filho aos prantos e a filha.

Dois homens de roupas surradas ergueram as cordas sobre as quais estava pousado o caixão. No mesmo instante, um personagem nervoso que segurava uma folha de papel aproximou-se do túmulo, virou-se de frente para os coveiros, levantou a folha e começou a ler em voz alta. Os coveiros olharam para ele, hesitaram um instante, perguntando-se se deveriam recolocar o caixão ao lado do túmulo, e começaram a fazê-lo descer lentamente dentro da cova, como se tivessem decidido poupar ao morto a obrigação de ouvir ainda um quarto discurso.

O súbito desaparecimento do caixão desconcertou o orador. Todo o seu discurso fora redigido na segunda pessoa do singular. Ele se dirigia ao morto, lhe fazia promessas, o

elogiava, o tranquilizava, lhe agradecia e respondia a suas supostas perguntas. O caixão chegou ao fundo da cova, os coveiros retiraram as cordas e permaneceram humildemente imóveis junto ao túmulo. Vendo que o orador discursava para eles com tanta impetuosidade, abaixaram a cabeça, intimidados.

Quanto mais o orador compreendia o absurdo da situação, mais era atraído por aqueles dois tristes personagens, e quase teve de usar de violência consigo mesmo para olhar para outro lado. Ele se virou para o semicírculo do cortejo fúnebre. Mas, mesmo assim, seu discurso escrito na segunda pessoa do singular não soava muito melhor, pois tinha-se a impressão de que o estimado falecido escondia-se em algum lugar na multidão.

Para que lado o orador devia olhar? Ele contemplava com angústia a folha de papel e, embora soubesse o discurso de cor, mantinha os olhos grudados no texto.

Todo o público presente cedia a um nervosismo aumentado ainda mais pelas rajadas histéricas do vento. O senhor Clevis estava com o chapéu cuidadosamente enfiado no crânio, mas o vento era tão violento que arrancou-lhe o chapéu e foi depositá-lo entre o túmulo aberto e a família Passer, que estava na primeira fila.

Seu primeiro desejo foi esgueirar-se pelos grupos e correr para apanhar o chapéu, mas percebeu que essa reação poderia dar a entender que ele atribuía maior importância ao chapéu do que à seriedade da cerimônia em honra do amigo. Tomou então a decisão de ficar quieto e fingir que não havia notado nada. Mas não foi a melhor solução. Desde que o chapéu se encontrava sozinho no espaço vazio diante do túmulo, o público estava ainda mais nervoso e inteiramente incapaz de ouvir as palavras do orador. Apesar de sua humilde imobilidade, o chapéu perturbava muito mais a cerimônia do que se Clevis tivesse dado alguns passos para pegá-lo. Ele

acabou então por dizer à pessoa que estava à sua frente *com licença* e saiu do grupo. Viu-se assim no espaço vazio (semelhante a um palco) entre o túmulo e o cortejo. Abaixou-se, estendeu o braço para o chão, mas exatamente nesse momento o vento pôs-se a soprar de novo, carregando o chapéu um pouco mais adiante, para junto dos pés do orador.

Ninguém mais conseguia pensar em outra coisa a não ser no senhor Clevis e em seu chapéu. O orador, que não percebera o que acontecera com o chapéu, sentiu porém que estava acontecendo alguma coisa no auditório. Levantou os olhos da folha de papel e viu, com surpresa, um desconhecido que estava a dois passos à sua frente e que o olhava como se estivesse se preparando para dar um pulo. Depressa, ele baixou os olhos novamente para o texto, esperando talvez que a incrível visão tivesse desaparecido quando ele tornasse a erguer os olhos. Mas ao erguê-los de novo viu que o homem continuava à sua frente, olhando-o.

O senhor Clevis não podia nem avançar nem recuar. Achava inconveniente atirar-se aos pés do orador e ridículo voltar para seu lugar sem seu chapéu. Permanecia ali, portanto, sem se mexer, grudado ao solo pela indecisão, e tentava inutilmente descobrir uma solução.

Gostaria que alguém viesse em seu socorro. Lançou um olhar na direção dos coveiros. Eles estavam imóveis do outro lado da cova e olhavam fixo para os pés do orador.

Nesse instante, houve uma nova rajada de vento, e o chapéu deslizou lentamente para a beira da cova. Clevis decidiu-se. Deu um passo enérgico, estendeu o braço e se abaixou. O chapéu se esquivava, se esquivava sempre, estava quase sob os dedos dele quando deslizou ao longo da beira e caiu dentro da cova.

Clevis estendeu mais uma vez o braço, como que para chamá-lo para junto de si, mas, de repente, resolveu fazer de conta que o chapéu nunca existira e que ele se encontrava à

beira da cova por um acaso insignificante. Queria mostrar-se absolutamente natural e tranquilo, mas era difícil porque todos os olhares estavam fixos nele. Ele tinha o ar crispado; fez um esforço para não ver ninguém e foi postar-se na primeira fila, onde o filho de Passer soluçava.

Quando o espectro ameaçador do homem que se preparava para pular desapareceu, a personagem da folha de papel recuperou a calma e ergueu os olhos para a multidão — que, em absoluto, já não o ouvia —, a fim de dizer a última frase de seu discurso. Virando-se para os coveiros, declarou num tom solene: “Victor Passer, aqueles que o amavam não o esquecerão jamais. Que a terra lhe seja leve!”

Ele se inclinou à beira do túmulo sobre um monte de terra onde estava fincada uma pá pequena, pegou um pouco de terra com ela e debruçou-se sobre a cova. Nesse momento, o cortejo foi sacudido por um riso abafado, pois todas as pessoas imaginavam que o orador, que se imobilizara com a pá de terra na mão e olhava para baixo sem se mexer, via o caixão no fundo da cova e o chapéu sobre o caixão, como se o morto, num vão desejo de dignidade, não tivesse querido ficar com a cabeça descoberta durante o instante solene.

O orador se dominou, jogou a terra sobre o caixão e cuidou para que ela não caísse sobre o chapéu, como se a cabeça de Passer se escondesse realmente sob ele. Em seguida, estendeu a pá para a viúva. Sim, eles teriam todos de beber até o fim o cálice da tentação. Todos teriam de viver aquele terrível combate contra o riso. Todos, inclusive a esposa e o filho que soluçava, teriam de pegar a terra com a pá e se inclinar sobre a cova, onde havia um caixão e, sobre o caixão, um chapéu, como se Passer, com sua vitalidade e seu otimismo indomáveis, quisesse pôr a cabeça para fora.

Cerca de vinte pessoas estavam reunidas na casa de campo de Barbara. Todos estavam no grande salão, sentados no divã, nas poltronas ou no chão. No centro, no círculo de olhares distraídos, uma moça — que, ao que parecia, vinha de uma cidade do interior — se agitava e se contorcia de todas as maneiras possíveis.

Barbara reinava numa ampla poltrona de veludo:

— Você não acha que está demorando muito? — perguntou ela, lançando um olhar severo na direção da moça.

A moça olhou para ela e girou os ombros, como se mostrasse assim todas as pessoas presentes e se queixasse da indiferença e do ar distraído delas. Mas a severidade do olhar de Barbara não admitia desculpa muda, e a moça, sem interromper seus movimentos inexpressivos e ininteligíveis, pôs-se a desabotoar a blusa.

A partir desse momento, Barbara não se preocupou mais com ela e pousou os olhos sucessivamente em todas as pessoas presentes. Compreendendo esse olhar, elas interrompiam sua tagarelice e voltavam, dóceis, os olhos para a moça que se despia. Em seguida, Barbara levantou a saia, pôs a mão entre as coxas e dirigiu novamente seus olhos provocantes para todos os cantos do salão. Observava com atenção seus ginastas para ver se eles seguiam sua demonstração.

Por fim, as coisas começaram, segundo seu próprio ritmo, preguiçoso mas seguro; a provinciana estava nua há muito tempo, deitada nos braços de um macho qualquer; os outros se dispersaram para os outros aposentos da casa. Contudo, Barbara estava presente em todos os lugares, sempre vigilante e infinitamente exigente. Não admitia que seus convidados se dividissem em casais e se escondessem em seus cantos.

Enfureceu-se com uma mulher cujos ombros Jan abraçava:

— Se quiser estar a sós com ele, vá à casa dele. Aqui estamos em sociedade!

Pegou-a pelo braço e levou-a para um aposento contíguo.

Jan notou o olhar de um simpático jovem careca que estava sentado à parte e havia observado a intervenção de Barbara. Eles sorriram um para o outro. O careca se aproximou e Jan lhe disse:

— A marechala Barbara.

O careca deu uma gargalhada e disse:

— É uma treinadora que nos prepara para a final dos Jogos Olímpicos.

Juntos, eles olhavam Barbara e observavam a continuação de sua atividade.

Ela se ajoelhou perto de um homem e de uma mulher que estavam fazendo amor, insinuou a cabeça entre o rosto deles e pressionou a boca contra os lábios da mulher. Cheio de consideração por Barbara, o homem afastou-se de sua parceira, achando sem dúvida que Barbara a queria só para si. Barbara pegou a mulher nos braços, puxou-a para si, até que ambas ficaram grudadas uma contra a outra, deitadas de lado, enquanto o homem ficava de pé diante delas, humilde e obediente. Barbara, sem deixar de beijar a mulher, descreveu um círculo no ar com a mão levantada. O homem compreendeu que era um chamado que lhe era dirigido, mas não sabia se lhe ordenavam que ficasse ou que se afastasse. Tenso, observava com atenção a mão cujo movimento era cada vez mais enérgico e impaciente. Barbara terminou por afastar seus lábios da boca da mulher e exprimiu seu desejo em voz alta. O homem assentiu, deslizou novamente para o chão e juntou-se por trás à mulher, que estava agora presa entre ele e Barbara.

— Todos nós somos as personagens do sonho de Barbara

— disse Jan.

— É — concordou o careca. — Mas nunca dá muito certo. Barbara é como um relojoeiro que tem de deslocar ele mesmo os ponteiros de seu relógio.

Assim que conseguiu mudar a posição do homem, Barbara se desinteressou imediatamente da mulher que ela acabava de beijar com paixão. Levantou-se e aproximou-se de um casal de amantes muito jovens que se achavam comprimidos um contra o outro, com uma expressão de angústia, num canto do salão. Estavam apenas semivestidos, e o rapaz esforçava-se para esconder a moça com seu corpo. Como figurantes numa cena de ópera que abrem a boca sem emitir um som e agitam absurdamente as mãos para criar a ilusão de uma conversa animada, eles penavam muito para fazer crer que estavam totalmente absorvidos um pelo outro, pois tudo o que queriam era passar despercebidos e fugir aos outros.

Barbara não se deixou enganar pela manobra dos dois; ajoelhou-se contra eles, acariciou-lhes um instante os cabelos e disse-lhes alguma coisa. Em seguida desapareceu num aposento vizinho e voltou acompanhada de três homens nus. Pôs-se novamente de joelhos contra os dois amantes, pegou nas mãos a cabeça do rapaz e beijou-a. Os três homens nus, guiados pelas injunções mudas de seu olhar, inclinaram-se sobre a menina e lhe tiraram o resto das roupas.

— Quando tudo tiver acabado, haverá uma reunião — disse o careca. — Barbara vai nos convocar a todos, nos fará formar um semicírculo ao redor dela, se postará diante de nós, colocará os óculos, analisará o que fizemos de bom e de ruim, elogiará os alunos aplicados e distribuirá censuras aos vadios.

Os dois amantes tímidos dividiam finalmente seus corpos com os outros. Barbara deixou-os e dirigiu-se aos dois homens. Dirigiu um sorriso breve a Jan e aproximou-se do careca. Quase no mesmo instante, Jan sentiu sobre a pele o

contato delicado da provinciana cuja nudez dera o sinal de partida da noite. Ele disse consigo mesmo que o grande relógio de Barbara não funcionava tão mal assim.

A provinciana ocupava-se dele com um zelo fervente, mas a todo instante ele deixava os olhos desviarem-se para o outro lado do aposento, em direção ao careca, cujo sexo era trabalhado pela mão de Barbara. Os dois casais estavam na mesma situação. As duas mulheres, com o busto inclinado, ocupavam-se, da mesma coisa, com os mesmos gestos; dir-se-ia que eram jardineiras cuidadosas debruçadas sobre um canteiro de flores. Cada casal era apenas a imagem do outro refletida num espelho. Os olhares dos dois homens se cruzaram e Jan viu que o corpo do careca estremecia com o riso. E porque estavam mutuamente unidos, como está uma coisa e seu reflexo num espelho, um não podia estremecer sem que o outro estremecesse também. Jan virou o rosto para que a moça que o acariciava não se sentisse ofendida. Mas sua imagem refletida o atraía de maneira irresistível. Ele olhou novamente para aquele lado e viu os olhos do careca esbugalhados pelo riso contido. Eles estavam unidos por uma corrente telepática muito forte. Não somente cada um sabia o que o outro estava pensando, mas sabia que o outro sabia disso. Todas as comparações com que eles haviam agraciado Barbara alguns momentos antes voltavam-lhes à mente, e eles descobriam novas comparações. Olhavam-se evitando o olhar do outro, pois sabiam que o riso seria um sacrilégio tão grande quanto na igreja, quando o padre eleva a hóstia. Mas quando essa comparação lhes passou pela cabeça, os dois só tiveram mais vontade de rir. Eles eram fracos demais. O riso era mais forte. Seus corpos eram acometidos de irresistíveis sobressaltos.

Barbara olhou a cabeça de seu parceiro. O careca havia capitulado e ria a valer. Como se adivinhasse onde estava a causa do mal, Barbara virou-se para Jan. Justamente nesse

momento, a provinciana lhe murmurava:

— O que está acontecendo com você? Por que está chorando?

Mas Barbara já estava junto dele e dizia entre os dentes:

— Não pense que você vai dar aqui o golpe do enterro de Passer!

— Não fique zangada — disse Jan; ele ria e as lágrimas corriam-lhe pelas faces.

Ela lhe pediu para que se retirasse.

14

Antes de partir para a América, Jan levou Edwige ao litoral. Era uma ilha abandonada onde havia apenas algumas minúsculas cidadezinhas, pastos por onde carneiros indolentes se apascentavam, e um único hotel numa praia cercada. Cada um deles havia alugado um quarto.

Ele bateu à porta dela. A voz, que lhe chegou do fundo do quarto, lhe disse para entrar. Primeiro ele não viu ninguém.

— Estou fazendo xixi — gritou ela do banheiro, cuja porta estava entreaberta.

Ele conhecia isso de cor. Mesmo quando na casa dela havia um grande número de pessoas reunidas, ela anunciava calmamente que ia fazer xixi e ficava conversando através da porta entreaberta do banheiro. Não era nem coquetismo nem impudor. Muito ao contrário: era a abolição absoluta do coquetismo e do impudor.

Edwige não aceitava as tradições que pesam sobre o homem como um fardo. Recusava-se a admitir que um rosto nu é casto, mas um traseiro nu é impudico. Não sabia por que o líquido salgado que pinga de nossos olhos tinha de ser de uma poesia sublime enquanto o líquido que expelimos do ventre tinha de suscitar a repugnância. Tudo isso lhe parecia

idiota, artificial, insensato, e ela tratava essas convenções como uma garota revoltada trata o regulamento interno de um internato católico.

Saindo do banheiro, sorriu para Jan e deixou-se beijar nas duas faces:

— Vamos à praia?

Jan aceitou.

— Deixe suas roupas no meu quarto — disse ela, tirando o roupão, sob o qual estava nua.

Jan sempre achava um pouco insólito despir-se na frente dos outros e quase invejava Edwige, que ia e vinha na sua nudez como num confortável roupão. Ela mostrava-se até muito mais natural nua do que vestida, como se ao livrar-se de suas roupas se livrasse ao mesmo tempo de sua difícil condição de mulher para ser apenas um ser humano sem caracteres sexuais. Como se o sexo estivesse nas roupas e a nudez fosse um estado de neutralidade sexual.

Os dois desceram a escada nus e foram à praia, onde grupos de pessoas nuas descansavam, passeavam, se banhavam: mães nuas com crianças nuas, avós nuas e seus netos nus, rapazes e velhos nus. Havia uma enorme quantidade de seios nas formas mais diversas, bonitos, menos bonitos, feios, grandes, enrugados, e Jan compreendeu com melancolia que perto dos seios jovens os velhos não ficam mais jovens; que ao contrário, os jovens ficam mais velhos e que juntos são todos igualmente estranhos e insignificantes.

E mais uma vez ele foi assaltado por aquela vaga e misteriosa ideia da fronteira. Tinha a impressão de se encontrar exatamente sobre a linha, de estar atravessando-a. E foi tomado por uma estranha tristeza e dessa tristeza emergia, como que de uma névoa, uma ideia mais estranha ainda: era em multidão, e nus, que os judeus iam para as câmaras de gás. Ele não compreendia por que exatamente essa

imagem lhe vinha com tanta obstinação à mente nem o que ela queria ao certo lhe dizer. Talvez ela quisesse lhe dizer que nesse momento os judeus também estavam do *outro lado da fronteira* e que, portanto, a nudez é o uniforme dos homens e das mulheres do outro lado. Que a nudez é uma mortalha.

A tristeza que Jan sentia por causa dos corpos nus que se achavam espalhados pela praia era cada vez mais insuportável. Ele disse:

— É tão curioso todos esses corpos nus aqui...

Edwige concordou com ele.

— É. E o mais curioso é que todos esses corpos são bonitos. Olhe, mesmo os corpos senis, mesmo os corpos doentes são bonitos, a partir do momento que são apenas corpos, corpos sem roupas. São belos como a natureza. Uma árvore velha não é menos bonita do que uma árvore nova, e o leão doente ainda é o rei dos animais. A feiúra do homem é a feiúra das roupas.

Ele e Edwige não se compreendiam nunca e, no entanto, estavam sempre de acordo. Cada um interpretava à sua maneira as palavras do outro e havia entre eles uma maravilhosa harmonia. Uma maravilhosa solidariedade fundada na incompreensão. Ele sabia disso muito bem e quase se comprazia com isso.

Eles caminhavam lentamente pela praia; a areia queimava-lhes os pés, o balido de um carneiro se misturava com o barulho do mar, e sob a sombra de uma oliveira um carneiro sujo comia um monte de relva ressecada. Jan lembrou-se de Daphnis. Está deitado, fascinado com a nudez do corpo de Chloé, está excitado mas não sabe para o que essa excitação o atrai; é uma excitação sem fim nem satisfação, que se estende sem limites, a perder de vista. Uma imensa nostalgia apertava o coração de Jan e ele sentia vontade de voltar atrás. Atrás, ao rapazinho. Atrás, aos primórdios do homem, aos seus

próprios primórdios, aos primórdios do amor. Desejava o desejo. Desejava a batida do coração agitado. Desejava estar deitado ao lado de Chloé e não saber o que é o amor carnal. Não saber o que é a volúpia. Transformar-se para não ser nada além da excitação, nada além da misteriosa, incompreensível e milagrosa perturbação do homem que se encontra diante do corpo de uma mulher. E disse bem alto:

— Daphnis!

O carneiro comia a relva ressecada e Jan repetiu mais uma vez, suspirando:

— Daphnis, Daphnis...

— Você está chamando Daphnis?

— É — disse ele —, estou chamando Daphnis.

— Muito bem — disse Edwige —, é preciso voltar a ele. Ir até onde o homem ainda não foi mutilado pelo cristianismo. Era o que você queria dizer?

— Era — respondeu Jan, que queria dizer algo inteiramente diferente.

— Lá ainda havia, talvez, um pequeno paraíso natural — retomou Edwige. — Carneiros e pastores. Pessoas que pertencem à natureza. A liberdade dos sentidos. Para você, Daphnis é isso, não é?

Ele assegurou-lhe mais uma vez que era exatamente o que queria dizer, e Edwige afirmou:

— Você tem razão, é a ilha de Daphnis!

E como sentisse prazer em desenvolver o entendimento deles fundado no mal-entendido, ele acrescentou:

— E o hotel onde estamos hospedados deveria se chamar *Do outro lado*.

— Isso mesmo! — exclamou Edwige, com entusiasmo. — Do outro lado do cárcere dessa nossa civilização!

Pequenos grupos de pessoas nuas aproximavam-se deles; Edwige apresentou-lhes Jan. As pessoas apertavam-lhe a mão,

cumprimentavam-no, diziam seus títulos e afirmavam que estavam encantados. Em seguida, eles falaram de diferentes temas: a temperatura da água, a hipocrisia da sociedade que mutila a alma e o corpo, a beleza da ilha.

A propósito deste último assunto, Edwige ressaltou:

— Jan acaba de dizer que aqui é a ilha de Daphnis. Eu acho que ele tem razão.

Todo mundo ficou maravilhado com esse achado, e um homem extraordinariamente barrigudo desenvolveu a ideia de que a civilização ocidental ia perecer e que a humanidade ficaria, enfim, livre do fardo avassalador da tradição judaico-cristã. Eram frases que Jan já ouvira dez vezes, vinte vezes, trinta vezes, cem vezes, quinhentas vezes, mil vezes, e logo aqueles poucos metros de praia se transformaram em anfiteatro. O homem falava, todos os outros o ouviam com interesse e seus sexos desnudos estavam voltados tola e tristemente para a areia dourada.

